

Histórias Curativas para Comportamentos Desafiadores



Susan Perrow


ANTROPOSÓFICA



SUSAN PERROW

Histórias Curativas para Comportamentos Desafiadores

Tradução:

Joana Maura Falavina



ANTROPOSÓFICA

Título original: Healing Stories for Challenging Behaviour

© 2008 Susan Perrow

Hawthorn Press, Hawthorn House,
Lansdown Lane, Stroud, Gloucestershire, GL5 1BJ, UK
E-mail: info@hawthornpress.com/Website: www.hawthornpress.com
ISBN 978-1-903458-78-5

Tradução: Joana Maura Falavina

Revisão: Maria do Carmo Vieira de Andrade

Diagramação: Antonieta Canelas

Capa: Roberto Strauss

sobre Mother and Child (1922), pintura de Pablo Picasso.

Produção: CLR Balieiro

Direitos da tradução:

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDORF NO BRASIL

R. São Benedito, 1.365 – 04735-003 São Paulo – SP

Tel./Fax: (0xx11) 5524-0473

www.federacaodasescolaswaldorf.org.br – fewb@fewb.org.br
e

EDITORA ANTROPOSÓFICA LTDA.

R. da Fraternidade, 180 – 04738-020 São Paulo – SP

Tel./Fax: (0xx11) 5687-9714

www.antroposofica.com.br – editora@antroposofica.com.br

2ª edição, 2013

ISBN 978-85-7122-187-1

Reimpressão 2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Perrow, Susan

Histórias curativas para comportamentos desafiadores / Susan Perrow ;
tradução Joana Maura Falavina. – 2ª ed. – São Paulo : Antroposófica :
Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2013.

Título original: Healing stories for challenging behaviour.

Bibliografia

1. Arte de contar histórias – Uso terapêutico
 2. Crianças-problema – Comportamento – Modificação
 3. Crianças-problema – Educação
 4. Distúrbios do comportamento nas crianças
 5. Histórias terapêuticas
- I. Título.

13-01729

CDD-371.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Crianças-problema : Histórias terapêuticas : Educação 371.93

Índice

Introdução, 15

PARTE I – Minha Jornada em Histórias

1. Das ameixas secas às ameixas suculentas: Por que usar histórias?, 21

A Imaginação e a contação de histórias, 21

Alimento para o pensamento imaginativo, 25

Ceticismo e dúvida, 27

'Nascido para ser rei', 29

Listando restrições, 31

2. Costurando histórias no tecido familiar, 32

O Brownie ajudante, 33

Histórias de carros e nós embaraçados, 36

Uma viagem através do guarda-roupa, 38

Brincadeiras imaginativas e os 'homenzinhos', 38

Tradições familiares imaginativas, 40

Poesia e criatividade, 42

Xampus e bolhas, 42

'O Garoto Nuvem' tem uma vitória curadora, 43

3. Tecendo histórias no tecido do ensino, 46

A poesia leva à elaboração de histórias, 47

Da floresta para o mar, 49

Uma história de fogo para cura de trauma, 52

História de um pônei selvagem, 54

Uma história simples sobre sapatos, 55

Histórias curativas ambientais, 56

Agulhas de tricô e canivetes, 58

Contos da médica de histórias, 60

Escrevendo e buscando fontes, peneirando e escolhendo, 61

PARTE II – Escrevendo Histórias Terapêuticas

4. 'História' e 'Comportamento', 65

O que é uma história?, 65

Algumas metáforas para 'história', 65

O que é uma história terapêutica?, 67

O que é comportamento?, 68

Contexto e relacionamentos, 69

Avaliando a influência do adulto no comportamento de crianças, 72

Identificando comportamento 'desafiador', 73

Descrevendo um comportamento desafiador específico, 74

Rótulos e categorias, 75

Do desequilíbrio ao equilíbrio, 76

A tapeçaria da disciplina, 77

5. Um modelo de construção para a escrita de histórias, 82

Metáfora, 83

Enredo, 90

Resolução, 91

Analisando histórias terapêuticas, 93

Trabalhando a partir de intenções de 'ajuda', 100

O valor dos 'acessórios', 100

Priorizando coisas específicas, 102

Ajustando histórias a diferentes situações, 103

Repetição, ritmo e rima, 104

Finais felizes e esperançosos, 105

6. Histórias diferentes para Idades diferentes, 107

Histórias que rimam e rimando histórias, 108

Contos da natureza e histórias do dia a dia, 110

Contos populares e contos de fadas e o desenvolvimento da fantasia, 111

7. Verdade e Moralidade, 115

É verdade?, 115

Pesquisa da natureza, 116

Mentirinhas, mentiras e histórias extraordinárias, 117

Competições de mentira e o uso do humor, 119

Moral e moralista, 120

8. Exercícios de elaboração de histórias, 122

Os Irmãos Cangurus, 122

Os Dois Pombos, 123

Sra. Mesa e Seus Filhos Cadeira, 123

PARTE III – Histórias para Comportamento Desafiador

9. Entediado ou Resmungão, 127

O Babuíno Entediado, 127

A Baleia Resmungona (Queixosa), 129

A Cama Rangedora, 131

A Maçã Estrela, 133

O Segredo da Páscoa, 134

10. Desonesto ou Furtivo, 137

As Pombas e a Hiena, 137

O Dingo Desonesto, 139

Anansi e a Estátua, 142

Akimba e a Vaca Mágica, 144

Vermelho-Cereja, 145

11. Desrespeitoso ou Negligente, 147

As Botas de Tembe, 147

O Canivete e o Castelo, 148

O Poema do Novelo de Lã, 150

A Garotinha que Amava Flores, 151

A Vovó e o Burrinho, 153

A Velha e as Formigas, 155

12. Ganancioso e incapaz de compartilhar, 157

Jardim de Luz — um conto de fadas ambiental, 157

A Gambá Gananciosa, 161

O Peixe Mágico, 167

As Histórias de Anansi 'Ganancioso', 170

Anansi e Sua Sombra, 170

Ser Ganancioso Sufoca Anansi, 171

Anansi e os Pássaros, 172

A Donzela Frangipana, 173

13. Irritante ou Impaciente, 175

O Pelicano Irritante, 175

A Zebra Impaciente, 178

14. Preguiçoso, 181

Os Três Irmãos Tecelões, 181

O Pescador, 183

15. Barulhento ou Destruidor, 186

A História do Gnomo Barulhento, 186

Nunca-Suficiente de Sandra Frain (B.C.S, M.S.C), 188

Jardim dos Pássaros, 190

SANDRA

AMCLA

UMA CLARA

HUGO

16. Beliscando, Machucando ou Brigando, 191

O Caranguejo Carrancudo, 191

A Unha Enorme, 193

Jeremias e as Varinhas Mágicas, 195

A Linda Rainha, 198

Um Saco de Pregos, 202

17. Tímido e Introvertido, 203

Um Garotinho foi Velejar, 203

Moranginho-Tímida e Amora Selvagem, 205

A Abóbora Munchkin, 206

A Minúscula Bolha, 209

18. Provocando ou Intimidando (Bullying), 211

A Princesa Luz, 211

A Pluma do Lago, 214

O Caçador Invisível, 215

A História de Rhodopese, 219

Como o Besouro Ganhou Suas Cores, 222

Os Três Cabritos, 223

A História do Caminhão Vermelho, 226

*Juventina
Luisen e
Cássia*

19. Não-Cooperativo, 226

A História da Toalha, 226

Os Pombos e o Caçador, 230

Benjie e o Nabo, 231

20. Rebelde ou Inquieto, 234

O Inquieto Pônei Vermelho, 234

O Caracol e a Abóbora, 236

O Homem Anis-Estrelado, 238

Jaden e os Ovos da Fada, 240

PARTE IV – Histórias para Situações Desafiadoras

21. Mudança ou Transição, 245

Nada Novo, 245

Uma História de Camaleão, 248

O Fazendeiro Certinho, 249

Pequena Concha, 251

*Comunidade
M. M. M.*

22. Hora da Arrumação, 253

O Ursinho Teddy Ordeiro, 253

A Vassourinha de Palha, 256

23. Medos ou Pesadelos, 258

O Jardim de Deus, 258

O Antílope, a Borboleta e o Camaleão, 260

Os Elfos e o Sapateiro, 262

- O Manto Azul do Céu, 264
- Mamãe Coelha e o Fogo Rasteiro, 266
- Nascido para ser Rei, 267

24. Doença, Sofrimento ou Morte, 269

- A História de Sedoso, 269
- Voe, Águia, Voe, 271
- Regato, Deserto, Vento, 272
- O Sapo e o Balde de Creme, 273
- A Menininha de Argila, 273
- Uma Boneca para Sylvia, 276
- Asa Luminosa de Sandra Frain, 277

25. Novo Bebê na Casa, 280

- A Varinha Mágica, 280
 - A Criança da Água, 282
- Dinara*
Luana
Cláudia
Karla

26. Ansiedade da Separação, 283

- A Árvore dos Macacos, 283
- Mamãe Lua, 285
- O Ursinho Koala, 286

PARTE V – A Arte de Contar Histórias

27. Contação e Leitura de Histórias, 291

- Contando histórias, 291
- Lendo histórias, 293
- Técnicas de contação de histórias e rituais, 294

28. Pensamentos Multiculturais, 298

- Sensibilidade cultural, 298
- A natureza curativa de histórias multiculturais, 298
- Rituais de histórias diferentes para culturas diferentes, 300

29. Contação de Histórias para Diferentes Públicos e Ocasões, 301

- Polaridades na contação de histórias, 301
- Público e lugar, 302

- Público de idades variadas, 303
- Contação de histórias improvisada, 304
- 30. Acessórios e Ideias de Apresentação, 305
 - Por que usar acessórios?, 305
 - Usar ou não usar acessórios, 306
 - Funcionalidade dos acessórios, 307
 - Formas diferentes de 'apoiar' a mesma história, 308
- 31. Diretrizes para Avaliação da Contação de Histórias, 309
- 32. Conclusão: Uma História por Dia, 312
 - Apêndice 1 — Livros e sites recomendados, 323
 - Apêndice 2 — Tabelas 1 e 2 completas, 329

Para todas as crianças... de todos os lugares.

Agradecimentos

Aos meus três filhos, Kieren, Simon e Jamie, que estiveram essencialmente envolvidos com minha jornada de contação de histórias.

Ao meu marido, John, cujo apoio e amor são maiores do que eu poderia jamais imaginar.

Aos meus netos, com quem espero compartilhar muitas histórias.

A Nancy Mellon, Martin Large, Michael Moran e Matthew Barton, que reconheceram a luz de minha contação de histórias, encorajaram e me ajudaram a escrever este livro.

A minha amiga de longa data, colega e mentora, Susan Haris, que me ensinou a 'nunca dizer não a um desafio'.

A todas as crianças, pais e professores na Austrália e África, que me inspiraram a escrever e cantaram e dançaram comigo ao longo do caminho.

Introdução

A Luz Curativa das Histórias

Quando eu experimentei pela primeira vez o poder da história como 'curativa' para comportamentos desafiadores – tanto com meus próprios filhos quanto com os filhos de outras pessoas – senti como se uma luz houvesse iluminado a escuridão. Conforme o tempo passou, meus papéis de mãe e professora voltaram-se cada vez mais para as 'luzes da história', conforme comecei a entretecer contos de sabedoria de outras culturas com minha própria elaboração de histórias.

Muitos anos mais tarde, enquanto trabalhava na formação de professores no Leste da África, eu descobri uma bela palavra 'Kiswahili' que captava essa experiência iluminadora: 'ANGAZA' – 'acender' ... Hadithi kwa kuangaza usiku – *Histórias para iluminar a noite*.

O propósito deste livro é duplo: compartilhar essas 'luzes de história' com vocês e ajudá-los a criar suas próprias histórias curativas. Trabalhando tanto com histórias modernas quanto tradicionais, e muitas histórias pessoais, os capítulos seguintes oferecem possibilidades imaginativas para transformar comportamento problemático e situações com crianças. Elas também fornecem a professores, pais, cuidadores de crianças e terapeutas infantis uma série de habilidades para criar histórias dirigidas a comportamentos desafiadores.

Incluí no texto oitenta histórias divididas em diferentes categorias de comportamento para fácil localização – para serem trabalhadas diretamente, para serem adaptadas ou para serem usadas como modelos para a criação de suas próprias histórias. Cada história é precedida por breves notas, com um guia por faixa etária e sugestões de uso. As categorias cobrem muitos tipos de comportamentos desafiadores comumente identificados, desde a desonestidade e a preguiça até provocações e intimidações; situações cotidianas como

'hora da arrumação'; experiências como 'arrumação da casa'; ou problemas e dificuldades tais como 'ansiedade da separação', 'medo e pesadelos' e 'doença e sofrimento'.

A variedade de histórias selecionadas e as ideias são adequadas a idades de três a oito anos. Entretanto, as histórias frequentemente extrapolam as categorias que preparamos para elas. Algumas vezes, uma história escrita para uma criança tem um efeito transformador num adolescente ou adulto. Exemplos desse tipo são fornecidos ao longo do livro.

É fácil esquecer o quanto as histórias podem ser misteriosas e poderosas. Elas fazem o seu trabalho em silêncio, de forma invisível. Elas trabalham com todos os materiais internos da mente e do ser. Elas tornam-se parte de você, ao mesmo tempo em que o transformam.

Bem Okri¹

Se você se sentir inspirado a escrever suas próprias histórias terapêuticas, o texto fornece um modelo para elaboração de histórias – uma estrutura tríplice de 'metáfora', 'enredo' e 'resolução' – para guiá-lo. Baseando-me na definição do dicionário da palavra 'cura' – 'Trazer ao equilíbrio, tornar são ou íntegro', as histórias terapêuticas são apresentadas aqui como histórias para ajudar a restaurar o equilíbrio ou a integridade em que o comportamento está, de alguma forma, desequilibrado.

Nesse modelo de elaboração de histórias, as metáforas ajudam a construir a conexão imaginativa com o ouvinte, incorporando tanto os estados negativos e desequilibrados, quanto os positivos e reequilibrados. O próprio enredo constrói a 'tensão' conforme a história se desenvolve, levando a trama para dentro ou através do comportamento 'desequilibrado' e novamente para fora na direção de uma solução integral e positiva (que não induz à culpa).

¹ Bem Okri: *Birds of Heaven* (Pássaros do Paraíso), Londres: Phoenix 1996.

Além dessa estrutura, o livro possui capítulos com histórias adequadas por idades, perspectivas multiculturais, cenários e acessórios para apresentação, e orientações para a contação de histórias. Eu espero que, com ajuda dessas seções, você se sinta estimulado a escrever e contar suas próprias histórias e assim perpetuar e desenvolver as tradições milenares da contação de histórias.

Em muitas culturas tradicionais da história humana, os 'velhos' sábios usaram naturalmente metáforas e histórias em seu papel de mentores e guias para as crianças de suas tribos e comunidades. Usando 'contos de sabedoria' para guiar e estimular comportamento, eles atingiram a realidade imaginativa das crianças e as alcançaram de forma positiva e afirmativa. Este livro estimula um renascimento desse uso da metáfora e da história.

Como usar este livro

Meu conselho aos leitores é começar do começo e, sem muita análise e questionamento, simplesmente mergulhar e seguir minha 'jornada pela história'. Muitas anedotas pessoais foram incluídas aqui, com a esperança de abrir seu apetite. Depois você pode querer ir para a terceira e quarta partes e ler algumas histórias de diferentes categorias de comportamento. Quando você sentir que quer engajar-se na construção dessas histórias e explorar como fazer as suas próprias histórias, volte para a segunda parte para obter ajuda em como 'Escrever Histórias Terapêuticas'. Finalmente, quando você estiver pronto para contar uma história, vá para última parte para obter dicas sobre a 'Arte da Contação de Histórias'.

Eu não tentei dividir os recursos em seções voltadas para 'pais', 'professores' e 'terapeutas', pois acredito que há muita sobreposição. Um pai poderia obter ideias para a arrumação da casa com uma história para professor voltada à falta de cooperação para a hora da arrumação da sala; um professor poderia obter inspiração com uma história escrita para pais para tratar da desonestidade na família; um terapeuta poderia tanto contribuir quanto aprender novas ideias e metáforas dirigidas a situações de casa ou da escola.

Por favor, lembre-se de que as histórias não são pílulas mágicas com o poder de consertar e curar todas as dificuldades e desafios. Tampouco pode haver uma lista de histórias adequadas a toda situação. O comportamento é

relacional e contextual. Raramente, ele pode ser considerado de forma isolada. Cada criança existe e se desenvolve dentro de uma rede intrincada de relações e ambientes – familiar, escolar, comunitário e global. É você, o leitor praticante, que está em contato direto com as relações, contexto e características individuais das crianças das quais você é pai, conselheiro ou professor; você está mais bem colocado para criar histórias para as necessidades individuais.

Se este livro alcançar o seu objetivo principal e inspirá-lo a criar histórias curativas para crianças, não fique preso na expectativa de perfeição. Suas histórias podem ter brechas, mas – para citar Leonard Cohen, ‘é assim que pode entrar luz’. O que é importante é que você comece! A luz que entra através das brechas pode ser seu melhor professor.

Toque os sinos que ainda podem ser tocados; esqueça sua oferta perfeita. Há uma brecha, uma brecha em tudo – é assim que pode entrar luz.²

Histórias Curativas é a culminação de muitos anos de prática, muitos anos de ‘começos’. Compilar estas páginas foi tanto uma luta quanto um prazer. A estrutura teórica exigiu muito esforço. As histórias em si, que se estendem por um período de mais de trinta anos de prática, ensino e aconselhamento, fluíram mais facilmente para as páginas.

A partir de várias décadas dirigindo workshops de contação de histórias e seminários, minha experiência geral é que nosso ‘contador de histórias’ interior está novamente procurando formas de se revelar e brilhar. Este livro é uma contribuição para o renascer universal da história na família, escola e vida comunitária. Eu espero que você encontre tesouros nestas páginas que o ajudem a trazer a luz curativa da história para as crianças que estão sob seus cuidados.

Susan Perrow, setembro de 2007

² Leonard Cohen, em sua canção ‘Hino’.

PARTE I

Minha Jornada em Histórias

1

Das ameixas secas às ameixas suculentas: Por que usar histórias?

A imaginação e a contação de histórias

Certa vez, uma mãe levou seu filho de nove anos, um potencial prodígio, para Albert Einstein e perguntou como o menino poderia aperfeiçoar seu conhecimento de matemática. Einstein respondeu: 'Tente contar a ele algumas histórias'. A mãe insistiu em perguntar sobre a questão da matemática. Einstein disse: 'Conte-lhe histórias se você quiser que ele seja inteligente e, mais histórias ainda, se quiser que ele se torne sábio.'

A primeira vez em que li sobre as ideias de Einstein sobre histórias e imaginação foi quando fazia minha formação para ser professora nos anos 1970. Como meu principal assunto era matemática, senti-me atraída por seus escritos e fiquei intrigada para descobrir por que um gênio da matemática como Einstein colocava o pensar imaginativo num nível mais elevado que o 'conhecimento'. Ele argumentou que o conhecimento está limitado a tudo que sabemos e entendemos no presente, enquanto a imaginação pode abraçar tudo que poderá uma vez ser objeto de conhecimento e entendimento. De acordo com Einstein, a imaginação estimula o progresso. Grandes invenções, dizia ele, requerem uma mente imaginativa.

Isto era algo novo para mim: a relação entre histórias, pensamento imaginativo e educação. Após obter minha graduação como professora, aos vinte e quatro anos, comecei a trabalhar. Em seis meses, eu tive minha primeira experiência a respeito do poder da 'história' sobre a imaginação das crianças.

Eu trabalhava como assistente num Jardim da Infância em Sydney, Austrália. Nas semanas próximas ao Natal, a professora decidiu usar uma história da Suíte Quebra Nozes como seu tema natalino. Ela planejou uma visita à classe da 'Fada da Ameixa Doce'. Como ela precisava de alguém para se vestir de fada, a professora convenceu-me a confiar em sua decisão e exercer esse papel. Lembro-me de ter rido a princípio com essa ideia, pensando que as crianças, com certeza, me reconheceriam e que isso iria estragar a magia.

No dia do festival, eu desapareci da classe no horário do intervalo, fui para o vestiário e coloquei minha roupa de 'fada'. Eu usei o forro de seda branca do vestido de noiva de minha mãe, uma varinha com estrela dourada numa mão e uma cesta de 'ameixas doces' (nozes e passas embrulhadas em celofane vermelho) na outra.

Enquanto isso, a professora havia reunido as vinte e cinco crianças em torno dela e na hora combinada eu, nervosamente, dancei indo em direção ao centro do círculo. As crianças sentaram-se espantadas. Enquanto a professora tocava alguma música da história, eu entreguei uma 'ameixa' para cada criança. Enquanto fazia isso, um dos meninos mais velhos, que acabara de fazer seis anos, estendeu a mão e tocou no meu vestido, dizendo com olhos arregalados: 'Eu nunca toquei uma fada de verdade antes!'

Depois de ter trocado de roupa, voltei para o jardim onde as crianças estavam brincando. Algumas delas ainda estavam segurando suas 'ameixas doces', não querendo abri-las até que seus pais viessem. Outras estavam comendo-as vagarosa e alegremente. Quando as crianças me viram, gritaram: 'Susan, onde você estava? Você perdeu a Fada das Ameixas Doces!'

Isso me deixou com muitas perguntas. Conforme os anos passaram e eu tornei-me mãe de crianças pequenas, minha observação dos efeitos das histórias na imaginação das crianças levou-me a pesquisar mais.

Para entender o alcance e a profundidade da imaginação das crianças, olhei primeiramente para a diferença entre a consciência infantil e a de um adulto. Eu havia estudado o desenvolvimento infantil durante meu treinamento e entendia que a criança não é simplesmente um adulto em miniatura. Pelas observações diretas de meus três filhos e das crianças pequenas de minhas salas de aula, notei que havia um mundo de diferenças entre nós. As diferenças físicas, emocionais, sociais e cognitivas pareciam logicamente explicadas pela maturação e desenvolvimento.

Mas o que dizer da imaginação? Diferente da maioria das qualidades humanas, esse poder começava de forma tão vasta e maravilhosa e, gradualmente, encolhia! Lembro-me de minha tenra infância quando a imaginação podia transportar-me para as nuvens (às vezes viravam cavalos, ou golfinhos, ou dragões); ou podia levar-me às montanhas e além de nossa cidade (eu me imaginava seguindo a linha do trem que passava por nossa casa sendo levada para o grande e vasto mundo com todo tipo de aventuras). Esse poder podia até mesmo permitir que entrasse na vida trêmula e pulsante das plantas, flores e insetos em meu jardim. Naquela época, eu sentia que qualquer coisa era possível e alcançável — eu era o mundo e o mundo era eu! Anos mais tarde do tão chamado ‘crescimento e desenvolvimento’, me tornei uma jovem adulta com imaginação limitada, precisando recuperar meu pensamento imaginativo. Muitos dos meus amigos adultos tiveram experiências semelhantes. Como isso poderia ser explicado?

Minha busca por uma resposta levou muitos anos. Não a encontrei em textos sobre psicologia educacional ou desenvolvimento infantil, mas no trabalho imaginativo dos poetas. Os primeiros entendimentos que me tocaram vieram das ‘Intimações da Imortalidade’, de Wordsworth. Com beleza, o poeta capta a jornada de uma criança dos mundos etéreos do espírito para o nascimento e depois pela infância, adolescência para a vida adulta.

Das ‘Intimações da Imortalidade’, de William Wordsworth:

*Nosso nascimento é como um sonho e um esquecimento —
A alma que se eleva conosco, a estrela de nossa vida,
Já em outro lugar se pôs
E vem de longe —
Não sem inteiro esquecimento,
E não em pura nudez,
Mas trilhando nuvens de glória viemos
De Deus que é nossa origem —
Os céus estão ao nosso redor em nossa infância!
As sombras da prisão começam a se fechar
Sobre o menino em crescimento,
Mas ele observa a luz e de onde ela flui,
Ele a vê em sua alegria.*

*A Juventude, que diariamente se afasta do leste,
Precisa viajar, o sacerdote da natureza é silencioso,
E é acompanhado pela esplêndida visão
Em seu caminho.
Finalmente, o homem percebe que ela vai morrendo,
E desaparece na luz do dia comum.*

Esse poema ajudou-me a formar um quadro mais completo sobre a consciência infantil. Em vez de simplesmente 'avancarmos' da infância à vida adulta, há também uma perda. Senti frequentemente que 'o céu está ao nosso redor em nossa infância' ao observar uma criança dormindo — uma experiência de uma presença angelical, um senso do divino. Essas 'nuvens de glória' desaparecem e, como lamenta Wordsworth: 'As sombras da prisão começam a se fechar sobre o menino em crescimento' — até que, finalmente, 'a visão esplêndida... desaparece na luz de um dia comum'.

Poderia haver, eu indagava, uma forma de impedir que a abertura ou a conexão vibrante se apagasse ou se encolhesse?

Deparei-me com esse enigma por um longo tempo. Então, recentemente, fiz uma feliz descoberta que me encorajou como uma contadora de histórias. Em seu livro *Matéria, Imaginação e Espírito*¹, Owen Barfield, como Wordsworth, descreve duas realidades — o espiritual e o físico, o 'escondido' e o 'cotidiano'. Em vez de abandonar a nós adultos a essa nua dicotomia, ele sugere uma ponte entre as duas, uma forma de viajar de uma para outra. Essa ponte ou conexão entre a matéria e o espírito é a 'imaginação' — apresentada, com extrema beleza, por Barfield como um arco-íris de atividade imaginativa. Sem dúvida há outros modos de construir essa ponte — orações, meditação, música —, mas a ideia da ponte 'imaginativa' toca sinos maravilhosos para mim.

Essas iluminações poéticas ajudaram-me a compreender por que as histórias e os contos de fadas falam claramente às crianças, que ainda estão num estágio muito mais próximo do sonho, aberto tanto à realidade física quanto à mais sutil, espiritual. Poderiam as verdades contidas nos ricos reinos da história alcançar as crianças mais diretamente e de um modo mais sintonizado com suas capacidades imaginativas inatas? Como adultos, a não ser que tenhamos tido uma educação imaginativa e rica em histórias ou tenhamos

dons imaginativos naturais, parece que temos de trabalhar duro para reconstruir nossas faculdades imaginativas.

Quando alguém perguntou ao meu filho de seis anos por que ele gostava de contos de fadas, ele respondeu: 'Porque eles retratam o que eu penso'. Essa sabedoria infantil ajudou a construir outra ligação em minha corrente de entendimento — para uma criança o mundo imaginativo e espiritual poderia ser tão real quanto o mundo físico e cotidiano. As crianças parecem ter a habilidade de cruzar, indo e voltando, por essa ponte como borboletas. A maioria dos adultos, por outro lado, luta para dar os primeiros passos de um reino a outro, como lagartas de muitas pernas, desajeitadas.

Uma mentora mais velha uma vez me disse que a jornada de um contador de histórias é uma 'busca espiritual'. Quando ouvi isso pela primeira vez, me perguntei qual seria a conexão entre a contação de histórias e a espiritualidade. Agora eu entendo por que ela acredita nisso. Alimentada a imaginação, as histórias podem ajudar-nos como adultos a arrancar nossas peles de lagarta, nos metamorfosear em borboletas e explorar os jardins da realidade 'oculta'.

Alimento para o pensamento imaginativo

Um jovem médico uma vez participou de um curso de contação de histórias que eu dirigia. Na aula introdutória, quando chegou a sua vez de dizer por que ele havia se inscrito para o curso, ele disse ao grupo que havia estudado medicina na universidade por seis anos. Como resultado, sua mente, conforme suas próprias palavras, parecia com uma 'ameixa seca'. Ele esperava que a contação de histórias pudesse ajudar com que a ameixa se tornasse suculenta novamente, como ele se lembrava que ela havia sido em sua infância. Pelas poucas semanas seguintes, começando com a história simples da vida de uma cenoura (com as sementes da cenoura e uma cenoura real como acessório), ele progrediu até contar e escrever histórias imaginativas. Esse mesmo médico agora é conhecido por ser maravilhoso com crianças. Ele guarda uma pasta com histórias em seu consultório e, para ajudar seus pequenos pacientes a relaxar, retira um *kit* de histórias (um sapo de papel, uma pequena boneca, uma pedra brilhante...) e conta uma história, gentilmente preparando a criança para o exame ou para a injeção.

Em nossas ocupadas vidas de adulto é fácil que nossa imaginação resseque; como um músculo, ela pode atrofiar-se pela falta de uso e pode precisar de exercícios para ser reconstruída. Durante os meus anos do Ensino Fundamental, enfatizava-se a área de ciências e o pensamento racional e minha imaginação raramente era estimulada por meus professores. Como adulta, eu agora alimento minha imaginação com a leitura e a escrita de poemas e histórias. Os alunos que se inscrevem para minhas aulas de contação de histórias na universidade *Southern Cross*, Austrália, são aconselhados a ler uma história infantil todos os dias do curso. Se a sua imaginação também é uma 'ameixa seca', sugiro que você comece escolhendo dez histórias deste livro para ler uma por dia. Embora elas sejam escritas inicialmente para crianças, você pode achar que as metáforas e jornadas imaginativas alimentem sua alma de adulto. Se isso for benéfico, sugiro que continue a ler mais histórias, sejam para crianças, sejam para adultos. Romances de aventura como 'O Senhor dos Anéis' são outra fonte rica de alimento para a imaginação. Participar de um curso de contação de histórias ou de escrita e comparecer a sessões de contação de história pode também ajudar.

O mundo natural também pode ser uma fonte maravilhosa de inspiração. Quando estou buscando ideias para uma história, descubro que minhas melhores ideias vêm da natureza. Caminhar pela mata ou pela praia, sentar no parque ou no jardim: essas experiências alimentam minha imaginação sempre que tenho o 'bloqueio do escritor'. Mesmo em casa, descobri que olhar pela janela para um ramo de árvore, com seus padrões de casca, brotos de folhas e pingos prateados de chuva, ajuda a inspirar uma história.

A natureza tem o potencial para nos relaxar e nos purificar, nos fortalecer e nutrir — na verdade, nos conecta a nós mesmos. Especialmente ao escrever histórias para crianças pequenas, eu descubro que preciso banhar-me regularmente na maravilha e beleza da natureza para manter-me aberta para a maravilha e a beleza da vida.

Ceticismo e dúvida

Uma barreira comum para o pensamento imaginativo nos adultos pode ser o ceticismo sobre a importância e relevância das histórias para a vida moderna. Quando eu procurei o Reitor de pesquisa na universidade local para pleitear uma bolsa para um projeto de pesquisa sobre contação de histórias, sua primeira resposta foi rir de mim; mas, depois, ele desafiou-me para provar que esse era um verdadeiro tema para pesquisa. Foi um momento de satisfação quando vários anos mais tarde ele me cumprimentou em minha graduação de mestrado! Seu ceticismo havia lentamente se transformado em interesse genuíno e a universidade logo adicionou a contação de histórias ao seu currículo.

Em meus cursos eu me deparo frequentemente com o ceticismo. Uma vez uma psicóloga/mãe que frequentava o curso pediu para compartilhar uma experiência com o grupo. Ela nos disse quão ridícula havia achado toda essa questão de 'história e imaginação' e, como ela era uma estudante de ciência, decidiu submetê-la a um teste 'empírico'. Na semana anterior, ela havia ido ao parque com as crianças. Perto dos balanços ouviu uma avó tendo uma discussão com sua pequena neta. A avó queria que a criança pusesse o cinto de segurança no balanço e a criança se recusava a isso. Por isso a avó resolveu não empurrar a criança e esta ficou sentada no balanço chorando. A avó dizia a ela que se ela não pusesse o cinto ela poderia cair, quebrar um braço e ir para o hospital e sua mãe ficaria muito brava.

A mãe cética lembrou-se de um lampejo não usual de criatividade enquanto procurava em sua mente por um caminho imaginativo em vez de encarar o problema de frente. Ela perguntou à avó se podia ajudar. Obtendo permissão, olhou para a menina e disse: 'Você sabia que esse balanço tem um cinto mágico e, se você o prender, ele a transforma numa princesa balançando bem alto? Você quer que eu o prenda para você?' A garotinha parou de chorar, olhou para ela de olhos arregalados e disse SIM. A mãe, surpresa e não mais cética, prendeu o cinto de segurança, a avó começou a empurrar a criança no balanço e o confronto se dissolveu.

Frequentemente, o ceticismo das pessoas acompanha uma dúvida sobre suas próprias habilidades criativas. Um pai havia lutado para ensinar seu

filho de quatro anos a fazer xixi direto no vaso sanitário. Após uma sessão sobre o poder criativo da metáfora, ele tentou trabalhar com a simples palavra visual 'queda d'água' (no lugar da palavra abstrata 'direto'). O pai relatou que o menino imediatamente aceitou o desafio de fazer uma 'queda d'água' ininterrupta dentro do vaso sempre que quisesse ir ao banheiro! Ficou espantado com o resultado da mudança de uma palavra e muito orgulhoso com o que ele chamou seu 'primeiro sucesso criativo'. Desse simples brincar com metáforas, ele continuou a inventar histórias de dormir para seu filho e filha. Mais tarde comentou sobre o laço positivo que resultou disso, além do aumento de criatividade.

A maioria dos professores e terapeutas que frequenta minhas oficinas de escrita de histórias responde com um sonoro NÃO quando perguntada se é capaz de escrever uma história antes de o dia acabar. Três ou quatro horas mais tarde, com a imaginação 'molhada' por muitos exemplos de histórias e com uma estrutura para guiar suas ideias, eles ficam normalmente surpresos com os resultados positivos.

Mesmo os professores africanos, nascidos e criados numa cultura de contação de histórias, frequentemente apresentam essa dúvida de si. Meu foco em minha pesquisa de mestrado considerava isto: como eu poderia, sendo uma contadora de histórias sem tal tradição, encontrar caminhos que pudessem ajudar os professores africanos a 'despertar' suas habilidades culturais de contação de histórias? Um caminho podia ser encorajar a discussão e desencadear memórias pelo poder da própria história. Nos cursos de treinamento na Cidade do Cabo, após lutar para obter um grupo de discussão, eu decidi contar uma história simples sobre uma árvore que antes era alta e saudável com raízes fortes e então, por falta de cuidado, definhou, enfraqueceu e perdeu suas folhas. Essas imagens ajudaram os participantes a buscar em suas memórias de infância sua própria 'árvore'. Isso encorajou uma mulher idosa a sentar-se no chão e demonstrar como a avó tocava o 'uhardi'* na hora da história. A partir disso, as memórias das histórias começaram a fluir e foi fácil construir um quadro da atual 'árvore' e possibilidades de futuro. A história e o simples imaginário da árvore inspiraram a mulher a falar. A sessão

* N.T. — Um instrumento de cordas feito do fruto do cabaceiro seco.

foi muito mais frutífera do que a anterior, quando eu havia pedido lembranças da infância e ninguém do grupo queria ou foi corajoso para falar. Essa discussão (que terminou preenchendo duas sessões) ajudou a unir o grupo com a cultura de contação de histórias de seu passado; algumas habilidades de contar histórias, especialmente com as mulheres mais velhas, foram renovadas e um futuro entusiasmo pela contação de histórias, tanto cultural quanto multicultural, foi gerado.

Outro exemplo ocorreu quando eu pedi a um grupo mais experiente da Cidade do Cabo para escrever e apresentar uma história própria. Apenas três das dez mulheres vieram com sua tarefa cumprida. Aquelas sem histórias entraram cabisbaixas e bem frustradas: 'É muito difícil, Susan, não conseguimos fazê-la', reclamaram. Eu coloquei uma cadeira na frente da sala, sentei-me nela e contei uma de minhas histórias para esquentar. Então, as três mulheres com sua lição de casa compartilharam suas histórias com muito incentivo meu. Quando haviam terminado, a atmosfera na sala havia mudado completamente. As três contadoras de histórias sentiam-se muito orgulhosas de si, então duas outras mulheres pularam para a cadeira de histórias e contaram histórias que elas haviam inventado na hora. As mulheres estavam convencidas de que a cadeira de histórias possuía algum poder especial e juntas enfeitamos a cadeira com fitas coloridas. Na semana seguinte, as outras cinco mulheres chegaram, insistiram em sentar-se na cadeira marcada e todas começaram a contar histórias tradicionais maravilhosas.

'Nascido para ser rei'

Um exemplo pessoal de superar a dúvida de si é uma experiência que desafiou minhas habilidades como escritora de histórias terapêuticas. Em minha primeira visita ao leste da África, eu trabalhei para um posto avançado de um centro de treinamento de professores. Enquanto dirigia o curso de contação de histórias em Nairóbi, uma jovem mãe queniana pediu-me ajuda a respeito de seu filho que havia sido abusado sexualmente, aos três anos, por sua ayah (babá). O menino havia contraído uma doença sexualmente transmissível como resultado desse abuso. Por vários meses, enquanto levou tempo para a medicação atuar, era extremamente doloroso para ele urinar.

Quando encontrei a mãe, a criança tinha seis anos de idade, a doença havia sido curada no nível físico, mas no nível emocional o medo da dor permanecia. Ele precisava de apoio contínuo para ser capaz de ir ao banheiro — sua mãe precisava sentar-se com ele, cantar para ele e ler para ele até que pudesse relaxar suficientemente para fazer suas necessidades.

Agora que seu filho estava pronto para começar o período escolar de tempo integral, a mãe estava desesperada em busca de algo que pudesse ajudá-lo a superar seus medos. 'Será que uma história poderia ajudar?' — indagava ela.

Essa questão me colocou num choque de humildade: Como eu havia ensinado sobre o poder 'curativo' das histórias e, no entanto, nunca havia precisado trabalhar com esse tipo de situação desafiante? Naturalmente, eu queria ajudar se pudesse, mas me perguntava se possuía habilidades e entendimento para tal tarefa. Afinal, eu não era uma psicóloga treinada, mas decidi tentar. Pelas poucas noites seguintes, eu não dormi muito bem — os pretendentes a escritores de histórias devem se preparar para o nascimento noturno de histórias!

Minha primeira solicitação foi encontrar-me com a criança. A mãe chegou com um menino, de pele morena, alto, orgulhoso e belo. Quando eu o vi, pensei que ele se parecia com um jovem príncipe. Acreditando em minha intuição, eu disse para a mãe (sem que o menino escutasse) que eu sentia que a história deveria ser sobre o príncipe que 'nascera para ser rei'. Eu estava preocupada, porém, que reis e príncipes não são partes muito fortes da cultura africana. Sua resposta foi que as histórias favoritas de seu filho eram sobre reis, rainhas e castelos.

Agora eu tinha meu ponto de partida. Na noite seguinte, fiquei acordada tomando notas em um caderno sob a luz fraca de muitas velas. Trabalhando com minha estrutura de metáforas, jornada e resolução, escrevi 'Nascido para ser rei' (veja pág. 267) e dei à mãe uma cópia antes de embarcar de volta para a Austrália. A solução era clara para mim — o menino precisava encontrar força interior e confiança. Em resumo, a jornada fluiria da luz do sol para o castelo escuro e de volta para a luz do sol. Havia muitas possibilidades de metáforas e conflitos para essa história (veja exemplos no capítulo 'Escrever histórias terapêuticas'). Dois meses mais tarde, recebi um e-mail da mãe confirmando o sucesso terapêutico da história. Foi também um encorajamento

maravilhoso para que eu continuasse seguindo o caminho de trabalho com histórias terapêuticas.

Listando restrições

Neste estágio inicial do livro, é bastante natural esperar que você tenha questões próprias sobre o valor das histórias e a contação de histórias para crianças. Antes de continuar a leitura, leia a lista abaixo com cinco restrições comuns expressas por participantes de oficinas. Escolha o que se aplica a você e depois acrescente suas próprias restrições.

- ☐ Eu não sou uma pessoa criativa
- ☐ Eu não saberia inventar metáforas e ideias criativas com crianças
- ☐ Eu não saberia escrever uma história
- ☐ Os comportamentos desafiadores do(s) meu(s) filho(s) não poderiam ser enfrentados com uma abordagem imaginativa
- ☐ Não estou convencido de que as histórias tenham potencial 'curativo'
- ☐
- ☐
- ☐

Sugiro que você reveja essa lista após terminar de ler o livro.

Os próximos dois capítulos continuam relatando minha jornada pessoal com histórias documentando seu efeito em minha família e vida profissional. Ao incluir casos pessoais e experiências, quero encorajá-los com exemplos do poder curativo das histórias. Embora eu as tenha dividido em histórias para situações com pais e pedagógicas (sala de aula e orientação), recomendo ler ambos os capítulos, independentemente de sua profissão, pois todas as áreas de experiências com histórias para crianças podem sugerir ideias úteis.

2

Costurando histórias no tecido familiar

A luz das histórias já teceu muitos fios brilhantes pelo tecido de minha família. Neste capítulo, eu trago exemplos que coloriram e fortaleceram a vida familiar do tempo em que meus três filhos eram muito pequenos até o período de seus primeiros anos escolares e além. Para ajudar a escrever sobre essas experiências, eu 'entrevistei' meus filhos Kieren, Simon e Jamie, com 29, 28 e 26 anos, respectivamente. As memórias deles se misturaram às minhas e foram publicadas com sua permissão. Tenho a esperança de que essa partilha de experiências ajude a inspirá-lo a entretecer histórias em suas próprias experiências familiares.

Influenciada por minhas experiências com contação de histórias como professora (veja o próximo capítulo), eu ingressei na maternidade com um senso forte da importância das histórias para o desenvolvimento saudável da criança. Continuadamente eu juntei livros de histórias para meus filhos em livrarias, sebos, feiras de livros e bibliotecas. As histórias colecionadas expandiram e cresceram à medida que os meninos se desenvolveram — desde histórias de berçário e da natureza até histórias populares e contos de fadas de muitas culturas, mitos e lendas e, então, em sua adolescência, biografias de exploradores e aventureiros (para mais informações sobre gêneros de história, veja o capítulo seis).

Quando os meninos ainda eram pequenos, nossa história da hora de ir dormir era uma das minhas atividades favoritas como mãe. Embora à noite, na maioria das vezes, eu me encontrasse muito cansada (especialmente no período em que estava separada), ler ou contar histórias era uma experiência calmante e revigorante. E se eu estivesse exausta eu podia contar com algumas canções rítmicas e bem-humoradas para me revigorar...

A coruja e o gatinho foram para o mar, num belo barco verde-oliva...

ou

Christopher Robin espirrava e chiava...

Esse último poema da série A.A. Milne¹ era um recurso maravilhoso quando um dos meninos não estava bem. Eu me sentava na cama deles e lia alto — o humor ajudava a aliviar um pouco a situação. Outra história favorita dessa série era ‘O café da manhã do rei’ — uma longa história em rima sobre um rei que queria ‘um pouco de manteiga’ para seu pão. Era algo excelente para ser recitado como forma de mudar de assunto se os meninos estivessem discutindo à mesa do café.

Lentamente, os meninos superaram as histórias e poemas lidos por mim (e recitados à mesa) e prosseguiram para devorar livros sozinhos. Ler livros era algo muito mais frequente em nossa vida do que assistir à TV, e os efeitos positivos disso eram notados continuamente por seus professores. Uma vez, um de meus meninos venceu uma competição sobre o tema ‘Por que os livros são melhores do que a TV?’. Simon começou sua dissertação com a frase: ‘Eu quase não tenho tempo para escrever isto, pois a história que estou lendo é tão empolgante...’. O prêmio era naturalmente um vale-livro.

O Brownie ajudante

Quando meu filho mais velho tinha sete anos, recebi um presente formidável e inesperado por meio do poder da história.

Simplemente intitulado ‘Os Brownies’, foi a próxima história a ser lida para Kieren na hora de dormir. Ela foi tirada de uma coletânea dos livros ‘Caminho dourado’; a história seguinte era às vezes escolhida por ele, pois seus irmãos já haviam adormecido. ‘Os Brownies’ injetavam uma dose curativa de energia e alegria na difícil vida de uma mãe de três crianças.

¹ *When We Were Very Young* (Quando éramos muito jovens) e *Now We Are Six* (Agora temos seis anos) (ver livros recomendados para detalhes).

A história dos Brownies era sobre dois meninos cuja mãe havia morrido e cujo pai estava lutando para criá-los sozinho. Para isso, ele precisava trabalhar durante o dia e cozinhar e limpar à noite e pela manhã.

Um dia, a vovó veio visitá-los e o filho mais velho perguntou por que o seu pai estava sempre tão nervoso e aborrecido. A avó respondeu que era provavelmente porque os Brownies não tinham vindo para morar com eles e ajudá-lo em seu trabalho!

O menino queria saber onde ele poderia encontrar os Brownies para convidá-los a voltar para casa para ajudar com o trabalho e fazer seu pai feliz. A avó respondeu que só a velha e sábia coruja na floresta sabia onde eles moravam. Então ela foi embora.

Naquela noite o menino teve um sono inquieto e depois decidiu ir para a floresta nas horas ainda escuras da manhã para encontrar a sábia coruja. Ele saiu sorrateiramente da casa e seguiu o caminho para a floresta e quando encontrou a coruja, contou-lhe seu problema e perguntou onde os Brownies moravam.

A coruja disse-lhe que seguisse o caminho de volta ao lago e ficasse à beira da água sob o luar. Assegurou-lhe que quando fizesse isso e decifrasse o enigma, ele descobriria o paradeiro dos Brownies.

*Torça-me e vire-me e mostre-me o elfo,
eu olho para a água e então vejo...*

O menino fez isso e naturalmente viu seu reflexo na água. Imediatamente ele soube que ele deveria ser o Brownie que ajudaria no trabalho. Correu para casa e, enquanto ainda estava escuro, começou a trabalhar, limpou a cozinha, preparou o fogo e varreu o chão. Assim que começou a clarear, voltou correndo para o seu quarto. Deitou em sua cama e se pôs a escutar os berros de alegria de seu pai que havia chegado à cozinha e ficado tão feliz ao descobrir que o trabalho já havia sido feito — 'Oh, que felicidade, os Brownies vieram para ficar!'

Eu só contei a história para Kieren uma vez. Na manhã seguinte, acordei no escuro com o som de algo sendo esfregado no banheiro. Meu primeiro pensamento era que eu tivesse deixado a janela aberta e um gambá tivesse entrado e caído dentro da banheira. Saí da cama e me encaminhei para o

corredor. Ao chegar ao banheiro fiquei surpresa. Lá estava o meu filho de sete anos ajoelhado dentro da banheira com o frasco de alvejante Ajax em uma mão e uma escova na outra, esfregando para frente e para trás.

Voltei para a cama sentindo-me absolutamente emocionada, exultante e, sim, como na história, muito feliz. Deitei-me por vinte minutos: Kieren já estava mostrando sinais de perfeccionismo na tenra idade de sete anos. Estava obviamente ansioso para realizar uma limpeza extremamente eficiente na banheira. Finalmente, ouvi-o voltar ao seu quarto.

Eu vou entrar na história, pensei. Então, saí da cama, cheguei ao banheiro e anunciei em voz alta: 'Que felicidade! Os Brownies vieram para ficar!'. Isso era fácil de dizer, uma vez que minha banheira estava brilhando à primeira luz da manhã e limpar banheiros era sempre a última da minha lista de tarefas de casa. Então, fui para a cozinha preparar o café da manhã e quando Kieren chegou alguns minutos mais tarde, não disse nenhuma palavra e nem eu. Ele apenas irradiava alegria assim como eu.

Durante as próximas duas semanas, Kieren acordava ainda com o dia escuro e entrava na história dos Brownies. Toda manhã ele experimentava um novo tipo de tarefa. Mas, obviamente, as ideias estavam-se esgotando, pois, depois de certo tempo, ele apenas continuava a esfregar as portas dos armários da cozinha. Como fiquei preocupada que a pintura das portas fosse retirada, comecei a deixar dicas para novas tarefas... colocava meus sapatos no armário, à noite, com a escova de sapatos e a graxa, deixava alguns pratos na pia para serem lavados pela manhã...

Nunca falamos a respeito disso e, alguns meses depois, após um dia particularmente ocupado, me joguei na cadeira e disse, de forma que Kieren pudesse ouvir: 'Como eu gostaria que os Brownies voltassem a ajudar novamente!'. Bem, eles voltaram, mas apenas por alguns dias e então isso nunca mais foi mencionado. Eu tinha que ter muito cuidado para não colocar muita pressão nesse pequeno trabalhador.

Eu nunca saberei por que ou como essa história teve um efeito tão profundo em Kieren. Estava eu, talvez, tão amargurada como o pai da história? ou resolver o enigma causava um impacto tão profundo no garoto? Certamente a história continha uma notável jornada para qualquer ouvinte. Em vez de a avó ou da sábia coruja dizer ao garoto que ele precisava ajudar o seu pai, tinha de descobrir isso sozinho. Muitos anos depois, quando Kieren

estava com vinte e poucos anos, eu me lembrei da história e conversamos a respeito sobre suas memórias desses acontecimentos. O interessante é que ele só tinha uma memória vaga da história, mas certamente tinha fortes lembranças de executar os trabalhos, as tarefas do Brownie e a felicidade de guardá-las como segredo.

Histórias de carros e nós embaraçados

As crianças frequentemente têm de ser afiveladas no banco de trás do carro nas viagens de longa distância. Qualquer pessoa que tenha vivido nos vastos continentes da Austrália e da África entenderá o número de horas de viagem que elas têm de suportar sentadas quietas.

Assim como várias brincadeiras de viagem de carro e pequenas engenhocas para distraí-los que eu tinha no meu 'kit de recursos para pais', dirigir por horas seguidas dava-me uma oportunidade para praticar a contação de histórias. Eu começava com as minhas histórias favoritas de infância, pela simples razão de que era capaz de lembrar a maior parte da história senão toda. Lembro-me de me sentir nervosa na primeira vez que tentei, mas segurar a direção e olhar para frente dava-me certo tipo de confiança. A quietude no banco de trás durante a história, certamente me encorajava a continuar.

Nessas longas viagens, o poder curativo da história influenciava a todos nós. Três garotos muito ativos entravam na imaginação de fato e esqueciam, durante toda a história, das brigas, provocações e insinuações. E eu chegava ao destino menos perturbada e atormentada. Quando eu compartilhei essa experiência com uma amiga mais velha, ela disse: 'Sim, tudo a respeito disso aprendi com a minha avó. Quando eu costumava levar meus filhos para escalar, eu contava histórias para eles até o topo e na volta também.'

Eu ouvi a respeito dessa sabedoria na cultura dos Bosquímanos*. Eles podem vagar pelo deserto por muitos dias contando histórias para seus filhos; histórias sobre as colinas a distância, sobre as rochas do riacho e a estrela da manhã que se levanta sobre as dunas de areia...

* N.T. — Membro de tribo africana.

Sentar-se quieto em situação semelhante surgia quando eles tinham nós nos cabelos para desembaraçar ou nas constantes verificações à cata de piolhos e lêndeas, necessárias por morar nas regiões subtropicais da Austrália e no clima úmido da costa da África. Eu tinha aprendido uma estratégia observando as mães africanas que passavam horas trançando os cabelos de seus filhos mais jovens. Elas os mantinham quietos contando histórias.

Frequentemente, um pouco de humor colaborava. Um homenzinho dos nós-dos-cabelos embaraçados era criado para ajudar nessas situações de permanecer sentado. Ele passava por várias aventuras, às vezes inventadas pela própria criança ou pelas ideias que surgiam de um de meus poemas.

Primeiro ele está aqui, então ele está lá, mas pode você vê-lo aqui e acolá?

O vento empurra-o pra cá, o vento empurra-o pra lá,

o vento às vezes empurra-o pra dentro de seu cabelo.

Os pescadores encontram-no dentro de suas redes.

Ele está em meio às linhas de costura o tempo todo.

Primeiro ele está aqui, então ele está lá, mas pode você vê-lo aqui e acolá?

Na busca de lêndeas e piolhos, também ajudava usar diferentes versões de um jogo de dar nomes que eu me lembrava de minha infância. Nas colinas atrás de Tamworth, minha cidade natal, eu costumava sentar-me à sombra de uma grande pimenteira com meus amigos e brincava com nomes das coisas e das pessoas que pudéssemos imaginar que moravam na cidade abaixo.

RIACHINHO, limpinho, rasinho, rapidinho

Rapidinho, rasinho, limpinho, é assim que se diz RIACHINHO!

JOÃO, valentão, brigão, fanfarrão

Fanfarrão, brigão, valentão, é assim que se diz JOÃO!

DONA MARICOTA, fofoca, toca, tricota

*Tricota, toca, fofoca, é assim que se diz DONA MARICOTA!**

Meus filhos adoravam usar essa oportunidade para brincar com os nomes de todas as outras crianças de sua sala que também podiam ter lêndeas. Quando esgotávamos os nomes das crianças, usávamos os nomes dos profes-

* N.T. — A história acima foi adaptada para o português para se manter a repetição de sufixos.

sores (eles se deliciavam com isso). Se precisássemos de mais tempo, usávamos os objetos da sala e do lado de fora da janela. Isso dava tempo suficiente para verificar seus cabelos.

Uma viagem através do guarda-roupa

Refletindo sobre as alegrias e desafios que envolvem educar três filhos, sou tomada pelo efeito harmonizante da rica dieta composta de histórias da cultura popular e da natureza, nas oportunidades de brincadeiras e atividades de recreação. Além das armas de brinquedo típicas de garotos, como arcos, flechas, revólveres e lanças, e os interesses por esportes, como *skate*, *cricket*, futebol e surfe, sempre havia tempo de sobra para viajar através do guarda-roupa aos vastos reinos do brincar imaginativo.

Conversas recentes com os três mostraram que essa época constituía suas memórias mais felizes. Os riachos locais eram explorados e reexplorados por cristais mágicos, esconderijos de piratas eram construídos em cavernas rochosas na praia, miniaturas de casas com quartos intrincados e caminhos eram erguidas nos cantos ao fundo de nosso quintal para os 'homenzinhos' morarem.

Uma viva memória de meu filho do meio, Simon, diz respeito a essas pequenas casas. Quando ele tinha oito anos, nós mudamos de nossa casa alugada para nossa casa própria. A primeira coisa que ele fez quando nós chegamos com a mobília foi levar seus irmãos para o fundo do quintal e rapidamente construir uma casa nova para as fadas se mudarem — eles estavam convencidos de que as fadinhas tinham seguido o caminhão de mudanças.

Os três garotos tinham também memórias especiais da floresta de árvores com portas mágicas que ficava perto do meu jardim de infância (ver próximo capítulo). Muitos anos depois, meu filho mais novo e seus amigos passaram uma noite revisitando essa floresta para comemorar o aniversário de vinte e um anos.

Brincadeiras imaginativas e os 'homenzinhos'

Durante toda a infância dos garotos, eu encorajei o seu brincar imaginativo fornecendo recursos simples. Eu guardava grandes caixas de papelão e pedaços de madeira para suas construções e roupas velhas para o figurino.

Nos bazares, eu encontrava martelos e picaretas para caça ao cristal e sempre deixava uma boa parte do quintal intocado para esconderijos, casas de árvore e construções mágicas para os homenzinhos.

Temendo que isso ficasse muito sentimental, eu tomava cuidado para nunca instigar conversas de fadas ou de espíritos da natureza. Porém, não era de forma alguma desencorajado. Na verdade, eu me surpreendia ouvindo os comentários dos garotos com grande curiosidade. Em tenra idade, meu filho Simon costumava descrever, com olhos de quem tem três anos, as fadas que moravam com os macacos em nosso jardim na África do Sul. Ele vinha e sentava-se perto de mim na grama que descia em direção à floresta e conversávamos sobre o que ele podia ver. Eu ficava atônita com o que eu ouvia e tomava muito cuidado para jamais julgar ou rotular o que ele estava compartilhando comigo. Esses momentos ainda são memórias sagradas — quando a percepção imaginativa de uma criança enriquecia a minha própria.

Quando criança, eu tinha certeza de que podia ver ‘espíritos dançantes’ no jardim. Não me lembro de eles se parecerem com as fadas típicas encontradas nos livros infantis, mas ao contrário, pareciam como bolas de luz dançantes com rostos e membros pouco distintos. Por causa dessas memórias combinadas às leituras posteriores a respeito dos espíritos da natureza e de seres elementais², eu nunca questioneei a existência dos homenzinhos imortalizados no mito, na lenda e nas histórias infantis. Tenho certeza de que, quando criança, eu também via alguns desses ‘seres’.

Eu também podia ver ‘coisas’ no escuro. Minha memória disso é bastante clara. Eu e meu irmão mais velho costumávamos deitar na cama e conversar sobre o que podíamos ver e, muito frequentemente, nós víamos coisas semelhantes. Uma noite eu vi uma forma extremamente assustadora à porta e gritei chamando meus pais. A resposta foi muito decepcionante — meu pai me repreendeu por falar bobagens e me mandou ir dormir. Eu nunca mais mencionei as minhas ‘visões’ a ninguém, ainda que a memória dessas coisas permanecesse comigo³.

² Ver livro de Rudolf Steiner no Apêndice 1: Livros recomendados.

³ Descobri posteriormente que se essas experiências de crianças tivessem acontecido em um país como a Islândia, elas teriam sido mais aceitas pelos adultos. Nesses países nórdicos de gelo e rochas, o ‘Povo Escondido’ (elfos, gnomos, trolls e outros espíritos) aparentemente desfruta de

Deve ser difícil para os adultos entrar nesse reino da percepção infantil, no entanto, é uma realidade para as crianças. É algo que naturalmente ganha vida em muitos contos de fadas e contos da cultura popular. Em vez de insistir que as crianças vejam o mundo como nós o fazemos, podemos aprender com elas algo que esquecemos — a natureza é viva e cheia de alma, plena de energia dinâmica e de vitalidade, frequentemente realidades imperceptíveis.

Tradições familiares imaginativas

Quando meu filho mais velho perdeu seu primeiro dente, a tradição usual como praticada pelas famílias em nossa vizinhança era a de substituir o dente por uma moeda. Pensei a respeito disso e da base materialista de tal tradição e decidi tentar algo mais simples e mais criativo. Em vez de uma moeda de um dólar, a fada dos dentes deixou uma pequena concha. O comentário feito pelo meu garotinho de seis anos, emocionado nas primeiras horas da manhã, ainda ressoa em meus ouvidos — ‘Eu sabia que a *verdadeira* fada dos dentes não deixaria dinheiro!’

Esse sinal de aprovação de uma criança inocente iniciou uma tradição familiar simples — para cada dente perdido, um tesouro natural era deixado no lugar (uma concha, um cristal, penas etc.). Posteriormente, como um limite fosse necessário, um baú de tesouro especial foi deixado com o sétimo dente acompanhado de uma mensagem sugerindo o seu uso como um abrigo para os tesouros acumulados. Décadas depois, esses pequenos baús, com seus simplórios conteúdos, ainda são guardados como memórias preciosas.

um respeito natural. A prova de que esses pequenos seres são um fenômeno difundido pode ser encontrada nas histórias publicadas nos jornais locais — por exemplo, humanos tentando construir casas ou estradas nas rochas e terras dos ‘elfos’ e sofrendo inexplicáveis contratempos. Alguns dos mais renomados profetas da Islândia dos ‘seres escondidos’ planejaram mapas de ‘elfos’ das suas principais habitações e fornecem às pessoas normais uma visão das vidas e paradeiros desses seres. Descrevendo-os como o ‘outro lado’ da natureza, comparável à luz nas árvores e flores (cujo ambiente determina a forma que eles tomam), eles acreditam que os elfos querem que as pessoas preservem a natureza. De acordo com esses profetas, a maioria das crianças tem a habilidade natural de perceber o ‘povo pequeno’.

Uma maneira imaginativa também foi usada para responder a uma pergunta de meu filho mais novo — ‘O Papai Noel existe de verdade?’ Essa é uma pergunta comum para famílias com filhos mais novos que ouvem os comentários dos mais velhos que já superaram tais crenças. Certo Natal, eu pressenti que isso estava para acontecer em nossa casa. Jamie ainda tinha 5 aninhos. contei uma história ao dormir para seus irmãos mais velhos para tentar remediar a situação. A história era sobre o Papai Noel ser um ‘espírito provedor’ que inspira as crianças quando elas têm idade suficiente para fazer seus próprios presentes. Eles ficaram tão inspirados por isso que começaram a fazer uma lista de cada parente e amigo distante da família que eles conseguiam lembrar. Vários presentes foram feitos, embrulhados e colocados embaixo da árvore — pacotes de cartões feitos em casa, vidros de geleias, velas, marcadores de livros etc. Desnecessário dizer, Jamie parou de ouvir qualquer coisa negativa a respeito do Papai Noel! Dois anos depois, ele também estava pronto para ouvir a respeito do ‘espírito provedor’.

Recentemente, ouvi de uma amiga, que cresceu numa família alemã de 10 filhos, que sua mãe costumava trazer para casa um bolo especial acompanhando cada novo bebê. O bolo era um pão-de-ló com geleia e creme, diferente de qualquer outro tipo que as crianças estavam acostumadas a comer. Diziam às crianças que esperavam em casa que era ‘um bolo trazido do céu pelo novo bebê’. Todos esperavam ansiosos por isso e valorizavam muito o ato de comê-lo (minha amiga dizia que demorava vários dias para que comesse seu pedaço!). Dessa forma, cada criança era recebida com surpresa e admiração pelo resto da família. Minha amiga não se lembrava de ter se sentido com ciúmes ou ressentida a cada bebê que se juntava à família.

É interessante pesquisar e refletir sobre a sabedoria das tradições e hábitos familiares. Pais podem ter *insights* imaginativos a partir das conversas com seus avós e bisavós. Minha própria avó, de um ‘tronco’ familiar forte de Yorkshire, achava que quando uma criança caísse e machucasse o joelho, ou parecesse indisposta, a melhor coisa a se fazer era continuar trabalhando enquanto se cantava uma música com muitos versos. Se, ao fim da canção, a criança ainda estivesse indisposta, poderia, então, ser significativo o suficiente para ser atendida. Minha avó acreditava que essa solução era eficiente porque o conteúdo imaginativo da canção geralmente absorvia o interesse da criança e a ajudava a esquecer o motivo de sua perturbação.

Poesia e criatividade

Assim como tradições e um encorajador brincar imaginativo, uma 'dieta' rica de histórias e poemas deu aos três garotos uma significativa sensibilidade para a linguagem. Desde os primeiros anos de puberdade, eles gostavam de escrever poesia, principalmente para ocasiões especiais. Por muitos anos, um poema de um ou mais de meus filhos tem sido meu principal presente de aniversário. Eu mantenho, em casa, uma pequena arca de tesouro, cheia dessas adoráveis memórias.

Meu filho mais novo recentemente decorou as paredes de seu apartamento com fotos de viagem e trechos de poesias, e sua maneira animada de encarar a vida é permeada de criatividade. Meu filho do meio tem um sensível talento para a escrita e a interpretação. Recentemente, num evento da comunidade, ele quase levou o público às lágrimas, à medida que contava sua história de vida baseada em seu amor por colecionar conchas.

O meu filho mais velho, em viagem pelo mundo como surfista profissional, frequentemente usa metáforas poéticas em seus artigos entregues a revistas de surfe. Esse surfista profissional pediu a mão de sua esposa de maneira muito criativa. Ele a levou para a praia ao nascer do sol e desenhou um coração na areia em volta dela. Então, mergulhou no oceano e surfou em frente a sua amada com uma aliança brilhante em mãos... um noivado inspirado por contos de fadas!

Xampus e bolhas

Minha primeira experiência como mãe inventora de histórias surgiu de um estímulo incomum. Até aquele momento, eu sempre lera ou contara histórias de outros autores para meus filhos.

Jamie, aos três anos de idade, odiava lavar o cabelo e eu digo 'odiava' com O maiúsculo! Por ser uma experiência traumática para nós dois, o dia de lavar os cabelos, que também tinha sido um problema para os dois mais velhos, era adiado tanto quanto possível com Jamie. Finalmente, meu orgulho de mãe assumia e eu tentava introduzir sorrateiramente a lavagem dos

cabelos em meio ao banho, mas inevitavelmente seguiam-se períodos tensos de gritos altos.

Foi durante uma dessas sessões de gritos que eu tive uma ideia brilhante, embora o crédito para esse brilhantismo devesse ir para o fabricante do xampu de bebê. Em vez do formato comum de frasco, esse específico fabricante tinha escolhido embalar o produto em um frasco com o formato de um urso.

Quando eu peguei o xampu, uma história louca começou a se criar em minha mente e, finalmente, saiu de minha boca e entrou pelos ouvidos de Jamie. Se você está imaginando que eu tive de berrar a história, você está certo! Porém, apenas nas primeiras sentenças, pois, à medida que os ouvidos de Jamie se abriam, os berros cessaram.

Assim, a simples história do Xampu-Urso nasceu. Xampu-Urso tinha inúmeras aventuras quando viajava pela floresta, ao longo do rio e para muitas cidades. Todos que ele encontrava pelo caminho cumprimentavam-no com um 'olá' amigável... mas cada vez que Xampu-Urso abria a boca para responder ao cumprimento, saíam bolhas em vez de palavras.

Xampu-Urso transformou a hora de lavar os cabelos totalmente. Na verdade, Jamie queria ouvir cada vez mais histórias a respeito desse notável personagem e, por um tempo, a lavagem de cabelos acontecia quase todo dia. Naturalmente, as histórias só aconteciam na hora de lavar os cabelos — eu precisava primeiro abrir o frasco de xampu antes que uma história pudesse acontecer — a 'sabedoria de mãe' agia nesse momento! Nos períodos entre as lavagens, o frasco era guardado em uma prateleira no alto.

'O Garoto Nuvem' tem uma vitória curadora

Um dos momentos mais difíceis como mãe foi quando meus dois filhos mais velhos estavam na escola e o meu mais novo ainda precisava esperar um ano para poder ir. Esse poderia ter sido um período maravilhoso de ficarmos juntos, mas como Jamie nasceu querendo ser o número um na família, ele frequentemente não aceitava ser o mais novo — especialmente nesse último ano antes de ele poder ir à escola. Toda manhã, quando os irmãos saíam para pegar o ônibus, eu tinha que lançar mão de todos os meus talen-

tos criativos para distraí-lo e evitar que ficasse bravo e perturbado. Confesso que minha paciência e criatividade estavam se esgotando.

Para aumentar a dificuldade, o aniversário de cinco anos de Jamie estava chegando e ele queria desesperadamente um boneco, o guerreiro 'Master of the Universe', como presente nesse dia. O boneco era vendido para promover o programa de TV de mesmo nome. Era feito de borracha cinza e tinha cicatrizes no rosto e armas em seu cinto. Jamie sempre se referia ao seu pedido dizendo: 'Todos os meus amigos têm um!' Ainda assim, como mãe protetora, eu queria que meu filho tivesse um boneco menos agressivo para brincar e com quem dormir.

Uma semana antes de seu aniversário, eu encontrei um boneco macio e carinhoso em uma loja de artesanato que me lembrava Jamie — tinha um rostinho adorável, cabelos loiros claros e uma roupa azul, a cor favorita de Jamie. Jamie vai adorar, pensei, e imediatamente comprei-o, embrulhei-o para presente. Porém, na manhã de seu aniversário, quando Jamie desembulhou o presente que não era o boneco que ele esperava da versão 'Master of the Universe', ele ficou tão bravo que atirou o presente no chão e disparou para o quarto.

Sem dar muitos detalhes, as semanas seguintes poderiam estar entre as mais insuportáveis da minha vida de mãe. Jamie ficara tão bravo comigo! Mesmo assim, eu não estava disposta a ceder à pressão da propaganda que tentava invadir nossos lares e vidas privadas de maneira tão insidiosa. Um impasse havia se instalado e, quando parecia não haver solução, eu decidi tentar curar a ferida com uma história — inspirada pelo pequeno boneco que agora morava no armário de meu quarto.

Por três noites, quando Jamie estava pegando no sono, parada perto da cabeceira de seu beliche de maneira indiferente, eu começava a conversar com ele sobre uma criança pequena chamada Garoto Nuvem. Tinha que fazer isso de forma casual. Jamie estava muito relutante em participar de qualquer um de nossos rituais, incluindo a história de dormir, desde aquele aniversário traumático.

O Garoto Nuvem era uma criança que vivia nas nuvens em sua casa de nuvens, dormia em uma cama macia de nuvens e comia panquecas de nuvens no jantar. O Garoto Nuvem tinha os cabelos da cor das nuvens brancas e usava uma roupa da cor do azul do céu. Por muito tempo, o Garoto Nuvem tinha sido feliz,

vivendo no céu, sozinho. Mas um dia, sua casa de nuvem flutuava perto da terra e ele pôde ver crianças pequenas, do seu tamanho, brincando nos campos e nos jardins do mundo abaixo. O Garoto Nuvem decidiu, então, que queria vir para a terra e ter um amigo com quem brincar e morar. Todo dia ele viajava pelo céu, em sua casa de nuvens, passando por cima das florestas, ao longo dos rios e acima das montanhas... por todo o mundo. Ele estava procurando um amigo que brincasse com ele e dele cuidasse... mas onde ele poderia encontrar tal amigo?

Na terceira noite, Jamie já tinha esquecido sua relutância em participar do ritual de dormir e mostrava grande interesse nessa simples história. Nessa noite, a história terminou com uma pergunta: 'Onde tal amigo poderia ser encontrado?'

Quando Jamie já estava adormecido, eu deslizei pelo quarto e estendi um pedaço de musselina branca pendurando-a na cabeceira do beliche. Cuidadosamente, eu coloquei o pequeno boneco dentro da 'nuvem' de forma que Jamie o visse quando descesse da cama na manhã seguinte. Mais tarde, naquela noite, eu me arrastei para a cama, sem saber se minha história ia ajudar ou fazer qualquer diferença; porém, sabendo que ela tinha conquistado o interesse de Jamie à hora de dormir.

Minha lembrança do dia seguinte ainda me traz lágrimas aos olhos. Fui acordada pelo meu filho mais novo puxando com força meu cotovelo, dizendo excitadamente: 'Mamãe, o Garoto Nuvem me escolheu para ser seu amigo!' Quando olhei, lá estava Jamie, embalando o Garoto Nuvem em seus braços, irradiando alegria.

Esse boneco tornou-se o companheiro mais querido de meu filho e a vida em casa se transformou. A todo lugar que Jamie fosse, o Garoto Nuvem ia com ele. Quando Jamie ganhou botas novas de borracha, botas de feltro vermelho foram feitas para o Garoto Nuvem. Quando Jamie começou a ir à escola, uma mochila foi costurada para o Garoto Nuvem e uma caixinha combinando, cheia de uvas passas, era colocada na mochila para o seu almoço. Naturalmente, pelos próximos anos, o Garoto Nuvem dormiu na cama de Jamie todas as noites. Por volta dos nove anos, Jamie colocou-o, cuidadosamente, em uma cesta em seu armário.

Muitos anos depois, quando Jamie já estava na universidade, graduando-se em Design, ele foi para casa me visitar antes de partir a trabalho para

o leste da África. Ele viu-me guardar o Garoto Nuvem com outros brinquedos e livros. Eu estava colocando-os todos em uma caixa para ser guardada por três anos. Jamie ficou horrorizado que eu pudesse fazer isso com seu amigo de toda vida e levou o Garoto Nuvem de volta a Sydney em sua mochila. O Garoto Nuvem vive, agora, na cama de Jamie em seu apartamento, com sua namorada e o carinhoso brinquedo de criança dela... ambos esperando por crianças para com eles brincar.

No momento em que o Garoto Nuvem entrou na vida de Jamie, seu desejo pelo boneco guerreiro desapareceu. Os amigos de Jamie vinham e juntavam-se nos lanches da tarde com o Garoto Nuvem e desejavam ter também um amigo assim. O Garoto Nuvem tornou-se parte de nossa família de várias maneiras — ele até mesmo aparece em várias páginas do álbum de família. Jamie comentou recentemente que achava que o Garoto Nuvem, com todos os artesanatos e fantoches associados às histórias de sua infância, teve grande impacto em seu trabalho de design como adulto. Ele adora e procura coisas bonitas, especialmente formas e materiais.

3

Tecendo histórias no tecido do ensino

A luz curativa das histórias, além de ser central na vida de minha família, entreteceu-se com minha vida profissional — desde a Educação Infantil até o treino de professores, o trabalho de aconselhamento e programa de apoio a pais, tanto na Austrália quanto na África.

Neste capítulo, eu descrevo minha jornada e lutas como professora e aconselhadora para criar histórias para diversos comportamentos e situações. Os exemplos perpassam o ensino infantil, os primeiros anos do Ensino Fundamental e prosseguem até o trabalho de aconselhamento de adultos. Eles foram escolhidos para ilustrar uma gama de métodos para a elaboração de

histórias. As histórias completas relacionadas com cada exemplo podem ser encontradas mais adiante no livro. Há também quadros com 'dicas', incluídos aqui para ajudar escritores entusiastas. A seção seguinte, 'Escrevendo Histórias Terapêuticas', explora a elaboração de histórias e sua estruturação de modo mais sistemático e detalhado.

A poesia leva à elaboração de histórias

Após vários anos dedicados ao papel de mãe em tempo integral, na África e na Austrália, voltei para a força de trabalho ao encontrar um Jardim de Infância na costa nordeste da Austrália. A hora da história era o 'coração' do dia, e, na maioria, havia vida quando elas eram contadas, não lidas (a 'contação de histórias' é considerada mais profundamente no final do livro). Ao planejar meu programa de histórias, tive como fonte histórias populares do mundo inteiro, e aos poucos experimentei escrever histórias simples da natureza para meus grupos de crianças. Como meu Jardim de Infância estava localizado numa pequena cidade próxima a uma floresta, muitas de minhas primeiras histórias da natureza eram contos florestais.

Comecei a escrever com poesias simples. Nunca imaginei naquela época que pudesse realmente escrever uma história inteira! Escrever poesia era um hobby agradável desde meus anos de adolescência e era também uma forma de expressar sentimentos e frustrações. Assim, sem nenhum planejamento, a poesia reacendeu um fogo imaginativo em mim e bem naturalmente tornou-se o trampolim para a elaboração de histórias.

Um de meus poemas desenvolveu-se a partir da necessidade de controlar minha classe numa caminhada pela natureza. Eu havia decidido levar meu grupo de Jardim em sua primeira excursão à floresta próxima da escola. Ao chegarmos ao caminho que atravessava o arvoredo, o grupo se espalhou em várias direções, algumas crianças foram até o outro lado da floresta, próxima à estrada principal. Com a ajuda de minha assistente, gastei os próximos vinte minutos freneticamente tentando juntar o grupo e então rapidamente levando-o de volta à escola. O que eu esperava que fosse um agradável passeio tornou-se uma experiência selvagem e assustadora para uma professora inexperiente!

Antes de considerar outros passeios em meu programa do Jardim, visitei a floresta sozinha, desesperada em busca de ideias criativas. Ao alcançar a trilha, notei uma grande árvore com um entalhe que parecia ser uma 'porta' na base. Isso me deu ideias para um poema sobre uma 'Árvore Toc-Toc-Toc', e nos meses e anos seguintes, o poema levou a muitas histórias. Uma das histórias florestais sobre a 'Árvore Toc-Toc-Toc', Jaden e os ovos encantados', encontra-se mais adiante no livro (veja página 240).

*Conheço um segredinho sobre uma 'Árvore Toc-Toc-Toc',
Uma 'Árvore Toc-Toc-Toc' que espera por você e espera por mim.
Na beira da floresta de um verde tremeluzente,
Com um caminho que leva para onde é vista a pequena gente.*

*Batam três vezes, não mais, só três,
Então esperem junto à 'Árvore Toc-Toc-Toc'.
E se juntos quietinhos esperarem,
A pequena gente poderá vir e abrir seu portão mágico!*

Após aquela 'experiência' selvagem, eu juntava a turma em torno da árvore antes da caminhada pela floresta e recitava um poema. Isso fazia uma enorme diferença no humor da caminhada. Sem nenhum incentivo da minha parte, as crianças deliciavam-se em turnos para bater na porta, os mais velhos assegurando-se de que os mais novos não batessem mais de três vezes! Então, colocavam a mão na forma de concha no ouvido e diziam: 'Ouçam, posso ouvir o portão se abrindo. Sigam-me e vamos ver o que devemos ver'. Isso garantia que eu fosse sempre a líder e a corrida desenfreada era canalizada num caminhar cuidadoso e atento. Víamos lagartixas, pássaros, borboletas e libélulas, e as crianças tinham certeza de ver frequentemente homenzinhos dançando nos raios de sol que atravessavam as árvores. Dessa forma podíamos passar muito mais tempo apreciando a floresta. Depois, eu conseguia trazer as crianças com segurança para a escola, sempre parando no parque onde elas podiam subir nas árvores e correr livremente numa área segura e cercada.

O uso da poesia e rimas simples, além de ser um trampolim para as histórias, foi desde então incorporado de várias formas à minha elaboração

da escrita. Eu rapidamente aprendi, depois de contar histórias para grupos de crianças pequenas, que eram a repetição e a rima que mantinham sua concentração. Depois, as crianças levavam a rima para suas brincadeiras e isso era de grande ajuda e cura. Um exemplo disso é a história de 'Benjie e o nabo' (veja página 231). Eu vi como seus versos simples têm um poder profundo sobre as crianças quando brincam no Jardim. Crianças que podem ter-se sentido compelidas a puxar os legumes e arrancar as flores ao acaso foram harmoniosamente refreadas por essa história e pudemos ouvi-las perguntando: 'Gnomo, gnomo, belo gnomo das raízes, posso levar o seu *nabo*, ou *cenoura*, ou *flor* para casa?'. Então, eu observo que eles se abaixam para ouvir um 'sim' ou um 'não'. Se necessário, posso sussurrar por trás, falando em favor da planta: 'ela ainda é minha, ainda não, tente em outra ocasião!'. De um modo alegre e rítmico, essa história ensina a sabedoria profunda dos povos indígenas que sempre apreciaram sua forte conexão com a terra e seu produto. A sabedoria está em perguntar primeiro e depois agradecer à Mãe Terra pela bondade abundante. Uma grande lição para nossa era materialista do 'arrancar e agarrar'!

DICA

Use a poesia como um trampolim para escrever histórias. Escreva seu próprio poema ou tome um poema clássico ou rima de ninar e transforme-o numa pequena história. Permita que a rima e a repetição tornem-se uma parte integrante da história.

Da floresta para o mar

Após anos de levantamento de fundos e construção, meu Jardim da Infância finalmente mudou-se de um terreno alugado para uma casa permanente, longe da floresta e mais próxima da praia. Embora continuássemos a fazer visitas de volta à 'floresta da Árvore Toc-Toc-Toc' em excursões escolares, com a mudança para a costa o foco de minhas histórias da natureza lentamente mudou-se para histórias da costa marítima.

Minhas inspirações frequentemente vinham da caminhada que fazia na praia, sentando-me no promontório e olhando para o mar ou remando nas águas contidas pelas rochas. Estou convencida de que o que os povos Boxímane da África do Sul dizem é verdade: 'Uma história é como o vento, ele vem de um lugar distante e você o sente'.¹ Para obter inspiração para uma história sempre ajuda estar na natureza — onde você pode sentir os ventos da história soprando!

Um ano, um pouco antes do Natal, eu estava caminhando ao longo da praia quando uma semente de paineira veio rolando das dunas de areia. Uma criança pequena estava correndo atrás dela tentando pegá-la. Num instante, tive uma ideia para uma história. A semente parecia com um anis-estrelado e me lembrava o grupo de meninos rolando e brincando em meu Jardim da Infância. Eu havia visto não muito antes um anis-estrelado usado por uma amiga como decoração de Natal no verão australiano (com brilho dourado no centro e pendurado nos caibros de sua varanda). Essas imagens rodopiavam em minha cabeça ao som das rimas e ritmo da história 'O homem Pão-de-Gengibre'.

DICA

Use um tema de uma história infantil clássica e bem amada como ajuda para construir a sua própria história.

Finalmente, minha história 'O Homem Anis-Estrelado' nasceu (veja página 238) e foi usada naquele ano, e por muitos anos depois, como uma das histórias de Natal no Jardim. Em resumo, era sobre uma velhinha que tentava pegar um anis-estrelado na praia, mas o anis-estrelado não queria ser capturado, ele estava no seu caminho de regresso ao céu!

*Brinque, brinque — não, não eu, eu estou no caminho de regresso
ao céu,*

Não tenho tempo de me divertir, pois pertenço ao Sol lá em cima —

¹ 'Uma História é como o Vento', por Laurens van der Post (detalhes no Apêndice 1: Livros recomendados).

*Corra, corra, corra tão rápido quanto puder;
Você não pode me alcançar — Eu sou 'O Homem Anis-Estrelado!'*

E ele continuou rolando pela areia — rolando, virando, dando cambalhotas, repetidas vezes, com a velhinha correndo atrás dele (logo seguida por um cachorro, um caranguejo e alguns pescadores).

A queda desenfreada e a agitação tornam-se depois quietude e satisfação e a velhinha leva o anis-estrelado para enfeitar sua casa 'como uma luz de Natal'.

É interessante que a história 'O Homem Anis-Estrelado' era a favorita do grupo de meninos que gostava de rolar e cair. Foi a primeira história do período escolar que os manteve em total concentração e quietude, da primeira à última palavra. Essa concentração da hora da história também se estendeu para outras atividades diárias, em si uma pequena cura.

DICA

Encontre inspiração na natureza. Ande pela praia ou pela floresta. Sente-se quieto num jardim e observe a vida pulsante e atividade do mundo natural.

Os padrões, ritmos e metáforas do mundo natural podem oferecer ideias ilimitadas para a elaboração de histórias. Uma vez, eu estava juntando pequenas pedras na praia, pensando, conforme eu as colocava no bolso de minha saia, que eu poderia usá-las para um teatro de bonecos um dia. Na semana seguinte, quando dirigia de volta para casa, eu vi ao lado na rua a raiz de uma árvore virada de cabeça para baixo. Ela estava limpa e brilhando após a chuva e quando foi virada para sua posição normal, suas raízes formavam um espaço embaixo que parecia uma pequena casa. Meus meninos me ajudaram a carregá-la para o porta-malas do carro e levá-la para o Jardim de Infância. Essas peças da natureza puseram minha imaginação a girar. Com as peças de apoio juntadas da natureza e pensando na necessidade de criar uma história de 'limpeza sensata' para minhas crianças mais velhas (que ficavam muito agitadas na hora da limpeza), é que surgiu meu teatrinho da 'A Vassourinha de Palha' (ver página 256).

Essa história da vassoura foi usada com bastante sucesso e apreciação em crianças e adultos de todas as idades. Eu a contei para crianças de oito e nove anos e depois levei a classe a se divertir ao criar um livro de fotos. Uma vez eu a encenei com uma única pessoa no palco num festival de contação de histórias para adultos. A consequência comum da história é que os ouvintes começam a 'se coçar' com vontade de varrer — Eu já tive muitos pais de meu Jardim da Infância que perguntavam: 'Por que meu filho vem para casa e quer saber onde está a vassoura?'. Também já tive uma mãe e um pai dizendo-me que essa história os ajudou a rever a parcela de esforço de cada um com relação às tarefas domésticas.

DICA

Colecione materiais da natureza tanto para inspirar sua história quanto para serem usados com a contação da história — barcos feitos de sementes, conchas, nozes, bolotas, penas, bambu e madeira flutuante — os padrões, formas e texturas do mundo natural oferecem ideias ilimitadas de apoio a temas de histórias.

Uma história de fogo para cura de trauma

Às vezes uma situação específica parece determinar a linha de uma história. Um dia na pré-escola, um menino de quatro anos, normalmente bem adaptado, chegou à escola como um furacão. Matthew começou a bater nas coisas e virá-las de cabeça para baixo e, na hora de brincar, foi extremamente desafiador com todos.

Sua mãe, ao colocar a mochila de seu filho em seu armário, explicou que na noite anterior um incêndio em sua casa havia destruído quase a metade de sua casa. Matthew e sua família fugiram para o jardim e assistiram a todos os quartos serem queimados até o chão. Sua mãe havia tentado explicar ao filho que a casa estava coberta pelo seguro e que eles, logo, iriam reconstruí-la, mas naturalmente Matthew foi profundamente afetado por toda a experiência. Naquela manhã na escola, o comportamento de Matthew era como as chamas do fogo!

Finalmente, era hora do lanche em nosso descanso diário, e Matthew logo adormeceu, totalmente exausto. Enquanto dormia com as crianças, veio-me uma ideia para uma história que pensei que poderia ajudar Matthew a entender, de uma forma mais imaginativa, o evento traumático da noite anterior.

Os coelhos eram os animais favoritos de Matthew, então eu escolhi uma família de coelhos como personagens principais da história. A estrutura simples de minha história era sobre um incêndio na floresta que rapidamente se espalhou pelo campo gramado e deixou os bebês coelhos dormindo seguros em sua toca. Depois do incêndio, levou várias semanas para que a grama voltasse a crescer, mas logo os bebês estavam novamente brincando e pulando em seu *playground* gramado. Minha mensagem, com o uso de metáfora, tinha um duplo propósito — os coelhinhos estavam seguros e lentamente seu ambiente foi voltando ao normal. Essa história provou ser um exemplo do poderoso efeito de usar uma explicação imaginativa em vez de racional para crianças pequenas.

Eu esperei que Matthew acordasse e então juntei o grupo todo para a hora da história na varanda, pouco antes de os pais chegarem. Embora não houvesse tempo para dar o acabamento à história, o grupo todo adorou e pelas próximas duas semanas pediram que fosse recontada várias vezes. A história também teve um efeito imediato e marcante sobre Matthew. Quando sua mãe chegou alguns minutos mais tarde, ele correu ao seu encontro no portão e tocou seu ombro dizendo: 'Não se preocupe mamãe, tudo vai ficar bem!'. Ela olhou para mim e disse: 'O que você fez, Susan?'. Eu sugeri que ela me ligasse mais tarde, depois de pôr as crianças para dormir, que eu lhe contaria uma história. E foi o que eu fiz! Eu incluí a história no livro, com o título: 'Mamãe Coelha e o Fogo Rasteiro' (veja página 266).

DICA

Não tenha medo de testar uma ideia — uma história não precisa estar impressa ou acabada para surtir efeito!

História de um pônei selvagem

'O Inquieto Pônei Vermelho' foi escrito para um menino de quatro anos que apresentava um comportamento travesso num ambiente de creche. Ele corria chutando e batendo nas outras crianças e tinha dificuldade em ficar quieto. Ele também não gostava de ser tocado e era agressivo com todos que se aproximavam dele. O grupo de professores sentiu que ele precisava de uma supervisão pessoal para a segurança do grupo e começou a confiscar suas botas, pois se chutasse de pés descalços iria ferir menos aqueles que estavam perto dele.

Eu fui chamada como conselheira no centro de assistência social e encontrei o garoto na varanda protestando por arrancarem suas botas. Eu me sentei e admirei as botas marrons brilhantes e ele começou a me dizer que eram botas de cowboy e que ele gostaria de um dia ter o seu próprio cavalo. Isso me deu a ideia da principal metáfora da história que escrevi mais tarde naquela semana. O garoto adorava cavalos e absorveu bem as imagens (veja página 234).

A professora contou a história muitas vezes e, seguindo minha sugestão, escolheu terminar o dia com o jogo do pônei. Esse jogo encorajou as crianças uma a uma a galoparem em círculo e então assumir o seu lugar no centro para serem tocadas e escovadas por todos os outros — igual ao incansável pônei vermelho. O menino travesso foi o primeiro a querer deitar e ser escovado. Esse jogo de contato ajudou a quebrar o seu padrão de agressividade.

A história tem utilidade geral para crianças de Jardins da Infância com grupos de crianças expansivas e inquietas. Naturalmente, um comportamento assim precisa de estratégias. Com o menino mencionado acima, os professores tinham que tirar suas botas para impedir que ferisse as outras crianças com seus chutes. Uma visita a sua casa ajudou a entender o problema e a conceber algumas medidas consistentes na relação casa-escola. Foi dada uma cópia da história para os pais do menino para ser lida em casa.

DICA

Frequentemente, obtemos boas ideias das crianças. Ouça seus interesses, esperanças e desejos. Tente incorporá-los a sua escolha de metáforas ao escrever uma história para uma criança ou grupo específico (veja o capítulo referente a 'escrever histórias' para mais ideias).

Uma história simples sobre sapatos

No final dos anos 1990, eu estava fazendo um trabalho de campo para o Centro de Educação Criativa na Cidade do Cabo. Isso envolvia visitas aos centros pré-escolares 'Educare' nas favelas e invasões de terras devolutas. Minha tarefa era fazer relatórios sobre os *trainees* e isso incluía professores mais velhos e experientes. Numa escola específica, o sentimento não verbalizado com a mulher mais velha, a encarregada, era que qualquer comentário crítico afetaria a amizade e levantaria questões raciais complexas.

Porém, havia uma situação evidentemente óbvia que requeria atenção — cinquenta pares de sapatos e botas lançados numa pilha pelas crianças fora da porta do Jardim de Infância na hora do intervalo. Uma professora levou mais de meia hora para separar os sapatos para as crianças antes de irem para casa. Em vez de fazer um comentário para a professora chefe, eu inventei a seguinte história simples para oferecer às crianças (veja 'As Botas de Tembe', página 147). A ideia veio ao observar o meu próprio par de botas vermelhas, que pareciam 'amigas íntimas'. A professora chefe adorou a história e começou a contá-la para suas crianças. Daquela ocasião em diante, sem necessidade de incentivo, as crianças mais velhas colocavam os sapatos na varanda juntos e pela ordem. Por pura imitação, os mais jovens aderiram e a professora separadora de sapatos pôde, em vez disso, aproveitar um momento de merecido descanso.

Em minha próxima visita ao centro, minha primeira visão foi uma longa fila de sapatos colocados ao longo da varanda. Um hábito novo e

saudável foi estabelecido com as crianças. Desde então, tenho usado essa história com muitos outros grupos pré-escolares e escolares para ajudar a estabelecer o hábito de organizar os sapatos na primeira semana do ano. Isso poderia ser de valor para famílias que preferem que os sapatos fiquem fora na soleira da porta.

DICA

Um tema de história efetivo pode muitas vezes ser mais simples do que você pensa!

Histórias curativas ambientais

Um exemplo de uma história curativa num tema universal para todas as faixas etárias é a que escrevi para o Dia Mundial do Ambiente, em 1992. Ela se transformou em um musical da Companhia 'Home Grown Productions', Byron Bay, e fez uma turnê por muitas escolas do Ensino Fundamental. Chamada 'Jardim da Luz' (veja página 157) é um exemplo de como o teatro pode fortalecer o aspecto curativo da contação de histórias.

A peça foi criada em cooperação com a rede local de 'Salvadores de Sementes' que forneceu pacotes de sementes para as crianças na plateia levarem para casa e plantarem em seus jardins. A linha da história teve um poderoso efeito na plateia. Eu vi adultos secando as lágrimas. Uma classe de alunos de sete anos, que programava ir para a praia após o teatro, insistiu que sua professora os levasse de ônibus de volta para a escola para que começassem a preparar alguns canteiros e plantar suas sementes imediatamente!

A metáfora central para essa história é uma grande bola dourada que pode emitir luz para o mundo somente quando é polida a cada dia pela Tecelã da Natureza (usando um tecido feito a partir de grama fresca, flores e folhas). Quando o Rei-que-não-se-importa chega e destrói o meio ambiente,

não resta nada para fazer o tecido de polimento da bola. A bola fica com um manchado cinzento e o Rei ordena que seja construída uma alta parede de pedra em torno dela para mantê-la fora de vista. Quando o muro está terminado, o Rei começa a ficar cinza e fica bastante doente.

A metáfora da bola dourada simbolizou para mim a fonte universal de vida. Assim, quando a bola perde seu brilho dourado e o Rei tenta esconder sua feiura, o 'acinzentado' e o desequilíbrio emergem dele mesmo. Essa perda nunca pode realmente ser escondida ou suprimida. Apenas a inocência e o entusiasmo das crianças, combinados com a sabedoria e paciência da Tecelã da Natureza, a Mãe Terra, é que poderiam restaurar o equilíbrio.

Muitos adultos viram a peça e tiveram diferentes interpretações das metáforas. A bola dourada para alguns era a fonte divina ou 'Deus'; para outros era aquele que une todas as coisas; para outros era nossa 'consciência espiritual'. A Tecelã da Natureza foi tomada por alguns como sendo o Deus ou a Deusa, por outros como o símbolo do movimento ambientalista moderno. Essas diferentes interpretações enfatizam como a história tem uma vida própria.

Naturalmente, com as crianças pequenas, é melhor não dar nem pedir interpretações — isso pode matar a magia! Porém, com alunos de mais idade como do final do Ensino Fundamental ou Ensino Médio, a história poderia ser usada com sucesso como um trampolim para lições sobre o meio ambiente e debates.

Outro exemplo de uma história curativa para o meio ambiente é 'A Vovó e o Burrinho' (veja página 153). O fato de ela ter um tema mais ameno e curto, além de apresentar uma jornada mais simples, torna-a mais adequada para as idades de Pré-Escola e Jardim da Infância. Escrita para encorajar a consciência da sujeira na Cidade do Cabo em 1997, ela foi objeto de uma turnê com teatro de bonecos por Jardins de Infância, nas favelas. O efeito curativo da história sobre as crianças foi imediato — após cada apresentação, enquanto eu e Maria Msbenzi, outra manipuladora de bonecos, estávamos guardando os materiais da apresentação, as crianças corriam até nós com as mãos cheias de lixo coletado do *playground* de sua escola. A cada dia achávamos que tínhamos que levar sacolas extras e caixas em nosso carro para carregar o lixo.

DICA

Tornar uma história uma peça ou teatro de bonecos (marionetes) pode fortalecer a mensagem e o potencial curativo.

Agulhas de tricô e canivetes

Embora eu tenha pensado principalmente em situações com crianças da primeira infância, eu fui, às vezes, também chamada para situações de apoio ao ensino ou ensino de artesanato em escolas primárias locais. Qualquer que fosse o assunto, a contação de histórias era o meu modo de abordar a lição.

Uma das minhas experiências mais bem-sucedidas foi uma série de lições de tricô com crianças de oito anos. Eu só havia tido um encontro prévio com a classe e eu achei que os alunos eram o grupo de crianças de oito anos mais turbulento que já havia conhecido. Havia 23 crianças na classe, 17 eram meninos, e eles estavam trepando nas carteiras e janelas quando eu entrei.

Meu plano era que eles primeiro fizessem suas próprias agulhas de madeira — usando varetas, apontadas em um dos lados com um apontador de lápis, amaciados com areia, e uma bola de borracha colocada na outra ponta. Mas eu receei que eles começassem a lutar com as agulhas, ou pensassem que fazer tricô não era legal e não ficassem interessados em aderir à lição.

Depois de pensar muito (e após uma noite sem sono!) inventei uma história sobre duas 'varinhas mágicas' que foram encontradas por um menino que sempre estava entediado e pronto para aprontar alguma coisa não muito boa. O título era 'Jeremias e as Varinhas Mágicas' (veja página 195). Foi o meu recontar das terríveis coisas que o menino havia feito para ferir os outros que chamou a atenção da classe. Após uma série de incidentes na história, um jogo de varinhas 'mágicas' ajudou esse menino a fazer muitas coisas espantosas, e sempre que ele tinha essas varas com ele, com a ajuda de uma bola de lã, não ficava entediado.

Essa história capturou a imaginação de todos da classe. Eles não podiam esperar para fazer suas próprias 'varinhas mágicas' e, como o menino da

história, tricotar coisas maravilhosas. As lições de tricô para o restante do semestre tornaram-se a hora favorita da semana.

Minha lembrança mais forte das lições foi a preparação das agulhas de tricô. As crianças precisavam vir à minha mesa e passá-las em meu rosto até que eu concordasse que elas estavam macias como veludo. Nenhuma vez as crianças tentaram ferir as outras com suas preciosas varinhas mágicas. A história havia 'curado' o comportamento inadequado e colocado toda a classe num trabalho produtivo.

DICA

Use uma história para introduzir uma lição (não importa o assunto!). A história ajudará a criar uma ligação imaginativa com o tópico e aumentar enormemente a chance de as crianças se entusiasmarem do começo ao fim com a lição.

Uma outra história, 'O Canivete e o Castelo' (veja página 148), escrita para crianças de sete a nove anos, foi solicitada por um pai cujo filho estava sendo irresponsável com ferramentas. A história foi usada pelo pai no aniversário do filho para acompanhar seu presente especial — um canivete. Ela fez uma enorme diferença em como o menino tratou seu novo presente. A história fala de uma faca que 'se coçava' de vontade de ser usada. Isso foi enfatizado pelo fato de a faca ter uma canção própria. A repetição da pequena rima ajudou a criar humor e tensão, mesmo para um garoto já com oito anos.

Era uma vez um pequeno garoto ao qual havia sido dado um canivete como presente de aniversário. Um canivete bem novinho, que brilhava. Um canivete bem afiado, que se coçava de vontade de ser usado.

Ele o mantinha em seu bolso — e lá ele ficava com vontade de ser usado.

*'Eu sou um canivete e adoro cortar; abra-me, use-me, e, depois,
você pode me fechar.'*

O menino tinha certeza de que ele podia ouvi-lo cantando para ele...

Eu também já usei essa história com sucesso em escolas e programas de férias para estimular as crianças mais velhas a criar coisas com suas mãos — em madeira ou argila ou pedra-sabão. Tanto a história das varinhas de tricô quanto a do canivete mostram o efeito de uma história para transformar comportamentos traquinas e irresponsáveis em atividades produtivas e estáveis.

DICA

Incorpore rimas, enigmas e canções em sua contação de histórias. Sua repetição ajuda a criar o humor e a tensão na história. É frequentemente da rima que as crianças mais se lembram, mesmo as crianças das primeiras idades.

Contos da médica de histórias

Outra faceta de meu trabalho com a primeira infância foi o atendimento a pais. Eu tive o privilégio de pilotar um programa de 'Apoio a Pais Criativos' para um projeto de 'Desenvolvimento de Famílias mais Fortes', financiado pelo governo australiano. Esse trabalho envolvia visitas às casas de famílias e visitas às escolas locais onde eu observava pais e professores envolvidos em disputas difíceis. Muitas vezes, a visita era seguida por uma história que eu criava, ou eu estimulava o pai ou professor a escrever uma história para ajudar a curar o comportamento difícil.

Nesse papel de apoio a pais, eu frequentemente me sentia como a 'médica de histórias'. Por um período de dois anos, eu tive muitas experiências com histórias tratando de diferentes desafios de comportamento de crianças. Algumas histórias eram usadas pelos professores e resultavam em mudança positiva no ambiente escolar, por exemplo: 'O Pônei Vermelho Agitado' e 'Um Menininho Foi Velejar'. Algumas histórias foram escritas pelos pais ou para os pais e alcançavam a criança no ambiente do lar — exemplos: 'O Novelo de Lã', 'A Varinha Mágica'. Algumas histórias tinham uma influência em toda a família — exemplos: 'A Luz da Princesa', 'A Bela Rainha'. Às vezes a história

produzia mudança ao tocar a imaginação dos pais — ‘Agora eu entendo, eu devo dar ao meu filho mais tempo para ser criança’ — disseram dois pais após lerem sobre a pequena zebra marrom que estava com pressa para que suas listras ficassem pretas. Após esse *feedback*, ‘A Zebra Impaciente’ tornou-se a introdução para minhas conversas sobre ‘Proteção da Infância’.

Outras histórias tiveram um efeito sobre terapeuta, pai e filho; por exemplo, a história ‘O Fazendeiro Certinho’ ajudou o psicólogo da família a usar um método imaginativo com um menino de cinco anos que subia nos armários usando-os como banheiro. O psicólogo então publicou um livro de imagens sobre dificuldades com o uso de banheiro por crianças mais velhas. A história ajudou a mãe a introduzir mais rotinas e consistência à vida familiar, e o comportamento da criança foi afetado positivamente pela consistência que agora substituíra o caos em casa. A criança adorava a canção do fazendeiro — ‘Um lugar para tudo e tudo em seu lugar’. Muitas vezes ouviram-no usando-a com seus brinquedos na hora da arrumação. Essa combinação de estratégias ajudou a curar o comportamento ‘desequilibrado’ e a criança começou a usar o vaso sanitário novamente.

Essas experiências aumentaram meu compromisso em encontrar meios para incluir e encorajar a ‘luz da história’ na família moderna e na vida escolar. O trabalho depois se estendeu para cursos de ‘Disciplina Criativa’ para pais, professores e terapeutas. Nesses cursos, os participantes eram estimulados a usar rimas imaginativas, jogos e histórias para serem aplicados a diferentes desafios disciplinares. As oficinas produziram alguns resultados interessantes e bem-sucedidos, confirmando para mim e para os participantes a importância da metáfora e da história nas práticas de cuidados com crianças. Incluí, na parte de histórias do livro, uma seleção de histórias a partir dessas experiências, tanto minhas quanto dos participantes na oficina de ‘Disciplina Criativa’.

Escrevendo e buscando fontes, peneirando e escolhendo

Foi o sucesso de todas essas experiências que me encorajou a escrever e juntar histórias terapêuticas e a continuar a manter notas documentando o seu uso e efeito. As histórias e as notas foram empilhadas em caixas e ga-

vetas e eu comecei, aos poucos, a transferi-las para o meu confiável laptop. O resultado final é este livro.

Neste estágio, é provavelmente importante enfatizar que nem todas as minhas histórias foram impressas. Algumas histórias foram rabiscadas e digitadas e depois seguiram direto para a cesta de reciclagem. Outras foram colocadas num arquivo para acumular poeira. Algumas dessas foram retrabalhadas muitos anos depois — *de qualquer modo, não jogue nada fora!*

Pode haver muitas razões para uma história não 'funcionar', mas é uma experiência que vale a pena tentar, e tentar, e tentar novamente. Estou convencida de que escrever histórias sem valor é uma parte importante do processo de aprendizagem. Às vezes, uma história foi tão desastrosa que após contá-la uma vez em meu Jardim de Infância, em vez de repeti-la por vários dias (normalmente um ritmo maravilhoso para contação com crianças pequenas que se enriquecem com a repetição) eu voltei no dia seguinte e contei um adorado conto popular pelo resto da semana. Talvez a história não tenha 'funcionado' porque era muito longa, ou talvez o enredo da história era muito sem graça, ou muito complexa? Ou talvez houvesse muita descrição ou atividade insuficiente?

A parte seguinte oferece uma estrutura para explorar as questões acima, mais outros aspectos da estrutura da história e muitas dicas para a elaboração de histórias.

PARTE II

Escrevendo Histórias Terapêuticas

O objetivo desta seção é compartilhar um modelo de construção para a elaboração de histórias que tem me ajudado e a muitos participantes de workshops a criar histórias curativas para crianças; entretanto, antes de iniciar uma exploração da escrita de histórias terapêuticas, algumas questões fundamentais sobre 'história e comportamento' precisam ser consideradas.

4

'História' e 'Comportamento'

O que é uma história?

Acredito que 'história' é tão difícil de definir quanto um ser humano ou uma árvore ou um arco-íris. Isso é porque ela é viva? 'História', como vida, é difícil de definir ou categorizar.

Você pode procurar a definição de 'história' em um dicionário, mas pode encontrar como eu algo relativamente enxuto:

Um pedaço de narrativa, um conto de qualquer extensão, contado ou impresso, em prosa ou verso; de eventos fictícios ou não...

Uma abordagem mais 'viva' é tentar descrever história de uma maneira metafórica ou imaginativa. Os seguintes exemplos mostram que pode haver muitas metáforas diferentes e todas elas contribuem para enriquecer a nossa compreensão do que é uma história. Depois de conhecê-las você pode considerar valioso criar a sua própria metáfora.

Algumas metáforas para 'história'

Como vimos no capítulo 3, os Boxímanes (exploradores da mata) ou o povo 'San' da África do Sul comparam uma história com o vento, acreditando que ela venha de um lugar distante.

Essa descrição captura o coração ou o 'sentimento' de uma experiência de contação de histórias e parece dizer muito em poucas palavras. As histórias

são uma das ferramentas de sobrevivência dos Boxímanes, influenciando ações essenciais em sua vida cotidiana, especialmente a caça, informando a respeito de animais do deserto que os conduzem ao alimento e à água. A relação de uma história com o 'vento' liga diariamente o mundo imaginário ao mundo físico.

As mulheres 'Xhosa' que frequentam o treinamento de contação de histórias para a primeira infância na Cidade do Cabo comparavam uma história nutritiva com uma panela repleta de alimento saudável. Elas achavam essa metáfora maravilhosa quando tentavam listar os ingredientes necessários para escrever (cozinhar) a história 'nutritiva' para criança nessa 'panela'. Elas sugeriam que até mesmo poderia haver um segundo recipiente ou panela que contivesse todos os temperos — humor, adivinhações, 'magia', canção ou rima — possíveis de se adicionar a uma história.

As imagens de 'água', com suas muitas metáforas, são uma forma maravilhosa de descrever a natureza na história. Histórias são tão importantes para a vida da alma, quanto a água para o bem-estar do físico. Elas podem rejuvenescer e são vitais para o crescimento e desenvolvimento sadios. Quando nada mais consegue encontrar caminhos, as histórias chegam direto ao coração, direto ao ser; assim como a água encontra um caminho por entre uma rachadura de parede. Muitas histórias juntas fazem um 'bem' para a vida das pessoas, permitindo-lhes mergulhar e continuar sua jornada, reanimadas e revigoradas.

Outra metáfora para 'história', é 'remédio'. C.P. Estés, em seu livro, *Mulheres que correm com lobos*, usa a história-remédio para ajudar as mulheres a se reconectarem com o *self* instintivo. Anita Johnston, em seu livro *Eating in the Light of the Moon* (Comendo à Luz da Lua), usa histórias medicinais para curar transtornos alimentares. Esses livros proporcionam uma leitura maravilhosa, eles trazem consigo a sabedoria dos mitos e das histórias folclóricas para curar os males da alma e do corpo.

As histórias como remédio naturalmente se relacionam ao tema deste livro; sua sabedoria curativa ou terapêutica tem sido compreendida e usada durante toda a história da humanidade. Milhares de anos de conflitos humanos produziram uma multiplicidade de narrativas que frequentemente vivem em muitas dimensões, com mensagens curativas e significados que alcançam o divino a partir do cotidiano.

O que é uma história terapêutica?

Todas as histórias têm um potencial curativo ou terapêutico. Se uma história faz as pessoas rirem, a risada pode ser curativa. Se uma história as faz chorar, isso também pode ser curativo. Contos de fadas e folclóricos, com seus temas universais e desfechos, têm possibilidades curativas. Eles podem oferecer esperança e coragem para enfrentar os desafios da vida e ajudar o ouvinte a encontrar caminhos para continuar.

David Suzuki, um ambientalista mundialmente reconhecido, sugere que as histórias podem ajudar a 'curar' nossa Terra construindo uma conexão espiritual com o 'lugar'. Por exemplo, se uma simples história da natureza pode ajudar a conectar as crianças a sua mata local, elas podem ficar mais conscientes da necessidade de preservá-la quando ficarem adultas. Por meio de histórias, uma relação holística com o meio ambiente pode ser desenvolvida e fortalecida.

A própria experiência de ouvir uma história, não importa o conteúdo, pode ser 'curativa'. A contação de histórias usada de forma regular nos programas escolares pode ajudar a desenvolver e fortalecer a concentração das crianças e ativar sua imaginação. Esses efeitos são um bálsamo curativo na modernidade, quando crianças, frequentemente, passam muitas horas passivamente assistindo à TV e a DVDs. Potencialmente, todas as histórias são curativas; porém, determinadas histórias podem ajudar ou curar determinadas situações. Essas histórias para o propósito deste livro são descritas como 'terapêuticas'. De acordo com a definição de curativo — restaurar a saúde; propiciar o equilíbrio; tornar pleno ou perfeito —, citada anteriormente, as histórias terapêuticas podem ser descritas como aquelas que ajudam a recuperar o equilíbrio perdido ou recobrar o senso de completude. Quando professores, psicólogos, pais, avós (ou qualquer adulto responsável pela criança) usam uma história curativa com crianças, a história tem o potencial de trazer o comportamento ou situação de volta ao equilíbrio.

O que é comportamento?

A palavra 'comportamento' em relação à criança significa simplesmente um 'modo de agir de uma criança'. Isso tanto pode ser positivo (cooperativo, prestativo, participativo, cordial, confiável, honesto etc.) como negativo (agressivo, desonesto, preguiçoso, desrespeitoso, ganancioso, irritante etc.).

Influências no comportamento de crianças

O comportamento da criança pode ser influenciado por muitos fatores:

- Idade e fase de desenvolvimento — físico, cognitivo, social e emocional.
- Individualidade (temperamento, personalidade etc.).
- Bagagem cultural.
- Atendimento às necessidades básicas (a criança está se comportando inapropriadamente porque está faminta, com frio, cansada etc.?).
- Estado de saúde/bem-estar.
- Ambiente familiar.
- Creche, pré-escola ou ambiente escolar.
- Presença ou ausência de rotinas e segurança — tanto em casa como no ambiente escolar.
- Outros adultos, outras crianças, familiares.
- Como a criança aprendeu o comportamento no passado — exemplo: se grita alto, está de mau humor, sempre consegue o que quer; então isso pode transformar-se num comportamento 'aprendido', internalizado.

Todas as crianças podem demonstrar comportamento indesejável ou inapropriado a qualquer tempo. Na verdade, algumas formas de comportamento consideradas problema são simplesmente uma resposta apropriada da idade para situações ou estímulos específicos. É normal para uma criança de dois anos ter acessos de raiva quando limites são impostos. É normal para uma criança de três anos, às vezes, levar para casa um brinquedo da escola

— isso não é furtar, mas um inocente 'pegar emprestado' —; pode indicar a necessidade de criar uma separação entre as duas realidades. É um comportamento normal para seis ou sete anos tornar-se um pouco furtivo, fingido e até mesmo desonesto. Isso não significa que o educador deva aceitar tais comportamentos; é importante que todos os adultos que trabalhem com crianças tenham uma compreensão das fases de desenvolvimento e das 'normas'. Isso pode ser encontrado em livros de educação, de orientação para pais sobre o desenvolvimento da criança e da psicologia¹ infantil.

Contexto e relacionamentos

A maior parte das influências no comportamento da criança encontra-se em duas categorias principais — contexto e relacionamentos. Cada criança existe e se desenvolve dentro de uma intrincada combinação de ambientes e redes — família, escola, comunidade e mundo. Um determinado comportamento raramente pode ser considerado isoladamente.

Primeiramente, os contextos de como, quando, onde e por que determinado comportamento ocorre são importantes fatores que precisam ser levados em conta. Geralmente, se uma criança está com fome e/ou cansada, um comportamento impertinente é previsível e justificado. Se uma criança tem dores musculares crônicas nas pernas, e seus pais/professores não identificaram isso (e a criança não é capaz de dizer que está com dor), então essa criança pode bater em qualquer outra que chegar muito perto. Consequentemente, ela pode ser incorretamente diagnosticada como uma criança com tendências agressivas.

Certa vez, ouvi a respeito de um garoto de quatro anos que estava se comportando de forma inapropriada e tola durante o recreio na pré-escola, particularmente quando seus colegas divertiam-se numa brincadeira de lama e água. Ao consultar os pais, descobriu-se que esse garoto ficara traumatizado seis meses antes por causa de uma enxurrada de lama que entra-

¹ Por exemplo: Rahima Baldwin Dancy, *Você é a Primeira Professora de Seu Filho* (veja Apêndice 1: Livros recomendados).

ra pela porta dos fundos da casa. Embora a família tivesse recentemente mudado para uma casa nova na cidade, a criança não chegava perto de lama ou de água e ficava muito perturbada ao deparar-se com uma delas. O pai da criança frequentou um de meus workshops de histórias terapêuticas e inventou uma história sobre uma família que vivia num 'chalé de bambu' que sempre parecia ficar cheio de água lamacenta quando chovia (a história era muito leve e bem-humorada). Finalmente, essa família fez as malas e mudou-se para outra cidade e foi viver numa casa com paredes fortes, sistema de drenagem e uma cerca alta e agora estava protegida da água que viesse a entrar na casa. Os pais contavam essa história para seu filho várias noites antes de dormir; o garoto a adorava e pedia que repetissem-na. Semanas depois, relatou-se que ele estava brincando alegremente durante o recreio e parecia estar se divertindo com a nova descoberta da lama, da areia e da água.

Outro exemplo da influência do contexto no comportamento foi o de um garoto no meu Jardim que testemunhou um incêndio derrubar metade de sua casa.

Em segundo lugar, o relacionamento da criança com outros no grupo e/ou com a família pode ter uma influência no comportamento. A criança entrou numa determinada classe ou a família recentemente se mudou para um novo bairro? Frequentemente, há um comportamento padrão que as crianças podem demonstrar nesses novos relacionamentos — uma criança mais extrovertida pode entrar num grupo novo e conquistar seu lugar com comportamentos exibicionistas, enquanto uma tímida pode comportar-se como vítima e carente. Isso exige, nas primeiras semanas ou meses, compreensão do professor/pais e alguma atenção para ajudá-la a se adaptar. É importante algum tempo para permitir que esse comportamento se 'estabilize' e 'volte ao normal'. Não significa que professores/pais ignorem um possível comportamento desafiador. Eles precisam observar e estar atentos às dinâmicas sociais nos grupos de crianças. Especialmente, precisam estar conscientes de quaisquer sinais de *bullying*. Na história do Caminhão Vermelho (veja página 226), pode se encontrar um exemplo de como um professor lidou com um *bullying* contra uma garota de oito anos que recentemente entrara na sala. Recomenda-se ler o trabalho de Kim-John Payne sobre inclusão social e *bullying* (ver site no Apêndice 1).

Outro exemplo do efeito dos relacionamentos no comportamento é quando a criança é uma das mais novas da família. Professores de Jardim frequentemente observam que as crianças mais novas da família trazem para a escola o comportamento que experimentam com os mais velhos — provocação, *bullying*, palavrões etc. Embora as histórias possam ter potencial de ajudar, podem precisar de uma complementação como uma visita do professor à casa e algumas estratégias para toda a família.

Em terceiro lugar, o relacionamento do adulto com a criança e com a situação pode causar um impacto no que é chamado de 'comportamento desafiador'. A história 'O Ursinho Koala' (veja página 286) foi escrita por uma mãe que estava angustiada porque seu filho de quatro anos estava se comportando 'mal' no Jardim e não queria se separar dela. Quando a história ajudou a esclarecer que, na verdade, era a mãe que não queria se separar do filho, ela percebeu que a acusação de seu filho estar se comportando mal era incorreta. A realidade da situação era que a mãe não tinha enfrentado seus próprios medos de ser abandonada quando criança; sentia-se culpada por trabalhar período integral quando o garoto era mais novo e constantemente o deixava com uma babá. A história curativa ajudou a trazer clareza para o seu pensar e um equilíbrio mais saudável para o relacionamento com seu filho. Ela o manteve em casa por mais um ano e ele iniciou a escola alegremente na idade de cinco anos. Às vezes é o comportamento do pai ou do professor que precisa ser considerado!

Outras influências de adulto/família podem originar-se de pais recentemente separados ou novamente casados resultando, respectivamente, em famílias divididas e/ou novos enteados. Em uma situação de visita à casa, revelou-se que as três crianças (uma delas enteada) estavam constantemente brigando e gritando para conseguir a atenção da mãe. A mãe estava num estado extremamente depressivo, em suas próprias palavras, 'sem valor algum como ser humano'. O comportamento difícil das crianças tinha uma relação direta com a mãe estressada e deprimida. Escrevi uma história para essa mãe para ajudá-la a redescobrir sua beleza interior (veja 'A Linda Rainha', página 198). A história não apenas ajudou a mãe a sentir-se melhor a respeito de si mesma, mas, depois de muitas leituras, decidiu compartilhá-la com seus filhos de treze, nove e cinco anos. Eles quiseram ouvi-la repetidas vezes. A história era apenas uma estratégia no longo caminho da terapia familiar e ajudou a

família a iniciar um ritual para a hora de dormir. A mãe relatou que finalmente havia um momento do dia em que a família sentia-se novamente em 'equilíbrio'.

Avaliando a influência do adulto no comportamento de crianças

É importante continuamente avaliar sua maneira de lidar com o cuidar de forma a certificar-se de que não está contribuindo com o comportamento difícil, por exemplo: suas expectativas combinam com a idade da criança e seu estágio de desenvolvimento? O currículo escolar atende às necessidades da criança? Suas atividades diárias são planejadas e organizadas? É importante também verificar se você está trabalhando com as estratégias que ajudam a promover um bom comportamento.

A lista, a seguir, pode ajudá-lo (e aos pais, professores, cuidadores no ambiente da criança) com essa avaliação:

- Você dá exemplos de bom comportamento?
- Você dá exemplos de linguagem respeitosa e adequada?
- Você dá exemplos e ensina bons modos?
- Você estabelece limites claros, justos e consistentes?
- Você percebe e estimula comportamento desejável?
- Você distrai as crianças e redireciona os comportamentos negativos delas quando possível (de um jeito a 'cortar pela raiz')?
- Você ignora (ou alimenta) comportamentos que buscam atenção?
- Você dá 'mensagens ambíguas' ao lidar com comportamentos inadequados – isto é, dizer uma coisa, mas fazer outra? Por exemplo, dizer à criança: 'Se você continuar reclamando, nós não vamos ao parque', enquanto coloca os sapatos da criança preparando-se para sair.
- Você tem qualidade de tempo para e com cada criança a seus cuidados?
- O dia da criança é repleto de compromissos que não lhe permite ter tempo livre para brincar?

Identificando comportamento 'desafiador'

Mesmo utilizando todas as estratégias acima, uma criança pode apresentar um comportamento que requer um olhar individual e mais atento. Um comportamento 'difícil' ou 'problemático' ou 'desafiador' frequentemente é mais do que uma perturbação ou irritação de curto prazo. Em nosso papel de cuidador, geralmente 'sabemos' se uma criança está apresentando um comportamento desafiador porque lidar com isso pode consumir um bom tempo do cuidador e energia emocional!

Mais formalmente, os psicólogos de crianças oferecem descrições extensas do comportamento difícil ou 'desafiador'. De acordo com os propósitos deste livro, isso foi resumido nos seguintes pontos.

Comportamento difícil ou desafiador pode ser:

- Comportamento que infringe, prejudica ou fere injustamente os direitos de outros;
- Comportamento que danifica o meio ambiente ou outros seres vivos;
- Comportamento que apresenta um claro risco de prejuízo para a criança;
- Comportamento típico que ocorre muito frequentemente ou além da idade em que se espera que uma criança aprenda a reconhecer opções mais adequadas;
- Comportamento que interfere na habilidade da criança em aprender e processar informação ou impede a criança de usar habilidades já aprendidas;
- Comportamento que interfere na habilidade da criança de interagir;
- Comportamento adequado em hora e lugar errados (por exemplo, jogar bola dentro de casa, cantar ou rir alto na biblioteca da escola);
- Comportamento que é visto como um problema consistente por mais de uma pessoa.

O comportamento desafiador pode ser classificado mais adiante como 'transtorno' (ex.: Transtorno de Déficit de Atenção, comumente conhecido como 'TDA') se um conjunto padrão de problemas apresentar severidade relativa, se existirem ocorrências múltiplas, se continuar por um longo período e se interferir no 'desenvolvimento normal'. Crianças com suspeita de transtornos de comportamento deveriam ser encaminhadas a um grupo de especialistas para diagnóstico. Para ter uma visão mais completa, os professores da criança e todos seus cuidadores relevantes deveriam, quando possível, ser incluídos na discussão e no processo de diagnóstico.

Descrevendo um comportamento desafiador específico

Descrições de comportamentos devem ser claras e precisas. Rótulos como 'tímido', 'medroso', 'destrutivo' ou 'não cooperativo' dificultam compreender o que precisa ser mudado e qual poderia ser a mudança desejada. Mais importante, quando consideramos a criação de histórias, descrições específicas ajudam a escolher as metáforas adequadas a determinados comportamentos. Pode ser um exercício útil listar os seguintes itens:

- Quem está apresentando o comportamento (e, se pertinente, quem mais está envolvido)?
- Qual é o comportamento?
- Quando o comportamento ocorre?
- Onde ele ocorre?
- Como esse comportamento se manifesta?

Os quadros, apresentados nas páginas 78-81, foram compilados com exemplos de comportamentos desafiadores e desejáveis – tanto em casa, como na escola/creche.

Rótulos e categorias

Quando contemplamos uma história para atender um comportamento desafiador, não deveria ser uma questão de mudar um 'mau comportamento' para 'bom comportamento' por meio de uma história; ou crianças 'desobedientes' transformadas em 'boas' crianças. Trata-se de tentar restituir o equilíbrio ou integridade do comportamento ou da situação. Meu conselho enfático para você que está de 'parteira' desse processo é que fique atenta aos rótulos. Não é saudável para as crianças serem rotuladas e, ainda assim, pode acontecer facilmente e com resultados negativos. Conheci um menino que foi erroneamente rotulado de 'desonesto' pelos professores da escola e com o tempo ele acabou por 'transformar-se' no rótulo. Quando entrevistado pelo Conselho da escola anos depois, ele revelou: 'Se é para eu ser acusado de cada furto que ocorre na sala de aula, então posso me beneficiar gastando o dinheiro.'

Para facilitar a referência a histórias de comportamentos comumente identificados, achei necessário, neste livro, usar categorias gerais tais como: 'ganancioso', 'preguiçoso', 'tímido', 'inquieto' nos capítulos relativos a elas. Essas categorias poderiam erroneamente ser usadas para descrever ou rotular uma criança. Não foi essa a minha intenção. As categorias podem ser lidas como uma forma de trazer o problema comportamental para 'dentro' da criança, em vez de considerá-lo parte de todo um contexto e de relacionamentos. Uma vez mais, essa não foi minha intenção. Uma descrição de determinado comportamento deveria relacionar-se apenas ao comportamento e não deveria ser confundida com a própria criança.

Também precisamos nos lembrar de que nosso julgamento se tal comportamento é 'bom' ou 'mau', 'adequado' ou 'inadequado' poder ser muito subjetivo. Somos influenciados por nossas próprias crenças, atitudes, bagagem cultural, experiências passadas (incluindo nossa própria educação), combinado aos nossos relacionamentos pessoais e compreensão da criança e da situação. Compartilhar nossas experiências com outros pais/professores/conselho pode ajudar a dar mais objetividade.

Do desequilíbrio ao equilíbrio

Uma intenção de transformar ou 'curar' um comportamento desafiador deveria ser vista como um contínuo retorno ao equilíbrio (por exemplo, 'descuidado' para 'mais cuidado'; desorganizado para mais organizado; inquieto para assentado; desonesto para honesto), e não como uma mudança de uma criança 'má' para uma 'boa' criança.

Se uma criança de quatro anos está demonstrando um comportamento exigente e queixoso – e a família acabou de se mudar para uma casa ou um bebê nasceu – uma história para ajudar a criança exigente a adaptar-se à nova situação poderia ajudar a restabelecer o equilíbrio na vida familiar (veja página 245, 'Nada Novo').

Se crianças de cinco anos estão com o hábito de jogar seus brinquedos pela sala de aula, uma história imaginativa que dá vida aos brinquedos pode restaurar o equilíbrio respeitoso e atencioso. A história poderia construir a imagem de uma boneca que gosta de ser ninada e alimentada (não arremessada), de uma panelinha e de uma colherzinha amáveis que ajudam a preparar a refeição para a boneca (não jogadas ao chão), um carrinho que gosta de levar a boneca para passear (e não de atirá-la)... Mas e quanto aos brinquedos que ficam fora da sala? Uma bola que ama ser jogada para cima tão alto quanto o céu. Ao final da brincadeira, a bola é trazida de volta e encestada na caixa para descansar ao lado da boneca e dos outros brinquedos. Uma pequena rima para cada brinquedo poderia ser útil ao adulto para usá-la durante as brincadeiras:

*Sou uma bonequinha (carro etc.) e todo mundo sabe
Que eu amo ser ninada (empurrada etc.) mas nunca jogada!*

Se as crianças de seis anos continuamente jogarem lixo no jardim, esse comportamento poderia ser corrigido pelo professor contando e dramatizando a história 'A Vovó e o Burrinho' (veja página 153). A metáfora de cuidar da 'natureza-criança' e de criar formas de ajudá-la a se tornar bela pode causar grande impacto nas crianças. Isso pode ajudar a transformar seu comportamento.

Se uma criança de oito anos é pega roubando continuamente, uma história tocante, com grandes detalhes, que aborda o comportamento de furtos e suas consequências pode ajudá-la a se equilibrar e compreender a situação (veja página 139, 'O Dingo Desonesto')*.

A tapeçaria da disciplina

O principal objetivo deste livro é ajudá-lo a usar histórias curativas para comportamentos desafiadores de uma maneira sutil, porém eficiente. Neste capítulo, várias estratégias foram descritas para ajudá-lo a compreender e identificar os diferentes tipos de comportamento. No próximo capítulo, ofereço um modelo para ajudá-lo a encontrar metáforas e construir histórias para diversos comportamentos e situações.

Como mencionado anteriormente, a contação de histórias é uma das muitas abordagens e estratégias possíveis para lidar com comportamentos desafiadores, entretanto não é capaz de resolver todos os problemas. Para formar uma imagem completa, é necessário um estudo da complexa 'tapeçaria da disciplina'. As histórias são como os fios dessa tapeçaria, mas se os fios da urdidura não forem resistentes, o tecido pode romper-se. Trabalhar com histórias curativas sem qualquer 'fundamentação' pode deixar os fios da história pendurados no ar e o esforço da criatividade pode se perder.

Essa tecitura de metáforas pode ser útil para encontrar uma abordagem compreensiva de como lidar com o comportamento de crianças, e proporcionar muitas estratégias. As linhas fortes da urdidura incluem ritmo, rotina e consistência, aceitação, respeito, estabelecimento de limites, preparação e organização e muitas outras formas de ajudar a promover um comportamento positivo (veja lista anterior). As linhas da trama também são numerosas. Assim como a 'linha' imaginativa da contação de histórias, a tapeçaria da disciplina pode ser colorida e enriquecida com humor, jogos, canções, rimas, rituais familiares, festas e eventos comunitários.

* N.T. — O **dingo**, *Canis lupus dingo*, é uma subespécie de lobo, assim como o cão doméstico, originária da Ásia e que se encontra atualmente em estado selvagem na Austrália e sudeste asiático.

Descrevendo um comportamento 'desafiador'

QUEM?	O QUÊ?	QUANDO?	ONDE?	COMO?
1) Menina 5 anos	Medo de ser deixada sozinha em qualquer lugar da casa	Dia e noite	Em casa	Pendura-se na mãe ou no pai – quer alguém com ela sempre que vai a diferentes lugares – ex.: ao banheiro/ ao seu quarto
2) Menino 8 anos	Irresponsável com facas	Quando deixado sozinho	Em casa	Usa facas afiadas para cortar a mobília, árvores, travesseiros etc.
3) Menino 4 ½ anos	Continuamente reclama e choraminga	Horário de brincar dentro e fora com o professor	Na escola	Fica perto do professor, reclama de não ter amigos, lamenta-se (choraminga) do tédio durante o dia no Jardim/Creche
4) Toda a classe 6 anos	Falta de cooperação na hora da limpeza	Após o chá da manhã e o almoço	Na escola	As crianças tentam correr ou se esconder em vez de ajudar a varrer o chão, limpar

Descrevendo um comportamento 'desejável'

QUEM?	O QUÊ?	QUANDO?	ONDE?	COMO?
1) Menina 5 anos	Confiante para explorar novos espaços e estar sozinha	Durante o dia	Em casa	A criança ganha confiança para aventurar-se e ser capaz de ficar sozinha em lugares da casa, durante o dia (criança muito pequena para esperar que adquira confiança no escuro)
2) Menino 8 anos	Uso responsável e construtivo de usar facas e outros instrumentos cortantes	Quando deixado sozinho	Em casa	Usa faca e cinzel para entalhar madeira. Usa faca para cozinhar – cortar legumes, frutas etc.
3) Menino 4 ½ anos	Para de reclamar – envolve-se com o brincar	Na hora de brincar dentro e fora de classe	Na escola	Para de pendurar-se no professor – envolve-se com outras crianças e começa a interagir com outras crianças e pode participar de um programa Waldorf durante o dia
4) Toda a classe 6 anos	Cooperação na hora da limpeza	Após a refeição da manhã e o almoço	Na escola	As crianças gostam de varrer e de limpar. As crianças, no ano passado, agiam serenamente na hora da limpeza

Usando a história para transformar o comportamento 'desafiador' em 'desejável'

(Obs.: a estrutura para escrever essas histórias é explorada no próximo capítulo)

QUEM?	O QUÊ?	HISTÓRIA	RESULTADO
1) Menina 5 anos	Medo de ser deixada sozinha em qualquer lugar da casa	Sobre uma 'Garota Estrela' que desce do céu para o quarto da criança à noite através da janela. A 'Garota Estrela' torna-se amiga especial da criança	A mãe fez uma 'boneca estrela' como um recurso para a história e um colar de estrela para pendurar num gancho na cozinha — sua filha começou a usá-lo; com ele pendurado ao pescoço, ela começou a ir ao banheiro sozinha e também a aventurar-se a ir a outros lugares da casa
2) Menino 8 anos	Irresponsável com facas	Descreve um menino deixado sozinho utilizando um canivete de muitos modos destrutivos e as consequências. Isso é seguido de um sonho e um castelo entalhado na madeira (veja página 148 'O Canivete e o Castelo')	O menino experimenta a alegria de criar algo belo, entalhando madeira. Ele é motivado a usar seu canivete para construir ao invés de destruir ou danificar coisas

3) Menino 4 1/2 anos	Continuamente reclama e choraminga	Sobre uma jovem baleia tão ocupada em reclamar que se perde e fica presa numa lagoa rasa; ela é finalmente resgatada graças ao seu canto (veja página 129, 'A Baleia Resmungona')	O professor usa as rimas e a canção da história para lidar com o comportamento (choramingar) do pegajoso de forma leve. Os resmungos da criança são substituídos por um uso mais construtivo da voz — ela começa a copiar as rimas e a canção. A criança se desprende do professor lentamente e se envolve nas atividades
4) Toda a classe 6 anos	Falta de cooperação na hora da limpeza	Sobre três homens que se revezam no uso da vassoura — um não podia ser incomodado, um é muito rápido e agressivo e um é cuidadoso e envolvido na tarefa (veja página 256, 'A Vassourinha de Palha')	O professor apresenta a história com fantoques. As crianças interpretam a história usando chapéus coloridos e levam essa atividade para o brincar e para a hora da arrumação — o comportamento do 'chapéu dourado' torna-se agradável e é incentivado pelo professor e pelo grupo

A complexa tapeçaria da disciplina requer outro livro (meu próximo projeto?) dedicado a explorar as variadas e ricas linhas. Este livro, entretanto, deve limitar-se apenas ao caminho iluminado das histórias curativas.

5

Um modelo de construção para a escrita de histórias

Como ficará bem claro agora, meu modelo de construção para a escrita de histórias terapêuticas (curativas) trabalha com uma estrutura em três partes: 'Metáfora', 'Enredo' e 'Resolução'. Para ajudá-lo como escritor, eu gostaria agora de identificar e discutir essas partes separadamente, embora elas se mesquem intrinsecamente para criar a história acabada.

A estrutura aqui apresentada é apenas uma das abordagens possíveis. Por favor, não a veja como o único modo de escrever histórias. Use-a como ponto de partida para a elaboração de histórias. Ela também pode ajudá-lo na análise de histórias existentes, o que a longo prazo pode ajudar na criação de histórias novas.

Em primeiro lugar, você precisa ser claro sobre o que está tentando alcançar. Ao escrever uma história curativa, é de ajuda a seleção cuidadosa de metáforas terapêuticas, assim como a construção de um enredo ou busca que se adapte à necessidade da situação e à idade da criança. A história não deve tentar moralizar ou induzir culpa — nunca é demais enfatizar isso! O objetivo é simplesmente refletir sobre o que está acontecendo e, por meio das 'metáforas' e 'enredo', fornecer meios aceitáveis de lidar com o comportamento e/ou chegar a uma solução realista. Uma história curativa deveria, tanto quanto possível, deixar o ouvinte livre para chegar a uma conclusão própria — dessa forma permite-se que o 'poder da história' seja deixado para a própria obra, como sugere Bem Okri: 'em silêncio, de forma invisível'.

Metáfora

O uso da metáfora¹ é ingrediente vital na elaboração da história terapêutica. As metáforas ajudam a construir a conexão imaginativa para o ouvinte. Como parte integrante do enredo, elas frequentemente desempenham tanto os papéis negativos (os obstáculos, tentadores e tentações que desequilibram o comportamento ou a situação) quanto os papéis positivos (ajudantes ou guias que levam o comportamento/situação de volta à integridade ou equilíbrio). O quadro 'Metáforas na Elaboração de Histórias', nos dá alguns exemplos disso, mas primeiro será útil olharmos para um exemplo.

Tente imaginar o seguinte: uma história é escrita para uma criança que está beliscando outras crianças, mas ela não contém uma metáfora criativa — em outras palavras trata diretamente de uma criança que sempre belisca outras crianças e que aprende a parar quando as outras crianças se recusam a serem suas amigas. Se essa história é contada na classe, como ela não contém metáforas para ajudar a 'impulsionar' os ouvintes para sua imaginação, o grupo provavelmente tentará descobrir sobre quem é a história e, de repente, o professor poderá ser interrompido por alguém gritando 'Rebecca faz o mesmo, ela belisca todo mundo!'

Vamos tomar agora o mesmo exemplo e criar uma história com metáfora. Começar com uma 'analogia' pode ajudar a encontrar um atalho para a elaboração da história. 'Uma criança que belisca é como um caranguejo que pinça'. Então, retire o 'como se' e 'é como' e nossa história pode começar.

Era uma vez um pequeno caranguejo que não era muito popular. Seus amigos estavam cansados dele que estava sempre mal-humorado e usava suas pinças para atacá-los e feri-los...

Agora, na história surgem algumas das metáforas de 'obstáculo' — polvo, peixe, estrela e gaivota. São os amigos que estão com raiva e tramam

¹ Em resumo, metáfora significa ver uma coisa como outra, enquanto símile envolve uma comparação mais consciente de uma coisa com outra, expressa na palavra 'como'. Uma metáfora para uma árvore esguia poderia ser: 'A árvore é uma bailarina que se dobra'. A comparação, que envolve de algum modo certo distanciamento, seria: 'A árvore é como uma bailarina que se dobra'.

algumas punições desagradáveis para o caranguejo. Depois, entra a tartaruga como a sábia ajudante. Uma outra metáfora que ajuda no enredo da história são as algas protetoras que mantêm as pinças do caranguejo aquecidas e confortáveis. A resolução é o 'autodesenvolvimento' do caranguejo, que aprende a manter suas pinças sob controle — com o tempo as proteções caem, as ondas os levam para o mar, e o caranguejo torna-se capaz de brincar com seus amigos sem feri-los.

Essa história sobre 'Caranguejo Carrancudo' (veja página 191) foi usada com sucesso por uma terapeuta e professora para esse tipo de comportamento. Depois que a história foi contada pela primeira vez na classe, uma 'criança beliscada' pediu que a professora trouxesse luvas para aquele que beliscava. Este aceitou alegremente usar as luvas. A história havia apresentado essa ideia por uma luz positiva, e não como uma punição.

A tabela a seguir (veja páginas 94-99) lista metáforas usadas em algumas histórias terapêuticas neste livro. Trata-se apenas de um guia — as qualidades imaginativas da metáfora fazem-na difícil de ser escolhida e categorizada. Você notará isso num exemplo, 'A História dos Brownies', um dos 'obstáculos' é também um dos 'guias' — o enigma é um obstáculo, mas uma vez resolvido pelo menino, ele se torna um guia para sua nova tarefa de se tornar um Brownie ajudante. Na história das 'Botas de Tembe', não há obstáculos, apenas uma leve mudança quando chega a hora do descanso e as botas precisam esperar fora da sala. Nessa história, o enredo é simplesmente uma repetição das botas como 'amigos íntimos'.

Como um exercício no entendimento do uso da metáfora na elaboração de histórias, sugiro que você leia algumas outras histórias do livro e então preencha as linhas em branco da tabela, identificando os obstáculos e os ajudantes (mas você pode também encontrar uma história que não contenha metáforas que se encaixem nessas categorias!).

Dicas para a escolha de metáforas

Ao escrever uma história que se destine a um comportamento específico, indicações para metáforas para o personagem principal podem, às vezes, vir da descoberta de um animal, pássaro, inseto ou objeto correspondente

que tenha um comportamento similar — por exemplo, o caranguejo que belisca ou pinça (um cordeiro ou um pombo não funcionaria como uma metáfora para o beliscar!); pelicano irritante; o pônei vermelho irrequieto; o gato que coça; o gnomo barulhento.

Ao escrever uma história para uma criança específica, as metáforas podem também ser encontradas ao usar o animal ou brinquedo favorito da criança, ou obter indicações do ambiente ao seu redor. A criança tem uma paixão por cães, cavalos ou pelo mar e os veleiros? Ela mora na beira do rio, na floresta ou num quarteirão elevado da cidade? Se no campo ou na cidade, que vistas e/ou experiências diárias tem a criança em seu caminho para a escola, na floresta local ou na praia?

Ao escrever uma história para todo um grupo ou classe de crianças, indicações de metáforas podem ser encontradas a partir de um tema do currículo ou do ambiente da escola local. Pode haver uma mistura de pássaros barulhentos na sala de aula. Isso poderia levar a uma história com o tema 'ouvir os outros'. Talvez haja no grupo um comportamento inadequado de cuspir. O professor poderia ligar isso com a compra recente de uma nova mangueira para o jardim da escola. Na história, que poderia ser alegremente humorística, a mangueira poderia começar a espirrar água em tudo — até mesmo no vizinho do outro lado da cerca, ou na secretária trabalhando no escritório. Finalmente, a torneira da mangueira precisa ser fechada e a mangueira precisa ser enrolada até perceber que há algumas coisas em que não se deve espirrar água!

Ao buscar indicações para metáforas, não há regras rígidas ou rápidas — as histórias não se encaixam confortavelmente em 'regras'! Às vezes, o humor pode funcionar bem — por exemplo, numa história sobre roubo, a metáfora dos 'dedos grudentos' (e um personagem com o mesmo nome) poderia levar a uma série de aventuras bizarras, em que tudo que é tocado pelo ladrão fica grudado nele. Às vezes, uma história pode chamar a atenção de uma criança pelo fato de as metáforas serem tão 'estranhas'. Escolher uma história para o comportamento de chupar o dedo sobre um macaco que está sempre chupando os dedos dos pés e mãos (e por isso acaba deixando de comer os frutos mais maduros e doces) poderia funcionar bem com uma criança que vive num país nórdico gélido e que nunca viu um macaco.

Metáforas na elaboração de histórias

História	Obstáculos, tentadores, tentações	Ajudantes, guias
Nascido para ser Rei (página 267)	Os muros do castelo; os ossos quebrados; o quarto escuro	A mulher sábia; o espelho; a luz do sol; a coroa dourada do príncipe; 'nascido para ser rei'
A Vovó e o Burrinho (página 153)	Mudar-se do campo para a cidade; a perda do contato com a natureza; jogar lixo nas ruas	A Vovó; a Criança da Natureza; burrinho; crianças
O Pelicano Irritante (página 175)	Sempre querer mais; comida facilmente acessível	Conselho dos pais do pelicano; o pescador gentil; lembrando do que os 'pelicanos' deveriam fazer de fato!
A Gambá Gananciosa (página 161)	O pássaro do caramanchão, os tesouros 'humanos' brilhantes, o tronco oco para mover; sacola para segurar 'coisas'	A beleza da natureza, mãe, orvalho, sacola para segurar o gambá bebê
O Dingo Desonesto (página 139)	O menor dingo na lixeira; poeira vermelha; fome; caverna de ossos	A chuva que limpa; a própria consciência do dingo

Jardim de Luz (página 157)	O Rei-que-não-se-importa; as minas do tesouro e castelos do tesouro; o muro alto de pedra; a bola cinza sem brilho	A tecelã da natureza; o tecido da natureza; a bola dourada brilhante; crianças
A Baleia Resmungona (página 129)	Perdendo a conexão com o grupo; penhascos; água rasa; a maré que se vai	A memória da canção da baleia; pequeno grupo de baleias; a grande onda
O Brownie ajudante (página 33)	O papai irritado; a jornada através da floresta escura; a coruja e o enigma	A vovó; a coruja e o enigma; a realização do garoto por ajudar nas tarefas
As Botas de Tembe (página 147)		As pequenas botas vermelhas; repetição de 'amigos todos juntos'

Você precisa exercitar o pensar na escolha de metáforas. Uma colega uma vez escreveu uma história para uma criança cuja mãe havia ido embora sem avisar e ninguém sabia quando ela iria voltar. Mesmo que essa criança tivesse um animal de estimação, escolher um animal mãe para essa história seria difícil. As mães no reino animal raramente deixam seus filhotes sozinhos. Em vez disso, essa colega escolheu usar a lua (mãe) e as estrelas (filhos) como suas metáforas. Em sua história, chamada 'Mamãe Lua' (veja página 285), ela enfatizou os filhos-estrela no céu noturno tendo que polir suas roupas de estrela para que brilhassem bastante até que a Mamãe-Lua retornasse. Aparentemente essa história ajudou os parentes assim como a criança — todos tiveram que buscar maneiras de serem fortes até que a mãe voltasse. A solução da história foi cuidadosa por não prometer nenhum retorno. Felizmente, porém, a mãe voltou cinco meses depois.

Metáforas ou sementes de histórias

Metáforas não são só usadas em histórias. Elas têm um poder ao serem usadas sozinhas, que às vezes é tão óbvio que pode passar despercebido. As metáforas ou 'sementes de histórias' podem ser ferramentas maravilhosas para ajudar na mudança de comportamento (exemplos do 'saquinho mágico' e a 'queda d'água' já foram descritos no primeiro capítulo).

Quando meu filho mais velho tinha cinco anos, ele foi para sua primeira consulta com o dentista. Eu estava muito nervosa, pois a visita ao cirurgião-dentista me trazia memórias tensas da minha própria infância. Para Kieren, porém, foi excitante. Ele escalou a grande cadeira, abriu bem a boca antes de o dentista pedir e foi examinado. O dentista, um velho indiano, contou a Kieren que um de seus dentes precisava de uma estrela prateada para torná-lo forte. Ele explicou que iria doer um pouco colocar a estrela lá dentro, mas a estrela viveria lá por muito tempo e cuidaria do seu dente fraco. "Tudo bem?", perguntou ele. Kieren, entusiasmado, afirmou com um SIM, e o procedimento começou.

Essa foi uma lição interessante para mim sobre o poder da metáfora — nesse caso, uma 'estrela prateada' ao fazer a diferença positiva na aceitação de Kieren de que se fizesse uma obturação em seu dente. Kieren com

alegria voltou ao dentista um ano depois — não foi difícil levá-lo lá. Minha única dificuldade em toda essa experiência era que meu segundo filho ficou chateado porque não obteve uma estrela também! Eu tive que convencê-lo que era melhor ter o seu próprio dente naturalmente forte e que as estrelas só eram usadas para fortalecê-los.

É pelo uso da metáfora ou 'sementes de histórias' que os poetas, escritores e políticos podem frequentemente trazer suas potentes mensagens. As metáforas são também parte de nossa vida diária, por exemplo, quando descrevemos traços de caráter ('quieto como um cordeiro', 'escorregadio como uma enguia') e ao enfatizar vários provérbios ('ver pelo em ovo', 'pegar o touro à unha', 'colocar a raposa para cuidar do galinheiro'). Na reunião semanal dos professores, um colega poderia dizer o seguinte: 'Não deveríamos deixar de remover nenhuma pedra até que o problema esteja resolvido'. Esse tipo de linguagem, com um elemento pictórico, muitas vezes causa grande impacto. A metáfora está sempre presente na linguagem, embora possa facilmente tornar-se clichê com o uso demasiado e assim perder seu poder original e extraordinário. Os poetas e contadores de histórias criativos também revivem e revigoram a linguagem em si dando-lhe energia.

Eu recomendo a você que trabalhe mais conscientemente com metáforas com suas crianças. Escolha um comportamento infantil que considere difícil no momento. Um simples exemplo: arrumar os brinquedos. Como uma imagem visual ou metáfora poderia tornar a situação diferente? Primeiramente pense em algo que tenha um caráter arrumado e metódico: um animal? Um inseto? Um pequeno elfo? Quando tiver feito sua escolha, tente criar uma pequena rima para que a criança use na hora da arrumação — por exemplo, *Tão ordeiros como elfos nos ares, colocando as coisas em seus devidos lugares...* Isso poderia estender-se a uma pequena história, com uma ou mais metáforas de 'obstáculo' que causem desarrumação e depois uma metáfora 'de ajuda' (aquela da sua rima) para restituir 'ordem' ao quarto ou casa.

Enredo

O enredo é a parte estrutural da construção da história terapêutica. Um enredo cheio de aventuras é uma forma de provocar 'tensão' e, à medida que a história se desenvolve, pode haver vários conflitos relacionados ao comportamento em desequilíbrio até o desfecho final. O uso de metáforas de 'obstáculo' e de 'ajuda' está intrinsecamente ligado com o enredo. A tensão ou conflito do enredo é normalmente criada por meio do envolvimento das metáforas de 'obstáculo' e a solução é alcançada por meio das metáforas de 'ajuda'.

Para crianças de 3 a 4 anos, o 'enredo' pode ser tão simples como usar repetição da mesma experiência, ou a repetição de uma canção ou rima em toda a história. Na história 'O Caracol e a Abóbora' (veja página 236), a canção do caracol é repetida muitas vezes enquanto ele viaja subindo a abóbora-montanha: 'Devagar, devagar, oh tão devagar, é assim que o caracol deve andar'. Em 'A Vassourinha de Palha' (veja página 256), escrita para entusiasmar ajudantes voluntários, a repetição do poema das 'migalhas' constrói a tensão do enredo. As crianças, após terem ouvido isso três vezes, ficam sedentas por uma resolução positiva para que as migalhas sejam varridas.

Outra forma de construir tensão é o uso da repetição combinada com uma sequência de personagens secundários (normalmente chamadas histórias 'cumulativas'). A repetição torna-se o mecanismo estrutural fundamental na história ao desenvolver a ação por meio de uma única imagem. A bem conhecida história 'O Nabo Gigante' é um excelente exemplo — um garotinho tenta arrancar o nabo, então chama a mãe, que chama o avô, que chama o coelho; o coelho chama o rato; e finalmente o rato chama a lagarta. Há incontáveis versões dessa história de várias culturas ao redor do mundo. Sem a crescente aparição dos personagens, a história simplesmente seria um recontar de um incidente bem insignificante — 'Um menino foi para o jardim e arrancou um nabo'.

Numa história para uma criança mais velha, o 'enredo' precisa normalmente ser mais trabalhado, por exemplo, com algum tipo de busca e com várias reviravoltas ou tarefas ao longo do caminho. Na história dos

'Brownies' (veja capítulo 2), as reviravoltas do enredo levam o ouvinte a se aprofundar no tema da história. Se a Vovó tivesse simplesmente dito ao menino que ele deveria ser o Brownie ajudante, é improvável que a criança tivesse ouvido. Em vez disso, o enredo da história leva o menino para a floresta para visitar a coruja e de volta ao lago ao luar para resolver um enigma.

Exemplos de tramas mais complexas podem ser encontrados em muitos contos de fadas famosos, tais como 'Cinderela' e 'Branca de Neve'. Alguns exemplos neste livro incluem 'O Caçador Invisível' e 'Jardim da Luz'.

Para realmente ter uma ideia dos temas, tensão e enredo em histórias mais complexas, meu conselho é ler muitas histórias infantis. Tente emprestar ou comprar coleções de histórias populares de muitas culturas diferentes. Há também sites da Internet onde vocês podem encontrar uma maravilhosa variedade de histórias (veja Apêndice 1 – Livros e sites recomendados).

Resolução

A resolução em uma história terapêutica é a restauração da harmonia ou equilíbrio numa situação ou comportamento que tenha se tornado destrutivo ou desequilibrado. É importante que a resolução seja positiva, aponte para o futuro e não induza à culpa. Por exemplo, na história 'Caranguejo Carrancudo', o comportamento de beliscar está desequilibrado e é inaceitável para os amigos do caranguejo. Com a ajuda da tartaruga, as luvas de algas, e os próprios esforços de Caranguejo, o comportamento volta ao normal. O pequeno caranguejo não é levado a sentir-se culpado pelo seu comportamento. Em vez disso, o enredo da história leva naturalmente a uma resolução determinada por si mesmo. Na história 'O Babuíno Entediado' (veja página 127), os esforços da família para encorajar a criança a sair e brincar não leva a nada. Porém a falta de interesse do jovem babuíno em brincar é claramente um desequilíbrio — você pode imaginar um pequeno babuíno querendo só ficar sentado sem fazer nada? Na situação de ser preso na gaiola do caçador, a experiência desequilibrada é levada ao extremo e então é resolvida pelo fato de o babuíno ser salvo e libertado para correr, pular e brincar. Que alívio para ele e também para o ouvinte!

Muito embora a resolução chegue ao final da história, normalmente é útil pensar nisso antes de qualquer outra coisa. Se a resolução não está clara, então é difícil saber o que trabalhar com suas metáforas e enredo.

Diferentes comportamentos e situações parecem requerer diferentes abordagens. Algumas são bem diretas — por exemplo, numa história para uma criança que está sempre reclamando e se lamuriando, a resolução óbvia é substituir a lamentação por usos mais construtivos da voz. Na história da 'Baleia Resmungona' (veja página 129), a baleia bebê acaba aprendendo a usar a voz para entoar uma bela canção de baleia.

Uma abordagem mais complexa é apresentada na história 'O Dingo Desonesto' (veja página 139). A história leva o ouvinte a uma série de roubos, segue até o fundo da 'caverna dos ossos', e termina com a chuva que limpa e revela a máscara desonesta. A solução aqui é que o comportamento desonesto transforma-se em comportamento honesto por meio da consciência do personagem principal, não por nenhum tipo de punição imposta exteriormente.

Uma solução menos óbvia ocorre numa história para uma criança com pais separados. Isso precisa de uma reflexão cuidadosa — a história não deveria oferecer mais do que o que pode acontecer na vida real — ou seja, não sugira que os pais poderiam acabar reatando! Para ajudar a planejar a resolução, você pode precisar fazer algumas pesquisas. Os pais se comunicam e compartilham o tempo com a criança? Algum pai desapareceu completamente da cena familiar? Poderia também haver alguma chance nessa história para os pais ouvirem uma mensagem e mudar seu comportamento — aprendendo sobre consistência, por exemplo, e mantendo o foco nas necessidades da criança. Talvez a história pudesse ser sobre duas árvores crescendo em jardins diferentes, espalhando sua sombra sobre a criança que brinca em ambos os lugares. A criança poderia mover-se de um jardim para o outro por um portão especial que se abre com regularidade rítmica. Talvez o portão se abra e se feche com uma canção especial? Uma mãe poderia usar essa canção enquanto leva a criança para passar um tempo com o pai e, assim, ajudar a minimizar a ansiedade que normalmente acompanha esses momentos. A história também poderia incluir uma metáfora da forte luz solar se infiltrando pelas árvores iluminando cada jardim em tempos diferentes. Talvez as árvores possam ter alguns ramos que atraves-

sem a cerca e se enganchem uns aos outros. Ou se isso for muito 'próximo', as árvores poderiam estar em cantos opostos de cada jardim, sendo o portão especial a única ligação entre os dois. Trabalhar nessas resoluções pode ser um bálsamo curativo para os pais e o terapeuta/professor, assim como para a criança.

Para a criança que está com doença terminal, não seria apropriado inventar histórias em que o doente melhora e vive feliz para sempre. O elaborador da história tem muita responsabilidade para tentar capturar o quadro geral, com a resolução levando o ouvinte a um lugar mais elevado, ou diferente daquele que seria terreno. Pais escrevendo para suas próprias crianças trabalhariam mais provavelmente a partir de suas próprias crenças religiosas e/ou filosóficas. Os professores ou terapeutas escrevendo uma história devem levar as crenças da família em consideração. Veja as histórias 'A História de Sedoso' (veja página 269), 'Regato, Deserto, Vento' (veja página 272) e 'Asa Luminosa' (veja página 277) como três exemplos.

Analizando histórias terapêuticas

As seguintes tabelas (veja páginas 94-99) poderiam ajudar a analisar as histórias existentes, seguindo o modelo da metáfora, enredo, resolução. Esses exercícios de análise podem trazer alguma clareza ao modelo para ajudar a construir novas histórias. A Tabela 1 lista alguns exemplos de histórias para diferentes tipos de comportamento. A Tabela 2 lista alguns exemplos de histórias escritas para situações específicas. Para obter o máximo disso, sugiro que você comece com cada tabela e siga as colunas, uma história de cada vez. Primeiro leia a história, então volte e preencha as colunas em branco.

No fim do livro, as Tabelas 1 e 2 estão completadas. Porém, não há respostas certas e erradas — isso só serve como guia. Você pode encontrar metáforas ou resoluções numa história particular que outros leitores podem não se envolver ou perceber. A Tabela 3 está vazia e está incluída para ser fotocopiada para seu próprio uso, ou para o uso em grupo, quando for feito *brainstorming* de ideias para novas histórias.

Tabela 1: ANALISANDO HISTÓRIAS TERAPÊUTICAS — Tipos de comportamento em geral

História	Metáfora(s)	Enredo	Resolução
As Botas de Tembe (página 147)	• Pequenas botas vermelhas • 'Todos os amigos juntos'	• Uma descrição (com muita repetição) das aventuras diárias de um par de botas	• As botas são retiradas dos pés e colocadas cuidadosamente juntas na hora do descanso, não são jogadas numa pilha bagunçada
A Vovó e o Burrinho (página 153)			
A Vassourinha de Palha (página 256)			

O Inquieto Pônei Vermelho (página 234)			
A Baleia Resmungona (página 129)			
A Zebra Impaciente (página 178)			

Tabela 2: ANALISANDO HISTÓRIAS TERAPÊUTICAS — Situações específicas

História	Metáfora(s)	Enredo	Resolução
O Ursinho Koala (página 286)	• Árvore (mundo) • O bebê faminto • A mãe cansada • As folhas suculentas • Os galhos mais altos	• A mãe e o bebê na árvore, a mãe pega no sono, e o bebê faminto escala a árvore sozinho para alcançar folhas suculentas	• O jovem koala torna-se forte e corajoso o suficiente para deixar a mãe aventurar-se pelo mundo sozinho
O Caranguejo Carrancudo (página 191)			
O Canivete e o Castelo (página 148)			

Nascido para ser Rei (página 267)	O Garoto Nuvem (página 43)	A História da Toalha (página 226)

Tabela 3: CONSTRUINDO HISTÓRIAS TERAPÊUTICAS

História	Metáfora(s)	Enredo	Resolução

Trabalhando a partir de intenções de 'ajuda'

Uma de minhas alunas de contação de histórias em Nairóbi trabalhou na Cidade das crianças SOS. No fim do módulo de treinamento, ela me pediu uma história para ajudá-la com uma criança que acabara de chegar e que se chamava Sylvia. Sylvia havia se tornado órfã recentemente, aos cinco anos, após toda a sua família ter sido morta num ataque em sua cidade.

Minha primeira reação a essa solicitação era dizer 'Não, sinto muito, não posso fazer isso'. Então, eu perguntei à aluna como ela achava que uma história poderia fazer alguma diferença em uma experiência tão horrenda na vida de uma criança. A aluna insistiu: 'Talvez uma história possa ajudar, mesmo que não cure.'

De volta à Austrália, eu trabalhei numa história simples com esse propósito — esperando ajudar na situação (veja 'Uma Boneca para Sylvia, página 276). Enviada por e-mail ao Kenya, ela foi contada para Sylvia por sua professora que, mais tarde, relatou sobre sua melhora no brincar e em sua interação com os outros. Na manhã, após ter ouvido a história, Sylvia acordou e encontrou uma boneca em sua cama, vestida com roupas bordadas com fios dourados e prateados. A boneca tornou-se a amiga especial de Sylvia.

Essa foi uma experiência de humildade, que me levou a perceber que algumas histórias podem simplesmente ajudar um pouco, mesmo quando não é possível uma solução... e o quanto seria bom se pudesse! Ela me ensinou que o elaborador da história deveria sempre trabalhar a partir de sua intenção em 'ajudar', com a bênção ocasional de que possa na verdade 'curar'. Muito embora este livro seja sobre histórias 'curativas', creio que é importante manter essa intenção de 'ajudar' no coração, e cuidar para não ter excesso de expectativas.

O valor dos 'acessórios'

O exemplo acima da 'Boneca para Sylvia' ganhou um valor adicional pelo uso de um 'acessório'. Às vezes, uma história terapêutica precisa desse tipo de estratégia. Adicionar acessórios a uma história não significa que se

precise comprar algo numa loja de brinquedos. Há magia e significado no uso de um item simples feito em casa... uma coroa de príncipe feita de lã amarela tecida com os dedos; um chapéu de feltro para um elfo ajudante ou para um *brownie*; um anel mágico de couro ou um escudo de madeira pintada como 'proteção' para uma criança molestada.

Um terapeuta usou uma história com um objeto para ajudar uma criança de cinco anos que sofria de pesadelos e tinha medo de entrar em qualquer quarto da casa sem um dos pais, mesmo durante o dia. A história era sobre uma 'menina estrela' que veio para o quarto da criança à noite pela janela e tornou-se uma amiga especial. A mãe fez uma 'boneca estrela' como um acessório para a história e a boneca foi pendurada na janela do quarto da criança. Com a sugestão do terapeuta, a mãe também fez um colar simples de estrela para pendurar num gancho na cozinha — ela encorajou a criança a usá-lo e explorar outras partes da casa. Com a estrela pendurada em seu pescoço, a criança podia começar a ir ao banheiro sozinha e também a outras partes da casa.

Uma mãe do curso de Disciplina Criativa teve uma experiência bem-sucedida com 'acessórios' com sua filha de sete anos, que havia recentemente começado a reclamar por ter de ir à escola. A mãe estava viajando como parte de seu novo emprego e sua filha tornou-se insegura pelo fato de ela estar frequentemente ausente, embora o pai estivesse em casa. A mãe inventou uma história sobre uma pequena fada do vento que podia receber mensagens pelas montanhas e pelas florestas, para frente e para trás entre amigos. Sempre que a mãe voltava para casa ela adicionava aventuras a essa história. Como acessório, ela costurou uma pequena boneca de feltro com asas brancas. A criança começou a levar a boneca para a escola — e ela cochichava mensagens para a boneca durante todo o dia. O acessório deu à criança a segurança que precisava para estar na escola quando a mãe estava ausente.

Dois pais estavam tendo dificuldades com seu filho de cinco anos que não queria dormir em sua cama em seu próprio quarto. Essa família tinha um novo bebê, e ter uma boa quantidade de sono à noite era uma prioridade para ambos. Ter o seu filho de cinco anos na cama e também o bebê trazia muito estresse à relação. A mãe frequentava um de meus cursos 'Artesanato e História' que acontecia no parque local. Ela compartilhou seu desafio com o grupo. Nos dias

seguintes, escreveu uma história que foi inspirada por um de seus trabalhos no grupo de artesanato. Era sobre uma estrela que caíra do céu e havia sido encontrada por um garoto no jardim. O menino queria ajudar a devolver a estrela a sua casa no céu. Ele juntou peças coloridas da natureza para tecer um tapete de arco-íris e usou esse tapete mágico para que a estrela voasse para o céu. Depois o tapete mágico viveu com o menino sob seu travesseiro e carregava o garoto para a terra do sonho toda noite para ter novas aventuras.

O filho encontrou um tapete mágico sob seu travesseiro (em sua própria cama, é claro) na manhã seguinte após sua mãe ter-lhe contado a história. Pouco depois disso, visitei a família e os pais relataram com grande alívio que o menino agora dormia em seu próprio quarto com o 'tapete mágico' cuidadosamente colocado na mesa de cabeceira da cama.

A história 'O Caranguejo Carrancudo' (veja página 191) é outro exemplo de uma história que requer um objeto. O que pode ser melhor para uma criança que belisca do que guardar os dedos beliscantes em luvas quentes ou dedais! Esses objetos podem também ser úteis na contação de histórias para crianças. Exemplos disso podem ser encontrados nos capítulos referentes à contação de histórias.

Priorizando coisas específicas

Uma dificuldade comum na elaboração de histórias é ter um tema ou comportamento que é muito genérico. Meu conselho para escritores iniciantes é priorizar um exemplo específico do comportamento que se quer considerar. Isso poderia ajudar a gerar ideias para seu enredo da história.

Por exemplo, para uma história que quer ajudar num comportamento 'agressivo', sugiro que você liste exemplos específicos de tal comportamento. Talvez você tenha uma criança que tenta empurrar as outras de suas cadeiras na hora das refeições — a história poderia ser da 'Sra. Cadeira' cujo propósito da vida é que alguém se sente nela. O enredo da história poderia ser com um gatinho que sempre está empurrando seus irmãos gatinhos no chão. Talvez a cadeira fique de lado ou de cabeça para baixo até que possa ser usada apropriadamente. A cadeira poderia até ter uma rima ou canção sobre o que se espera de uma cadeira. Há potencial para muito humor aqui.

Novamente, um tema como 'tolices' é muito genérico: tente trabalhar com comportamento específico — por exemplo, esmagar flores. Talvez as flores se avivem e comecem a falar com o cachorrão que está sempre esmagando-as. Talvez o jardineiro faça um espantalho que é amigo das crianças e juntos passam a proteger o jardim... ou as crianças possam fazer um espantalho. Crianças que fazem um espantalho de verdade para o jardim poderiam fortalecer a história.

Concentrar-se em exemplos específicos poderia ajudar a inspirar motivos para sua escrita de histórias. Mantenha essa dica em mente se estiver se atrapalhando ou saindo pela tangente.

Ajustando histórias a diferentes situações

Como uma elaboradora de história, penso em mim como uma das tecelãs da 'rede mundial de histórias', mantendo as histórias especiais que encontro e escrevo vivas, ao compartilhá-las com outros. Às vezes, o compartilhar requer algumas leves mudanças para adaptar-se a uma situação particular. Isso adiciona riqueza à partilha e constrói o folclore de nossa época.

Se você encontrar neste livro uma história que seja adequada à situação, mas que precise de alguma modificação, sinta-se livre para se utilizar de licença poética. Lembre-se, porém, de que a história é uma entidade total e tem sua própria integridade. Às vezes, mudar uma parte significa que você precisa revisar e recriar a unidade novamente.

Algumas de minhas histórias foram adaptadas de contos clássicos — isso é óbvio em minha história sobre 'Os três irmãos tecelões' (veja página 181). Aqui eu me utilizei da história dos 'Três porquinhos', mas troquei o lobo pelo vento Kisuli-suli. Esse vento de remoinho pode ser tão devastador para a vida de um pássaro no leste africano quanto o lobo o era para os porcos no conto clássico.

Um ajuste mais sutil acontece sempre que eu conto a bem amada história da 'Maçã Estrela' (veja página 133). Eu sempre adapto o trecho sobre o cozinhar da vovó, dependendo da comunidade ou do país em que estou. Na versão americana, eu digo 'pipoca caramelizada grudenta'; na Austrália, talvez 'pipocas achocolatadas'; ou numa versão mais saudável eu diria 'boli-

nhas de gérmen de trigo açucaradas'. No Kenya, eu diria 'Mandazis', pois é algo adorado e bem conhecido de todos que vivem na África Oriental.

Se você tiver problemas com uma criança que tem sido destrutiva com tesouras, você poderia, por exemplo, usar a história existente 'O Canivete e do Castelo' (veja página 148). Fazendo algumas mudanças você pode terminar com uma história sobre 'As Tesouras e o Castelo', na qual o menino ou menina da história sonha em dar forma a um belo castelo a partir de um grande pedaço de papel cartão. Ou poderia ser 'As Tesouras e a Bela Camisa'. Isso poderia ser usado para motivar uma aula de costura com crianças mais velhas e ajudar a criar respeito pelo material utilizado na aula de artesanato.

A história 'A Zebra Impaciente' (veja página 178), uma pequena zebra marrom que não está feliz porque suas listras ainda não ficaram pretas, provou ser muito boa para ajudar os adultos a perceberem que o desenvolvimento das crianças leva tempo — 'Boas coisas vêm para aqueles que esperam'. É uma história que poderia facilmente ter outros animais como personagem central, por exemplo, um filhote de cisne ou um leãozinho, que, para começar, é bem diferente do adulto. Esse naturalmente era o motivo subjacente da história de Hans Andersen 'O patinho feio'.

Repetição, ritmo e rima

Não importa se você está escrevendo uma história ou usando uma de um livro de histórias, a importância terapêutica de repetir a história várias vezes para as crianças pequenas (e o uso de repetição e rima dentro das histórias exatamente da mesma forma cada vez) não pode ser subestimada. Para a criança é um sentimento caloroso e agradável saber o que acontece em seguida. A qualidade rítmica da repetição e da rima fornece o prazer por meio da familiaridade e da antecipação. Nossas crianças sabem disso intuitivamente, e elas pedem para ouvir a mesma história repetidas vezes. Isso não é diferente do adulto que adora ouvir frequentemente sua música favorita ou poesia repetida sem a mudança de uma nota ou palavra.

O valor da consistência ou repetição, em oposição à constante 'estimulação e mudança', é cada vez mais hoje entendido como algo vital para o

desenvolvimento saudável das crianças. Ritmo e repetição na vida diária, assim como no contar histórias, ajuda as crianças ao:

- afirmar ritmos universais e a continuidade da vida
- dar confiança e segurança por saber o que acontece depois
- desenvolver habilidades de memória e concentração
- desenvolver um senso de musicalidade (especialmente quando há rima na repetição)
- construir habilidades linguísticas

Além dos benefícios de repetir histórias várias vezes, a repetição e a rima encontradas nas histórias fornecem alimento importante para o desenvolvimento anímico. Na elaboração de histórias, eu o encorajo a acrescentar esses ingredientes em suas histórias. Isso será mais discutido com mais detalhes no capítulo seis. Você encontrará muitos exemplos nos capítulos cujas histórias falam de como a repetição de eventos e pequenas rimas podem ajudar a criar a tensão e fornecer musicalidade e fluxo à história.

Finais felizes e esperançosos

Tanto o 'berçário' quanto o 'Jardim de Infância' significam 'jardins para crianças'. As crianças podem ser comparadas a plantas jovens em um berçário — a melhor forma de ajudá-las a crescer fortes é oferecer a elas tanta proteção quanto possível contra as tempestades e ventos da vida.

As crianças pequenas têm o direito a essa proteção — sentimos isso instintivamente quando impedimos as crianças de assistir ao jornal diário com todos os seus horrores de guerra e desastres. A sabedoria do poeta laureado com o prêmio Nobel, Rabindranath Tagore, aconselha-nos a deixar as crianças 'brincarem na praia' tanto tempo quanto for possível, sem a perturbação das duras realidades:

Na praia dos mundos infindáveis as crianças se encontram. O céu infinito está imóvel acima e a água incansável é turbulenta. No mar de mundos infinitos as crianças se encontram com gritos e danças. Elas constroem suas casas de areia e brincam com conchas vazias. Com folhas secas elas tecem seus barcos e sor-

rindo deixam que eles flutuem sobre as vastas profundezas. As crianças brincam no mar dos mundos. Elas não sabem nadar, nem sabem lançar redes. Pescadores mergulham a procura de pérolas, mercadores navegam em seus barcos enquanto crianças juntam suas pedrinhas e as espalham novamente. A tempestade cruza o céu, barcos afundam nas águas sem trilhas, a morte está lá fora e as crianças brincam. Nos mares de mundos distantes, está o grande encontro das crianças.

Esse pedido de proteção pode nos ajudar a escolher histórias adequadas para as crianças pequenas. Não importa quão simples ou complexo é o enredo, é essencial que os fins sejam felizes e cheios de esperança. O bem triunfando sobre o mal é um tema muito profundo nos contos de fadas e contos populares, e as crianças de todo o mundo precisam ouvir essa mensagem.

Conforme as crianças chegam à idade escolar (seis ou sete anos), podem ser introduzidas histórias mais 'consequentes' com um final justo (veja 'O Peixe Mágico', 'O Pescador' e 'A Bolsa de Agulhas'). Nessas histórias, embora não haja um final feliz, os personagens principais de modo algum morrem, nem ficam feridos, mas aprendem uma lição sobre as consequências de seu mau comportamento — por exemplo, cobiça, preguiça, raiva. Essas histórias ajudam a preparar as crianças para consequências da vida real.

Só mais tarde deveríamos introduzir o gênero de histórias com finais infelizes e frequentemente injustos. Crianças mais velhas, no final do Ensino Fundamental ou Médio, que estudam as vidas de pessoas famosas, estão prontas para enfrentar a dura realidade de como a vida de Joana D'Arc termina na fogueira, ou de como os primeiros exploradores sofreram mortes terríveis por naufrágio ou fome. As crianças mais velhas conseguem assimilar finais tristes ou trágicos. Mas, ao fazer suas escolhas, não se esqueça de que os adolescentes e mesmo os adultos também precisam da satisfação e do alimento de um 'final feliz' de tempos em tempos. Mais frequentemente do que o contrário.

6

Histórias diferentes para Idades diferentes

Uma mãe entusiasta correu para casa após uma oficina de elaboração de histórias e criou sua primeira história terapêutica. Era uma história para tratar de urinar na cama. Ela tinha metáforas maravilhosas e um enredo muito criativo. Ela voltou um mês depois para uma oficina de acompanhamento e estava muito decepcionada, pois sua história não havia surtido nenhum efeito em seu filho. Quando perguntamos a idade do menino, ela respondeu: 'Quase dois'!

Por muitos anos os professores e pais têm me pedido para que eu faça uma lista de histórias apropriadas para diferentes grupos de idade, e diferentes ocasiões e situações. Essa é uma solicitação impossível e uma que tenho resistido por uma boa razão — histórias não podem ser colocadas em categorias fixas. Porém, a experiência acima me alertou para a necessidade de um guia apropriado por idade para a elaboração e contação de histórias. Esse guia serve apenas para ajudá-lo a tomar suas próprias decisões. Por vários anos, com a experiência de realmente escrever e contar para diferentes idades, acaba-se desenvolvendo um senso para essas escolhas, mas no começo as indicações fornecidas neste capítulo podem ser úteis. Para permitir uma sobreposição de escolhas e idades, elas são discutidas em gêneros de histórias e não em faixas etárias.

Histórias que rimam e rimando histórias

Cantigas de ninar

As primeiras histórias que naturalmente compartilhamos com as crianças são as cantigas de ninar. Colocar rimas nas cantigas pode contar uma história simples —

'Nana nenê, que a Cuca vem pegar, papai foi na roça, mamãe já volta já.'

Histórias singelas como essa não são apenas para bebês, mas podem ser usadas até a idade escolar, principalmente se as crianças não estão bem ou estão tendo pesadelos. Há muitas versões tradicionais de cantigas, e é enriquecedor aprender novas de outras culturas. Mães, pais e babás podem fazer suas próprias cantigas — a forma mais fácil de fazê-las é usar uma melodia conhecida e inventar uma nova letra, principalmente se você não está contente com as palavras originais. Por exemplo, você pode não gostar da 'Cuca vem pegar', portanto pode reescrevê-la* —

'Nana nenê, só vamos descansar, papai foi na roça, mamãe já volta já.'

Mesmo que você não acredite que canta bem, cantar rimas para as crianças é um dos melhores presentes que uma mãe ou babá pode oferecer. Com uma criancinha tão nova no mundo, e extremamente sensível a tudo que a rodeia, a voz real de uma mãe ou babá é bem melhor do que um gravador. Rimas simples e jogos de história surgem naturalmente — 'Esconde-esconde', 'Ciranda Cirandinha', 'Marcha Soldado'. Toque e movimento, palavras suaves, musicalidade, divertimento e riso, tudo contribui para um laço saudável entre as crianças e os que cuidam delas.

À medida que os bebês aprendem a andar, a riqueza das rimas de ninar (por exemplo: 'Brilha brilha estrelinha') e histórias rimadas, com seus ritmos maravilhosos, rimas e repetição, dão segurança e alegria. As crianças até a idade de seis anos ou mesmo mais velhas ainda podem ter prazer e ser nutridas por sua musicalidade e simplicidade.

* N.T. — Algumas das cantigas foram adaptadas para a realidade brasileira.

Jogos, brincadeiras de dedo e rimas corporais

De dois anos e meio a três em diante, com a crescente consciência de seus corpos e da vida diária, as crianças estão prontas para histórias mais complexas (por exemplo: 'Escravos de Jó' e 'A Canoa Virou') e rimas mais detalhadas que falam de partes do corpo (por exemplo: 'Cabeça, ombros, perna e pé'). Brincadeiras de dedos são também atividades gostosas. Muitas historinhas podem ser contadas usando os dedos como apoio — sobre um ratinho escondendo-se em sua casinha; sobre a aranha subindo pela parede; sobre o 'dedinho' que se esconde e depois sai para dizer olá.

Uma das primeiras atividades de grupo nas pré-escolas e jardins de infância são as músicas para entrar na sala. Elas incluem uma série de pequenas histórias com rimas, mas que começam de forma bem simples com crianças pequenas e progridem a ações mais envolventes de jogos circulares com crianças de cinco e seis anos e peças com canção e rima — exemplo: 'A Menina da Lanterna'.

Contos cumulativos e histórias absurdas

As crianças de três a quatro anos são capazes de absorver rimas mais complexas e repetição na forma de histórias cumulativas. Os personagens numa história cumulativa vão chegando à cena para juntar-se aos outros na mesma atividade. As histórias têm muita repetição porque cada vez um novo personagem se junta à história e a mesma ação é repetida. As rimas da história podem tornar-se canções do dia a dia para as crianças. Por exemplo, fazer com que uma classe pré-escolar se mova mais rapidamente na hora de estar lá fora para lavar as mãos.

Há também um lugar importante para histórias humorísticas e absurdas para esse grupo de idade pré-escolar — exemplo: 'A Vassourinha de Palha' (veja página 256) e 'O Rato Nibbler'. Esse é um conto clássico russo sobre um ratinho que encontra um pote de cabeça para baixo e se muda para dentro dele para ser sua casa. Então, chega 'O Sapo Coaxante' —

Casinha, casinha, quem mora nesta casinha? Sou eu, diz o ratinho Nibbler, quem é você? Eu sou O Sapo Coaxante, posso entrar e morar com você?

Então, em ordem progressiva, com muita repetição, chegam 'O Coelho Saltitante'; 'Reynard, a Raposa Falante'; 'O Lobo Gatuno que se Esconde no Arbusto'. E finalmente, 'O Urso Sortudo', que chega, senta-se no pote e amassa todos. Há muitas variações nesse tema, inclusive 'O Rato e a Luva'. Os animais poderiam ser substituídos por outros do seu próprio ambiente. Histórias absurdas são um gênero para crianças e adultos devem ter cuidado para não levá-las tão a sério. Elas falam para o amigável senso de humor das crianças e desafiam até a regra de ouro do 'final feliz' das histórias para crianças pequenas — a própria natureza do absurdo implica que não há regras.

Contos da natureza e histórias do dia a dia

Com o desenvolvimento da concentração, de três anos em diante, as crianças podem gostar de histórias da natureza simples e histórias do dia a dia — exemplo: sobre a mãe girafa que leva seu bebê pela primeira vez para ir ao rio; a tartaruga que se esconde sob seu escudo sempre que encontra um novo animal no caminho; a lesma que faz sua trilha sinuosa conforme sobe pela cerca; o fazendeiro assando a torta de abóboras; o menino que vai ao passeio de barco. Essas historinhas narram eventos simples, reais e sequenciais, e podem sempre ser acompanhadas de rima e repetição. A lesma pode ter uma canção que ela canta enquanto vagarosamente se move; o fazendeiro pode cantar conforme assa.

Os contos da natureza crescem em tamanho e complexidade conforme a criança cresce. Uma excelente ferramenta para os professores usarem no Ensino Fundamental quando introduzem novos tópicos de estudo — sejam borboletas ou as montanhas, ou 'o ciclo das águas' —, uma história da natureza pode trazer vida à lição ao cativar a imaginação das crianças desde o primeiro momento.

Outro tipo de história do dia a dia que os pré-escolares adoram (e os mais velhos também) é uma história 'Eu me lembro quando'. Se você nunca

contou uma história para crianças, esse é um bom começo. Quando trabalhava na minha pré-escola na Austrália, eu costumava recontar à mesa do almoço um incidente favorito de uma viagem de acampamento na África.

Eu me lembro de quando eu estava acampando na África. Quando eu estava tomando meu café da manhã na frente da barraca, apareceu um macaco do nada e pegou a banana do meu prato. Antes que eu pudesse estender a mão para pegá-la de volta, o macaco havia pulado para cima da árvore. Eu olhei e o vi sentado sobre um ramo descascando a banana e sorrindo para mim.

Recentemente, eu encontrei uma garotinha no Shopping Center local que havia frequentado minha classe anos atrás. Ela me disse que quando crescesse, iria para a África para que um macaco pudesse comer uma de suas bananas, exatamente como em minha história. Eu não havia percebido que esse simples recontar de uma experiência era uma 'história' até que essa criança a chamou como tal.

Histórias pessoais de adultos do tipo 'Eu me lembro quando' são uma contínua fonte para crianças em fase de crescimento, por toda a infância até a adolescência e adiante. Naturalmente elas precisam de alguma censura do senso comum para crianças pequenas. Pode-se começar com histórias simples e inocentes (exemplo: Eu me lembro quando aprendi a andar de bicicleta...) e ir progredindo possivelmente até chegar a histórias mais íntimas da própria juventude a serem compartilhadas com adolescentes e adultos na época apropriada. Eu ainda me 'alimento' de histórias de meus avós — embora eles não estejam mais vivos. Eu tive muita sorte de herdar alguns de seus diários, e suas histórias de sobrevivência e inventividade são uma parte rica do 'baú do tesouro' de minha família.

Contos populares e contos de fadas e o desenvolvimento da fantasia

Conforme a criança cresce fisicamente e emocionalmente, sua habilidade para imaginar e fantasiar se desenvolve. Os estágios de desenvolvimento da fantasia são mais bem observados pelas mudanças no brincar criativo.

Enquanto uma criança mais jovem com menos de dois anos irá imitar o adulto trabalhando e encher um carrinho com blocos enquanto a mãe/pai enche a cesta de roupas, as crianças de três ou quatro anos irão brincar e serão estimuladas por objetos (exemplo: blocos) e irão usá-los de formas imaginativas diferentes — o mesmo bloco pode ser um ferro, um carro, um telefone, tudo na mesma hora da brincadeira.

Pelos quatro a cinco anos, a criança normalmente terá uma ideia imaginativa e então procurará objetos para aplicá-la — exemplo: brincar de restaurante, hospital, casa, construção (construir fazendas, castelos, barcos etc.). Nesse estágio as forças imaginativas das crianças estão florescendo e prontas para serem nutridas com contos populares tradicionais e contos de fadas.

Os contos de fadas no sentido largo do termo, ou seja, histórias populares de todas as culturas do mundo, falam uma linguagem comum que é entendida pelas crianças em toda parte e são de valor para elas. Ao lidar com comportamentos e situações universais e arquetípicas, os contos falam à amigável individualidade das crianças e as encorajam em seu desenvolvimento.

Os contos populares frequentemente têm uma qualidade 'atemporal'. Eles satisfazem o profundo desejo das crianças pelo milagroso e oferecem consolo e esperança. Sua profundidade de sabedoria é um contrapeso curativo à nossa época materialista e sua 'magia' torna-os valiosos para todas as crianças. Diferente dos mitos que falam dos feitos únicos e milagrosos dos deuses e de seres sobrenaturais (apropriados para crianças de oito anos ou mais), os contos populares e contos de fadas falam de pessoas — sejam pobres ou ricos, simplórias ou príncipes e princesas. Com o 'bom' normalmente retratado como 'belo', e o 'mal' como 'feio', as histórias são sobre arquétipos, realidades espirituais, que dão formas de verdade no lugar das chamadas formas 'realistas'. Os pensamentos são imediatamente transformados em ação; encantamentos e transformações são processos anímicos para que um personagem possa de repente tornar-se 'bom', 'enfeitiçado' ou 'liberado'. Os contos de fadas são como um espelho para as crianças verem no que elas podem se tornar — sendo a bruxa, por exemplo, como uma imagem que incorpora tudo que pode impedir o desenvolvimento e a princesa ou o príncipe a imagem que incorpora o desenvolvimento progressivo e a superação de obstáculos.

Em quase todo conto, há ou um problema que precisa ser resolvido, como os 'Três Cabritinhos' atravessando a ponte, ou uma confrontação com o mal, que pode assumir muitas formas, como o lobo ou a hiena nos 'Três Porquinhos' ou a rainha na 'Branca de Neve'. 'Tensão' e 'Relaxamento' são partes integrantes de todo enredo de história, com os diferentes humores e desafios que oferecem ao ouvinte um treino da alma que o desenvolvimento da criança saudável precisa. Muitas vezes falta isso nos livros modernos de histórias, que se concentram em vez disso num contar didático ou sobre o alfabeto; ou dando explicações racionais para as situações diárias (exemplo: 'novo bebê na casa', 'primeiro dia na escola'); ou modificam um conto tradicional para 'adoçar' ou neutralizar o final. As crianças alimentadas somente com tais histórias podem perder a oportunidade de um engajamento total da alma desenvolvido com a superação de obstáculos. Porém é importante estar ciente dos tipos certos de contos de fadas para as diferentes idades, e para isso precisamos investigar as seguintes categorias.

Categorias por complexidade

Os contos populares podem ser divididos em 'categorias de complexidade'. Em geral, quanto mais suaves os temas ou enredos, tanto mais apropriado é o conto para crianças menores, e quanto maior ou mais complexas as dificuldades ou o enredo, tanto mais apropriados para as crianças maiores.

Ao procurar por contos para crianças de três a quatro anos, eu recomendo um teste quádruplo de sua 'qualidade ou adequação':

- A história tem muita ação, em sequência natural (mais verbos do que adjetivos, mais ação do que descrição)?
- As imagens são familiares as suas crianças (não é essencial, mas preferível)?
- A história não é muito longa?
- A história inclui rima e repetição (não é essencial, mas preferível)?

Exemplos de tais histórias incluem 'O Nabo Gigante' (russo); 'Cachinhos de Ouro e os Três Ursos' (inglês); 'Os Três Cabritos' (norueguês – veja página 223).

A próxima categoria, adequada para crianças de quatro a seis anos, inclui muitos contos que normalmente associamos com o termo 'conto de fadas'. Essas histórias podem ainda ser testadas como acima, mas contêm mais desafios e mais detalhes, com o humor geral mais alegre sem muito sofrimento ou luta. Embora sejam encontrados obstáculos, eles não pesam muito na alma do ouvinte.

Exemplos incluem 'Os Elfos e o Sapateiro' (veja página 262); 'A História de Rhodopese' (egípcia – veja página 219); 'Tiddalick' (indígena-australiana); 'O Antílope, a Borboleta e o Camaleão' (Kikuyu – veja página 260); 'O Pescador' (Leste africano – veja página 183).

Crianças de sete anos gostam e se beneficiam com histórias de crescente extensão, desafio e detalhe, com personagens que têm uma experiência pessoal de sofrimento e tristeza. A confrontação com o mal pode ser mais forte e mais desafiante, e pode haver mais reviravoltas ao longo do enredo.

Exemplos incluem: 'Branca de Neve' e 'Os Sete Corvos' (Grimm); 'Jardim da Luz' (veja página 157); 'Akimba e a Vaca Mágica' (africana – página 144); 'O Caçador Invisível' (indígena americana – veja página 215).

Para as crianças de oito anos ou mais, além de contos mais complexos de muitas culturas, um currículo centrado em histórias recomendado para casa e escola é aquele seguido no modelo educacional de Rudolf Steiner. Nos anos subsequentes, incluem-se os mitos nórdicos, histórias africanas, persas, indianas e egípcias e os mitos greco-romanos. Os professores também escrevem suas histórias pedagógicas para introduzir conteúdos educacionais e conceitos tais como o ensino do alfabeto. Essas histórias podem ajudar a transformar pedras em pão, fatos secos em imagens cheias de vida, transformando o que poderia de outro modo ser entediante em experiência inspiradora. As histórias e os métodos de contação de histórias são também usados para enfrentar comportamentos desafiadores e o desenvolvimento social e emocional de crianças. Nas escolas Waldorf, professores e crianças experimentam a sabedoria e o poder de tais histórias como parte integrante e diária da educação¹.

¹ Veja, por exemplo: L. Francis Edmunds, *Introduction to Steiner Education: The Waldorf School*, e R. Lanz, *A Pedagogia Waldorf* (detalhes em Apêndice 1: Livros recomendados).

Um currículo assim centrado em histórias pode desenvolver a imaginação das crianças, ajudando-as a crescer para formar 'ameixas suculentas' quando adultas e prevenindo a síndrome das 'ameixas secas' mencionadas no capítulo 1. Eu recomendo a todos os pais, terapeutas e professores encontrar modos de trazer essa riqueza das histórias de nossa história mitológica para as vidas das crianças, junto àquelas que criativamente inventamos. Pela luz das histórias, podemos nutrir e ajudar nossas crianças a desenvolverem-se para formarem jovens adultos imaginativos, íntegros e prontos para carregarem nosso mundo para o futuro positivo.

7

Verdade e Moralidade

É verdade?

Seja contando histórias nossas, ou histórias da cultura popular, é importante considerar a questão da 'verdade' das histórias. Algumas pessoas se preocupam com o fato de as histórias dos contos de fadas não apresentarem imagens verdadeiras da vida e serem, portanto, insalubres. O psicólogo Bettelheim afirma que a verdade dos contos de fadas está no reino imaginativo, em vez da comum causalidade. Os contos de fadas falam de arquétipos, realidades espirituais, que dão formas diferentes das chamadas formas 'realistas'.

Uma vez tive o privilégio de ouvir um contador de histórias americano chamado 'Pena de Águia Flutuante'. Ele começou sua sessão de história com uma questão de abertura:

Algumas pessoas acreditam que o mundo é feito de átomos. Creio que o mundo é feito de histórias. No que você acredita?

Antes de escrever ou contar uma história para as crianças, o contador precisa saber o que ele acredita. Conforme você conta uma história, uma criança irá sutilmente sentir se você próprio está realmente 'dentro' e 'por trás' dela, ou está apenas 'inventando algo' com o qual você não está totalmente conectado.

Para uma resposta à questão da criança, 'É verdade?', muitos contos de fadas oferecem uma resposta a isso na primeira linha da história. Começos como 'Era uma vez...' e 'Antigamente...' deixam claro que as histórias ocorrem num nível diferente daquele da realidade cotidiana. Se as crianças persistirem em perguntar se a história é verdadeira, Nancy Mellon, uma experiente contadora de histórias, sugere que se diga simplesmente: 'Vamos ouvir a história novamente'. Ou a resposta poderá às vezes ser, de uma forma encantada: 'Eu acho que a história é mais do que verdadeira!'.

Pesquisa da natureza

Ao escrever um conto da natureza, é importante obter os fatos reais. Se o vento em sua história estiver soprando através da ponte do arco-íris, e as cores do arco-íris precisarem ser mencionadas, então tenha cuidado para descrever a ordem correta das cores (a menos que, naturalmente, seja sobre um arco-íris de cores misturadas!). Se você estiver escrevendo sobre um vombate, é bom fazer uma pesquisa de como ele entra na bolsa da mãe por baixo e por trás, não como os outros marsupiais. Uma amiga australiana cometeu esse erro numa história e um aluno da classe a corrigiu. Desde então, ela tem tomado mais cuidado em pesquisar seus contos de natureza com profundidade.

Ideias para escrever histórias podem ser enriquecidas enormemente pela observação e pesquisa. Fatos importantes e fascinantes do habitat, dietas e características de animais e pássaros podem ajudar a gerar novas ideias para o enredo da história. Todas as minhas histórias de fauna e flora foram criadas por combinação de pesquisa com, quando possível, minhas próprias observações do animal, árvore ou flor particulares. Observando que o talo de uma abóbora está preso a ela por uma forma estelar, deu-me a ideia de incluir um sonho sobre uma estrela em minha

história 'A Abóbora Munckin' (veja página 206). Minha pesquisa sobre canções de baleias motivaram minha escolha para comportamento de gritos (veja página 129).

Mentirinhas, mentiras e histórias extraordinárias

A maioria dos dicionários define um contador de histórias, primeiramente, como alguém que conta ou escreve histórias, e em segundo lugar, como alguém que conta mentirinhas e mentiras. Há, definitivamente, uma conexão interessante entre contar histórias e contar mentiras. Competições sobre mentiras e fanfarronices podem fazer surgir excelentes contadores de histórias, e, para alguns de nós que nunca contaram uma história antes, contar uma 'história extraordinária' pode, às vezes, ser o modo mais fácil de começar.

A palavra 'ficção', naturalmente, significa algo que não é estritamente verdade — e sem ela nossa cultura seria incomensuravelmente mais pobre. A vida imaginativa evoca uma imensidão de cenários que, embora não materialmente verdadeiros, podem, no entanto, expressar verdade espiritual. Eles são na verdade 'mais do que verdadeiros'.

A maioria, senão todos os seres humanos, conta mentiras de uma forma ou de outra. Alguns as chamam de 'mentiras brancas' para justificar seu uso. Outros nunca deixam que a verdade impeça uma boa história, e enfeitam um conto de viagem para manter os ouvintes atentos por mais tempo. Os pescadores têm a reputação de se gabarem de seus grandes feitos de pescaria.

Acho que todos concordariam, porém, que para o desenvolvimento saudável, tanto emocional quanto social, as crianças precisam aprender sobre as consequências das mentiras, tanto as 'brancas' quanto as sérias. As crianças também precisam aprender como deixar que sua consciência seja o guia, o que de nenhum modo é um processo que se aprende da noite para o dia. Consciência de um aspecto moral de conduta, assim como uma preferência pelo certo em vez do errado, é um dos resultados mais importantes de uma verdadeira educação integral. As 'ficções' da contação de histórias são na verdade uma ajuda maravilhosa nesse processo durante toda a infância.

A verdade é um assunto vital para nossa época, especialmente se considerarmos a corrupção em tantas instituições importantes e órgãos governamentais. As crianças podem aprender a mentir em idade bem tenra: talvez como uma tendência protetora, ou como um jogo e experiência pelos quais elas se excitam bastante. Às vezes, é difícil para os pais e professores saber como discernir as mentiras e ainda assim honrar a imaginação das crianças.

Uma indicação útil que aprendi em meus anos de ensino é a de ter cuidado para não se precipitar e rotular 'mentiras' como 'mentiras', quando as crianças são ainda pequenas. Para as crianças pré-escolares, o papel do adulto deveria ser o de mostrar pelo exemplo, e procurar meios de delicadamente levar uma 'mentira' de volta à verdade, e não rapidamente 'colocá-la no concreto' ao rotulá-la. Por exemplo, quando uma criança conta ao grupo sobre suas aventuras do fim de semana (e o professor sabe que a criança estava em casa nos dois dias), ele poderia dizer 'Obrigado por sua história, Dylan!', e não 'Isso é mentira Dylan, você sabe que estava em casa durante todo o fim de semana'. Dessa forma, o professor está simplesmente reconhecendo que a criança tinha uma necessidade de inventar uma história, talvez para se igualar às excitantes histórias de fim de semana das outras crianças. É claro que, se o hábito de Dylan de inventar histórias para se gabar persistir, o professor pode precisar discutir isso com os pais e descobrir as razões profundas disso — pode ser um comportamento que ele tenha desenvolvido em casa para obter a atenção de seus pais ocupados ou impressionar seus irmãos mais velhos.

Outra situação que frequentemente surge com os pré-escolares é quando uma criança diz ao professor: 'Eu não tenho nada em meu bolso' quando na verdade o professor sabe que ele pôs no bolso um brinquedo da classe. Em vez de o professor rotular isso como uma mentira, uma forma mais delicada e eficiente é a de simplesmente colocar a mão no bolso da criança e dizer: 'Oh meu Deus, um brinquedinho pulou para aqui, você poderia me ajudar a colocá-lo de volta em sua casa?' Dessa forma, o professor está levando a criança a uma 'ação correta' e ela deveria se sentir muito melhor assim, talvez aprenda com isso; e certamente gostará de não ser rotulada!

É preciso ainda muito cuidado com as crianças na idade escolar. É melhor não discutir a mentira ou o roubo em frente de todo o grupo, mas levar a criança para um canto para uma conversa tranquila. Nancy Mellon usa a

metáfora de um 'espinho' quando aconselha como lidar com uma criança que mente ou que rouba. Ela crê que feitos desonestos são carregados como um espinho dentro da criança, e uma exposição direta pode empurrar o espinho ainda mais para dentro em vez de retirá-lo.

Isso leva ao uso de histórias. As histórias têm o potencial de ajudar o espinho a encontrar a sua saída. Ao deixar o ouvinte livre para chegar às suas próprias conclusões, as histórias podem alimentar a crescente conscientização de uma forma saudável.

Todas as culturas desenvolveram histórias para ensinar as consequências da desonestidade. A história 'O lobo e os sete cabritinhos' de Grimm mostra que a mentira não faz com que você obtenha o que você quer. Um conto Xhosa sul-africano com esse mesmo tema está transcrito neste livro (veja página 137). Em ambas as histórias, o lobo ou a hiena, fingindo ser a mãe, repetidamente mente para as crianças para poder entrar em sua casa.

A adorável história italiana do boneco de madeira Pinocchio, cujo nariz cresce com cada mentira que ele conta, tem uma mensagem poderosa para crianças que têm o sério hábito de mentir, assim como a história clássica do 'Menino e o Lobo'.

Competições de mentira e o uso do humor

Para considerar o tema da mentira com outras crianças de uma forma leve, um professor ou membro da família pode introduzir a ideia de lançar uma competição sobre mentiras, ou uma competição de 'histórias extraordinárias'. Dividindo a sala em pequenos grupos, uma criança pode fazer o papel de juiz e as outras duas podem competir com uma falsa história ou 'história extraordinária'. O tema poderia ser tão simples como 'O que eu fiz no fim de semana' ou 'O que aconteceu comigo no meu caminho para casa ontem'. Se houver participantes suficientes, você poderia começar por etapas que levam a semifinais e a uma final.

Competições de mentiras podem gerar muita diversão. Elas também ajudam a criar consciência da diferença entre a verdade e a falsidade, e o momento apropriado para ambas.

Contar mentiras como entretenimento tem sido uma parte aceita por muitas culturas por centenas de anos. Em partes da África, e no extremo sul americano, competições de mentiras são parte da história popular do povo negro. Há também registros dos tempos anglo-saxões de uma tradição chamada 'Mentir para a Pedra de Amolar'. Aparentemente um costume de Pentecostes, que tem sido celebrado na Inglaterra desde o século XIV. Aquele que pudesse contar a maior mentira seria premiado com a pedra de amolar para 'aguçar sua inteligência'.

'Histórias extraordinárias' têm sua origem nas competições de fanfarro- nices que frequentemente aconteciam quando o povo simples das comunida- des fronteiriças se reunia. Numa história tipicamente americana ou austra- liana, eles normalmente caracterizam um personagem principal, super-hu- mano, que tem uma tarefa específica, e um problema que é resolvido de uma forma humorística e chocante. As 'histórias extraordinárias' e as competições de mentiras são agradáveis às crianças do Ensino Fundamental — seja o contar de histórias existentes ou escrever histórias novas.

Moral e moralista

Por milhares de anos, como vimos, as culturas de todo o mundo têm-se utilizado das histórias para ensinar moral e valores. Muitas histórias popula- res tradicionais têm qualidades morais, e o ouvinte recebe isso de diferentes modos. Tudo isso é parte da natureza e do 'poder' das histórias. Ao escrever ou escolher histórias, é importante estar consciente da diferença entre um conto moral e um conto 'moralista' ou preventivo. Um conto moral, por meio de um enredo de história imaginativo, deveria deixar o ouvinte livre para chegar às suas próprias conclusões. O delicioso conto africano, 'Akimba e a Vaca Mágica' (veja página 144), é um exemplo de um enredo com qualidades morais. A desonestidade tem suas consequências e o ladrão acaba com uma 'vareta que bate' na quarta vez em vez de uma vaca que dava moedas de ouro, um carneiro que dava moedas de prata ou uma galinha que botava ovos. Devido à estrutura da história, com sua repetição de eventos, quando a va- reta é mencionada o ouvinte espera por uma mudança, está pronto para a mudança, quer a mudança! E como é gostoso que a sequência final seja bem-

humorada, que uma mensagem séria sobre desonestidade possa ser feita por meio de humor.

O ouvinte tem uma experiência similar no conto popular 'O Peixe Mágico' (veja página 167). A esposa é gananciosa e continuamente deseja ganhar cada vez mais — uma casa, uma mansão, um castelo, o sol e a lua! Para grande alívio do ouvinte, ela acaba perdendo tudo e está de volta em sua pequena cabana na praia no final da história. Nas palavras de um de meus filhos, suspirando de alívio no final da história, 'Ela queria demais!'

Um conto moralista, porém, é mais como um sermão ou lição disfarçada de história. Uma história assim foi uma vez escrita por um professor para estimular boas maneiras em sua classe. Essa história era sobre uma criança com quem ninguém queria brincar porque ela não dizia 'por favor' ou 'obrigada'. Então ela aprendeu a dizer 'por favor' e 'obrigada' e as crianças voltaram a querer brincar com ela. Suas palavras pareciam mais uma lição ou uma instrução direta. Faltavam as qualidades metafóricas e de enredo de uma história.

Para uma história ajudar as crianças a chegar às suas próprias conclusões morais, normalmente algum tipo de enredo imaginativo é necessário. Parece haver uma necessidade definitiva de ser 'indireto'. Uma história corre o perigo de ser moralista quando o propósito é muito óbvio. Eu posso às vezes distinguir quais são moralistas pela forma com que fazem me sentir enjoada no final. Ao contrário, um bom conto moral faz com que me sinta bem satisfeita, como numa refeição nutritiva. Mas como eu recebo e reajo a uma história pode ser bem diferente de você. Eu só ponho esses pensamentos no papel para fazer com que você pense, se você pretende escrever suas próprias histórias terapêuticas.

Mais importante, sejam lá quais forem as histórias que você escolha escrever e contar, tenha cuidado para não terminá-las dando às crianças um sumário de *sua* percepção dos valores morais. Deixe os ouvintes livres para que cheguem às suas próprias conclusões — acredite no poder da história!

8

Exercícios de elaboração de histórias

Os seguintes exercícios foram retirados de discussões feitas em oficinas. Cada um deles inclui as linhas gerais de um enredo para que você tente adicionar 'roupagem' metafórica e finalizar a história. Essas são apenas sugestões. As histórias poderiam ser escritas com muitas escolhas diferentes de metáfora e enredo.

Os Irmãos Cangurus

Ideia de uma história para reduzir brigas e comportamento agressivo num grupo de crianças de seis a sete anos de idade. O canguru foi escolhido como uma metáfora óbvia — os cangurus adoram lutar!

- Dois cangurus vivem sozinhos nas planícies gramadas
- Um dia eles se encontram e a princípio são amigos
- Então eles começam a brigar — chutar e lutar! (sugerimos usar muitas repetições aqui, com vários exemplos de luta — quando, onde e como)
- Um dia começa um fogo nos arbustos que se espalha pelas planícies gramadas (ou há uma enchente do rio)
- Os dois cangurus usam suas mãos de boxeadores para um trabalho positivo — juntos eles carregam os pequenos animais para fora dos gramados queimados e para a segurança do outro lado do rio (ou para fora da enchente em direção às montanhas)
- Alternativamente, em vez de usar fogo ou enchente na história, você poderia trazer a ideia de muitos espinhos começarem a crescer na vegetação

e os cangurus começarem a se tornar 'médicos da floresta', usando suas mãos para retirar os espinhos das patas dos animais, dos pássaros e lagartos etc. Você precisa tomar a decisão final sobre o que usar como obstáculo e metáforas de ajuda

- Depois disso, os cangurus ocasionalmente gostam de boxear ou lutar, mas na maior parte do tempo eles estão muito ocupados fazendo outras coisas (dê exemplos de atividades relacionadas com suas escolhas de enredo)

Os Dois Pombos

Uma ideia de história para estimular a autoconfiança numa garota tímida de cinco anos.

- Dois pombos, um bravo e aventureiro e o outro tímido e covarde
- O pombo tímido sempre conta com seu amigo para ser o líder e lhe dizer o que fazer (construa a história trabalhando com alguma metáfora de obstáculo aqui — dando exemplos de quando, onde e como)
- Um dia o pombo tímido está observando do seu poleiro e vê um gato se esgueirando para atacar alguns filhotes de pássaro numa árvore próxima
- O pombo tímido olha para o seu amigo para pedir conselho, mas ele não está por perto
- O pombo tímido descobre um modo de assustar o gato (use uma metáfora de apoio aqui) e salvar os filhotes — a ideia precisa ser expandida e enriquecida com detalhes
- Os filhotes estão a salvo, sua mãe volta para agradecer ao pombo 'herói', que agora se sente mais confiante

Sra. Mesa e Seus Filhos Cadeira

Esta ideia de uma história humorística surgiu quando eu visitei um playground onde o professor se debatia para conseguir com que as crianças de três e quatro anos viessem para a mesa para o chá da manhã (intervalo da manhã

ou 'das onze' no Reino Unido). Até esse novo professor chegar, permitia-se que as crianças comessem seu lanche em qualquer parte e qualquer hora e não tinham experiência de uma refeição em grupo. Algo criativo era necessário para facilitar a nova rotina.

- Sra. Mesa e Seus Filhos Cadeira moram numa sala de escola, mas estão sempre sozinhos — ninguém nunca os usa!
- Um dia eles decidem tentar modos diferentes de atrair as crianças (metáforas de ajuda são necessárias aqui). Talvez Seus Filhos Cadeira saiam bamboleantes pelo jardim para pegar flores e trazê-las de volta para a Sra. Mesa ficar mais atraente, e/ou os Filhos Cadeira começam a balançar para trás e para frente numa dança para fazer com que as crianças os notem.
- Pense em uma ou duas coisas que poderiam acontecer nesse ponto para tornar a mesa e as cadeiras atraentes. Ou talvez a história já seja longa o suficiente para a faixa etária.
- Finalmente a Sra. Mesa e Seus Filhos Cadeira poderiam entoar uma canção. As crianças ouvem a música, se deliciam com a canção, e uma por uma vem para a mesa (repita a canção várias vezes e use-a no chá da manhã todos os dias).

*É hora do chá, é hora do chá,
À mesa vamos sentar,
Para nosso lanche tomar,
E nossos pezinhos poderem descansar.*

PARTE III

Histórias para Comportamento Desafiador

Esta parte engloba um conjunto de cinquenta e duas histórias para comportamentos comuns. Para ajudá-lo a se orientar, as páginas estão organizadas nas seguintes categorias com histórias sugeridas para inúmeras possibilidades. Essas categorias foram escolhidas arbitrariamente para facilitar referências — definitivamente não recomendo usá-las como 'rótulos' para comportamento.

- Entediado/resmungão
- Desonesto/furtivo
- Desrespeitoso/descuidado
- Ganancioso/incapaz de compartilhar
- Irritante/impaciente
- Preguiçoso
- Barulhento/destruidor
- Beliscando/machucando/brigando
- Tímido/introvertido

- Provocador/tirano
- Não cooperativo
- Rebelde/inquieto

As histórias são da minha coleção de textos e também contos da sabedoria popular de outras culturas, particularmente a africana. Algumas histórias já foram usadas (com diferentes graus de sucesso) e há notas documentando o seu uso. Outras foram recentemente escritas ou transcritas para este livro. Qualquer semelhança do uso dessas histórias e/ou quaisquer de suas próprias histórias terapêuticas são bem-vindas (veja meu website no final do livro).

As histórias são especialmente adequadas para crianças de três a oito anos, embora algumas tenham sido usadas com sucesso com adolescentes e adultos. Antes de cada história, há notas indicando as idades e o uso. Em geral, quanto menor, mais simples e mais repetitiva for a história, mais adequada ela é para os pequenos. Quanto maior e mais complexo for o enredo, mais adequada ela é para o final do Jardim e primeiros anos do Ensino Fundamental (no capítulo seis exploram-se mais detalhadamente 'diferentes histórias para diferentes idades').

As histórias sugeridas são a ponta do *iceberg* de possibilidades. Com a ajuda do conteúdo da Parte II — 'Escrevendo Histórias Terapêuticas' —, espero que você aventure-se em novas ideias.

9

Entediado ou Resmungão

O Babuíno Entediado

Esta história foi escrita para crianças de cinco anos ou mais. Com a mensagem da importância e da graça do 'brincar', ela também foi usada em cursos de educação para pais como um estímulo para discussão. Aprendi que ao lidar com os desafios de comportamento (exemplo: tédio), frequentemente precisamos atingir tanto os adultos como as crianças.

Babuíno Mtoto estava entediada. Ela não queria brincar com seus amigos. É CHATO, ela dizia. Ela não queria subir nas árvores. É CHATO, ela dizia. Ela não queria se jogar no rio. É CHATO, ela dizia. Mtoto parecia apenas querer perambular entediada e estava deixando sua mãe louca com seu tédio.

Mamãe Babuíno decidiu chamar o sábio Vovô Babuíno para conversar com Mtoto e dar um jeito no que era CHATO. Vovô Babuíno sentou-se com Mtoto e fez algumas sugestões, porém Mtoto estava entediada com as ideias do avô. Ela não queria brincar de jogar pedrinhas do alto do penhasco. É CHATO, ela dizia. Ela não queria se balançar nas longas trepadeiras. É CHATO, ela dizia. Ela não queria rolar na grama alta. É CHATO, ela dizia.

Vovô Babuíno perguntou-lhe o que realmente queria fazer. Era uma pergunta muito difícil para Mtoto, pois ela de fato não sabia a resposta. Mas, é claro, ela não queria admitir isso, portanto ela disse: 'Eu só quero sentar sozinha e não fazer nada'. Saiu correndo e pegou um caminho por entre espessos arbustos, procurando um lugar confortável para sentar-se sozinha e não fazer nada.

Enquanto ela estava correndo por entre os arbustos, descobriu um tipo de caixa próximo de uma árvore alta à beira do caminho. Ela tinha um piso

macio, um telhado plano e barras brilhantes por todos os lados. Na parte da frente havia uma pequena porta suficientemente larga para Mtoto entrar. E o melhor de tudo, no chão ao fundo, havia uma banana madura dourada. A comida favorita de Mtoto!

'Isto parece uma casa confortável para sentar-me sozinha e não fazer nada', pensou Mtoto. Sem hesitar, ela entrou, sentou-se no chão e começou a comer a banana. Assim que a pegou para dar a primeira mordida, a porta da pequena casa fechou. A princípio, isso não preocupou Mtoto, pois ela estava feliz com sua banana dourada.

Quando terminou de comer, Mtoto sentiu-se cansada. Encolheu-se no chão macio e caiu num sono profundo. Ela dormiu por um longo tempo e, quando acordou, estava retesada e dolorida. Ela queria esticar os braços e pernas, mas não havia espaço suficiente na pequenina casa para se movimentar e esticar-se. A seguir, tentou empurrar a porta para que do lado de fora pudesse se esticar. Foi, então, que percebeu que a pequenina casa não era uma casa, mas uma armadilha e que a porta estava trancada.

Todos os babuínos, desde pequenos, sabiam a respeito dos caçadores e de suas armadilhas; porém, em sua pressa de fugir do avô, Mtoto tinha esquecido completamente desse importante e vital conselho.

Ah, como Mtoto gostaria de ter ouvido os conselhos dos mais velhos! De repente, a ideia de subir em árvores, brincar à beira do rio e balançar-se nas trepadeiras parecia a melhor coisa do mundo para um babuíno filhote fazer! Mas agora Mtoto não podia ir a nenhum lugar nem fazer coisa alguma. Tremendo dentro da armadilha, ela esperava pelo terrível som do caçador ao retornar.

Mtoto não teve que esperar muito. *STAMP, STAMP, STAMP*, era o som das botas do caçador ao longo do caminho, cada vez mais alto, até as botas surgirem do lado de fora da jaula e dois braços compridos levantarem a armadilha.

De repente, Mtoto ouviu um guincho alto e num *flash* ela viu um grande babuíno de dentes brancos e fortes lançar-se de uma árvore perto da armadilha. O babuíno assustou o caçador de tal modo que ele derrubou a armadilha ao chão e correu tão rápido quanto suas pernas de caçador podiam lhe levar. Assim que a armadilha caiu no chão, a tranca se quebrou e a porta abriu.

Mtoto rapidamente saltou do chão para os braços do babuíno que a salvara. Olhou para o rosto de seu salvador e viu que era seu próprio avô.

‘Vovô, você não é só sábio, mas também forte e corajoso’, gritava Mtoto, ‘quando crescer eu quero ser como você’.

‘Bem’, sorria seu avô com sua risada de babuíno, ‘é melhor você correr e se juntar aos seus amigos para brincar, pois isso vai torná-la forte, sábia e corajosa também’.

Mtoto deu um grande abraço em seu avô e saiu correndo para se juntar aos seus amigos na brincadeira perto do rio.

Desde aquele dia, Mtoto nunca mais ficou entediado.

Portanto, se você for às savanas africanas, pode ter a sorte de ver Mtoto com seus amigos, subindo em árvores, jogando-se no rio, atirando pedrinhas do alto dos penhascos, balançando-se nas longas trepadeiras e rolando pela grama alta, divertindo-se de manhã até a noite.

A Baleia Resmungona (Queixosa)

Lidar com um comportamento de lamentos e resmungos persistentes (e frequentemente irritante) é um desafio universal, especialmente para pais que se ocupam dos filhos 24 horas por dia, 7 dias por semana.

A história da Baleia Resmungona tem sido usada para crianças de 4 anos ou mais, por grupos multiculturais, desde um professor na Cidade do Cabo à mãe das favelas de Nairóbi e à psicóloga em Byron Bay (que está usando a história com adultos em seu aconselhamento pessoal sobre desenvolvimento). Cada vez, os resultados são mais encorajadores, especialmente com crianças pequenas quando a mensagem é reforçada pelo uso repetido do poema. O professor da Cidade do Cabo achou necessário usar uma flauta para tocar algumas notas ao final da história – suas crianças insistiam em ouvir como soava o belo canto da baleia.

Era uma vez uma pequena baleia que não fazia nada o dia inteiro, a não ser reclamar e se lamentar para sua mãe. Não importava o que Mamã Baleia fizesse ou quanto tentasse agradar ao seu filhotinho, jamais algo estava bom. Ou ela estava nadando muito rápido ou muito devagar, a água estava muito quente ou muito fria, o jantar era demais ou não era suficiente.

O dia inteiro, Baleia Resmungona apenas nadava em volta de sua mãe no oceano que era seu lar, entoando seus lamentos:

*Não gosto disso e não gosto daquilo,
Não quero isso e não quero aquilo,
Não posso fazer isso e não posso fazer aquilo,
Afinal de contas, minha vida não vale nada.*

Mamãe Baleia tentava ensinar a seu filhotinho o canto das baleias que os jovens precisam aprender se vão crescer e ter suas próprias famílias. Porém, Baleia Resmungona estava muito ocupada com seus lamentos para perceber os velhos e tolos cantos das baleias.

*Não gosto disso e não gosto daquilo,
Não quero isso e não quero aquilo,
Não posso fazer isso e não posso fazer aquilo,
Afinal de contas, minha vida não vale nada.*

Mamãe Baleia tentava levar seu filhotinho para brincar com outras baleias jovens no oceano. Porém, Baleia Resmungona não queria ser incomodada. As outras baleias do grupo estavam cansadas de ouvir Baleia Resmungona e, particularmente, não queriam brincar com ela. Seus lamentos altos estavam prejudicando o oceano, a casa de todos.

Certo dia, quando todas as baleias estavam nadando perto da costa, elas começaram a se dirigir para o mar, buscando as águas profundas. No entanto, Baleia Resmungona estivera tão ocupada em lamentar-se que não percebeu que todas as baleias, inclusive sua mãe, tinham mudado de direção. Ela continuou a nadar em frente e, antes que pudesse saber o que estava acontecendo, havia cruzado o recife de corais e ido parar sozinha em uma pequena lagoa.

Então, a maré começou a mudar e a água da lagoa começou a esvaziar vagarosamente através da passagem da barreira de corais. Baleia Resmungona ficou presa no raso, com a água apenas cobrindo suas costas e diminuindo a cada momento.

O que ela podia fazer? Não adiantava entoar seu lamento, pois sua mãe não estava por perto para ouvi-la. Então, fundo em sua memória de baleia, ouviu os mais lindos sons. Ouviu e tentou repeti-los. A princípio, seu canto era muito fraco, mas quanto mais tentava, mais forte sua voz ficava. De repente, estava ressoando, o mais bonito canto de baleia.

O canto viajou pela água, por cima dos corais e além, dentro das profundezas do oceano. Viajou por todos os caminhos até onde sua mãe e as outras baleias estavam nadando. Tão logo o grupo ouviu uma jovem baleia chamando, todas as baleias voltaram e nadaram em direção ao recife de corais. Enquanto nadavam, saltavam alto, para fora da água, para cima e para baixo, para cima e para baixo, repetidas vezes. Ao darem saltos para o alto e caírem espalhando água, provocavam uma onda gigante que se enrolava à frente delas. Quando alcançaram o recife de corais, pararam e esperaram. A gigantesca onda rolou por sobre os corais e encheu a lagoa com água suficiente para ajudar a baleia presa a escapar nadando em segurança. Ela encontrou seu grupo esperando-a do outro lado do recife e foi escoltada de volta ao lar, o oceano profundo.

A mãe estava orgulhosa de sua filhinha. 'Finalmente, você aprendeu o poder e a beleza do canto das baleias', sussurrou-lhe. E ela nadou a sua volta, focinhou todo o seu corpo com seu nariz de baleia – que é como as mães baleias beijam e abraçam seus filhinhos.

Naturalmente, a jovem baleia estava muito feliz por estar de volta sã e salva com seu grupo. Agora, ela sabia como usar sua voz para entoar lindos cantos; nunca mais resmungou ou se lamentou. Na verdade, ela inventou um novo canto de baleia e ensinou seus amigos. Se você estiver nadando no mar e ouvir atentamente, poderá escutar este lindo canto:

*Posso cantar isso e posso cantar aquilo,
Gosto disso e gosto daquilo,
Posso fazer isso e posso fazer aquilo,
Minha vida é tão boa, todo dia.*

A Cama Rangedora

Uma história universal para todas as idades, para ajudar a reavaliar como as coisas são boas ou ruins na vida. Especialmente valiosa, quando uma criança está reclamando o tempo todo sobre algo trivial.

Tenho usado isso com grupos grandes de crianças de idades variadas e também com adultos em conferências – para ajudá-los a rir e a se envolver ativamente.

te. Para os adultos, tem ajudado a proporcionar um entretenimento 'curativo' ao final de um dia ou uma semana de intenso pensar e concentração. A história principia com o contador dividindo o público em grupos de 'animais' e então, quando cada animal entra na casa, pode haver muito barulho e atividade à medida que se interpreta. É surpreendente a comparação entre o pequeno ranger (feito por um membro escolhido do público) e todos os animais produzindo sua cacofonia.

Era uma vez uma velha senhora que morava em uma fazenda. Ela estava muito contente com sua vida, a não ser por uma coisa – ela não gostava de sua cama rangedora. Durante toda a noite, havia tantos rangidos e barulhos diferentes que ela tinha dificuldade para dormir.

Certa noite, o rangido ficou tão alto que ela não pôde suportar. No dia seguinte, ela foi visitar um velho sábio na vila e contou-lhe seu problema. O sábio mandou-a de volta ao sítio e disse-lhe para levar a vaca para morar na casa.

'Que conselho estranho', pensou a velha mulher, 'mas ele é sábio, por isso vou fazer o que ele diz'.

Ao chegar em casa, levou a vaca para dentro de casa e, naquela noite, assim como a cama rangedora, a vaca também mugiu o tempo todo.

Ela voltou à casa do sábio e, dessa vez, ele lhe aconselhou a voltar para seu sítio e levar o carneiro para dentro.

[A história continua até a casa estar cheia de todos os animais da 'fazenda' – vaca, carneiro, burro, porco, galo etc., todos fazendo seus barulhos correspondentes durante a noite inteira (a lista pode ser longa ou curta, dependendo da concentração dos ouvintes)]

Finalmente, a velha senhora não podia suportar mais. Ela tinha uma terrível dor de cabeça e não dormia há semanas. Voltou ao velho sábio e disse-lhe que ia contar para todos da vila que ele não podia ser um 'sábio', já que ele lhe havia dado conselhos tão inúteis e tolos.

O velho sábio implorou à senhora que aceitasse o último conselho dele para ela – 'Volte para casa, senhora, tire todos os animais lá de dentro e deixe-os voltar para o seu lugar'.

A velha senhora foi para casa e expulsou a vaca, o carneiro, o burro, o porco, o galo etc. Naquela noite e nas noites seguintes, ela dormiu profundamente.

A Maçã Estrela

Esta história é de origem desconhecida e foi reescrita pela autora. É adequada para todas as idades. Trata-se de um exemplo positivo de como o tédio de uma criança pode ser transformado em uma aventura cheia de encantamento, com o primeiro impulso vindo de pais criativos. Quando eu conto esta história, geralmente corto uma maçã (horizontalmente, não do cabo à base). Então, coloco as duas metades juntas e as escondo embrulhadas em um pano em meu colo, prontas para serem abertas e mostrar a estrela ao ouvinte no momento apropriado.

Era uma vez um garotinho que estava cansado de todos os seus livrinhos, cansado de seus quebra-cabeças e cansado de todos os seus brinquedos.

‘O que eu poderia fazer?’, perguntou a sua mãe.

Essa mãe sempre sabia inventar coisas maravilhosas para meninos fazerem e lhe disse ‘Você poderia dar um passeio e procurar uma pequenina casa vermelha, sem janelas nem portas – e com uma estrela escondida dentro dela’.

Bem, os olhinhos do menino arregalaram-se de excitação. ‘Mas Mamãe, onde eu poderia encontrar essa casa?’, ele disse.

‘Descendo a estrada, passando pela casa do fazendeiro e subindo a montanha – porém, quando você a encontrar, traga-a para me mostrar’.

Então, o garotinho partiu. Era um dia lindo – o sol estava brilhando, o céu estava azul e ele, tão feliz de estar envolvido em uma aventura. Pulava e saltava pela estrada, cantando. Ele não tinha ido muito longe quando viu o fazendeiro parado do lado de fora de seu celeiro olhando para seus campos de grãos e de milho.

‘Com licença, fazendeiro’, – disse o garotinho – ‘o senhor poderia me dizer onde encontrar uma casinha vermelha, sem janelas nem portas – e com uma estrela escondida dentro dela?’

‘Bem’, disse o fazendeiro, ‘eu moro aqui há muitos anos e não conheço essa casa. Você deveria perguntar à Vovó – Vovó sabe como tricotar luvas e como fazer pipoca caramelada. Certamente, Vovó saberá’.

O garotinho continuou descendo a estrada à procura da casa da Vovó. Logo, ele chegou onde Vovó estava sentada numa cadeira de balanço no meio de seu jardim de ervas e de cravos.

‘Com licença, Vovó’, disse o menino, ‘a senhora poderia me dizer onde eu posso encontrar uma casinha vermelha, sem janelas nem portas – e com uma estrela escondida dentro dela?’

‘Oh’, suspirou a Vovó, ‘eu gostaria de conhecer essa casa – seria um lugar quentinho quando as noites esfriam, e a estrela faria uma linda luz. Você deveria perguntar ao Vento – o Vento sopra por sobre as colinas e abaixo nos vales, o Vento sopra em volta do mundo todo, o Vento conhece todos os segredos’.

Então, o garotinho continuou sua jornada, procurando o Vento. Começou a subir a colina e, ainda não tinha ido muito longe, quando o Vento veio conversar com ele, soprando em volta de sua cabeça uma vez atrás da outra.

‘Com licença, Vento’ – disse o garotinho –, ‘o senhor poderia me dizer onde encontrar uma casinha vermelha, sem janelas nem portas – e com uma estrela escondida dentro dela?’

Bem, o Vento riu e parecia dizer, ‘Siga-me’. Soprou até o topo da colina onde uma macieira se encontrava. Soprou uma vez à volta da macieira, uma vez mais e mais outra. Soprou uma maçã que veio cair ao chão, na grama.

Quando o garotinho chegou ao topo da colina, abaixou-se e pegou a maçã. Ele segurou-a em suas mãos e olhava-a cuidadosamente. Era redonda e vermelha como o sol a pintara. Não tinha portas nem janelas. Tinha um cabinho no topo que parecia uma chaminé.

‘Eu me pergunto’, disse o garoto, e de seu bolso tirou um canivete e cortou a maçã ao meio.

Quando ele abriu as duas metades, viu, escondida lá dentro... uma estrela!

‘Obrigado, senhor Vento’, disse o garotinho.

‘De nada’, suspirou o Vento.

E o garotinho levou para sua mãe, sua casinha vermelha, sem janelas nem portas – e com uma estrela escondida dentro dela.

O Segredo da Páscoa

Esta história é um exemplo positivo de como encontrar uma resposta para um enigma pode transformar um ‘nada a fazer entediante’ em uma aventura

cheia de maravilhas. Como ela é muito longa, sugiro que seja para a idade de cinco anos ou mais.

Era uma vez um menino que desejava saber o segredo da Páscoa. Todo ano, quando os dias quentes do verão começavam a refrescar e uma coberta de nuvens brancas cobria o céu, ele sabia que a Páscoa estava chegando. Nesse país, a Páscoa sempre vinha com as nuvens e a chuva. Ele ouvia sua Mãe e seu Pai conversando sobre a Páscoa, ouvia seu irmão mais velho e sua irmã conversando sobre a Páscoa, ele sabia que a Páscoa estava chegando, ele sentia que a Páscoa estava chegando... mas ele não entendia realmente o que era a Páscoa.

‘Mamãe’, ele sempre perguntava. ‘O que é a Páscoa?’

‘Somente o Papai Sol pode contar-lhe tal segredo e ele lhe dirá quando estiver pronto para contar-lhe.’ E sua Mãe continuava seu trabalho.

O menino corria para fora e olhava para cima onde Papai Sol sorria por entre as janelas da coberta de nuvens brancas, e ele ouvia, e esperava, e ouvia, e esperava. Nesse ano, ele estava esperando e desejando, mais do que nunca, que o Papai Sol lhe contasse o Segredo da Páscoa.

Certa manhã, ele acordou cedo. Algo parecia diferente – os pássaros pareciam estar cantando para ele, os raios de sol que dançavam através da janela pareciam acenar para ele. Levantou-se, vestiu-se sozinho e, sem esperar pelo café da manhã, correu para fora, para o jardim. O céu estava cheio de nuvens, mas no Leste havia uma grande janela e Papai Sol brilhava através dela. Parecia estender seus braços de raios de sol direto para o menino que levantou seus braços para encontrar os raios de sol. Ele ouvia e esperava, e ouvia e esperava, e então ele ouviu esta mensagem do Papai Sol:

*O segredo que você procura, eu guardo numa casinha,
Onde minha luz dourada brilha noite e dia.*

Ele ouviu novamente...

*O segredo que você procura, eu guardo numa casinha,
Onde minha luz dourada brilha noite e dia.*

O menino ficou muito feliz em saber finalmente onde encontrar o segredo. Correu para cá e para lá e para todo lugar pelo jardim, mas logo percebeu que não ia ser tão fácil encontrar a casinha onde a luz dourada do Sol brilha dia e noite.

Já sei, vou perguntar ao Vento, ele sopra por toda a terra, certamente saberá onde encontrar essa casinha', e desceu correndo para onde o vento soprava os arbustos no fundo do jardim.

'Vento, Vento, querido amigo Vento, você pode me dizer onde eu posso encontrar a casinha onde a luz dourada do Sol brilha dia e noite?'

Mas o Vento estava muito ocupado a soprar. 'Pergunte à Árvore', disse o Vento.

Então, o menino correu para onde a grande figueira crescia em meio ao jardim.

'Árvore, Árvore, querida Árvore, você pode me dizer onde eu posso encontrar a casinha onde a luz dourada do Sol brilha dia e noite?'

Porém, a Árvore estava muito ocupada a crescer. 'Pergunte à Formiga', disse a Árvore.

Então, o menino correu para onde ficavam os formigueiros, no meio do jardim de pedras.

'Formiga, Formiga, querida Formiga, você pode me dizer onde eu posso encontrar a casinha onde a luz dourada do Sol brilha dia e noite?'

Porém, a Formiga estava ocupada, correndo de lá para cá. 'Pergunte à Abelha', disse a Formiga.

'Abelha, Abelha, querida Abelha, você pode me dizer onde eu posso encontrar a casinha onde a luz dourada do Sol brilha dia e noite?'

Porém, a Abelha estava muito ocupada a zumbir.

Exatamente no momento em que o menino começava a se perguntar se ele algum dia encontraria essa casinha onde a luz dourada do Sol brilha dia e noite, ele ouviu sua Mãe chamá-lo para o café da manhã.

Ele correu para dentro de casa, lavou suas mãos e sentou-se à mesa. 'Vou perguntar a minha Mãe', ele pensou. Então, contou-lhe sobre a mensagem do Papai Sol. 'Procurei e procurei em todo lugar, perguntei ao Vento e perguntei à Árvore, perguntei à Formiga e perguntei à Abelha. Você pode me dizer onde eu posso encontrar a casinha onde a luz dourada do Sol brilha dia e noite?'

Sua Mãe sorriu docemente e disse: 'Está logo em frente de você'.

O menino olhou para baixo e ali, a sua frente, numa taça para ovos, estava uma caminha de ovos macia, redonda e brilhante. Sua Mãe o ajudou a cortar, abrir e, dentro, dormindo numa caminha branca, estava uma bola dourada de luz, que brilhava noite e dia.

O menino ficou tão feliz de encontrar o Segredo da Páscoa e tão faminto depois daquela busca que comeu todo o seu café da manhã e um pãozinho doce extra e correu para o jardim para brincar. Enquanto brincava, cantava:

*Uma coberta de nuvens brancas a ocultar,
Um segredo escondido no caminho,
Um segredo escondido em um ninho,
Um segredo de Páscoa para muito amar.*

10

Desonesto ou Furtivo

As Pombas e a Hiena

Uma história Xhosa tradicional pesquisada por Maria Msebenzi e reescrita pela autora. Essa história tem um tema semelhante ao conto de Grimm 'O Lobo e os Sete Cabritinhos'. Trata dos temas da mentira e da desonestidade e é apropriada para a idade de 6 anos ou mais.

Há muito tempo, no meio de uma floresta vivia uma mamãe pomba. Ela tinha seu ninho no topo de uma árvore verde frondosa e nele havia três filhotinhos de pomba.

Todo dia, a mamãe pomba deixava o ninho para buscar comida. Antes de voar, ela recomendava a seus filhotes para não abrirem a porta do ninho

e não jogar a corda para ninguém a não ser para ela. Os filhotes sabiam que ela voltava quando a ouviam cantar sua canção de mamãe pomba.

Todo dia, os filhotes esperavam dentro do ninho com a porta seguramente fechada. Quando a mãe retornava, ela parava ao pé da árvore e cantava. Os filhotes, então, abriam a porta e jogavam a corda para fora para que sua mãe subisse com a comida.

Certo dia, a mamãe pomba tinha chegado à árvore e estava cantando para os filhotes. Sem saber, seu canto foi ouvido por uma hiena faminta. Ela observou quando a porta do ninho se abriu e os filhotinhos jogaram a corda para baixo e a mãe subiu.

A hiena pensou no quanto gostaria de pegar aqueles filhotes para seu jantar. Então, elaborou um plano astuto. Esperou até que a mamãe pomba saísse do ninho na manhã seguinte e, então, ao pé da árvore tentou cantar; porém, sua voz era muito grossa. Mesmo quando tentou modulá-la para ficar mais fina, os filhotinhos perceberam que não era a mãe deles e não abriram a porta nem jogaram a corda.

A hiena decidiu procurar uma maçã para suavizar sua voz. Ela chegou rapidamente a uma fazenda próxima e pegou uma maçã verde do pomar. Mastigou e mastigou e engoliu a maçã embora o gosto fosse amargo. Então, voltou à árvore e tentou cantar novamente.

No entanto, sua voz ainda estava grossa e, mesmo quando forçou para suavizá-la, os filhotes perceberam que não era a mãe deles e não abriram a porta e nem jogaram a corda.

Agora a hiena estava ficando muito brava. Correu de volta à fazenda e ameaçou o fazendeiro para que lhe desse uma de suas maçãs vermelhas especiais que cresciam em uma macieira perto da casa. Quando a hiena mastigou e engoliu a maçã vermelha, o suco doce ajudou a suavizar e enternecer sua voz. Ela retornou para a floresta e uma vez mais colocou-se ao pé da árvore e cantou para os filhotes. Dessa vez, os filhotes pensaram realmente que era a mãe deles voltando para casa. Abriram a porta e jogaram a corda.

Rapidamente a hiena começou a subir pela corda. Subiu e subiu até quase alcançar o ninho. Nesse momento a mamãe pomba retornou à árvore, viu o que estava acontecendo e cantou para seus filhotes, 'meus lindos filhotinhos, rápido, fechem a porta!'

Ouvindo a voz da mãe, os filhotes soltaram a corda e rapidamente voltaram para dentro do ninho fechando a porta atrás deles. A hiena balançou e caiu até o chão, num baque surdo, machucando as costas.

Desde esse acontecimento, a hiena tem sempre mancado por causa das costas quebradas. A mamãe pomba nunca mais deixou seus filhotes sozinhos em casa. Assim que eles tinham idade suficiente, ela os ensinou a voar e a encontrar sua própria comida.

O Dingo Desonesto

Esta história foi escrita para a idade de sete a nove anos (indicação de idade aproximada). Ela tem temas e metáforas muito fortes e isso foi necessário para ajudar a tratar com seriedade do tema furto¹. A história introduz o efeito positivo de ouvir a consciência de alguém no caminho da transformação, da desonestidade para a honestidade. A história poderia ser usada para a idade de cinco ou seis anos, mas, definitivamente, não é apropriada para menores de quatro anos. Esse grupo de idade mais novo compreende um emprestar e 'um levar para casa para mostrar à mamãe', mas não furtar!

Nas planícies de poeira vermelha, no meio de uma vasta terra, havia um dingo chamado Pequeno D. Ele tinha nascido em uma ninhada de muitos filhotinhos de dingo e era o último e o menor de seus irmãos. Enquanto seus irmãos tinham pelo amarelo, havia algo nele diferente... ele era de um branco reluzente!

Por ser o menor e por parecer tão diferente, ele sempre tinha que lutar pelo que precisava. Quando filhotinho, ele teve que aprender a trepar por cima dos filhotes e disputar para tomar o leite da mãe. Portanto, quando ele

¹ Furtar para crianças pequenas frequentemente não é 'furtar', mas apenas a imitação de adultos 'possuindo' coisas. Para as crianças mais velhas, às vezes pode ser um sintoma de um distúrbio relacionado à necessidade de mais atenção, em vez de apenas 'mau' comportamento. Como vimos, uma história terapêutica precisa ser combinada com uma sondagem das circunstâncias da casa da criança.

cresceu continuou brigando pela sua parte na caça que seu pai arrastava para casa. Ele também tinha que lutar e combater para conseguir ossos para enterrar como comida para outro dia.

A maior parte do tempo, Pequeno D., o menor e mais branco dingo, envolvia-se numa batalha perdida com seus irmãos e nunca conseguia o suficiente para comer. A constante disputa por comida levou esse jovem a métodos desonestos. Ele descobriu que era mais fácil roubar sua comida em vez de lutar por ela.

Tudo aconteceu assim.

Certo dia, o Pequeno D. estava rolando na poeira vermelha das planícies quando um de seus irmãos passou com um grande osso na boca. Para sua surpresa, o irmão não o viu porque o Pequeno D. estava coberto com a poeira. O Pequeno D. parou de rolar e começou a seguir o irmão que levava o osso para dentro do mato e, uma vez entre os arbustos, cavou um buraco fundo e o enterrou.

Quando o irmão retornou da planície, o Pequeno D. cavou e pegou o osso para seu próprio prazer.

No dia seguinte, o Pequeno D. rolou na poeira vermelha e esperou pelo próximo irmão com o osso para enterrar. Novamente, ele o seguiu — dessa vez a uma colina rochosa próximo dos arbustos. O irmão com o osso então cavou um buraco entre as rochas e colocou o osso dentro. Quando o irmão retornou, o Pequeno D. cavou e pegou o osso para seu próprio prazer.

Com o passar do tempo, o Pequeno D. colecionara mais ossos do que poderia um dia comer, portanto ele procurou o seu próprio esconderijo. Levou algum tempo para encontrar o que precisava, mas finalmente, em uma caverna próxima ao leito seco de um rio, ele encontrou um lugar que era grande o suficiente para armazenar muitos ossos.

Durante as próximas semanas e meses, muitos ossos foram acumulados na caverna pelo Pequeno D. Sempre bem disfarçado com a poeira vermelha das planícies, ele não apenas espreitava os irmãos, como também a mãe e o pai. O Pequeno D. estava roubando sua família inteira!

Nesse período, o céu não se cobriu de nuvens e nenhuma vez choveu. As planícies estavam cada vez mais secas e mais poeirentas, e mais secas e mais poeirentas. O Pequeno D. não tinha trabalho para cobrir-se com o disfarce da poeira vermelha e continuar com seus métodos desonestos.

Sua caverna logo estava cheia até o topo de ossos roubados e o Pequeno D. estava muito feliz de saber que nunca mais sentiria fome. Entretanto, todos os membros da família estavam ficando cada vez mais fracos. Eles vinham sendo roubados em seu estoque de ossos e, sem nenhuma chuva há meses, estavam tendo dificuldade de rastrear qualquer animal e trazer comida fresca para casa para compartilhar.

Então, um dia o tempo trouxe uma mudança para a terra e também para os métodos desonestos do Pequeno D. A chuva começou a cair pela planície. Começou com algumas gotas aqui e ali. Então, com alguns relâmpagos e trovões, o céu transformou-se numa vasta cachoeira caindo do céu. Na verdade, havia tanta água caindo que as planícies logo pareciam um mar prateado e o leito seco do rio encheu-se e transbordou.

O Pequeno D. correu para um terreno mais alto tão logo a chuva começou. No entanto, ele não conseguiu encontrar nenhum abrigo nas colinas rochosas e, portanto, a água da chuva o lavou retirando toda a poeira vermelha! Agora ele estava novamente branco reluzente. Sem o seu disfarce, ele não mais poderia planejar perseguir os irmãos e envolver-se em truques desonestos.

A água que transbordou foi suficiente para encher a caverna de ossos do Pequeno D. Na semana seguinte, depois que as águas baixaram, os ossos estavam no chão da caverna limpos e lavados. Quando a chuva tinha parado e o sol brilhava em toda sua glória no céu, lá estavam os ossos branquinhos e brilhantes na caverna escura. O Pequeno D. voltou à caverna e viu os ossos brancos, brilhantes e limpos. Quando olhou os ossos — brilhando, brancos e limpos e então olhou para o seu pelo — brilhando, branco e limpo, ele soube em seu coração que era hora de devolver os ossos à família. Naquela noite, ele os carregou um a um até a planície e os espalhou pelo solo.

Na manhã seguinte, sua família encontrou os ossos espalhados, juntou-os e compartilhou. Eles nunca souberam quem os tinha pegado e aonde tinham sido levados, mas isso não parecia importar. O que importava era que o Pequeno D. estava observando a família enquanto eles coletavam o tesouro de ossos e ele viu como estavam felizes ao compartilhar. De repente, ver sua família feliz parecia ser a melhor coisa do mundo. Teria o disfarce de poeira vermelha impedido que ele visse isso antes?

O Pequeno D. também descobriu que havia crescido e ficado forte o suficiente para caçar sua própria comida. Não era mais o Pequeno D., mas

um lindo e enorme dingo! Com o passar do tempo, ele logo estava perseguindo animais para a família e trazendo comida para casa para alimentar os seus próprios filhotes, cuidando para que os menores e mais novos sempre tivessem o suficiente para comer.

Anansi e a Estátua

As histórias de Anansi originaram-se na África Ocidental e foram então levadas para as ilhas do Caribe com o transporte de escravos da África para a América. Elas também eram conhecidas como Histórias da Aranha — 'Anansi' era ao mesmo tempo homem e aranha! As histórias de Kweku Anansi ainda são contadas pelo povo Ashanti em Gana. Histórias semelhantes com heróis diferentes são contadas em todo o mundo: o Coelho é o personagem principal nas histórias das Índias Ocidentais Francesas, região sul dos Estados Unidos e Leste da África; na Nigéria, a tartaruga é o personagem fazedor de travessuras. As histórias da Aranha/Anansi são um recurso maravilhoso para as crianças de seis a dez anos e, um interessante contraste com o personagem Homem Aranha do cinema. Como em todas as comunidades, nem todo mundo faz o que deve ser feito, e essa é a razão pela qual o personagem de Anansi surgiu. Anansi é preguiçoso, desonesto e muito ambicioso. Ele é cheio de truques maliciosos, porém engraçado e adorável. Geralmente seu comportamento desonesto e ambicioso é punido com consequências naturais, e o humor leva o tema ao desfecho. Aqui está um exemplo de como a desonestidade de Anansi não reverbera.

Era uma vez um pequeno vilarejo onde morava Kweku Anansi. As pessoas desse vilarejo eram muito unidas. Certo dia o chefe chamou o seu povo e sugeriu a ideia de uma fazenda que alimentasse a todos na vila em tempos de fome. Todo mundo abraçou a ideia, exceto Anansi, que dizia estar doente. Toda vez que os outros o chamavam para juntar-se a eles na fazenda, ele mentia que estava doente.

As sextas-feiras eram reservadas para trabalhar na fazenda. Trabalhar na fazenda ia muito bem sem Anansi, que sempre mentia que estava muito doente para trabalhar. Mas quando era quase hora da colheita, o chefe e seu povo perceberam que alguém havia começado a roubar a produção. Naque-

la semana, quando eles foram à fazenda, perceberam que alguém estava colhendo porções de comida. Notícias sobre os furtos espalharam-se muito rapidamente por toda a vila. O chefe convocou as pessoas da vila para elaborar um plano que os ajudasse a pegar o ladrão. O próprio Anansi não estava na reunião, pois havia alegado que estava doente.

As pessoas sugeriram várias formas de pegar o ladrão, porém a mais simples e melhor era uma grande estátua coberta de cola para ser colocada no meio da fazenda. Qualquer um que a tocasse ficaria preso nela.

Na noite seguinte, Anansi saiu para continuar sua atividade noturna duvidosa. Ele não sabia dos planos que as pessoas tinham elaborado para prender o ladrão. Quando chegou à fazenda, ele viu algo como um ser humano no meio do campo.

Rapidamente Anansi gritou, 'Quem é? Quem é? O que você está fazendo na fazenda a esta hora da noite?' Não houve resposta. Anansi continuou a questionar a estátua pensando que era um ser humano. Aproximou-se e disse, 'É homem, se você não me responder eu vou esbofeteá-lo com a mão esquerda'. Antes que ele pudesse terminar sua frase, ele havia esbofeteado o homem com sua mão esquerda. Sua mão esquerda ficou presa na estátua de cola. Anansi pensou que o indivíduo o estava segurando e, portanto, gritou mais forte com raiva: 'Olha meu amigo, eu fiz a você uma simples pergunta e agora você segura minha mão esquerda sem nenhum motivo. Por favor, solte minha mão esquerda ou eu vou esbofeteá-lo com a minha mão direita'. Mas antes que Anansi tivesse terminado de dizer isso, ele novamente esbofeteou a estátua com a mão direita, que ficou presa!

Anansi estava agora ficando furioso e também muito alarmado porque o dia estava para nascer. Ele começou a chutar a estátua com as pernas numa tentativa de se libertar. Ambas ficaram presas. Kweku Anansi estava agora pendurado na estátua sem ninguém para salvá-lo.

Na manhã seguinte, os mais velhos da vila foram para a fazenda para ver se a sorte estava do lado deles prendendo o ladrão misterioso. Eles viram Anansi pendurado na estátua. Rapidamente a notícia chegou à vila e todo mundo correu para a fazenda para ver Anansi pendurado na estátua. Foi uma grande vergonha para Kweku Anansi e sua família. O povo da vila então libertou Anansi da estátua e o enxotou. Incapaz de suportar a vergonha, Anansi correu e se escondeu no canto mais alto da parede. Essa é a razão por

que sempre encontramos Anansi, a Aranha, no canto, no alto da parede de nossos quartos. Também, por causa da vergonha, essa é a razão por que Anansi sempre se esconde quando vê alguém se aproximando.

Akimba e a Vaca Mágica

Era uma vez um pobre homem chamado Akimba. Ele não tinha dinheiro nem comida. Certo dia ele foi à floresta procurar algo para comer. Lá encontrou um homem velho cortando madeira e parou para ajudá-lo. O homem velho ficou tão agradecido que deu a Akimba uma vaca. Ele disse a Akimba para ir para casa e falar para a vaca, 'bu, bu, bu'.

Quando Akimba chegou em casa, falou, 'bu, bu, bu' para a vaca e a vaca deu-lhe uma moeda de ouro. Ele continuou falando, 'bu, bu, bu', até que se tornou um homem rico.

Então, Akimba teve que sair em viagem. Ele pediu a seu vizinho Bumba para cuidar da vaca, mas pediu-lhe para nunca dizer 'bu, bu, bu'. Tão logo Akimba partiu Bumba falou, 'bu, bu, bu', e a vaca lhe deu uma moeda de ouro. Bumba ficou tão satisfeito com isso que decidiu ficar com a vaca. Quando Akimba retornou deu-lhe uma vaca diferente e quando Akimba disse 'bu, bu, bu', tudo o que a vaca disse foi muu!

Akimba voltou à floresta e contou ao homem velho o que tinha acontecido. O homem deu-lhe um carneiro e disse para falar 'bu, ru, ru' quando chegasse em casa. O carneiro deu-lhe uma moeda de prata e Akimba ficou rico dizendo 'bu, ru, ru'. Eventualmente ele teve que fazer outra viagem e deixou o carneiro com seu vizinho com a recomendação de nunca dizer 'bu, ru, ru'. Bumba logo descobriu que o carneiro dava moedas de prata e, quando Akimba retornou, ficou com o carneiro mágico e deu-lhe outro no lugar. Tudo que o novo carneiro fazia quando Akimba dizia 'bu, ru, ru' era 'béé, béé, béé!'

Como antes, Akimba voltou à floresta e dessa vez o homem velho lhe deu uma galinha e lhe disse para falar 'cluck, cluck, cluck'. Quando Akimba chegou em casa ele disse 'cluck, cluck, cluck' e a galinha botou um ovo. 'Ovos são ovos', Akimba disse, e visto que estava faminto comeu o ovo. Então ele vendeu muitos outros ovos e eventualmente ficou rico novamente. Logo ele teve que fazer outra viagem e deixou a galinha com seu vizinho Bumba,

advertindo-o para nunca dizer 'cluck, cluck, cluck'. Como antes, Bumba trocou a galinha por outra que nunca botava ovos quando Akimba dizia 'cluck, cluck, cluck'.

Dessa vez Akimba carregou a galinha até a floresta. O homem velho deu-lhe uma vareta para levar para casa e disse-lhe para falar 'vareta, dance para mim' e então para dizer 'Mambo' para fazê-la parar. Uma vez de volta a sua cabana, Akimba disse, 'vareta, dance para mim' e a vareta começou a bater nele até que ele se lembrou de dizer 'Mambo'. Akimba tinha começado a suspeitar de seu vizinho Bumba e, portanto, fingiu que ele tinha que ir viajar. Pediu a Bumba para guardar a vareta e nunca dizer 'vareta, dance para mim'. Naturalmente, tão logo Akimba sumiu na estrada, Bumba falou, 'vareta, dance para mim'. A vareta começou a bater nele e Akimba podia ouvir os gritos ao longo do caminho. Ele voltou e Bumba concordou em devolver-lhe a vaca, o carneiro e a galinha se Akimba pudesse parar a vareta. Akimba gritou, 'Mambo' e a vareta parou. Ele levou seus animais para casa e nunca mais ficou pobre ou faminto.

Vermelho-Cereja

Eu escrevi esta pequena história para uma menina de cinco anos que apresentava um comportamento furtivo quando visitava a casa de um amigo. Minha amiga tinha uma estátua de gnomo em seu jardim. Embora a garotinha soubesse que a estátua era muito velha e não deveria ser tocada, ela esperava até que ninguém estivesse olhando e sentava-se no jardim tentando descascar a tinta vermelha. Ao invés de considerar o comportamento negativo, a história tenta trazer uma mensagem positiva para a garotinha sobre quanto o gnomo gostava da cor vermelha. O efeito da história foi imediato — a criança parou de descascar a tinta.

Havia um pequeno gnomo que vivia com seus irmãos e irmãs embaixo das raízes de uma grande figueira. Essa árvore ficava no meio de uma antiga floresta tropical, perto de uma praia extensa próximo ao mar.

O pequeno gnomo adorava passear e pegar coisas bonitas para levar e mostrar a sua família. Acima de tudo, ele adorava qualquer coisa de cor ver-

melha. Sua mãe tinha-lhe tricotado um gorro vermelho brilhante e logo ele ficou conhecido pelos seus amigos da floresta como Vermelho-Cereja.

Quando Vermelho-Cereja tinha tempo livre, ele perambulava aqui e ali pela floresta, colecionando folhas de ponta vermelha, frutinhas silvestres vermelhas e outros tipos de coisas vermelhas.

À medida que o tempo passava, ele ia cada vez mais longe, até que um dia ele chegou aos limites da floresta e encontrou um pequeno jardim nos fundos de uma casa de tijolos vermelhos.

Vermelho-Cereja não podia acreditar no que via quando entrou no jardim — nunca antes ele tinha visto tantas flores lindas e frutos num único lugar. Ele estava certo de que havia muito mais coisas vermelhas ali do que em toda a floresta! Havia gerânios vermelhos, rosas vermelhas e hibiscos vermelhos. Crescendo e ao longo da cerca, havia um gigantesco pé de tomate coberto de tomates vermelhos-cereja. Na horta, havia morangos vermelhos despontando suas cabeças entre as folhas verdes. Vermelho-Cereja ficou muito feliz! Ele pegou dois tomates pequenos e um morango (tomando cuidado para deixar o suficiente para os donos do jardim) e correu de volta pelo caminho da floresta para mostrar à família.

Por todo o caminho, ele estava tão feliz que inventou uma pequena canção e cantou:

*Vermelho-Cereja é um cara legal,
De chapéu vermelho e casaco amarelo,
Colhendo tesouros de um jardim especial,
Tudo, tudo, tudo belo!*

E você sabe, daquele dia em diante, Vermelho-Cereja tem voltado a esse jardim especial toda manhã. Ele senta-se lá o dia todo para observar seus tesouros vermelhos — os tomates, os morangos e as flores — e toda noite ele volta à floresta levando um pequeno presente vermelho para sua família.

11

Desrespeitoso ou Negligente

As Botas de Tembe

Esta simples história foi escrita para um Centro Educare na Cidade do Cabo para ajudar crianças a aprender a colocar os sapatos juntos. Consulte o Capítulo Três para mais detalhes sobre o uso e efeitos. Tem valor universal e pode ser usada com crianças de três anos ou mais.

Tembe era um garotinho que todo dia vinha para o jardim de infância como você. Toda manhã quando ele acordava, vestia-se e colocava suas botas vermelhas preferidas, que ele gostava de usar na escola.

As botas vermelhas de Tembe eram o que ele mais gostava de usar. Ele sentava-se para tomar o café da manhã e às vezes dava uma espiada embaixo da mesa — sim, lá estavam suas botas vermelhas — em seus pés, felizes por estarem lado a lado, felizes por serem amigos íntimos.

Se ele ouvisse com atenção, poderia ouvi-las cantar suavemente:

Amigos íntimos, imos, imos, estamos tão felizes por sermos 'amigos íntimos'.

No caminho para a escola, sempre que Tembe caminhava, suas botas caminhavam também. Toda vez que Tembe pulava, suas botas pulavam também. Toda vez que Tembe saltava, suas botas saltavam também. Ele sempre olhava para os pés e sorria — ele podia ver o quanto elas gostavam de ser 'amigos íntimos'.

Quando ele estava brincando no jardim da escola, às vezes sentava-se no balanço e olhava para suas botas, batendo os pés juntos — quão felizes elas estavam por estar em seus pés e serem 'amigos íntimos'.

Ouça — você pode ouvi-las cantar:

Amigos íntimos, imos, imos, estamos tão felizes por sermos 'amigos íntimos'.

Então, chegou a época em que seu professor chamava as crianças — era hora do descanso. Tembe tinha que tirar suas botas vermelhas e deixá-las do lado de fora — naturalmente, suas botas não podiam entrar para a hora do descanso! Cuidadosamente ele as colocava encostadas na parede, para esperarem por ele — 'amigos íntimos'. Lá elas ficavam até que a hora do descanso terminasse e fosse a hora de colocá-las em seus pés para um longo caminho de volta para casa.

Tembe deitava-se em sua cama na sala de aula e ouvia seu professor cantar canções de ninar. Quando seu professor parava de cantar, pouco antes de ele adormecer, podia ouvir suas botas cantando na varanda suavemente:

Amigos íntimos, imos, imos, estamos tão felizes por sermos 'amigos íntimos'.

O Canivete e o Castelo

Uma história escrita para um garoto de oito anos que estava sendo irresponsável com ferramentas. Eu também tenho usado esta história em escolas e programas de férias para encorajar crianças mais velhas a criar coisas com as mãos — na madeira ou argila ou pedra-sabão. Eu uso um acessório especial para contá-la — um pequeno pedaço de madeira entalhado como uma peça de quebra-cabeças — isso pode ser transformado num formato de castelo no momento da história quando a família do garoto acorda e encontra o que ele fez. Um castelo improvisado, grosseiramente entalhado ou modelado em argila também serve.

Havia um jovem garoto que ganhara um canivete de aniversário. Um canivete novinho em folha, um canivete brilhante. Um canivete muito afiado que ansiava por ser usado.

Ele o guardava no bolso — e lá ele ficava ansiando por ser usado.

'Eu sou um canivete e adoro cortar; abra-me, use-me e, depois, você pode me fechar.'

O garoto estava certo de que podia ouvi-lo cantar às vezes. Mas o que um garoto poderia fazer com um canivete?

'Eu sou um canivete e adoro cortar; abra-me, use-me e, depois, você pode me fechar.'

Ele podia ouvi-lo novamente. Ele estava sentado na cozinha e ninguém estava por perto. Pegou seu canivete e começou a cortar o pé da mesa. O canivete ficou tão feliz de ser usado — mas quando sua mãe entrou na cozinha ela não ficou feliz! Ela tirou-lhe o canivete por um mês e um dia.

Finalmente, ele estava de volta ao bolso do menino, ansiando por ser usado.

'Eu sou um canivete e adoro cortar; abra-me, use-me e, depois, você pode me fechar.'

O garoto podia ouvi-lo cantar novamente. Ele estava na sala e ninguém por perto. Pegou seu canivete e começou a cortar a almofada da cadeira da vovó. O canivete ficou tão feliz de ser usado — mas quando sua avó entrou na sala ela não ficou feliz! Tirou-lhe o canivete por um mês e um dia.

Finalmente, ele estava de volta ao bolso do menino, ansiando por ser usado.

'Eu sou um canivete e adoro cortar; abra-me, use-me e, depois, você pode me fechar.'

O garoto podia ouvi-lo cantar novamente. Ele estava na oficina e ninguém por perto. Pegou seu canivete e começou a fazer entalhes na bancada de trabalho. O canivete ficou tão feliz de ser usado — mas quando seu avô entrou na oficina ele não ficou feliz! Tirou-lhe o canivete por um mês e um dia.

Finalmente, ele estava de volta ao bolso do menino, uma vez mais ansiando por ser usado.

Naquela noite, o garoto adormeceu à luz prateada do luar que brilhava através da janela de seu quarto. Em sono profundo, o garoto teve um sonho. Nesse sonho, havia uma colina e na colina havia um castelo e no castelo havia janelas e atrás das janelas havia muitos quartos e nesses quartos havia...

Nesse momento, o garoto acordou, sentou-se na cama e teve uma ideia brilhante. 'Eu sei o que fazer com o meu canivete', ele disse. Desceu da cama, vestiu-se e colocou seu canivete no bolso. Então, ele saiu para o jardim e à luz da lua encontrou um pequeno pedaço de lenha jogado próximo do monte de lixo.

[Mostre aos ouvintes um pedaço de lenha]

Ele trouxe a lenha para a varanda, abriu seu canivete e, à luz prateada do luar, começou a trabalhar. E, durante o tempo em que estava trabalhando, o canivete cantava:

*'Eu sou um canivete e adoro cortar; abra-me, use-me e, depois,
você pode me fechar.'*

E, durante o tempo em que ele estava trabalhando, o resto da família dormia profundamente.

[Peça aos ouvintes para fechar os olhos por um minuto]

Quando eles acordaram, na mesa da cozinha havia uma linda surpresa.

[Mostre aos ouvintes um castelo entalhado na madeira]

Na sala, o jovem garoto dormia profundamente e em seu bolso havia um canivete muito feliz, porém muito cansado!

Daquele dia em diante, toda vez que o garoto olhava através da janela de seu castelo de madeira, ele sempre tinha uma nova ideia de como usar seu canivete. Seu canivete foi sempre feliz e o garoto também. O garoto cresceu e se tornou um carpinteiro famoso pelos castelos que podia entalhar em um simples pedaço de madeira.

O Poema do Novelo de Lã

Um poema pode, às vezes, tocar a imaginação tão profundamente quanto uma história. Pais, num workshop de Disciplina Criativa, usaram o seguinte para lidar com o desafio de sua filha de quatro anos querer usar as tesouras para picotar coisas. Naturalmente, cortar com uma tesoura é uma habilidade natural a se desenvolver para uma criança de quatro anos, mas a mãe estava tendo dificuldade de manter o 'cortar' fiscalizado. Ela escreveu o poema 'Novelo de Lã', inspirada por um recibo de \$100 que tinha chegado com um pedido de

lã para suas aulas de artesanato — ela colocou o poema dentro da sacola de lã e o tirou, fingindo surpresa, e o leu em voz alta para sua filha. A garotinha ficou tão emocionada com a mensagem que prontamente tirou sua boneca do berço e colocou alguns novelos de lã na cama. Ela os tratou como bebês pelos próximos dias. Cortar novelos de lã com tesoura nunca mais foi um problema.

Um Novelo de Lã por Jane Dolahenty

Um novelo de lã traz horas de alegria para todos que aproveitam o dia —
Para escolher um novelo valioso e aprender um truque precioso.

Tricotando, tecendo, fazendo uma boneca — oh, que coisas podemos criar?
Mas não há destino pior... que em pedacinhos cortar!

Tesouras realmente me assustam, me protejam, por favor,
Sou muito feliz ficando bem perto, enquanto você se mantém no trabalho desperto.

Não me deixe rolar por aí, com fios soltos sem ter aonde ir,
Posso ser chutado ou jogado e certamente emaranhado.

E quando você tiver terminado e seu pedaço de lã cortado,
Por favor, me enrole bem arrumado e na cama me coloque aconchegado.

Instruções: Por favor; encontre uma cama especial para sua nova família de lã!

A Garotinha que Amava Flores

Uma história escrita para uma menina de quatro anos que recentemente tinha se mudado das favelas de Nairóbi para um internato no campo. Essa garotinha nunca tinha visto flores crescer em jardins e, deslumbrada, continuamente as colhia. Enquanto isso, a encarregada do dormitório foi ficando muito incomodada com isso, assim como o jardineiro da escola. A história foi escrita numa tentativa de redirecionar o comportamento da garota e foi um sucesso. A encarregada ajudou fornecendo alguns pedaços de lã coloridos para confeccionar um bastão de dança.

Havia uma garotinha chama Netty que morava com sua mãe e muitos irmãos e irmãs. A pequena Netty adorava flores. Ela amava os desenhos das flores, as formas das flores, o aroma das flores... mas, acima de tudo, ela adorava as maravilhosas cores das flores... vermelho, rosa, roxo, amarelo, laranja, azul... tantas cores maravilhosas.

A pequena Netty passava todo o seu tempo livre passeando pelo jardim e procurando flores para brincar. Ela as colhia e espalhava na grama. Então, ela sentava-se entre as flores tirando-lhes as pétalas e brincando de atirá-las ao ar. Certo dia, enquanto a pequena Netty estava sentada na grama, brincando com algumas pétalas amarelas de capuchinha, ouviu um sussurro na brisa. Soava como se viesse de um arbusto verde de margaridas que estava próximo. A pequena Netty aproximou-se e no meio do arbusto ela viu um pequeno botão abrindo e fechando, parecia estar falando com ela!

'Garotinha, por favor, não colha minhas irmãs e irmãos o tempo todo. Uma vez que somos retirados de nossos arbustos verdes, murçamos e morremos. Mas, se você nos deixar crescer, então, poderemos continuar dançando no jardim. Não há nada que uma flor mais goste de fazer do que dançar.'

A pequena Netty não sabia o que dizer! Ela também amava dançar, portanto entendia perfeitamente o que o botão de flor estava dizendo.

Então, ela teve uma ideia. Foi até sua mãe e pediu-lhe um pedaço de lã de cada cor de suas flores favoritas. Ela amarrou os pedaços coloridos ao longo do bastão e saiu. Com seu bastão colorido como um arco-íris, ela começou a dançar pela grama em volta do jardim.

Logo uma brisa se aproximou gentilmente soprando as flores para frente e para trás e todas juntas dançaram com a pequena Netty no jardim.

O pequeno botão de margarida estava muito feliz ao ver isso e sorria tanto que todas as suas pétalas brancas desabrocharam. Então, a margarida se juntou à pequena Netty na dança.

A Vovó e o Burrinho

Uma história para encorajar a consciência da desordem.

Esta história foi escrita em 1997 para um show de marionetes para crianças africanas que visitavam jardins de infância nas favelas da Cidade do Cabo. O efeito foi imediato — enquanto preparavam o show, as crianças corriam até eles com as mãos cheias de lixo. Acredito que a história tem uma mensagem universal e pode ser usada para todas as idades. A canção Xhosa foi escrita por um dos titereiros, Maria Msebenzi.*

Era uma vez, nas terras ao sul da África, uma vovó que lá morava. Seus filhos e netos tinham mudado para a cidade e ela tinha sido deixada sozinha em sua fazenda no campo. Porém, a vovó nunca se sentia solitária porque sua criança preferida era a própria 'natureza', e sempre havia algo a fazer para cuidar da natureza.

Vovó gostava especialmente de ver a sua criança natureza usar um lindo vestido, um vestido de flores e, portanto, ela passava a maior parte de seu tempo cuidando de um jardim e plantando lindas flores. Seu melhor amigo e ajudante era um burrinho baio que trabalhava o dia inteiro puxando uma carroça para carregar baldes de água para as flores do jardim. Aos sábados, ele levava vovó em seu lombo forte, puxando uma carroça de flores e, assim, partia para o mercado na cidade. A vovó o vestia para o dia com um chapéu especial ornado de flores e um pelego colorido.

No final do dia, quando todas as flores tinham sido vendidas, vovó usava o dinheiro para comprar comida para ela e aveia para seu burrinho baio. Eles sempre tinham o suficiente para comer e, por muito tempo, foram muito felizes trabalhando e vivendo juntos. O burrinho amava a Vovó e Vovó amava o burrinho. Enquanto eles trabalhavam juntos no jardim de flores, ela sempre cantava esta canção para ele:

*Oh, um burrinho é uma coisa maravilhosa; uma coisa maravilhosa
é um burrinho.*

Imbongolo yinto entle kahle; into ekahle yimbongolo.

* N.T. — Diz-se de quem comanda os fantoches.

Entretanto, à medida que os anos passavam, Vovó ficava cada vez mais velha, e chegou o tempo em que ela estava muito velha para trabalhar em seu jardim de flores e muito velha para morar no campo, sozinha. Então, certo dia, ela empacotou todos os seus pertences na carroça, colocou o chapéu de flores e o pelego colorido no burrinho e, juntos, partiram para a cidade para encontrar uma casa nova, uma casa de cidade, para morar.

Fazia muito tempo que Vovó estivera na cidade e, à medida que passeava pelas ruas a caminho da casa nova, ela ficou chocada e entristecida ao descobrir como havia se tornado um lugar bagunçado. Havia confusão e lixo empilhado por todo lado. Em vez de jardim de flores, havia jardins de bagunça e lixo.

‘O que as pessoas estão fazendo com a ‘criança natureza’, gritou a Vovó. ‘Como eles podem vesti-la com uma roupa tão feia?’ E sentou-se entre latas e garrafas e sacolas plásticas do lado de fora de sua nova casa e começou a chorar. Enquanto ela estava chorando, o burrinho baio aproximou-se, abaixou a cabeça e segredou-lhe ao ouvido. Devagar, as lágrimas da Vovó pararam e um sorriso cruzou seu rosto enrugado. ‘Claro, burrinho baio, que ideia maravilhosa’ ela disse, e então começou a cantar:

*Oh, um burrinho é uma coisa maravilhosa; uma coisa maravilhosa
é um burrinho.*

Imbongolo yinto entle kahle; into ekahle yimbongolo.

Enquanto ela cantava, desempacotou todos os seus pertences e levou-os para dentro da casa nova. Depois de uma xícara de chá para ela e um pouco de água e aveia para o burrinho, ela desceu a rua com o burrinho e uma carroça vazia. Enquanto caminhava, ela começou a recolher o lixo e carregá-lo na carroça; então trabalhava e cantava:

Minha criança natureza, hoje, está feia e cinza.

Ela precisa suas roupas mudar.

Vamos a bagunça limpar e o lixo recolher;

Então, sementes plantar para um vestido de flores crescer.

Não demorou muito para as crianças na rua ouvirem o alegre canto da Vovó. Elas saíram de suas casas e começaram a ajudar. Ao final do dia, com as crianças trabalhando duro, todo o lixo da primeira rua tinha sido recolhido.

Tudo foi carregado na carroça e levado para um aterro. Então, Vovó enfiou a mão dentro de um saco de sementes que ela tinha trazido de seu jardim do campo e deu as sementes para as crianças levarem para suas casas e plantarem em frente delas.

No dia seguinte, com mais crianças ajudando, a segunda rua estava limpa. No terceiro dia, a terceira rua foi organizada. Dessa forma, com as crianças ajudando a Vovó e o burrinho baio, cada rua da cidade logo ficou livre de toda a bagunça. E, com as sementes de flores plantadas na frente de todas as casas, logo a 'criança natureza' tinha uma roupa nova, um lindo vestido de flores.

Vovó agora podia aproveitar a beleza das flores na cidade. Enquanto isso, o burrinho baio mantinha-se ocupado carregando água pelas ruas de todos os jardins e também recolhendo o lixo todo dia.

Daquele dia em diante, se alguém na cidade tivesse qualquer lixo para jogar fora, colocava-o nas latas e esperava a carroça do burrinho passar para levar ao aterro. Todo dia, as crianças colhiam flores no jardim e teciam um chapéu de flores fresquinhas.

Se algum dia você visitar essa cidade, você ouvirá as pessoas cantarem preces para o burrinho baio – o burrinho baio que ajudou a Vovó a dar à cidade uma roupa nova, um vestido de flores:

*Oh, um burrinho é uma coisa maravilhosa; uma coisa maravilhosa
é um burrinho.*

Imbongolo yinto entle kahle; into ekahle yimbongolo.

A Velha e as Formigas

Esta é uma história deliciosa que eu ouvi pela primeira vez no grupo Educare na Cidade do Cabo. É de fonte anônima e foi reescrita para este livro. Estava sendo contada com fantoches para crianças de três anos. Ela tem uma mensagem simples para todas as idades sobre como cuidar dos menores detalhes na vida!

Havia uma mulher velha que sempre deixava seu açucareiro destampado. Todo dia, quando ela estava tomando chá, pegava uma colher de açúcar e, então, deixava o açucareiro aberto dentro do armário.

Essa mulher tinha uma tartaruga de estimação que morava na casa. A tartaruga sempre dizia, 'Cuidado, mulher, ou as formigas virão um dia e roubarão seu açúcar!'

Mas a mulher velha apenas ria e continuava com seu chá.

Dias e semanas se passaram, e um dia a previsão da tartaruga se realizou.

As formigas, que normalmente mantinham-se educadas do lado de fora no jardim, vieram para a cozinha, subiram no armário e entraram no açucareiro. Grão por grão, elas começaram a carregar o açúcar.

No dia seguinte, quando a velhinha estava fazendo o seu chá e colocou a colher no açucareiro, ficou surpresa por não encontrar nenhum grão de açúcar.

A tartaruga tentou dizer, 'Eu disse', mas ela era muito sábia para tais comentários. Em vez disso, ela contou à mulher que tinha visto as formigas levarem o açúcar e que sabia onde era o esconderijo. A mulher seguiu a tartaruga até um pequeno buraco embaixo dos degraus e, claro, quando olhou, lá estava uma pilha de grãos de açúcar.

A velhinha foi capaz de alcançar a pilha com sua colher e pegar açúcar suficiente para uma xícara de chá.

Mais tarde, ela pegou algumas moedas e foi até a loja comprar um saco novo de açúcar. Assim que chegou em casa, foi direto para a cozinha e derramou o açúcar no açucareiro.

Você sabe o que a velhinha fez? Ela apertou bem a tampa do açucareiro e nunca mais ela deixou seu açúcar para as formigas. As formigas permaneceram no jardim e o açúcar ficou no açucareiro.

12

Ganancioso e incapaz de compartilhar

Jardim de Luz — um conto de fadas ambiental

Jardim de Luz foi escrita para o Dia Mundial do Meio Ambiente em 1992 e, posteriormente, um musical de uma hora foi produzido pela Home Grown Produções, Byron Bay. Consulte o Capítulo Três para detalhes sobre os usos e efeitos desta história. Adequada para seis anos ou mais.

Havia um lindo jardim que se estendia vasto e distante, dos vales às planícies, das colinas à costa da praia.

Nesse lindo jardim, cresciam todas as flores, plantas e árvores. Nesse lindo jardim, viviam todos os pássaros, borboletas e abelhas.

Nesse lindo jardim, todas as crianças da terra adoravam brincar, e o jardim mantinha-as saudáveis e felizes em seu brincar todos os dias.

No centro desse jardim, no topo da colina mais alta, havia uma grande bola dourada brilhante. A bola dourada brilhava tanto que enchia o jardim de luz na primavera.

Ao pé da colina vivia a vigia da bola dourada. Ela era uma Tecelã da Natureza e era sua tarefa polir a bola e mantê-la brilhando. Ela morava em um quarto com uma cesta redonda de tecelagem e um tear.

Todo dia, ela levava sua cesta redonda para o jardim e a enchia com ervas frescas, flores e folhas. Então, no tear, ela tecia um pano macio da natureza.

Com esse pano macio da natureza, ela subia ao topo da colina e lustrava a bola dourada e brilhante – até que enchesse o jardim com a gloriosa luz da primavera.

Por muito tempo, tudo era felicidade. A bola dourada precisava do jardim e o jardim precisava da bola dourada. E as crianças gostavam desse lugar lindo para brincar.

Porém, certo dia, um novo Rei assumiu o controle da terra. Esse novo Rei era chamado de Rei Não-se-Importa e Rei Não-se-Importa não se importava com nada a não ser com ele mesmo. Rei Não-se-Importa não se importava com as flores e com as plantas e árvores. Rei Não-se-Importa não se importava com as borboletas e as abelhas. Rei Não-se-Importa não se importava se as crianças tinham um lugar lindo para brincar.

Rei Não-se-Importa apenas se importava com o que *ele* gostava. E Rei Não-se-Importa gostava de reunir e colecionar tesouros. Portanto, tão logo assumiu o governo, Rei Não-se-Importa mandou que seus trabalhadores parassem de cavar as minas de tesouro e construíssem castelos para guardar os tesouros.

Assim, pouco a pouco, o jardim foi cortado para dar lugar às minas de tesouros e aos castelos de tesouros.

*

À medida que o jardim diminuía cada vez mais, a Tecelã da Natureza achava cada vez mais difícil encher sua cesta redonda com flores, ervas e folhas frescas. Ela achava cada vez mais difícil tecer um pano macio da natureza em seu tear. Ela achava cada vez mais difícil lustrar a bola dourada brilhante e, vagarosamente, a bola dourada deixava de refletir a luz gloriosa da primavera. Vagarosamente, a bola dourada tornava-se um cinza opaco, um cinza das nuvens escuras de um dia de tempestade. Logo, todo o jardim desapareceu. Não havia mais flores, nem plantas, nem árvores, não havia mais pássaros, nem borboletas, nem abelhas e não havia nenhum lugar belo para as crianças brincar.

Tudo que restou no topo da mais alta colina foi uma grande bola cinzenta e opaca. Ao pé da colina, sentava-se a Tecelã da Natureza com uma cesta de tecelagem vazia e um tear também vazio. A terra em volta estava agora marrom e estéril, cheia de buracos onde minas de tesouros haviam sido cavadas e cobertas com castelos para armazenar os tesouros.

*

Muitos anos se passaram. O jardim foi esquecido e as crianças cresceram acostumadas a não ter nenhum lugar belo para brincar. O Rei Não-se-Importa não se importava que o lindo jardim desaparecera. Ele visitava seus castelos e continuava feliz contando seus tesouros. Porém, certo dia, ele por acaso olhou para fora de uma janela do castelo e viu na colina a bola acinzentada opaca.

‘Que visão terrível’, ele disse para si mesmo. ‘Devo tentar esconder essa bola cinzenta e opaca — ela me faz sentir um tanto quanto desconfortável’.

O Rei Não-se-Importa ordenou então aos seus trabalhadores que construíssem um muro alto de pedras em volta da colina da bola acinzentada e opaca. O muro alto de pedras não tinha janelas nem porta. Ninguém podia ver a bola acinzentada e opaca. E a Tecelã Natureza não podia sair. Ela permaneceu sentada em seu lugar com sua cesta de tecelagem vazia e seu vazio tear.

*

Na manhã depois que o muro estava terminado, o Rei Não-se-Importa acordou sentindo-se doente. Quando olhou no espelho, viu que ele tinha ficado cinza, o cinza das nuvens num dia escuro de tempestade. Os médicos da terra foram chamados ao seu leito. Eles nunca tinham visto uma doença como aquela antes e, independente do remédio que tentassem, nada parecia ajudar. Na verdade, dia a dia, o Rei Não-se-Importa estava ficando cada vez mais cinza e sua doença ficou tão grave que ele não sobreviveria para ver a primavera daquele ano.

*

No dia em que o Rei Não-se-Importa morreu, rachaduras começaram a aparecer num muro alto de pedras. Essas rachaduras no muro eram muito pequenas, porém brincando perto do muro estava uma criança também muito pequena. A criança achou que ela pudesse caber em uma das rachaduras

e, uma vez tendo passado, ficou olhando para a colina e para a bola acinzentada e opaca. Ela então viu um quarto no pé da colina e caminhou até lá para espiar. Sentada no quarto, estava a Tecelã da Natureza com uma cesta de tecelagem vazia e um tear também vazio.

A Tecelã da Natureza sorriu cansada, mas amigável. 'Eu espero que você tenha chegado a tempo', ela disse. Convidando a pequena criança para entrar, ela contou a história do lindo jardim que uma vez se estendia por toda a terra; das flores e plantas e árvores; dos pássaros, borboletas e abelhas. Ela contou-lhe da cesta que ela costumava encher com flores e ervas e folhas frescas. Ela contou-lhe do tear e do tecido da natureza macio que ela costumava tecer. Ela contou-lhe de sua tarefa de lustrar a bola dourada e mantê-la brilhando, de forma que enchesse o jardim com sua luz da primavera. Os olhos da criança se arregalaram maravilhados. 'Nós devemos trazer de volta o jardim e devemos trazer de volta o brilho dourado à bola acinzentada e opaca', ela gritou.

'Bem', a Tecelã da Natureza suspirou, 'há uma maneira de fazer isso, mas eu sou muito velha para fazê-lo sozinha. Eu precisaria de sua ajuda e da ajuda de todas as crianças na terra. Você deve se preparar para trabalhar muito. Volte e passe através da rachadura do muro e reúna todas as crianças que você puder encontrar — então, eu lhe direi o que precisamos fazer. Espero que você tenha chegado a tempo, realmente espero que você tenha chegado a tempo!'

*

A pequena criança passou pela rachadura do muro e reuniu todas as crianças que pôde encontrar. Elas a seguiram até o quarto da Tecelã da Natureza, onde se sentaram para observar e ouvir. A Tecelã da Natureza pegou uma pequena caixa e segurou-a para as crianças verem. 'Estes são meus tesouros', ela disse, 'eu os recolhi do jardim antes que fosse derrubado'. Então, ela abriu a tampa da caixa e as crianças viram milhares de pequenas sementes lá dentro. 'Com a ajuda de vocês e muito trabalho duro, podemos plantar estas sementes e trazer o jardim de volta. Assim, eu poderei tecer um novo pano da natureza e, com esse tecido, poderemos trazer de volta o brilho para a bola acinzentada e opaca.'

A Tecelã da Natureza mostrou às crianças como cavar o chão e plantar as sementes, e como cuidar e regar as novas plantas com amor. Todo dia as crianças voltavam através das rachaduras do muro e trabalhavam no jardim ao pé da colina da bola acinzentada e opaca.

Quando o jardim tinha crescido o suficiente, a Tecelã da Natureza deu às crianças a sua cesta de tecelagem para encher com flores, ervas e folhas frescas. Ela sentou-se em seu tear e mais uma vez pôde tecer um pano macio da natureza. As crianças, então, levaram o pano macio ao topo da colina e começaram a lustrar a bola acinzentada e opaca. Isso levou muito tempo — pois durante muitos dias as crianças voltaram através da rachadura no muro e lustraram que lustraram a bola acinzentada e opaca.

Devagar, devagar, devagar (levou muito tempo) as crianças conseguiram trazer de volta o brilho dourado. A grande bola uma vez mais começou a brilhar tanto que encheu o jardim ao pé da colina com a luz dourada da primavera. As crianças continuaram a lustrar e lustrar a bola dourada, até que um dia seu brilho dourado refletiu tanto no muro alto de pedras que provocou o desmoronamento do muro alto de pedras!

A luz dourada então inundou a terra e o lindo jardim pôde uma vez mais estender-se vasto e distante dos vales às planícies, das colinas à praia. E uma vez mais as crianças tiveram um lindo lugar para brincar.

A Gambá Gananciosa

Escrevi essa história com vários objetivos em mente. Não é uma história para três ou quatro anos — nessa tenra idade a ganância não é uma realidade consciente! No entanto, no mundo moderno, esta história poderia ser muito útil para crianças de cinco anos ou mais, que tudo querem e são continuamente influenciadas pelas mensagens comerciais na mídia. É uma história muito longa e salienta os generosos tesouros da natureza.

A pequena gambá não nasceu gananciosa, ela nasceu com um amor pelas coisas belas, especialmente por coisas que brilham e reluzem. Enquanto sua mãe a ensinava a encontrar as melhores frutas e sementes para comer,

a pequena gambá olhava para tudo notando como a luz prateada do luar reluzia nas folhas dançantes.

Enquanto sua mãe lhe mostrava como procurar lugares seguros no alto das árvores ocas, a pequena gambá estava ocupada em olhar para a maravilha de todas as estrelas brilhantes no céu noturno. Enquanto sua mãe a alertava a respeito dos perigos da mata, a pequena gambá contava todas as cores brilhantes nas gotas de orvalho da manhã.

*

Então, algo aconteceu que mudou a vida da gambá para sempre.

Numa manhã cedinho, quando os pássaros estavam acabando de acordar e os animais noturnos — como gambás — estavam a caminho de casa para dormir, a pequena gambá encontrou um ninho na relva cheio de coisas que brilhavam e reluziam. Excitada com sua descoberta, ela se abaixou para tocar os tesouros maravilhosos. Havia contas azuis de vidro reluzente, bolinhas de gude faiscantes e tampinhas brilhantes. A pequena gambá nunca estivera perto de coisas tão lindas — tesouros que podia tocar e segurar com suas patas de gambá.

De repente, um pássaro azul-marinho voou vindo de um galho de árvore.

‘O que você está fazendo com *meus* tesouros’, grasnou o pássaro-cetim*, e começou a bicar a cabeça da pequena gambá.

‘Eu estava apenas tocando — eles são tão lindos’, respondeu a pequena gambá e correu para dentro da mata para escapar do furioso dono dos tesouros.

Ela escondeu-se debaixo de um tronco grosso que estava no caminho a salvo dos danos. Pelo resto da manhã, enquanto a família da gambá dormia profundamente, ela olhava para os tesouros especiais no ninho do pássaro e desejava que pudesse ter alguns para si mesma.

Vejam, a pequena gambá tinha aprendido algo novo nesse dia — ela tinha aprendido que coisas bonitas podiam pertencer a alguém. ‘Isso é muito

* N.T. — O pássaro-cetim ou caramanchão pinta as paredes do ninho. Ele sabe que a fêmea gosta muito da cor azul e assim captura tudo o que for desta cor e leva ao ninho. Este parece um edifício de gravetos. A cor escolhida é quase sempre o azul, que obtém de bagas nas redondezas.

melhor do que os tesouros da mata que se pode apenas olhar', pensou a pequena gambá longamente.

*

Daquele dia em diante, tudo que a pequena gambá podia pensar era como ela encontraria alguns tesouros para si. Ela começou a procurar por toda parte por coisas que brilhassem e reluzissem — exatamente como aquelas que ela tinha visto no ninho do pássaro. Procurou pelos vales da floresta. Procurou pelas colinas da floresta. Passeou por toda parte até que finalmente chegou aos campos abertos — exatamente onde sua mãe tinha lhe falado para nunca ir.

'É ali onde os *humanos* vivem', sua mãe a tinha advertido. E, naturalmente, na grande clareira a pequena gambá viu muitos *humanos* de duas pernas — altos e baixos, gordos e magros. Ela também viu muitas casas de madeira com lindos jardins ao redor. Foi acima de um desses jardins que a pequena gambá viu o pássaro voando com um colar de contas azuis brilhantes em seu bico.

A pequena gambá ficou muito entusiasmada. Se o pássaro estava coletando tesouros dos jardins dos *humanos*, então talvez ela tivesse finalmente encontrado o lugar de onde vinham as coisas brilhantes e reluzentes.

Ela mal conseguia esperar para explorar em busca de seus próprios tesouros. Entretanto, algo que sua mãe lhe ensinara surgiu em sua mente de gambá — 'espere até anoitecer, gambás ficam mais seguros à noite do que durante o dia'.

Então, ela se enrolou num tronco de árvore à beira da clareira e esperou até que estivesse suficientemente escuro para ir explorar. Essa noite foi o início de como a pequena gambá transformou-se na gambá gananciosa!

*

Todo jardim que ela ousava entrar, levava-a a algo que brilhava ou reluzia. Na grama ou embaixo de arbustos, ela encontrava pedaços azuis de vidro reluzente, bolinhas de gude faiscantes e moedas brilhantes. Ao longo dos caminhos e nos jardins, ela encontrava contas reluzentes, colheres fais-

cantes e chaves brilhantes. A gambá gananciosa arrastava-se pelas casas enquanto todos os *humanos* dormiam e pegava tantos tesouros quanto pudesse carregar.

Você deve se perguntar onde um gambá ganancioso carrega tesouros, na sua bolsa de gambá, naturalmente! E quanto mais tesouros aquela gambá gananciosa colocava na bolsa, maior e mais pesada ela ficava e mais lentamente ela se movia.

Quando ela tinha terminado sua exploração a todos os jardins dos *humanos*, a gambá gananciosa estava tão grande e pesada que usou toda a sua força para cruzar os campos abertos e alcançar o abrigo de seu lar, a floresta. Quando o sol nasceu na manhã seguinte, a gambá estava enrolada seguramente dentro de um tronco no fundo da floresta.

A gambá gananciosa ficou muito feliz, mas também muito cansada e logo caiu num sono profundo. Ela dormiu o dia inteiro e a próxima noite e o dia seguinte. Finalmente ela acordou sentindo-se muito faminta. Mas como um gambá com uma bolsa de gambá cheia de tesouros pesados sai para caçar comida? Foi, então, que a gambá gananciosa ouviu um som familiar e um cheiro familiar. Ela olhou e viu sua mãe vindo em sua direção. 'Pequena gambá, estive tão preocupada com você. O que você esteve fazendo?', ela perguntou. 'Estive coletando meus tesouros', disse a gambá gananciosa, e abriu a bolsa de gambá para sua mãe espiar dentro.

A Mamãe gambá balançou a cabeça. 'Querida filhinha, não precisamos dos tesouros *humanos* para nos fazer felizes. Sua bolsa de gambá precisa ser guardada para um tesouro muito mais especial do que coisas que reluzem, faíscam ou brilham.

A Mamãe gambá então ofereceu-se para ajudar a tirar tudo da bolsa da pequena gambá de forma que pudessem ir juntas caçar. Ela sabia que a pequena gambá devia estar faminta.

Porém, a gambá gananciosa não queria ouvir a mãe e definitivamente não queria abrir mão de seus tesouros. 'Não', ela gritou, 'esses tesouros são meus, todos meus', e ela foi mais para o fundo do tronco e se enrolou como uma bola compacta. Por muito tempo ela ficou assim, até que sua mãe desistiu de esperar e continuou sua busca por frutas e sementes para comer.

*

Algum tempo depois, a gambá gananciosa ouviu barulho de muitos gambás. Quando levantou a cabeça e espiou viu muitos de seus amigos gambás esperando do lado de fora do tronco oco. As notícias de sua visita aos jardins 'humanos' tinham corrido rápido pela floresta. Seus amigos tinham vindo para ver o que ela encontrara.

A gambá gananciosa abriu sua bolsa para eles darem uma espiada em sua coleção de tesouros. Naturalmente, quando os outros gambás viram todas aquelas coisas que reluziam e faiscavam e brilhavam, eles quiseram algumas para si. Porém, a gambá gananciosa não queria compartilhar!

'Não', gritou a gambá gananciosa, 'esses tesouros são meus, todos meus', e ela foi mais para o fundo do tronco e se enrolou como uma bola compacta. Por muito tempo ela ficou assim, até que seus amigos desistiram de esperar e continuaram sua busca por frutas e sementes para comer.

*

A gambá gananciosa dormiu e dormiu — o que mais havia para fazer? Ela estava muito pesada para ir caçar comida e não ousava tirar seus tesouros da bolsa e deixá-los para trás. Alguém podia vir e pegá-los.

Então, a gambá gananciosa foi ficando cada vez mais faminta e cada vez mais solitária. Sua mãe não voltou. Seus amigos não voltaram. Ela sentou-se dentro do tronco oco e olhou para fora para o mundo e percebeu que mesmo com todos os seus novos tesouros ela não era uma gambá feliz.

Então, numa manhã bem cedinho, através de seus grandes olhos castanhos lacrimejantes, ela viu uma gota de orvalho brilhando com cores na grama úmida do lado de fora. Isso a fez lembrar-se do tempo em que ela costumava ser feliz e aproveitava os tesouros naturais da floresta.

'Que gambá estúpida eu tenho sido', ela disse para si mesma, 'é hora de esvaziar minha bolsa e ficar livre dessas coisas pesadas'. Ela arrastou-se para fora do tronco oco e se embrenhou sozinha pela floresta para onde o pássaro tinha seu ninho na relva.

O pássaro-cetim estava muito surpreso de ter um visitante! Ele olhava com prazer todos os tesouros que a gambá cuidadosamente tirava de sua

bolsa e os espalhava no chão. De lá saíram pedaços de vidro reluzente, colheres faiscantes e chaves brilhantes. De lá saíram todos os tesouros, até que sua bolsa de gambá estivesse vazia e a grama coberta com coisas que reluziam, faiscavam e brilhavam. O pássaro-cetim passou o dia todo escolhendo as melhores coisas — a maior parte azul, naturalmente — para levar para seu ninho. Naquela noite, vombates* encontraram os tesouros que sobraram e os levaram para o subterrâneo para iluminar sua casa escura terrena. Enquanto isso, a gambá (que não era mais *gananciosa e pequena*) saiu para caçar comida, muito feliz por estar leve e livre novamente.

*

Depois que a gambá tinha encontrado muitas frutas e sementes para comer, ela começou a procurar uma nova casa segura e numa árvore alta e oca. Então ela visitou a mãe para mostrar-lhe que não estava mais pesada com uma bolsa cheia de tesouros *humanos*. Ela também queria contar a sua mãe que era agora grande o suficiente para morar na floresta.

Não muito tempo depois disso, exatamente como a mãe havia prometido, a gambá encontrou algo crescendo em sua bolsa que era um tesouro muito mais especial do que todas as coisas que reluziam e faiscavam e brilhavam.

Era um novo bebê gambá!

À medida que o bebê gambá crescia, e começava a se aventurar para fora da bolsa da mamãe para explorar a floresta, a nova mamãe gambá compartilhava com o bebê seu amor pelas belezas da floresta. Juntos eles observavam como a luz prateada do luar reluzia nas folhas dançantes, eles olhavam para as estrelas brilhantes no céu noturno, e eles encontravam as cores brilhantes nas gotas de orvalho da manhã.

A nova mamãe gambá também ensinou seu bebê como encontrar os melhores frutos e folhas para comer, os perigos da floresta e como construir uma casa segura numa árvore alta e oca. Mais importante, a nova mamãe gambá ensinou seu bebê gambá a ficar na floresta e manter-se afastado dos jardins 'humanos', especialmente dos tesouros *humanos* que reluziam e faiscavam e brilhavam.

* N.T. — Vombate é um marsupial noturno, herbívoro escavador, encontrado na Austrália e na ilha da Tasmânia, tem aparência de um urso pequeno, corpo pesado e membros curtos, cauda vestigial e dentição semelhante a dos roedores e dedos com garras.

O Peixe Mágico

Adequada para seis anos ou mais, esta história é minha própria versão de um conto de fadas famoso de Grimm. Também conhecido como 'O Pescador e sua Mulher', esta história é recomendada para pais e professores usarem quando as crianças parecem nunca estar satisfeitas. Uma lembrança viva desta história é quando um de meus filhos, aos seis anos, recostou-se em sua cadeira depois de ouvi-la e suspirou satisfeito, 'Sim, é muito justo — ninguém merece ter tanto!' Acrescentei uma canção à história e por ser a favorita das mulheres quenianas, com quem trabalhei no Leste da África, incluí as palavras da canção em Kiswahili.

Havia um pescador que morava com sua mulher em uma pequena cabana na praia à beira de uma lagoa. Ele e sua esposa eram tão pobres, que não tinham dinheiro para comprar comida. Entretanto, eles sempre tinham o suficiente para comer. Eles viviam dos cocos encontrados na praia e dos peixes do mar. Todo dia o pescador subia em seu barco de madeira e cantava para o vento:

*Vento, leve meu barco, carregue-me através da água, vento leve meu barco.
Upepo, una endesha mashua yangu, nibebe univukishe maji,
Upepo, una endesha mashua yangu.*

O vento soprava as velas e o barco movia-se pelas águas azuis da lagoa e para fora no grande oceano. Quando velejava em seu barco, o pescador esperava pegar pelo menos um peixe para aquela noite.

Um dia, enquanto seu barco balançava nas ondas no meio do oceano, um peixe grande foi fisgado. O pescador puxou e puxou e puxou. De repente, por cima do barco e no chão de madeira com um barulho alto caiu um lindo peixe brilhante — o maior peixe que o pescador já tinha pescado em toda sua vida. 'Este vai durar para muitos jantares', disse o pescador que se abaixou e pegou o peixe para colocá-lo na sacola.

Então ele parou quieto e ouviu — parecia que alguém estava falando com ele. Mas ele estava sozinho no barco no meio do grande mar. A conversa continuou novamente e, para sua surpresa, quando olhou para baixo viu que vinha do próprio peixe.

*Pescador, pescador escute-me, tenho um segredo do mar,
Se você me devolver para o azul, eu concederei um pedido mágico para você.*

O pescador cuidadosamente pegou o peixe e o devolveu à água. Então, ele velejou de volta para casa onde sua esposa o estava esperando na praia. Emocionado, ele lhe contou a respeito do que tinha acontecido, e ela imediatamente disse, 'o que estamos esperando, vamos desejar um melhor lugar para morar, vamos desejar uma casa maior'.

No momento em que ela pronunciou essas palavras, a pequena cabana de um quarto transformou-se numa casa muito grande, com quartos separados e uma cozinha com armários cheios de comida.

Por muitos dias, o pescador não precisou sair para pescar, mas finalmente os armários estavam vazios. Era hora de subir em seu barco de madeira e soltar as velas pelas águas azuis da lagoa e ir para o grande oceano. À medida que o barco se movia através do mar, ele começou a cantar para o vento:

*Vento, leve meu barco, carregue-me através da água, vento leve meu barco.
Upepo, una endesha mashua yangu, nibebe univukishe maji,
Upepo, una endesha mashua yangu.*

Enquanto seu barco balançava nas ondas no meio do oceano, um peixe grande foi fogado. O pescador puxou e puxou e puxou. De repente, por cima do barco e no chão de madeira com um barulho alto caiu um lindo peixe brilhante — o mesmo peixe mágico que ele tinha pescado antes.

*Pescador, pescador escute-me, tenho um segredo do mar;
Se você me devolver para o azul, eu concederei um pedido mágico para você.*

O pescador cuidadosamente pegou o peixe e o devolveu à água. Então, ele velejou de volta para casa onde sua esposa o estava esperando na praia. Emocionado, ele lhe contou a respeito do que tinha acontecido, e ela imediatamente disse, 'o que estamos esperando? Estou cansada de morar nesta casa, vamos desejar um melhor lugar para morar, vamos desejar um grande palácio'.

Imediatamente depois que ela tinha pronunciado essas palavras, a sua casa transformou-se num grande palácio, com muitos, muitos quartos, no

andar de cima e no andar de baixo e torres brilhantes. O palácio também tinha jardins com muitas flores, fontes e uma cozinha ainda maior com armários cheios de comida.

Por muitas semanas, o pescador não precisou sair para pescar, mas finalmente os armários estavam vazios. Era hora de subir em seu barco de madeira e soltar as velas pelas águas azuis da lagoa e ir para o grande oceano. À medida que o barco se movia através do mar, ele começou a cantar para o vento:

Vento, leve meu barco, carregue-me através da água, vento leve meu barco.

Upepo, una endesha mashua yangu, nibebe univukishe maji,

Upepo, una endesha mashua yangu.

Enquanto seu barco balançava nas ondas no meio do oceano, um peixe grande foi fisgado. O pescador puxou e puxou e puxou. De repente, por cima do barco e no chão de madeira com um barulho alto caiu um lindo peixe brilhante — o mesmo peixe mágico que ele tinha pescado antes.

Pescador, pescador escute-me, tenho um segredo do mar,

Se você me devolver para o azul, eu concederei um pedido mágico para você.

O pescador cuidadosamente pegou o peixe e o devolveu à água. Então, ele velejou de volta para casa onde sua esposa o estava esperando na praia. Emocionado, ele lhe contou a respeito do que tinha acontecido, e ela imediatamente disse, 'o que estamos esperando? Estou cansada de apenas possuir um palácio, vamos desejar mais, vamos desejar possuir tudo no mundo, até mesmo a lua e o sol.'

Dessa vez o pescador sabia que sua mulher estava esperando muito mais do que era justo, mas era muito tarde para impedir o pedido porque as palavras já tinham sido pronunciadas. Para a surpresa deles, em frente aos seus olhos, algo diferente aconteceu. O palácio desapareceu e tudo o que restou na praia foi a pequena cabana em que eles sempre tinham morado.

Daquele momento em diante, a única comida que tinham para comer era os cocos encontrados na praia e os peixes do mar. Todo dia o pescador subia em seu barco de madeira e içava as velas pelas águas azuis da lagoa e ia para o grande oceano. À medida que o barco movia-se através da água, ele cantava para o vento:

*Vento, leve meu barco, carregue-me através da água, vento leve meu barco.
Upepo, una endesha mashua yangu, nibebe univukishe maji,
Upepo, una endesha mashua yangu.*

Pelo resto de seus dias, o pescador nunca mais viu o peixe mágico, mas ele e sua esposa nunca ficaram sem comida. O mar sempre lhes fornecia muitos peixes e a praia, muitos cocos.

As Histórias de Anansi 'Ganancioso'

As histórias de Anansi originaram-se na África Ocidental e então foram trazidas para as ilhas do Caribe (veja Capítulo Dez).

Anansi, o Homem Aranha, é preguiçoso, desonesto e muito, muito ganancioso. Ele é cheio de truques maliciosos, porém engraçado e adorável. Incluem-se aqui, para sete anos ou mais velhos, três exemplos de como a ganância de Anansi não reverbera.

Anansi e Sua Sombra

Era uma vez uma aranha gananciosa chamada Kwaku Anansi. Tanta era a sua ganância que ele não se importava com a esposa nem com os filhos, ele pensava somente em si mesmo. Era sempre Anansi, Anansi, Anansi — tudo para ele.

Um dia, Kwaku Anansi viu três mangas maduras numa árvore perto do rio. Sua boca começou a salivar e ele desejava tanto as mangas que decidiu ir até lá e pegá-las imediatamente. Subiu na árvore e logo chegou ao seu topo. Ele arrancou a primeira, a segunda e ia para a terceira quando olhou para baixo na água e viu seu reflexo. Pensando ser outra pessoa com algumas outras mangas, ele sentiu inveja. Ele queria aproveitar as mangas, sozinho e decidiu descer o rio para brigar com aquela pessoa e pegar as mangas dela.

Splash! Anansi caiu na água. Segurando suas duas mangas firmemente nas mãos, ele começou a olhar em volta. Para sua surpresa, não havia nin-

guém lá. As correntes carregaram Anansi como uma folha. Ele lutou sem sucesso para sair do rio. Desesperadamente, ele relaxou as mãos que seguravam as mangas e as viu flutuar com a corrente.

Finalmente, exausto e encharcado, ele saiu do rio. Seu desejo por mangas tinha desaparecido completamente. Com má sorte, ele referiu-se a elas como 'mangas azedas'. Com amargura e raiva, Anansi foi para casa e, naquela noite, ele pagou pela sua ambição não tendo nada para comer.

Ser Ganancioso Sufoca Anansi

Kwaku Anansi morava num país que tinha uma rainha que também era bruxa. Essa rainha tinha um nome secreto — a palavra 'cinco', e ela não queria que ninguém a usasse. Ela decretou que quem usasse a palavra 'cinco' cairia morto.

Vejam, Anansi era um rapaz esperto e muito faminto também. As coisas tinham ficado especialmente ruins porque naquela terra havia escassez de comida. Anansi decidiu construir uma pequena casa para si próximo ao rio, exatamente no lugar onde todos vinham buscar água. Ele também plantou cinco pés de inhame perto da casa. Seu plano era chamar qualquer um que se aproximasse, 'por favor, você pode me dizer quantos pés de inhame eu tenho aqui. Eu não sei contar muito bem.' Ele esperava que diferentes animais viessem e dissessem 'um, dois, três, quatro, cinco', e eles cairiam mortos. Então, Anansi os pegaria e armazenaria num barril para comê-los. Dessa forma ele sempre teria muita comida em tempos de escassez e em tempos de fartura.

Depois de algum tempo, aproximou-se uma Galinha de Angola. Anansi disse, 'Desculpe-me senhorita, diga-me quantos pés de inhame eu tenho aqui'. Então a Galinha de Angola sentou-se num dos pés de inhame e disse, 'um, dois, três, quatro e um em que eu estou sentada!' Sho! (chupando seus dentes), 'você não sabe contar direito'. E a Galinha de Angola moveu-se para outro pé e disse, 'um, dois, três, quatro e um em que eu estou sentada!' Sho! 'Você não sabe contar direito de forma alguma', disse Anansi.

'Como então você conta?' A Galinha de Angola perguntou, um pouco confusa pelo estranho comportamento de Anansi. 'Porque é desta forma: 'um,

dois, três, quatro, CINCO!’ E ao dizer essa última palavra, Anansi caiu morto e a Galinha de Angola o comeu.

Anansi e os Pássaros

Em certa época, na terra em que Kwaku Anansi morava, houve uma grande fome e todos os animais lutavam para encontrar o suficiente para comer.

Enquanto isso, todos os pássaros da terra tinham muito para comer. Todo dia eles voavam por sobre as águas em direção a uma ilha especial para alimentar-se nas cerejeiras. As cerejas eram tão grandes, doces e suculentas, que quando os pássaros as comiam, o suco da cereja escorria pelo bico e manchava as penas de vermelho-escuro.

Por ser uma ilha, apenas os pássaros podiam facilmente chegar lá. Toda vez que Anansi ouvia a conversa dos pássaros elogiando o suco das cerejas, fazia com que ele quisesse ir lá cada vez mais. Mas, toda vez que ele pedia para ir, nenhum dos pássaros se oferecia para ajudar. Eles diziam: ‘se Deus quisesse que você fosse para a Ilha da Cereja, ele o teria feito pássaro. Vá-se embora e nos deixe em paz’.

Anansi sentou-se e pensou e pensou e pensou até que idealizou um plano. Finalmente, ele teve uma ideia. Quando os pássaros voltaram da ilha mais tarde naquele dia, ele pediu a cada um deles uma pena. Como isso parecesse um pedido insignificante, cada pássaro deu-lhe uma de suas penas, do beija-flor ao João-de-Barro.

Na manhã seguinte, quando chegou a hora de os pássaros retornarem para a Ilha da Cereja, Anansi amarrou-se nas penas. Subiu então num coqueiro alto, pulou e começou a voar. Seguindo todos os pássaros, ele voou até chegar à ilha. Pousou na maior cerejeira e começou a comer. E comeu e comeu e comeu! Enquanto isso, os pássaros murmuravam a respeito da ganância de Anansi. Eles ficaram preocupados, pois não sobrariam cerejas se ele continuasse comendo tanto. Anansi ignorou os comentários e continuou comendo. Quanto mais os pássaros comentavam, mais bravos ficavam, até que o João-de-Barro disse: ‘Anansi, você é um ingrato. Cada um de nós emprestou-lhe uma pena para vir aqui, agora você está comendo todas as cerejas!’

Anansi apenas continuou comendo as cerejas e ignorou os pássaros. Então, um a um, os pássaros pegaram suas penas de volta. Em pouco tempo Anansi não tinha mais nenhuma. Os pássaros voaram de volta para o continente ao final do dia e Anansi foi deixado sozinho na ilha por toda a noite. No dia seguinte, ele teve que nadar muito, muito, muito para voltar para casa.

A Donzela Frangipana

A história é baseada no conto de Grimm chamado 'As Moedas Estrelas' e é adequada para a idade de cinco a oito anos. Em vez de uma pobre menina na história, usa-se um pequeno arbusto chamado A Donzela Frangipana. Essa abordagem busca um redirecionamento positivo para a ganância e tem como tema o dar e o compartilhar. Nota: A árvore frangipana é muito conhecida nas regiões tropicais e tem uma flor linda com pétalas lustrosas variando do branco ao rosa e do amarelo ao vermelho.

Era uma vez, numa mata costeira, uma pequena donzela frangipana que passeava sozinha. Os ventos frios do outono a tinham levado para longe de sua mamãe árvore e ela agora não tinha lar nem família por perto. As únicas roupas que ela usava eram pétalas brancas e rosas em volta de sua cintura, folhas verdes sobre seus ombros e folhas verdes em volta da cabeça. O único alimento que ela tinha para comer eram framboesas selvagens que havia encontrado ao longo do caminho arenoso.

Mas a pequena donzela frangipana não estava preocupada nem assustada. Ela sabia que, enquanto fosse agradecida pelo pouco que tinha, seria cuidada e sempre teria o suficiente. Enquanto passeava pelo caminho, procurando um lugar para sentar-se e comer suas framboesas, encontrou um pequeno pássaro que lhe falou:

‘Eu não tenho nenhuma comida, por favor, dê-me algo para comer’. Imediatamente a pequena donzela frangipana deu suas framboesas para o pássaro e continuou seu caminho.

Depois ela viu um ratinho que lhe pediu:

‘Eu não tenho chapéu, o vento está frio’. Então, a pequena donzela frangipana tirou as folhas verdes que aqueciam sua cabeça e deu seu chapéu de folhas para o ratinho.

Um pouco adiante ela encontrou uma aranha que lhe pediu:

‘Eu não tenho agasalho e o vento está frio’. A pequena donzela frangipana tirou seu casaco de folhas e o deu para a aranha fazer um pequeno casaco.

Então ela encontrou um amontoado de formigas pelo caminho e uma delas lhe pediu:

‘Eu não tenho roupas, o vento está frio’. Então, a pequena donzela frangipana tirou as pétalas rosas e brancas e construiu uma pequena casa de pétalas para a formiga se abrigar.

Agora a pequena donzela frangipana não tinha mais nada sobrando. Ela havia dado sua comida e todas as suas roupas. Mas ela não estava preocupada ou assustada. Ela sabia que seria cuidada. Ela continuou seu caminho e, como estava escurecendo, ela logo encontrou lugar para dormir perto do caminho arenoso entre algumas folhas e a relva.

Enquanto dormia, as estrelas no céu dançavam e giravam. Elas giravam e dançavam e dançavam e giravam tecendo-lhe uma linda roupa de seda brilhante.

A pequena donzela frangipana acordou e viu-se envolta em seda prateada com uma cascata dourada ao seu redor. A princípio, ela pensou que as estrelas, que pareciam pedaços de ouro brilhante nos céus, estavam caindo. Porém, quando as gotas alcançaram o chão, ela viu que eram de ouro verdadeiro. Ela as recolheu e continuou seu caminho. Depois disso, a pequena donzela frangipana jamais precisou de coisa alguma pelo resto da vida.

13

Irritante ou Impaciente

O Pelicano Irritante

Quase todos os pais vivem momentos em que seu filho está sendo irritante ou inoportuno. Pode acontecer à hora do jantar quando a criança está faminta e os pais estão cansados. Pode acontecer no carro numa longa viagem quando a criança está entediada e os pais estão estressados. Em tais momentos, um poema bem humorado pode ajudar a aliviar a tensão. É pouco provável que os pais conheçam um poema longo de cor. Eu costumava guardar cópias de poemas selecionados presas na porta da geladeira para recorrer quando precisava.

Às vezes, apenas ler alguns versos solucionava o problema ou, pelo menos, mudava o assunto e definitivamente oferecia uma melhor abordagem do que um confronto direto.

Pelicano Irritante era um pássaro,
Irritante, inoportuno, incômodo pássaro,
Na praia vivia esse pássaro,
Um pássaro que sempre queria mais.
Mesmo com todos os peixes do mar,
Pelicano Irritante queria mais para lancha!

O dia todo podia comer esse Pelicano Irritante,
Que sempre caçava de maneira irritante,
Ele sempre bicava os buracos e ninhos,
Descansar não podia animal ou passarinho,
De sua irritação ninguém escapava em grupo ou sozinho.

Seus pais lhe diziam conselhos importantes,
A respeito de sua bisbilhotice irritante.
'Um dia você poderá se arrepender,
Guarde o que temos a dizer!
Pegar peixes nas águas azuis é o seu dever,
Isso é o que PE-LI-CA-NOS devem fazer.'

*Mas Pelicano Irritante não se importava,
Ele apenas batia as asas e ao céu voava.
Ele batia as asas provocante e irritante,
Em outro solo pousava no próximo instante.*

Mamãe caranguejo seus filhos sozinhos não podia deixar,
Não podia deixar seus filhos seguros no lar.
Se ouvissem Pelicano Irritante fazendo seus sons,
Gritavam para ele não bisbilhotar:
'Um dia você poderá se arrepender,
Guarde o que temos a dizer!
Pegar peixes nas águas azuis é o seu dever,
Isso é o que PE-LI-CA-NOS devem fazer.'

*Mas Pelicano Irritante não se importava,
Ele apenas batia as asas e ao céu voava.
Ele batia as asas provocante e irritante,
Em outro solo pousava no próximo instante.*

Mamãe pássaro seus filhos sozinhos não podia deixar,
Não podia deixar seus filhos seguros no lar.
Se ouvissem Pelicano Irritante fazendo seus sons,
Gritavam para ele não bisbilhotar:
'Um dia você poderá se arrepender,
Guarde o que temos a dizer!
Pegar peixes nas águas azuis é o seu dever,
Isso é o que PE-LI-CA-NOS devem fazer.'

*Mas Pelicano Irritante não se importava,
Ele apenas batia as asas e ao céu voava.
Ele batia as asas provocante e irritante,
Em outro solo pousava no próximo instante.*

Os pescadores suas sacolas na praia não podiam deixar,
Se soubessem que Pelicano Irritante estava prestes a alcançar.
Se ouvissem Pelicano Irritante fazendo seus sons,
Gritavam para ele não bisbilhotar:
'Um dia você poderá se arrepender,
Guarde o que temos a dizer!
Pegar peixes nas águas azuis é o seu dever,
Isso é o que PE-LI-CA-NOS devem fazer.'

Mas então, um dia,
Guarde o que eu digo,
Pelicano Irritante fracassou
E furioso se tornou,
E num piscar de olhos,
Sua irritação transbordou.

Perto da sacola do pescador ele bisbilhotava,
Irritante e provocante procurava.
Um peixe apetitoso o impressionou,
Quando do mar voou.
O peixe tão apetitoso
De uma só vez papou,
Com linha e anzol se engasgou.

O anzol e a linha estavam presos à varinha,
E a varinha o pescador detinha,
Perto da praia na orla marinha.

*Agora Pelicano Irritante tinha que se cuidar,
Bater suas asas não podia e nem ao céu voar,
Em desespero só podia ficar.*

Que sorte, aquele pescador era um homem bondoso,
E gentil ajudava pássaros irritantes que na areia pousavam.
Ele gentilmente com suas mãos a linha puxava...
Vagarosamente e gentilmente com suas mãos ele puxava,
Até que pela garganta do Pelicano Irritante o peixe deslizava,
E no prato do pescador ele pousava!

*Pelicano Irritante bateu asas e ao alto voou,
Pelo céu azul brilhante para o alto voou,
Ele bateu asas e ao alto voou,
Ao longe e por cima do oceano viajou.
Dessa vez no solo não pousou,
E seu som irritante de pelicano não ecoou.*

Uma vez sozinho e acima do mar,
Um pelicano diferente ele se tornou,
Nas águas azuis pegar peixes começou,
(seguindo os bons conselhos dos pais, naturalmente)
Ele fez o que pelicanos devem de fato fazer.

A Zebra Impaciente

*Originalmente escrita como uma história da natureza para crianças que-
nianas, esta história é sobre uma zebra impaciente que tem que aprender a es-
perar por suas listras pretas. Baseia-se na observação de filhotes de zebra que
têm listras castanhas durante o primeiro ano de vida. Essas listras tornam-se
pretas à medida que crescem. 'A Zebra Impaciente' é uma história terapêutica
para crianças e adultos. Para os adultos ela contém uma mensagem para desa-
celerar e permitir que as crianças tenham o seu tempo.*

A Pequena Zebra Castanha não estava feliz. Ela não queria ter listras marrons como os outros filhotes. Ela queria ter listras pretas como a mãe, o pai e os irmãos mais velhos. Ela achava que havia algo de errado com ela. Por que as suas listras eram marrons e brancas, quando todo mundo no mundo sabe que as zebras devem ser em branco e preto?

A Pequena Zebra Castanha pensou e pensou sobre isso o dia inteiro. Na verdade, ela não conseguia pensar em nada, além disso. Sua mãe ficava zangada, pois sempre parecia que não se concentrava apropriadamente no que as zebrinhas deveriam aprender — coisas importantes como a melhor relva para comer e como cheirar o ar e dizer se simba¹ está por perto. Em vez disso, ela lamentava-se cantando sua canção impaciente:

*Eu sou uma zebrinha e estou me sentindo deprimida;
Minhas listras deveriam ser pretas, mas elas são todas castanhas.*

A Zebrinha Castanha estava tão preocupada com seu dilema que decidiu procurar uma forma de transformar suas listras castanhas em pretas. Procurou e procurou até que encontrou uma lama espessa e negra à beira da barragem. Tentou então rolar na lama negra para cobrir as suas listras. Mas você pode imaginar o que aconteceu — A Zebrinha Castanha acabou por ficar preta por inteiro, que mais parecia um filhote de búfala do que uma zebra. Quando sua mãe viu o que ela tinha feito, mandou que fosse direto para a água para se lavar e retirar a lama. Depois disso, suas listras castanhas pareciam ainda mais brilhantes.

A Zebrinha Castanha continuou a se lamentar pelo resto do dia cantando sua canção impaciente:

*Eu sou uma zebrinha e estou me sentindo deprimida;
Minhas listras deveriam ser pretas, mas elas são todas castanhas.*

No dia seguinte, ela teve uma ideia diferente. Ela encontrou um tronco de árvore queimado e começou a esfregar as suas listras na madeira enegrecida. Listra por listra ela continuou a esfregar-se. Parecia estar funcionando a princípio. Então, a Zebrinha Castanha ficou tão emocionada que sem perceber o que estava fazendo, esfregando-se com muita força, acabou ficando com machucados por todo o lombo. Ela havia arrancado sua pele também!

Levou muito tempo para sua pele sarar e durante todo esse tempo a zebrinha continuou a se lamentar cantando sua canção impaciente:

¹ 'Simba' é a palavra kiswahili para leão.

*Eu sou uma zebrinha e estou me sentindo deprimida;
Minhas listras deveriam ser pretas, mas elas são todas castanhas.*

Sua próxima ideia foi tentar ficar à sombra, embaixo das acácias — pelo menos dessa forma, suas listras castanhas pareciam mais escuras do que se estivesse à luz brilhante do sol. Porém, a relva não crescia doce e grande na sombra das árvores e a Zebrinha Castanha logo ficou faminta.

Depois de muitas horas à sombra, ela finalmente cansou-se de estar faminta. Ela também estava ficando cansada de se preocupar por ter listras castanhas. De repente, parecia mais importante ter a barriga cheia, portanto ela saiu da sombra das árvores e juntou-se à família para comer a grama doce das planícies ensolaradas.

Alguns meses depois, ela estava passeando com sua mãe descendo o rio para beber uma água fresquinha. Enquanto estava à beira do rio, olhou para a água e, para sua surpresa, viu que suas listras pareciam da mesma cor que as da mãe. Ela virou a cabeça para olhar o seu lombo listrado e certamente o seu lombo listrado tinha ficado preto! Ela não era mais a Zebrinha Castanha.

‘O que aconteceu comigo?’, ela perguntou à mãe. Sua mãe sorriu, esfregou o nariz em seu pescoço e sussurrou em seu ouvido, ‘você cresceu. Você não é mais uma zebrinha.’

A Zebrinha deu um profundo suspiro — naturalmente, agora ela percebeu que tudo que ela tinha que fazer para suas listras castanhas ficarem pretas era Crescer!

Ela galopava e rodopiava cantando uma nova canção:

*Eu sou uma zebra que cresceu e fico feliz por dizer;
minhas listras de zebra hoje são pretas!*

14

Preguiçoso

Os Três Irmãos Tecelões

Enquanto morava nas savanas africanas, eu gostava de observar o pássaro tecelão, construindo seus complexos ninhos por horas a fio. O esforço de cada um era diferente e me lembrava o conto clássico 'Os Três Porquinhos', e então reescrevi esta história com um tema africano. 'Kisulisuli' significa um pequeno redemoinho em kiswahili.

Embora não seja uma história escrita para um comportamento negativo específico, ela tem um uso terapêutico abrangente, pois encoraja o trabalho concentrado e o comprometimento com as tarefas. Foi uma das mais populares histórias no jardim de infância em Nairóbi no ano em que foi escrita. Seu efeito positivo foi observado com um garoto de cinco anos que era conhecido por ser muito preguiçoso e não querer terminar as tarefas. Ele era admirado por suas brincadeiras criativas, encorajando seus amigos a ajudá-lo a construir uma casa muito forte — exatamente como o terceiro irmão tecelão!

Era a primeira vez que eu observava esse garoto brincando de maneira comprometida e seu trabalho concentrado melhorou no geral depois disso.

Era uma vez três irmãos tecelões que tinham crescido o suficiente para voar do ninho dos pais e construir o seu próprio ninho.

'Adeus', disse a mãe deles, 'certifiquem-se de que sua nova casa seja bem no alto'.

'Adeus', disse o pai, 'certifiquem-se de que sua nova casa seja forte e segura'.

O primeiro irmão pousou num galho baixo de uma árvore de acácia. 'Aqui está bom para mim', ele disse, não se importando de procurar mais. Começou então a reunir alguns galhos e relvas para tecer o seu ninho.

Mal havia terminado quando se aproximou uma girafa alta e com uma única lambida com sua língua grande ela engoliu o galho e o ninho de uma só vez. O primeiro irmão apenas conseguiu voar a tempo.

O segundo irmão voou por algum tempo e então pousou num galho alto da mesma árvore. 'Aqui está bom para mim', ele disse e começou a reunir alguns galhos e relvas para tecer o seu ninho. Depois de algum tempo, ele ficou cansado do seu trabalho e começou a prender os galhos e relva juntos rapidamente. Ele não se incomodou de construí-lo forte e seguro.

Mal havia acabado quando se aproximou um Vento Kisulisuli e soprou a árvore. 'Eu vou rodopiar e eu vou girar e eu vou derrubar sua casa', disse Kisulisuli. Mas, o segundo irmão apenas riu e disse, 'vá em frente pequeno Kisulisuli, você não me assusta.'

Então, o Kisulisuli rodopiou, girou e derrubou o ninho ao chão. O segundo irmão apenas conseguiu voar a tempo.

O terceiro irmão pousou em outra árvore de acácia. Antes de começar a tecer o seu ninho, ele lembrou-se do conselho que sua mãe tinha lhe dado e procurou o galho mais alto. Finalmente, encontrou um galho no meio e no topo de árvore, longe o bastante para a língua da girafa não alcançar. 'Aqui está bom para mim', ele disse e começou então a reunir alguns galhos e relvas para tecer o seu ninho.

Esse irmão era trabalhador — ele tinha ouvido o conselho do pai. Levou muito tempo para encontrar os galhos certos e a relva e levou muito tempo para tecê-los juntos — para dentro e para fora, para cima e para baixo, para dentro e para fora — o tempo todo cantando enquanto trabalhava:

*Aqui estou, um pequeno tecelão trabalhador, pequeno tecelão trabalhador,
pequeno tecelão trabalhador*

*Aqui estou, um pequeno tecelão trabalhador, tecendo meu ninho
o dia inteiro.*

Finalmente, depois de muitos dias de trabalho árduo, sua casa nova estava no alto, longe do chão e construída de maneira forte e segura. Quando ficou pronta, o Vento Kisulisuli aproximou-se e soprou em torno da árvore. 'Eu vou rodopiar e eu vou girar e eu vou derrubar sua casa', disse Kisulisuli, mas o terceiro irmão apenas riu e disse, 'vá em frente pequeno Kisulisuli, você não me assusta'.

Então, o Kisulisuli rodopiou e girou e girou e girou. Mas apesar do quanto insistisse, não conseguiu derrubar o ninho da árvore. Mais tarde Kisulisuli girou e foi embora em busca de outra coisa para incomodar e destruir.

O terceiro irmão forrou o seu ninho com algumas penas para deixá-lo macio, então entrou, deitou-se e foi descansar merecidamente. Quando ele acordou, encontrou seus dois irmãos esperando do lado de fora do ninho. Vendo a casa maravilhosa que o irmão havia construído, eles tinham vindo pedir se ele tinha dois quartos para eles.

O terceiro irmão disse-lhes que ele precisava de espaço para uma esposa e filhotes. Ele mandou os dois irmãos embora para que tentassem novamente construir suas próprias casas, dizendo-lhes: 'certifiquem-se de que sua nova casa seja longe do chão. Certifiquem-se de que sua nova casa seja forte e segura.' Dessa vez, os irmãos ouviram o bom conselho. Logo a mata estava ressoando com suas canções enquanto eles faziam seus ninhos no alto e os teciam de maneira forte e segura:

*Aqui estamos, os pequenos tecelões ocupados,
tecelões ocupados, tecelões ocupados,
Aqui estamos os pequenos tecelões ocupados,
tecendo ninhos o dia inteiro.*

O Pescador

Um conto das margens do Lago Vitória (Quênia Ocidental), adequado para a idade de seis a oito anos. Essa história consequente trata do tema preguiça e foi incluída com permissão da autora Elizabeth Aoko.

Era uma vez um velho pescador que vivia sozinho numa pequena cabana às margens do lago. Todo dia, de manhã bem cedo, antes de o sol nascer, o velho homem caminhava até à beira da água. Colocava sua pequena canoa nas ondas, subia nela e com uma longa vara empurrava a canoa para as águas profundas do lago. Então ele lançava sua rede de pesca e a deixava na água, voltava para a praia e esperava. Sentado à sombra de uma árvore ele enchia o seu tempo cantando:

Nyamgodho wnod Omaber; Nejachani, ncayudo dhako majakibaya.

(Nyamgodho filho de Omaber, ele era pobre, mas encontrou uma fada)

Então, depois de um tempo, o homem voltava para a canoa e velejava pelas ondas até as águas profundas para puxar sua rede.

Um dia, quando ele estava puxando sua rede, ele ficou surpreso, pois ela estava pesada. 'Isto é um peixe grande', ele pensou enquanto puxava e puxava a rede. Finalmente, conseguiu puxar a rede ao lado do barco. Para sua surpresa descobriu que não estava cheia de peixes, mas dentro havia uma linda e jovem dama.

'Não me jogue de sua rede', ela implorou ao pescador. 'Por favor, leve-me para casa com você'. O pescador concordou contente e a linda dama subiu a bordo da canoa e velejou com o pescador para a praia. Quando aportaram, o velho homem acendeu uma fogueira, cozinhou algumas batatas doces e fez um chá.

Depois de compartilharem a refeição juntos, a jovem dama pediu ao homem que construísse um boma (tipo de cercado) para algumas vacas, cabras, carneiros e galinhas. Durante três dias o velho pescador trabalhou muito serrando e amarrando e martelando, serrando e amarrando e martelando, serrando e amarrando e martelando — construindo uma casa forte para os animais morarem.

Quando o boma ficou pronto, a jovem dama voltou para a margem do lago e chamou:

Dhoga biabia; dhoga biabia

(Meus animais, saiam todos do mar)

De repente muitas vacas saíram das ondas e caminharam até a margem e a seguiram em direção ao boma.

No dia seguinte, a jovem dama voltou para a margem do lago e chamou novamente:

Dhoga biabia; dhoga biabia

Dessa vez, muitas cabras saíram das ondas e caminharam até a margem e a seguiram em direção ao boma.

No dia seguinte, a jovem dama voltou para a margem do lago e chamou novamente:

Dhoga biabia; dhoga biabia

Dessa vez, muitos carneiros saíram das ondas e caminharam até a margem e a seguiram em direção ao boma.

No dia seguinte, a jovem dama voltou para a margem do lago e chamou novamente:

Dhoga biabia; dhoga biabia

Dessa vez, muitas galinhas saíram das ondas e caminharam até a margem e a seguiram em direção ao boma.

O velho pescador ficou muito feliz. Ele tinha uma linda dama para compartilhar sua casa e muitos animais em seu boma. Mas, à medida que o tempo passou, o homem começou a ficar preguiçoso e descansar. Ele parou de fazer os trabalhos necessários para cuidar da casa e dos animais. A princípio ele esqueceu-se de alimentar as vacas, então as cabras, então os carneiros, e então as galinhas. E então, quando a cerca do boma precisou de conserto, ele não se importou.

A jovem dama não ficou satisfeita com o homem que estava ficando preguiçoso e não queria cuidar dos animais dela. Então, ela sentou-se embaixo de uma mangueira para pensar no que poderia ser feito. Finalmente, ela decidiu que era tempo de ela retornar às águas do lago onde ela antes tinha vivido.

Na manhã seguinte bem cedo, antes do raiar do sol, ela postou-se próximo ao portão do boma e uma vez mais cantou sua canção para os animais:

*Dhoga biabia; dhoga biabia; dhoga biabia;
dhoga biabia; dhoga biabia; dhoga biabia*

Uma a uma, todas as vacas, cabras, carneiros e galinhas começaram a se movimentar, passando pelo portão em direção à água. O velho pescador tentou persegui-los e agarrar os animais, mas suas pernas preguiçosas não conseguiam mover-se rápido o suficiente para pegá-los. Vagarosamente, ele os seguiu até a margem do lago a tempo de ver a jovem dama desaparecer nas ondas seguida de todas as vacas, cabras, carneiros e galinhas. Ele ficou parado à beira da água assistindo inutilmente enquanto ouvia a canção da dama desaparecer lentamente:

Dhoga biabia; dhoga biabia [cantar muito suavemente]

Ele voltou para casa e ficou surpreso ao descobrir que o boma que ele havia construído para os animais tinha desaparecido. Tudo que lhe restava era a pequena cabana exatamente como antes.

Daquele momento em diante, o velho pescador continuou a pescar no lago. Todo dia, de manhã bem cedo, antes de o sol nascer, o velho homem caminhava até a beira da água. Colocava sua pequena canoa nas ondas, subia nela e com uma longa vara empurrava a canoa para as águas profundas do lago. Então, ele lançava sua rede de pesca e a deixava na água, voltava para a praia e esperava. Sentado à sombra de uma árvore, ele enchia o seu tempo cantando:

Nyamgodho wnod Omaber; Nejachani, ncayudo dhako majakibaya.

Então, depois de um tempo, o velho homem voltava para sua canoa e velejava pelas ondas até as águas profundas para puxar sua rede e pegar os peixes fígados. Ele nunca mais viu a jovem dama. Mas às vezes, nos dias em que não há vento e tudo está quieto, ele tem certeza de que pode ouvir uma canção distante vinda do fundo das águas:

Dhoga biabia; dhoga biabia; dhoga biabia; dhoga biabia

15

Barulhento ou Destruidor

A História do Gnomo Barulhento

Essa história pode ser usada com muitos grupos de idades diferentes. Ela foi escrita durante o ano em que meu grupo de cinco anos estava extremamente briguento na hora de brincar. Eu tinha observado algumas das crianças mais tímidas tendo dificuldade de acompanhar os níveis de barulho; minha assistente e eu lutávamos contra o barulho diário. O humor leve da história propiciou uma maneira de enfrentar o desafio. Na verdade, ouvi um de meus garotinhos

quietos, que raramente falava no grupo maior; pedir aos garotos barulhentos em seus esconderijos: 'Meu Deus, eu não aguento mais, esse rufar de tambor dói demais!'

Essa pequena rima foi usada pelos professores por muitas semanas depois da história para sugerir um brincar mais calmo. Foi uma abordagem de sucesso e certamente muito mais produtiva do que simplesmente dizer, 'por favor, brinquem em silêncio.' A ênfase no 'barulho' na história também ajudava a trazer uma consciência dos prazeres de uma sala 'calma'. Eu estendi a história trazendo muitas pedrinhas do rio para limpar e polir. As crianças começaram a adorar os momentos quietos em que elas podiam ouvir as pedras 'cantando'.

Era uma vez quatro pequenos gnomos que viviam juntos em sua caverna rochosa, seu lar. Três dos irmãos gnomos eram como ervilhas em uma vagem — eles eram parecidos, vestiam-se de forma parecida e, acima de tudo, amavam fazer muito barulho. Com suas picaretas e martelos trabalhavam juntos o dia todo, cavando em busca de cristais e fazendo uma música muito barulhenta.

Havia o *Hump-dunk* e ele fazia *hump, dunk, hump, dunk*.

Havia o *Brink-a-brac* e ele fazia *brink-brink brac, brink-brink brac*.

Havia o *Clinken-clank* e ele fazia *clinkety-clank, clinkety-clank*.

Juntos eles soavam assim:

*Hump, dunk, brink-brink brac, clinkety-clank; hump, dunk, brink-brink brac, clinkety-clank; hump, dunk, brink-brink brac, clinkety-clank.**

Havia o quarto irmão gnomo e ele era muito diferente dos outros. Ele tinha uma aparência diferente, vestia-se diferentemente e seu trabalho era muito diferente. Seu nome era Rufar-de-tambor e seu trabalho era polir os cristais que tinham sido extraídos da caverna pelos seus irmãos.

O gnomo Rufar-de-tambor não gostava de barulho! Ele sentava-se no canto da caverna com seu paninho de polir e trabalhava em silêncio. Ele esfregava e polia os cristais até que brilhassem com luz prateada. Toda vez que acontecia de seus irmãos estarem fora por um tempo e tudo era silêncio na caverna, Rufar-de-tambor tinha certeza que podia ouvir as pedras cantarem.

* N.T. — Os nomes dos gnomos foram mantidos em inglês, pois são onomatopeicos.

Os quatro gnomos irmãos moravam juntos e trabalhavam juntos na caverna rochosa. Mas era uma vida muito difícil para Rufar-de-tambor. Ele estava sempre pedindo aos seus irmãos barulhentos, 'por favor, por favor, não façam tanto barulho, as minhas orelhas de Rufar-de-tambor estão doendo demais'.

Mas *Hump-dunk*, *Brink-a-brac* e *Clinken-clank* adoravam fazer barulho. Eles continuavam a cavar e martelar e fazer o som *hump, dunk, brink-brink brac, clinkety-clank* o dia inteiro!

Certo dia, *Hump-dunk*, *Brink-a-brac* e *Clinken-clank* fizeram tanto barulho que Rufar-de-tambor teve que parar de trabalhar sentar-se e tapar os ouvidos com as mãos. Então nenhuma outra pedra foi polida pelo resto do dia.

No dia seguinte enquanto o som *hump, dunk, brink-brink brac, clinkety-clank* continuava tão alto quanto antes, Rufar-de-tambor decidiu que ele tinha aguentado o suficiente.

'Deus, meu Deus', ele exclamou, 'eu não aguento mais. Minhas orelhas de Rufar-de-tambor doem demais.'

Rufar-de-tambor juntou seus paninhos de polir e todas as pedras e colocou-os num saco grande. Ele disse adeus para seus irmãos barulhentos e foi embora da caverna, seu lar, em direção às colinas. Com o saco nas costas, ele partiu para procurar um novo lar que fosse quieto e calmo. Daquele dia até hoje, Rufar-de-tambor mora sozinho. Mas, frequentemente, seus irmãos vêm visitá-lo em sua calma caverna e trazem novas pedras para ele polir e, às vezes, ele vai visitar seus irmãos na caverna barulhenta que é seu lar.

Quando os três irmãos vêm visitar Rufar-de-tambor eles tentam sinceramente ficar quietos e quando Rufar-de-tambor visita seus irmãos ele tenta muito divertir-se com o barulho, mas ele nunca fica muito tempo!

Nunca-Suficiente de Sandra Frain (B.C.S, M.S.C)

Essa história foi escrita 'num piscar de olhos' por uma professora canadense em seus primeiros anos de trabalho, quando um garoto de cinco anos rotulado como 'levemente autista' estava criando confusão na pré-escola. Ele estava ameaçando outras crianças e professores e, basicamente, o clima da sala. Uma colega de Sandra disse, 'eu acho que ele precisa de uma história com animal'.

Imediatamente, eles sentaram-se nos bancos criando uma forma de diamante no centro da sala. Sandra queria um cenário 'diferente' dos lugares comuns das histórias porque não era a hora regular de contar história. Ela arrebatou o menino em seus braços e o embalou e eles chamaram os outros para sentar e esperar a surpresa. Sandra começou depois de uma prece silenciosa e de uma profunda respiração. Ela relembra não ter nenhuma ideia daquilo em que estava embarcando — ela apenas deixou a história se contar... As crianças ficaram completamente quietas e entraram na história. O garoto também. De acordo com ambas as professoras, parecia uma experiência transformadora.

Desde então, Sandra tem usado a mesma história para um garoto que morde outra criança e quando ela sente que uma criança em particular ou todo o grupo precisa ser 'integrado'. A história propicia um sentido de calor, acolhimento e proteção.

Era uma vez um cachorrinho que morava com seus irmãos e irmãs e sua mamãe em um canil. Nunca-Suficiente foi o último a nascer da ninhada, era o caçula.

Nunca-Suficiente resmungava e reclamava quando ficava esmagado por seus irmãos grandes, fofos e gorduchos. Eles estavam sempre rolando, pulando e mordendo os pescoços uns dos outros.

Toda vez que sua mamãe deitava-se para amamentar, cada irmão brigava para conseguir mamar. Nunca-Suficiente tinha que esperar até que um dos irmãos adormecesse e ele pudesse mamar e mamar, porém nunca conseguia o suficiente do leite doce e morninho antes que a mamãe levantasse e se espreguiçasse. Então, ele caía de sua barriga com frio e faminto.

Certo dia, uma senhora veio visitar o canil. 'Eu estou procurando um filhotinho', ela disse. Nunca-Suficiente olhou para cima, para a mulher que parecia grande na parede do canil. Seus irmãos estavam ocupados em rolar e latir e ganir. A senhora de cabelos claros prateados olhou direto nos olhos de Nunca-Suficiente e o acolheu em seus braços, aproximando-o do coração.

'Eu quero este filhotinho', ela disse. A senhora de cabelos claros e prateados colocou Nunca-Suficiente dentro do bolso vermelho aconchegante que ficava perto do coração. Ela afagou com sua mão quente a cabecinha dele.

'Eu gosto do cheiro deste filhotinho', ela disse enquanto o cheirava. Ela colocou seu dedo em sua boquinha. Nunca-Suficiente fechou os olhos e mordiscou-lhe o dedo.

'Eu vou cuidar dele', ela disse para a mamãe. Nunca-Suficiente enfiou-se no bolso aconchegante e adormeceu profundamente enquanto a senhora caminhava para casa balançando pra frente e pra trás e pra frente e pra trás.

Jardim dos Pássaros

Esta história foi escrita para uma estudante universitária que estava matriculada em meu módulo de contação de histórias, mas que provou ser muito falante na sua sala de bate-papo na internet. Um dos alunos comentou a respeito da dominância dessa pessoa no espaço de bate-papo e a aluna falante então me enviou um e-mail privado pedindo-me ajuda para aprender a ouvir.

A história pode facilmente ser usada com crianças de cinco ou mais anos que são muito falantes em sala.

Era uma vez um pássaro que cantava tão lindamente que enchia o jardim com sua canção de manhã à noite.

Muitos outros pássaros viviam nesse jardim, mas não conseguiam superar o lindo canto dessa ave canora. Mesmo que tentassem cantar, seus sons pareciam desaparecer no nada. A ave canora enchia o ar e o jardim com seu canto sem parar e não havia espaço para nenhuma outra canção. Se outros pássaros quisessem praticar o seu canto, eles tinham que voar para outro jardim acima nas montanhas onde não havia competição.

Certo dia, entretanto, a linda ave canora ficou doente e não podia cantar mais. Ela permanecia no ninho dia após dia. O jardim ao redor estava muito quieto e, a cada dia, quando os pássaros retornavam das montanhas eles perguntavam-se o que tinha acontecido. Os outros pássaros, um a um, começaram a ficar atrás no jardim e se revezar para cantar, em breve o jardim encheu-se dos sons de muitos pássaros com diferentes canções.

A ave doente ficou muito surpresa ao ouvir tantos pássaros — todos os cantos eram muito diferentes e muito lindos. Ela nunca antes tinha ouvido

nada parecido. Quanto mais ela permanecia em seu ninho e ouvia os novos sons, mais forte ficava. O canto estava ajudando-a a se curar.

Logo a ave canora estava se sentindo melhor e pôde cantar novamente. Mas ela decidiu cantar de vez em quando e não o tempo todo de forma que pudesse desfrutar das canções de outros pássaros. Ela também estava aprendendo muitos sons novos ao ouvir outros e, gradualmente, o seu próprio canto enriqueceu-se por causa disso.

Com o passar do tempo, esse jardim ficou famoso pelo lindo canto dos pássaros e pela rica variedade de sons. As pessoas vinham de longe para passar um tempo ali, caminhar, sentar-se e ouvir. Alguns até mesmo achavam terapêutico esse lugar maravilhoso.

16

Beliscando, Machucando ou Brigando

O Caranguejo Carrancudo

Uma terapeuta infantil usava esta história com uma menina de quatro anos que frequentemente beliscava outras crianças. As luvas da cor favorita da criança tornaram-se um 'acessório' de reforço. Depois de ouvir a história, a criança queria usar as luvas e manter os seus dedos beliscadores aquecidos e protegidos. A história ajudou a criança a compreender a mensagem de forma imaginativa e divertida e o problema foi vagarosamente curado.

Pais, terapeutas e professores podem usar o tema desta história para outros tipos de comportamento agressivo usando um animal diferente em lugar do caranguejo (por exemplo, um gato que arranha).

O Pequeno Caranguejo não era muito popular com o grupo de meninos da praia.

Seus amigos estavam cansados de ele ser de um temperamento carrancudo e usar as suas garras para beliscá-los e machucá-los.

Certo dia, a Tartaruga decidiu convocar uma reunião para pôr um fim nisso tudo.

O Polvo, a Estrela-do-Mar e a Gaivota apareceram para dar suas ideias. 'Nós deveríamos cortar as garras dele imediatamente', disse o Polvo que ainda estava cuidando de um de seus tentáculos por conta de uma beliscada da semana anterior.

'Talvez nós devêssemos colá-las', disse a Estrela-do-Mar que agora tinha duas pernas mais curtas por causa do mau comportamento do Caranguejo.

'Ou amarrá-las para trás com um pedaço forte de barbante!', gritou a Gaivota cujo pé tinha sido mordido pelo Caranguejo naquela manhã.

'Mas e se nós conseguirmos ajudar o Caranguejo a aprender a parar de nos machucar', disse a Tartaruga que sempre tentava ser a mais compreensível de todos os amigos da praia.

'É uma boa ideia, Tartaruga, mas o que nós podemos fazer enquanto ele está aprendendo?', todos os amigos gritaram juntos. Eles já tinham sofrido o suficiente com o temperamento carrancudo do caranguejo. Eles também não acreditavam que o caranguejo jamais pudesse mudar os seus modos agressivos.

A Tartaruga andava devagar para frente e para trás ao longo da areia pensando a seu modo sábio de tartaruga. De repente, ela parou perto de uma pilha de algas marinhas. 'Eu tenho uma ideia', ela anunciou para o grupo. 'Eu vou tricotar luvas de polegar grossas com algas para o Caranguejo usar nas suas garras. Isso deve ajudá-lo a aprender a ser mais cuidadoso.'

A Tartaruga ficou muito entusiasmada com essa ideia. Ela foi direto para sua caverna numa piscina rochosa para pegar as suas agulhas de tricotar. Enquanto isso, os outros amigos da praia concordavam relutantes em coletar alguns longos fios de alga. Quando a Tartaruga retornou, havia uma grande pilha de algas prontas e ela começou a trabalhar, tricotando o par de luvas para o Caranguejo usar em suas garras. Assim que ela terminou a segunda luva, o Caranguejo chegou. 'O que está acontecendo, rapaziada?', perguntou o Caranguejo. É claro que ele estava curioso para saber o que os amigos tinham feito durante a manhã inteira!

Rapidamente a Tartaruga disse, 'nós temos um presente para você, Caranguejo', e ela entregou as luvas para o Caranguejo experimentar. O Caranguejo ficou tão surpreso que você pode tê-lo nocauteado com uma pena

de água. Nunca antes ele tinha recebido um presente. Imediatamente ele vestiu as luvas em suas garras e elas serviram perfeitamente.

Pelo resto do dia, os amigos da praia brincaram juntos — sem beliscões nem machucados, apenas felizes juntos. Os amigos do Caranguejo não conseguiam acreditar. E o Caranguejo não conseguia acreditar. Veja você, para o Caranguejo, algo mais tinha acontecido naquele dia. Quando suas garras estavam presas dentro das luvas, eles as mantiveram quentes e confortáveis, pois ele não se sentia tão carrancudo quanto costumava sentir.

Naturalmente, quando o Caranguejo ficava faminto ele tirava as luvas e podia caçar nos laguinhos rochosos. Mas antes de brincar com seus amigos novamente, ele sempre colocava suas luvas de volta, protegendo suas garras afiadas. As luvas pareciam ajudá-lo a sentir-se feliz e certamente o ajudavam a ser mais cuidadoso.

No entanto, luvas de algas não podem durar para sempre. Um dia as luvas ficaram tão cheias de buracos que elas simplesmente caíram das patas do Caranguejo e as ondas as levaram. Felizmente, dessa vez, o Caranguejo tinha aprendido a usar suas garras não só para caçar e comer. Ele agora sabia como mantê-las justas quando ele estava brincando com os amigos.

Os amigos da praia ficaram muito impressionados com a sabedoria da Tartaruga. Daquele dia em diante, toda vez que eles tinham um problema para solucionar eles sempre lhe pediam uma sugestão. E mais do que nunca, a ideia da Tartaruga era a melhor.

A Unha Enorme

Uma história Xhosa tradicional pesquisada por Maria Msebenzi e reescrita pela autora. É adequada para a idade de sete anos ou mais.

Era uma vez um menino chamado Maxabela. Esse garoto tinha uma unha extraordinariamente longa e ninguém conseguia que ele a cortasse.

Maxabela queria manter sua unha grande e muito longa. Ele gostava de usá-la para beliscar e arranhar outras crianças. Sua unha era como uma arma!

Seus pais estavam incomodados e preocupados com o comportamento do filho. Porém, quando eles lhe pediam para parar de machucar outras crianças, Maxabela não os ouvia.

Dias e semanas se passaram e Maxabela continuava com seu comportamento agressivo. Finalmente, seus pais decidiram que algo precisava ser feito. Juntos, idealizaram um plano.

Em um campo distante da vila, eles construíram uma pequena casa de sapê para Maxabela. Quando ficou pronta, eles disseram-lhe que ele deveria ficar lá para cuidar das plantações e dos legumes. Maxabela ficou muito entusiasmado com isso, pois sabia que sua enorme unha ia trabalhar por ele e, certamente, teria o suficiente para comer.

Assim que seus pais o deixaram sozinho, Maxabela partiu para o jardim e usou sua forte unha longa para ajudá-lo a cavar os legumes. Ele levou-os para sua pequena casa e colocou-os para cozinhar numa panela no fogo. Logo, o aroma delicioso da comida cozida atraiu um gigante que passava.

Maxabela ouviu uma voz forte e grossa do lado de fora da porta. 'Ei, Maxabela, de quem é essa comida?'

'É minha', respondeu Maxabela, tremendo de medo.

'Você não quer dizer que é minha?', gritou o gigante e empurrou a porta, entrou e comeu toda a comida. Então, ele foi embora.

Naquela noite, Maxabela foi para cama de estômago vazio.

Na manhã seguinte, Maxabela dirigiu-se novamente ao jardim e usou sua unha para ajudá-lo a cavar mais alguns legumes. Ele levou-os para sua pequena casa e colocou-os para cozinhar numa panela no fogo. Logo, o aroma delicioso da comida cozida atraiu o gigante.

Maxabela ouviu uma voz forte e grossa do lado de fora da porta. 'Ei, Maxabela, de quem é essa comida?'

'É minha', respondeu Maxabela, tremendo de medo.

'Você não quer dizer que é minha?', gritou o gigante, empurrou a porta e entrou.

Dessa vez, Maxabela decidiu que ele não queria que o gigante comesse sua comida e começou a lutar. Ele tentou usar sua enorme unha para beliscar o gigante, mas a pele do gigante era dura como pedra e fez com que a unha de Maxabela quebrasse na altura da ponta do dedo. O gigante comeu toda a comida e, então, foi embora da casa de Maxabela levando a unha quebrada.

Naquela noite, na escuridão, o gigante deixou a unha quebrada de Maxabela na casa dos pais. Na manhã seguinte, a mãe encontrou a unha do filho na soleira da porta. Rapidamente, ela cruzou os campos e foi visitar o filho. Encontrou-o tremendo dentro de sua pequena casa de sapê.

A mãe de Maxabela abraçou o filho e levou-o de volta para casa com ela. Desde então, Maxabela nunca mais machucou ninguém e brinca feliz com seus amigos.

Jeremias e as Varinhas Mágicas

Esta história foi escrita para introduzir uma série de aulas de tricô para uma classe agressiva e irrequieta com crianças de oito anos. Veja o Capítulo Três para uma explicação sobre usos e efeitos desta história.

Jeremias não era um garoto feliz. Nada o agradava e ninguém conseguia fazê-lo sorrir. Ele quase parecia gostar de ser resmungão e maldoso. Sua mãe e sua professora balançavam a cabeça em desespero – elas não sabiam como lidar com ele e como ajudá-lo a cooperar.

Hoje Jeremias estava particularmente mal-humorado. Era feriado e ele estava em casa na fazenda, sozinho. Suas irmãs tinham ido para a praia com amigos; portanto, ele não tinha ninguém para provocar e nada para fazer. Sua mãe estava ocupada com a colheita dos legumes. Ela não tinha tempo para prestar atenção aos seus resmungos deprimidos.

Jeremias passeou pela casa, socando as paredes e batendo as portas dos armários; então, foi para a varanda puxar o rabo do cachorro. No jardim, ele jogou caroços de gomas nas galinhas e, então, armado com um punhado de pedrinhas, dirigiu-se ao riacho que ficava aos fundos da fazenda.

Num lugar, no alto de uma pedra grande, Jeremias ocupou-se tentando acertar cada árvore e flor que cresciam perto da água. Então, ele viu uma pequena casa feita de ramos e relva entre as samambaias. 'Minhas irmãs bobas devem ter construído isso', ele pensou, rindo da ideia louca de fazer casas para fadas morarem. Escolheu o maior pedregulho e arremessou em direção à casinha.

Para sua total surpresa, assim que o pedregulho acertou o teto de relva, para fora pulou um homenzinho, do tamanho da mão de Jeremias. Jeremias

quase caiu da pedra em que estava com o susto. Ele ficou mais surpreso ainda ao ver que o homenzinho vinha pela grama em sua direção. E o homenzinho não parecia muito contente. Na verdade, ele parecia extremamente aborrecido! Por um momento, Jeremias sentiu-se realmente assustado.

O homenzinho subiu na pedra e, com as mãos na cintura, falou zangado, 'Quem se atreve a jogar pedras gigantes na minha casa?'

Jeremias abriu a boca para argumentar que não fora ele, mas ao invés disso viu-se dizendo, 'Sinto muito, fui eu.'

Com suas desculpas, o homenzinho se acalmou e perguntou a Jeremias se ele não tinha nada melhor a fazer com seu tempo. 'Você, talvez, esteja entediado?', perguntou ao garoto estupefato.

Essa era uma nova experiência para Jeremias. Ele estava acostumado com as pessoas ficando zangadas com ele, mas nunca perguntando nada. Na verdade, Jeremias nunca tinha ouvido a palavra 'entediado'. De maneira extraordinariamente educada, ele disse, 'Desculpe-me, homenzinho, o que você quer dizer com a palavra 'entediado'?

O homenzinho pulou para a pedra e sentou-se perto de Jeremias. 'Estar entediado', ele disse, 'significa não saber do que se ocupar... e não saber do que se ocupar é uma coisa terrível, terrível! De fato, se eu não mantivesse minhas mãos ocupadas fazendo coisas e consertando, meus dedos provavelmente ficariam frios e cairiam!'

Ao dizer isso, o homenzinho esticou a mão em frente aos olhos de Jeremias e pegou um feixe da luz dourado do sol que brilhava por entre os galhos perto da pedra. Com dedos rápidos, ele começou a amarrar e dar um laço para fazer uma longa corrente dourada. 'Olhe para isto', ele disse, 'durante o dia, eu me mantenho ocupado coletando a luz do sol que sobra dos dias quentes de verão. Observe como eu a prendo em um longa corrente dourada, armazenando-a para as frias noites de inverno.'

Jeremias observava com fascinação à medida que os dedos do homenzinho trabalhavam rapidamente com a linha dourada de luz. Quando a corrente estava terminada, o homenzinho a guardou no bolso. Então, ele olhou para Jeremias e disse, 'Meu jovem, isso é exatamente o que você precisa fazer. Se seus dedos estiverem trabalhando como os meus, ocupados num trabalho de dedos, então eles não terão tempo de arremessar pedras, não é? Mostre-me o que seus dedos podem fazer.'

Jeremias mostrou alguns movimentos engraçados com os dedos, que fizeram o homenzinho rir alto. Ele esticou-se e pegou outro feixe de luz e entregou-o a Jeremias. 'Mostre-me como você dá um nó', ele disse.

Jeremias, todo orgulhoso, fez um pequeno nó na linha dourada. 'Bem feito! Agora, dê um nó neste galho e eu o ensinarei como fazer longas correntes com sua linha.'

A lição continuou por algum tempo. Finalmente, o homenzinho sugeriu que Jeremias voltasse para casa para praticar com as linhas da cesta de lã de sua mãe.

'Volte amanhã até esta pedra que eu o ensinarei como trabalhar com varinhas mágicas para fazer muito mais coisas'. Ao dizer isso, o homenzinho desapareceu na grama alta, deixando Jeremias a pensar nos eventos excitantes daquela manhã.

Quando Jeremias chegou em casa, ele pediu a sua mãe alguns pedaços de lã. Não é preciso dizer que sua mãe ficou muito impressionada com a repentina mudança no comportamento do filho. Ela estava especialmente encantada ao vê-lo ocupado, naquela noite, fazendo longas correntes de lã. Ela pegou sua cesta de costura e o ajudou a costurar as correntes num pedaço redondo de feltro. Jeremias, todo orgulhoso, colocou seu novo tapete em espiral na mesa ao lado da cama e, naquela noite, Jeremias e sua mãe dormiram bem.

No dia seguinte, Jeremias voltou à pedra para uma segunda aula com o homenzinho. Dessa vez, antes de a aula começar, ele foi mandado para procurar duas varinhas lisas. Quando voltou com as varinhas, o homenzinho o ajudou a afiar uma das pontas na pedra áspera e encontrar duas sementes de látex para as outras pontas das duas varinhas. Então, de seu bolso, ele tirou um par de varinhas mágicas e começou a mostrar o trabalho mais surpreendente com uma longa linha dourada.

O trabalho foi chamado de 'tricô' e, à medida que o homenzinho tricotava, ele cantava uma pequena canção:

*Para dentro, para cima, para fora e para baixo velejamos,
para tecer um véu dourado mágico.*

Jeremias mal conseguia esperar para usar suas varinhas mágicas. Ele precisou de muitas aulas antes que pudesse tricotar tão lindamente como o homenzinho; porém, todo dia ele praticava e praticava com a lã de sua mãe. Logo, seu tricô estava tão grande que precisou ser retirado da agulha para costurar um pequeno chapéu.

Quando as irmãs voltaram do feriado, Jeremias tinha tricotado dois chapéus para suas bonecas e um cachecol para sua mãe. Naturalmente, suas irmãs quiseram aprender como fazer coisas com as varinhas mágicas e Jeremias, orgulhoso, ofereceu-se para ser o professor delas de tricô. Ele nunca mais viu o homenzinho, mas o homenzinho lhe havia ensinado algo de que ele nunca esqueceria pelo resto da vida – como manter suas mãos ocupadas, fazendo coisas bonitas.

A mãe e a professora de Jeremias nunca souberam do homenzinho, mas tinham certeza de que um anjo havia visitado a fazenda naquele ano!

A Linda Rainha

Às vezes, o comportamento agressivo das crianças está diretamente ligado aos pais e/ou professor estressados, deprimidos ou ansiosos. Escrevi a seguinte história para uma mãe solteira de três crianças briguentas e bravas. A mãe não tinha um sentimento de autoestima e precisava de ajuda para redescobrir sua beleza. A história não apenas ajudou a mãe a se sentir bem consigo mesma, mas, depois de lê-la muitas vezes, ela decidiu contá-la para seus filhos (com 13, 9 e 5 anos). Todos eles queriam ouvir a história mais e mais vezes. A harmonia reapareceu na casa durante o ritual da história recém-estabelecido.

Havia uma rainha que vivia em um castelo com muitos filhos. Essa rainha era sábia e governava o reino muito bem. A rainha também era muito bonita. Quando seus filhos eram jovens, eles amavam sentar-se nas almofadas macias em volta do trono, ouvir sua linda voz e olhar para seu lindo rosto.

Entretanto, à medida que os filhos cresciam, eles começaram a brigar e a discutir e havia muitos gritos e berros no castelo – tanto que a rainha, cujos ouvidos só gostavam de ouvir lindos sons, começou a envolver muitos véus coloridos em torno da cabeça e dos ombros, tentando cobrir seus ouvidos,

tentando afastar os sons altos. A rainha não gostava de barulho alto e estridente e, à proporção que a briga e a gritaria aumentavam, ela acrescentava mais véus para proteger seus ouvidos dos horríveis sons. Ela não sabia mais o que fazer! As brigas e discussões continuavam e os filhos cresceram acostumados a ver sua mãe toda enrolada em véus coloridos, com seus olhos tristes e lindos olhando para eles. Depois de muitos anos, aconteceu de as crianças esquecerem a verdadeira aparência da mãe.

Como as brigas e discussões pioravam, a rainha também encontrou um meio de escapar dos filhos e de seus intoleráveis barulhos. Às vezes, ela se arrastava para fora do castelo e descia o rio até o fundo do jardim. Lá ela cruzava a água por cima das muitas pedras como degraus e, então, passeava pela floresta. Ela sabia que os filhos não podiam segui-la até a floresta, pois as pedras eram mágicas. Elas só apareciam quando ouviam o canto da rainha e então desapareciam novamente depois que ela atravessava.

Oh, como essa rainha amava a floresta! Ela passeava durante horas pelos caminhos embaixo das sombras das árvores, desfrutando da paz da floresta, coletando flores silvestres e observando os animais e os pássaros. Seu lugar favorito era um lago verde no fundo de uma cachoeira. O lago era rodeado de jardins rochosos. Aqui, cresciam muitas orquídeas brancas e rosas à luz dourada do sol que se infiltrava por entre as altas árvores circundantes. A rainha costumava sentar-se nas pedras e tecer guirlandas de flores. Nos dias quentes e ensolarados, ela tirava seus véus e nadava na água fresca e verde.

Certo dia, quando a rainha estava caminhando pela floresta, as crianças brincavam no jardim com sua bola dourada. Uma delas chutou a bola tão alto que ela pousou no fundo do jardim e rolou para dentro da água. A correnteza rápida levou a bola dourada que desapareceu depois de uma curva, entrando na floresta. As crianças tentaram brigar e discutir, mas independente de quanto discutissem ou gritassem, elas perceberam que a bola dourada não voltaria a não ser que alguém a fosse buscar.

Como a bola dourada era a favorita entre todos os brinquedos, as crianças mais velhas que sabiam nadar decidiram que elas seguiriam a bola descendo o rio e a buscariam. Então, elas mergulharam na água e, não muito tempo depois, estavam nadando embaixo das sombras das árvores, em volta de rochas e galhos pendurados. A bola dourada continuava a descer na fren-

te delas, viajando por toda a floresta, até que chegou a uma cachoeira que caía, formando um lago verde e profundo. As crianças pararam numa pedra um pouco antes da cachoeira e cuidadosamente olharam para baixo. O que viram tirou-lhes o fôlego. Sentada nas pedras, lá embaixo, entre orquídeas brancas e rosas, havia a mais linda dama que elas já tinham visto. Essa linda dama estava brincando com a bola dourada delas, jogando para o alto e pegando novamente. Enquanto as crianças olhavam, ela jogou a bola dentro d'água, mergulhou atrás e continuou a jogar e a nadar.

Por muito tempo, as crianças ficaram sentadas nas pedras no topo da cachoeira, sem fazer barulho, pois a dama poderia ouvi-las e assustar-se. Elas ficaram olhando até que ela terminou de nadar e começou a vestir-se. Para seu espanto, elas a viram enrolar-se em muitos véus, assim como sua mãe, a rainha, usava. 'Talvez ela seja uma rainha – talvez os véus sejam as roupas que todas as rainhas usem', elas pensavam enquanto assistiam. Então, elas viram-na pegar uma bola dourada e seguir um caminho que levava para fora da lagoa e para dentro da floresta. Logo ela havia desaparecido.

As crianças decidiram que era hora de voltar para casa. Felizmente, elas encontraram um caminho que seguia o riacho através da floresta até o jardim, um caminho que nunca tinha sido visto antes. No caminho de volta, ninguém disse uma palavra. Todas estavam ocupadas com seus próprios pensamentos sobre a linda dama – quem ela poderia ser, elas se perguntavam. Talvez ela fosse a rainha da floresta? Se fosse, onde ela morava? Elas sabiam que queriam vê-la novamente, ela era tão linda.

Quando chegaram de volta, elas contaram aos irmãos sobre o que tinham visto e, naturalmente, as crianças mais novas também quiseram ver a linda dama da floresta. No dia seguinte, todos os irmãos se arrastaram pelo caminho recém-encontrado que seguia pela floresta até o topo da cachoeira. Lá, esperaram quietos, deitados no topo da pedra e espiando por cima da beirada, de forma que pudessem ver a lagoa verde logo abaixo. Em pouco tempo, a linda dama chegou, ainda carregando a bola dourada. Ela tirou os seus véus e sentou-se nas pedras, cheirando as orquídeas. Então, mergulhou na água e começou a nadar e a brincar com a bola. Por muito tempo, todos ficaram sentados juntos, à beira da cachoeira, olhando para a linda dama (que agora eles pensavam que realmente deveria ser a rainha da floresta); então, arrastaram-se pelo caminho, de volta para casa.

Durante muitas semanas, todos os dias, as crianças foram à cachoeira e, quanto mais passeavam na floresta, menos brigas e discussões havia no castelo. As crianças não apenas gostavam de observar a linda rainha da floresta, como também da quietude da floresta e todos os seus maravilhosos sons.

Então, um dia, quando elas chegaram à cachoeira, esperaram e esperaram que a rainha aparecesse no lago, mas ninguém veio e o dia passou. Como estava escurecendo, decidiram que era hora de voltar para o castelo a tempo do jantar. A rainha estava sentada em seu trono no final da longa mesa de jantar em que compartilhavam as refeições – elas estavam preocupadas caso a mãe perguntasse por onde tinham andado, mas ela não disse nada. As crianças sentaram-se e comeram seu jantar e, como ninguém soubesse sobre o que conversar, ninguém disse nada. Portanto, a refeição foi feita em silêncio.

Depois que elas tinham terminado de comer, a rainha surpreendeu os filhos perguntando se ela podia jogar com eles. As crianças tentaram pensar em uma desculpa porque não tinham uma bola com a qual jogar. Então, debaixo de suas saias, ela retirou uma linda bola dourada, exatamente como a que tinham perdido. Devagar, começou a tirar todos os seus véus até seu rosto aparecer por completo. Nisso, as crianças viram que a rainha da floresta e sua mãe eram a mesma pessoa! Aproximaram-se e sentaram-se nas almofadas macias no chão em volta do trono. Então, a rainha começou a cantar tão lindamente quanto elas se lembravam de muito tempo atrás, quando eram pequenas. Enquanto cantava, ela jogava a bola dourada para cada uma delas:

*Para cima, tão alto, vai minha bola subindo
Como uma borboleta, pousando.
Dourada como o sol, leve como o ar;
Para mim, minha linda bola vai voltar.*

Um Saco de Pregos

Esta história consequente chegou em minha caixa de e-mails por meio de um site de bate-papo, em anonimato. Tem uma mensagem muito poderosa sobre raiva e agressão para a pré-escola e para além na vida adulta e poderia ser a base de uma discussão familiar.

Era uma vez um garotinho zangado. Seu pai lhe deu um saco de pregos e disse-lhe que toda vez que ele perdesse a paciência, deveria martelar um prego na cerca. No primeiro dia, o garoto martelou 39 pregos na cerca. Porém, gradualmente, o número de pregos por dia diminuiu. Ele descobriu que era mais fácil controlar seu temperamento do que martelar os pregos na cerca.

Finalmente, chegou um dia em que o garotinho não perdeu a paciência de forma alguma. Orgulhoso, ele contou ao pai que lhe sugeriu retirar um prego por dia em que ele fosse capaz de manter o controle.

Os dias se passaram e o jovem finalmente foi capaz de contar ao pai que os pregos tinham todos sido retirados. O pai pegou o filho pela mão e o levou até a cerca.

‘Você fez um bom trabalho, meu filho, mas olhe para os buracos na cerca. A cerca nunca mais será a mesma. Quando você diz as coisas com raiva, elas deixam cicatrizes como essas. Se você enfiar uma faca em um homem e retirá-la, não importa quantas vezes diga ‘Sinto muito’, o machucado ainda ficará lá.

17

Tímido e Introverso

Um Garotinho foi Velejar

Adequada para as idades de três a cinco anos, esta história foi escrita para encorajar crianças tímidas e/ou dependentes a explorar sua escola ou o jardim de casa – pode ser modificada, dependendo das aventuras possíveis no jardim, tanto na escola como em casa.

Havia um garotinho (exatamente do seu tamanho!) que queria viver algumas aventuras, portanto ele subiu em seu veleiro e içou velas através do mar azul brilhante. Ele não tinha velejado muito quando chegou a uma ilha coberta de pedras gigantes. Ele deixou seu barco na praia e começou a subir as pedras – ele subia e descia, subia e descia – mas depois de um tempo, ele ficou cansado de brincar nas pedras:

‘Subir nas pedras é muito divertido, mas eu quero mais aventuras sob o sol’, ele disse, e embarcou de volta em seu barco e continuou velejando pelo mar azul espumante.

Logo, ele chegou a uma ilha coberta de areia dourada. Por sorte, ele tinha sua pá vermelha com ele, então desembarcou na praia e começou a brincar na areia – ele cavou buracos e rios e túneis, ele fez estradas e construiu castelos – mas depois de algum tempo ele ficou cansado de cavar na areia:

‘Cavar na areia é muito divertido, subir em pedras gigantes é muito divertido, mas eu quero mais aventuras sob o sol’, ele disse, e voltou para o barco e continuou a velejar pelo mar azul espumante.

Logo ele chegou a uma ilha coberta de árvores altas de bananas verdes. Numa árvore, havia um cacho de bananas amarelas maduras. Como ele es-

tava sentindo fome, era do que o garotinho precisava. Deixando seu barco na praia, ele caminhou até a árvore, pegou duas bananas, sentou-se à sombra da árvore e comeu ambas. Então ele disse:

‘Comer bananas é muito divertido, cavar na areia é muito divertido, subir em pedras gigantes é muito divertido, mas eu quero mais aventuras sob o sol’, e voltou para o barco e continuou a velejar pelo mar azul espumante.

Logo ele chegou a uma ilha onde havia um lago verde profundo. Deixou seu barco na praia e mergulhou nas águas frescas (ele estava sentindo muito calor!). Durante muito tempo, ele brincou batendo as mãos na água e mergulhou, mas, depois de algum tempo, ele ficou cansado de brincar na água.

‘Mergulhar na água é muito divertido, comer bananas é muito divertido, cavar na areia é muito divertido, subir em pedras gigantes é muito divertido, mas eu quero mais aventuras sob o sol’, ele disse, e voltou para o barco e continuou a velejar pelo mar azul espumante.

Logo ele chegou a uma ilha coberta com uma floresta. Deixando o barco na praia, ele seguiu a pequena trilha em meio a árvores sombrias até que chegou a uma clareira. No meio da clareira, feito de troncos e galhos, estava um lindo castelo de arbustos – ele tinha uma casinha minúscula e muitas escadas, um escorregador para escorregar e um balanço para balançar. Então, o garotinho começou a brincar no castelo – brincou na casinha, subiu as escadas, ‘deslizou rápido’ no escorregador, balançou alto. Porém, depois de um tempo, ele disse:

‘Brincar no castelo de arbustos é muito divertido, mergulhar na água é muito divertido, comer bananas é muito divertido, cavar na areia é muito divertido, subir em pedras gigantes é muito divertido, mas agora eu estou tão cansado (BOCEJAR), eu não quero mais aventuras sob o sol. E, quando eu estou cansado e preciso descansar, meu pequeno barco-cama é do que eu mais gosto’.

Portanto, ele subiu em seu barco e velejou de volta para casa. Sua mãe estava esperando por ele. Ela gentilmente colocou-o na cama e o cobriu com um cobertor azul macio. Então, ela cantou-lhe uma cantiga de ninar, assim:

*Um garotinho pelo mar espumante foi velejar
Ele tinha tantas coisas a fazer e tantas coisas para ver.*

*E quando o dia terminava, de volta à casa ele velejava
E aninhava-se em sua cama-barco, pelo mundo da fantasia ele vagava.*

Quando sua mãe terminava de cantar, o garotinho estava profundamente adormecido.

Moranguinho-Tímida e Amora Selvagem

Esta história foi escrita para encorajar uma garota autoconsciente de oito anos a parar de esconder suas roupas na praia, vestir o maiô e vir para o sol nadar e brincar. Embora a história não tivesse nenhum efeito notável na criança (além de ela gostar muito da história), houve uma resposta positiva de seus pais. A história ajudou-os a perceber que eles estavam fazendo muitos comentários negativos sobre a filha estar um pouco acima do peso.

Moranguinho-Tímida não começou a vida como uma moranguinho tímida. A timidez veio depois, quando ela começou a crescer e mudar de fruta silvestre verde pequena para uma fruta silvestre branca de tamanho médio. Foi então que ela notou que todos os outros morangos do canteiro não eram como ela. Eles estavam vagarosamente se transformando num lindo rosa ou vermelho.

‘Deve haver algo de errado comigo’, ela pensou. Assim, ela decidiu que se esconderia entre as folhas verdes dos morangos. Moranguinho-Tímida não queria que ninguém a visse.

Quanto mais ela ficava escondida, mais vermelhos todos os outros morangos ficavam e mais branca ela parecia ficar. Finalmente, veio o dia da colheita de morangos na primavera. O Fazendeiro Brown caminhava para cima e para baixo nos vãos entre os canteiros, pegando os morangos vermelhos maduros. Logo, o cesto estava cheio, transbordando e os canteiros, vazios.

Exceto pela Moranguinho-Tímida! Ela ainda estava escondida entre as folhas verdes dos morangos. Ela era muito tímida para pôr sua cabecinha para fora. De seu esconderijo, ela observou o Fazendeiro Brown carregar a cesta para o barracão, deixando-a sozinha no canteiro de morangos.

Mas não por muito tempo! Ao alcance das mãos, por entre a cerca, à beira do canteiro de morangos, havia um galho com amoras selvagens. Na extremidade, havia a amora mais vermelha de todo o galho. Ela estava inundada do sol de primavera e amando cada minuto de seu calor e de sua luz.

A cada dia, o ramo crescia e Amora Selvagem era levada cada vez mais longe, entrando no canteiro de morangos. Certo dia, ela olhou para Moranguinho-Tímida, que ainda se escondia embaixo de uma grande folha verde. 'Meu Deus do céu', exclamou a Amora Selvagem, 'Por que você está se escondendo debaixo de uma folha de morango?'

'Eu sou muito tímida para colocar minha cabeça para fora – eu fico escondida aqui porque não tenho um 'casaco' vermelho como minhas irmãs', sussurrou Moranguinho-Tímida. 'Mas', disse Amora Selvagem, 'você não sabe que precisamos da ajuda dos raios de sol para amadurecer em morango vermelho?' E, no momento seguinte, com um vento para ajudá-la, ela retirou as folhas da pequena fruta banca e deixou-a sentada à luz do sol.

Depois de alguns dias no calor e na luz do sol de primavera, Moranguinho-Tímida tinha perdido seu manto branco e se tornado um morango vermelho maduro. Ela logo transformou-se em um vermelho lindo como Amora Selvagem, embora ela usasse uma cor mais chocante de vermelho. Entretanto, antes que tivessem tempo para discutir, o Fazendeiro Brown retornou ao jardim para procurar uma luva de jardinagem. Ele viu duas frutinhas vermelhas esperando na luz do sol e pegou ambas.

Naquela noite, Moranguinho-Tímida e Amora Selvagem foram usadas para decorar o bolo de aniversário do Fazendeiro Brown. Todos, na festa, concordavam que elas eram as mais bonitas frutinhas vermelhas que eles já tinham visto.

A Abóbora Munchkin

Esta história não foi escrita intencionalmente para o desafio de comportamento introvertido. Entretanto, era uma das favoritas entre as crianças de quatro e cinco anos na pré-escola e trazia a ideia de uma feira escolar baseada no tema 'abóboras' – com histórias de abóboras, jogos de abóboras, bonecos de

abóboras e uma lanchonete de abóbora que vendia sopa de abóbora, bolos de abóbora e sorvetes de abóbora.

Um dos pais que ajudaram a organizar a feira deu um 'feedback' interessante sobre a história da Abóbora Muchkin como tendo sido um tema positivo em sua família. Aparentemente, a história ajudou a tirar a mãe da depressão. Ela também sentiu que o tema e o senso de realização ajudaram a tirar toda a família de um sentimento de desânimo. Portanto, ela está incluída nesta seção para comportamentos tímidos e introvertidos como um reforço positivo de que até o impossível pode ser alcançado.

A Pequena Munchkin morava no vasto mundo dos campos abertos onde a moita de bambus altos rangia e balançava o dia todo, e a grama alta ao lado da estrada sussurrava mensagens para os viajantes que passavam. Durante todo o verão, a Pequena Munchkin estava ocupada – ocupada fazendo seus trabalhos de *munschkin*. Havia sempre tanto a fazer, ajudar a cuidar dos filhos pequenos da Mãe Natureza. Ela se mantinha ocupada com as borboletas cujas asas ficavam presas em arbustos com espinhos e com os lagartos que perdiam suas caldas – a Pequena Munchkin costurava-as de volta novamente com sua linha especial de remendar. E sempre havia as muitas flores selvagens que precisavam que as gotas de orvalho fossem retiradas para que as pétalas pudessem abrir toda manhã.

Durante as noites, a Pequena Munchkin enrolava-se em uma folha e caía no sono sob a luz das estrelas do verão. Como ela amava morar no vasto mundo dos campos abertos, sob o céu brilhante do verão.

Porém, o Verão estava chegando ao fim e o vento de Outono estava soprando. Os dias estavam ficando mais frios e as noites, mais longas. Quando o vento soprava em volta da Pequena Munchkin, ele sussurrava:

*O Verão já se foi, O Outono aqui já está,
Para o longo Inverno, de um lar precisará
Então, procure uma casa, quente e iluminada,
Dia e noite, com a luz dourada iluminada.*

'Mas onde eu posso encontrar uma casa tão quente e iluminada onde a luz dourada brilhe de dia e de noite?', a Pequena Munchkin perguntou ao vento.

‘Siga o caminho do Sol, siga o caminho do Sol’, sussurrou o vento.

Então, a Pequena Munchkin partiu para os campos, seguindo o caminho do Sol. Ela não tinha ido muito longe quando encontrou um caramujo prateado que estava carregando sua casa nas costas.

‘Olá, Caramujo Prateado, eu estou procurando uma casa quente e iluminada onde uma luz dourada brilha noite e dia.’

‘Bem, bem’, disse o Caramujo Prateado, ‘esta é a minha casa e eu moro aqui sozinho. Só tem lugar para um – continue seguindo o caminho do Sol.’

Então, a Pequena Munchkin continuou, seguindo o caminho do Sol através dos campos. Logo, ela encontrou uma aranha marrom sentada em sua teia.

‘Olá, Aranha Marrom, eu estou procurando uma casa quente e iluminada onde uma luz dourada brilha noite e dia.’

‘Bem, bem’, disse a Aranha Marrom, ‘esta é a minha casa e eu moro aqui sozinha. Só tem lugar para um – continue seguindo o caminho do Sol.’

Então, a Pequena Munchkin continuou, seguindo o caminho do Sol. Logo, ela chegou a um canteiro de legumes bem crescidos. Enquanto ela subia nas pedras, notou uma luz dourada brilhante, brilhando como o próprio sol. Ela olhou para cima e viu o Grande Rei Girassol brilhando para ela.

‘Ó Grande Rei Girassol, eu estou procurando uma casa quente e iluminada onde uma luz dourada brilha noite e dia.’

O Rei Girassol sorriu, balançou sua cabeça dourada gigante e disse, ‘Olhe para frente, no chão’.

A Pequena Munchkin olhou para frente e lá, sentada entre folhas verdes largas, estava uma abóbora laranja e redonda. Ela estava intrigada!

‘Essa poderia ser a minha casa, quente e brilhante onde uma luz dourada brilha noite e dia?’

A Pequena Munchkin foi até a abóbora, procurando uma portinha. Ela bateu aqui, bateu ali, mas não conseguiu encontrar uma porta em lugar algum. Ela caminhou em volta da abóbora, batendo aqui e batendo ali, mas, apesar de procurar tanto, não pôde encontrar uma pequena porta em lugar algum.

Nesse momento, a Pequena Munchkin começou a ficar cansada e a noite já estava vindo. Enrolou-se, então, em uma folha de abóbora e rapidamente caiu no sono, confortavelmente abrigada pela grande muralha de abóboras.

Enquanto dormia, ela teve um sonho. Sonhou que uma estrela dourada veio voando do céu noturno, por sobre os bambus balançantes, através dos campos e passou pelo Grande Rei Girassol. Ela pousou bem dentro da abóbora laranja, criando uma porta em formato de estrela no topo.

Na manhã seguinte, quando a Pequena Munchkin acordou, ela lembrou-se de seu sonho e subiu na abóbora. E lá estava a porta de estrela, exatamente como em seu sonho. Ela abriu a porta e espiou dentro. Para sua surpresa, ela viu um pequeno quarto dourado brilhando.

A Pequena Munchkin ficou muito feliz. Ela subiu e aconchegou-se dentro de sua nova casa de abóbora, quente e iluminada onde a luz dourada brilha noite e dia. E, até onde eu sei, ela ainda está morando lá.

Toda manhã, ela viaja para o vasto mundo dos campos abertos para ajudar a cuidar dos filhos pequenos da Mãe Natureza e, toda noite, ela retorna para seu lar aconchegante de abóbora. Daquele dia em diante, ela ficou conhecida como a 'Abóbora Munchkin'.

A Minúscula Bolha

Este conto foi escrito como uma história de aniversário para dar confiança e encorajamento para a menor e mais tímida criança do jardim de infância. Também foi contada durante um Festival da 'Bolha' da Primavera, realizado na floresta nas barrancas de um riacho borbulhante. Depois da contação de história, crianças, pais e avós sopravam bolhas embaixo das árvores, usando argolas de diferentes tamanhos – gigante, média e pequena. As crianças ficavam impressionadas como as menores bolhas podiam escorregar tão facilmente de suas mãos e não estourarem!

Esta é uma história sobre uma bolha. Uma pequena bolha. Na verdade, esta bolha foi a menor bolha jamais vista. Esta bolha só podia ser vista pelos olhos de uma fada.

'Não é justo, ninguém se importa', sussurrou a minúscula bolha e suspirava enquanto flutuava rio abaixo com todas as outras bolhas. 'Não é justo que eu seja tão pequena, não é justo, de forma alguma, de forma alguma.'

Olhem para meus grandes irmãos bolhas. Olhem para seus lindos sonhos de arco-íris. Meu sonho de arco-íris mal pode ser visto.'

Por muito tempo, as bolhas flutuaram rio abaixo – as grandes bolhas arco-íris e a minúscula bolha triste – deixando sua 'mãe' cachoeira borbulhante para trás. Elas flutuaram passando por salgueiros verdes e juncos; passando por vacas marrons que bebiam água nas margens; passando por tocas escuras de ornitorrinco e caminhos de coelhos em volta das colinas e através dos vales.

Elas continuaram a flutuar até que chegaram à beira de um vasto campo verde. Risadas e vozes podiam ser ouvidas onde crianças faziam piquenique embaixo da sombra de uma árvore frondosa.

'Olhem!', gritou um garotinho, 'bolhas, vamos pegá-las'.

'Bolhas!', gritaram todas as crianças, pularam e correram para a beira do riacho. 'Bolhas, bolhas, as mais lindas bolhas que já vimos, bolhas, bolhas, vamos pegar um sonho de arco-íris.'

Algumas crianças caminhavam dentro d'água, algumas deitavam-se na margem e se esticavam para alcançar. Todas estavam gostando de pegar bolhas, pegar seus sonhos de arco-íris. Logo depois, todas as lindas bolhas tinham desaparecido. Elas não eram mais do que um desejo nas mãos das crianças, nada mais que um arco-íris para as crianças irem para a terra da fantasia.

Mas e a minúscula bolha? As crianças não a tinham visto, as crianças não tinham pegado seu sonho de arco-íris. De repente, lá estava ela, sozinha, flutuando rio abaixo.

'Por quê', ela pensou, 'porque eu sou muito pequena não fui pega'.

Continuou a flutuar e agora sentia-se feliz e corajosa. Seguiu, seguiu até o rio encontrar o mar. Lá as ondas pegaram e levaram para longe a minúscula bolha, longe no azul misterioso, longe onde as fadas do mar dançavam e brincavam.

Uma fada do mar estava ocupada mexendo uma panela de pérolas quando a minúscula bolha chegou flutuando, a bolhinha que podia ser vista por olhos de fada. Seu sonho de arco-íris conquistou os olhos da fada do mar.

'Exatamente o que eu preciso para colorir minha panela de pérolas', ela disse. Ela a pegou e jogou-a na panela. E, com um rodopio para cá e um rodopio para lá, a minúscula bolha ajudou a fazer uma linda pérola de arco-íris.

18

Provocando ou Intimidando (Bullying)

A Princesa Luz

Esta história foi escrita para uma garota de oito anos que estava sofrendo de baixa autoestima. Ela estava em uma classe constituída predominantemente de meninas, muitas das quais eram mais espertas e mais bonitas do que ela, e a provocação delas estava começando a afetar o seu cotidiano. Esse era um momento de forte contraste com o período de dois anos antes, no jardim de infância, quando ela era uma das mais felizes e populares e uma criança conhecida por todos pelo maravilhoso sorriso.

O animal preferido da menina, os golfinhos, foi usado na história como um sábio ajudante. 'Princesa Luz' foi criada para um livro de gravuras pelo irmão e irmã mais velhos da menina e lhe foi dado como um presente de Natal. A garota adorava sua nova história e pedia para repeti-la uma vez mais e mais uma. A história e a confecção do livro também ajudaram a esclarecer a consciência da família sobre a situação difícil da filha mais nova.

Era uma vez uma princesa que morava num grande castelo na floresta cercado de um lindo jardim. Havia flores e pássaros em seu jardim com as cores do arco-íris, e ela tinha gatinhos e pôneis e muitos amigos com quem brincar.

Essa princesa era conhecida em todo lugar por seu sorriso lindo. Ela tinha uma família que a amava muito e que sabia que seu sorriso era tão bonito porque vinha de sua luz interior brilhante. Eles costumavam chamá-la de *Princesa Luz* e, quando ela brincava e dançava no jardim, até mesmo as flores se voltavam em direção a ela, pensando que era o próprio sol que estava sorrindo de tão radiante.

Quando Princesa Luz cresceu, ela começou a viajar para outras partes de seu reino. Sua amiga favorita era uma princesa que morava num castelo de areia nas dunas perto do mar, e Princesa Luz amava passar um tempo lá nos meses de verão, jogando e dançando na praia e nadando com os golfinhos nas claras águas azuis.

Por muitos anos, as duas princesas mantiveram uma amizade feliz. Porém, com o passar do tempo, Princesa Luz começou a notar que sua amiga, conhecida como Princesa Talentosa, parecia fazer muitas coisas melhor do que ela. Quando estavam correndo juntas, sua amiga podia correr mais rapidamente; quando estavam desenhando juntas, sua amiga podia desenhar imagens mais bonitas; e quando estavam nadando no mar, sua amiga podia nadar muito melhor e mais rápido.

Quanto mais a Princesa Luz pensava nisso, mais triste ficava. Às vezes, isso a deixava aborrecida e, quando estava triste e aborrecida, não era tão fácil para sua luz interior ajudá-la a sorrir. E, quando a Princesa Luz não conseguia sorrir, ela não era boa em nada. Ela não conseguia correr ou nadar ou desenhar ou fazer qualquer coisa, se não fosse capaz de sorrir e ficar feliz consigo mesma.

Certo dia, a Princesa Luz estava visitando a Princesa Talentosa e, como estava muito quente, elas decidiram ir nadar no mar azul refrescante. Elas se deixaram levar mar adentro além dos arrecifes em direção ao oceano profundo, onde golfinhos dançavam e brincavam. As duas princesas se divertiram muito a manhã toda brincando com seus amigos golfinhos. Mas, quando já era hora de voltar para a praia, a Princesa Talentosa desafiou, 'vamos apostar uma corrida'. Então, ela nadou tão rápido à frente, que deixou a Princesa Luz sozinha nas águas profundas.

A Princesa Luz sentiu-se triste e aborrecida, pois sua amiga parecia ser muito mais esperta e rápida do que ela. E, quanto mais triste ela ficava e mais aborrecida se tornava, mais devagar ela nadava, até que suas pernas e seus braços pararam de trabalhar ao mesmo tempo. Então, algo terrível aconteceu, pois como ela parou de se movimentar na água, começou a afundar.

Para baixo, para baixo, para baixo ela foi, distante das águas claras e ensolaradas da superfície do mar e para baixo para as águas escuras e tenebrosas do fundo do oceano. Para baixo, para baixo, para baixo, ela foi até que pôde sentir as rochas frias e duras embaixo e ao seu redor e acabou

presa num buraco escuro e profundo. Ela não conseguia enxergar à direita, ela não conseguia enxergar à esquerda, ela não conseguia enxergar acima dela.

Ela ouviu um barulho e viu, num flash prateado, uma cauda. Era um de seus amigos golfinhos que a ela devia estar seguindo o tempo todo. 'Segure na minha cauda', sussurrou o golfinho, 'e eu tentarei levá-la de volta para cima. Mas você deve bater as pernas e ajudar-me ou não vamos conseguir chegar lá juntos!'

Então, a Princesa Luz segurou a cauda prateada do golfinho e começou vagarosamente a mexer suas pernas para trás e para frente, para trás e para frente, até que pôde sentir-se saindo do buraco rochoso e escuro. Quanto mais rápido ela chutava, mais para cima ela seguia em direção às águas claras da superfície do mar. E, quando emergiu da água, à luz do sol, respirou profundamente e deu para seu amigo golfinho o mais lindo sorriso de sua vida.

'Suba em cima de mim', disse o Golfinho Prateado, que estava feliz por ver a princesa sorrindo novamente. 'Suba e segure-se firme que vamos subir nas ondas e ultrapassar os arrecifes'. Então, a Princesa Luz subiu no golfinho e pegou a melhor carona de sua vida de volta à margem. A Princesa Talentosa estava a sua espera na praia. Ela não conseguia acreditar no que via – sua amiga estava passeando na lagoa em cima das costas do golfinho!

Quando o Golfinho Prateado entregou a Princesa Luz a salvo na praia, ele lhe sussurrou uma mensagem especial:

*Quando triste e aborrecida você estiver,
Não se desespere e não se esconda se puder.
Há um raio de luz prateado,
Para as noites escuras e os dias nublados.
Dentro de você, essa luz o seu lindo sorriso trará,
E o caminho iluminará.*

Pelo resto das férias na praia, a Princesa Luz brincou alegremente com sua amiga. Ela nunca mais viu o Golfinho Prateado, mas sempre que ela sentia que Princesa Talentosa estava correndo ou desenhando ou nadando melhor do que ela, lembrava-se da mensagem especial. Isso a ajudava a continuar sorrindo com seu lindo sorriso e apenas tentando fazer seu melhor!

Quando o verão acabou, a Princesa Luz retornou para sua família no castelo da floresta. Ela guardou sua mensagem especial do Golfinho Prateado só para ela, e isso sempre a ajudou nos momentos difíceis. À medida que crescia, ela continuou a brincar e a dançar no jardim do castelo, e as flores ainda voltavam suas cabeças em direção a ela, pensando que era o próprio sol que estava sorrindo de tão radiante.

A Pluma do Lago

Uma história Kikuyu do Leste da África adequada para a idade de cinco anos ou mais. Este é um conto que traz sabedoria para vítimas de provocações e de ridicularizações. Foi incluída com a permissão da autora, Catherine Karu.

Era uma vez um chefe chamado Muugi. Ele tinha uma filha chamada Mweru. Mweru era tão bela quanto a lua nova e era amada por todos que a conheciam.

Perto da casa do chefe Muugi havia um grande lago com a água tão clara como o cristal. Esse lago era muito especial porque uma pluma maravilhosa surgia, no meio dele, de suas águas claras.

Certo dia, o chefe declarou, 'Qualquer um que quiser se casar com minha filha deve trazer a pluma do lago'. Muitos homens tentaram, mas todos falharam. As águas eram muito profundas e a pena ficava muito longe para se alcançar.

Havia um homem chamado Giako na vila do chefe, mas ele era muito pobre. Todo mundo o desprezava e dele ria por causa de sua pobreza. Giako ouviu a respeito da promessa do chefe e imediatamente decidiu tentar a sorte. Sua mãe tentou dissuadi-lo, dizendo, 'Somos pessoas pobres. Como você poderia ser aquele a casar-se com Mweru?'

Entretanto, apesar da advertência da mãe, Giako sabia que ele devia ao menos tentar. Ele foi até o chefe e fez-lhe uma reverência, 'Caro chefe, eu vim propor casamento a sua filha'.

'Ah', disse o chefe, 'você deve trazer a pluma do lago antes de conversarmos sobre casamento'. E com isso, o chefe deixou a corte.

Assim, Giako partiu em direção ao lago. Quando chegou às margens do lago, o sol estava quase se pondo. Ele começou vagarosamente a entrar na água e, enquanto nadava em direção à pluma, ele cantava:

Linda pluma do lago, por favor, venha até mim. Venha até mim.

Ele continuou até que a água cobriu sua cintura e então seu peito, e então seus ombros e seu pescoço. Ele cantou novamente:

Linda pluma do lago, por favor, venha até mim. Venha até mim.

Vagarosamente, a pluma começou a se mover em sua direção. Quanto mais ele cantava, mais a pluma se movia em sua direção. Finalmente, ele estava perto o suficiente para pegar a pluma. Ele virou-se para nadar de volta à margem, cantando enquanto cruzava as claras águas com a linda pluma presa em suas mãos:

Linda pluma, linda pluma, estou levando-a para o estimado chefe.

Quando ele chegou à margem, ouviu algum barulho vindo de trás. Voltando-se, Giako viu uma manada de vacas, um fato de cabras, um rebanho de carneiros e um bando de aves seguindo-o vindos do lago. 'Oh', pensou Giako, 'Se tudo isso é meu, então, realmente, sou eu a casar com Mweru'.

Quando o chefe viu Giako com a pluma em suas mãos e todos os animais e aves seguindo atrás, ele chamou os anciãos. Um grande conselho foi realizado na vila.

No dia seguinte, a cerimônia foi realizada e Giako e Mweru casaram-se e viveram felizes para sempre.

O Caçador Invisível

Uma história popular indígena-americana reescrita pela autora. Esta é uma das minhas versões favoritas para o clássico conto de fadas 'Cinderela', e uma excelente história de 'bullying/vítima' para crianças de seis a oito anos.

Há muito, muito tempo, à beira de uma vila indiana, próximo das margens de uma grande baía, vivia um velho guerreiro indiano cuja esposa tinha morrido muito tempo atrás. Ele dividia sua cabana com as três filhas que

tinham as tarefas de cozinhar e limpar e escovar as peles enquanto ele estava fora, o dia inteiro caçando.

As duas irmãs mais velhas eram orgulhosas e preguiçosas e consideravam-se superiores para tal trabalho. Enquanto o pai estava ausente, elas batiam e maltratavam a irmã mais nova e forçavam-na a fazer todos os serviços.

O pai tinha dado a sua filha mais nova o nome de Pequeno Raio Nascente, mas ela não era mais alegre como o sol nascente. Ela estava magra e com os olhos tristes, e frequentemente tão cansada de trabalhar do amanhecer ao anoitecer que caía no sono de total exaustão. Às vezes, ela caía no sono em cima do fogo e seu rosto estava marcado pelas brasas quentes. Seus longos cabelos negros pareciam desbotados por causa das cinzas, não eram brilhantes e lisos como os de suas irmãs. E, visto que parecia não haver peles suficientes das caçadas de seu pai para vestir toda a família, Pequeno Raio Nascente tinha apenas retalhos para se envolver.

Uma noite, quando o pai chegou em casa, reuniu suas filhas perto do fogo, pois tinha uma história especial para contar-lhes. Era sobre Te-Am, o Invisível, que morava em uma cabana de caça no fim da vila com sua mãe. Por ser um poderoso guerreiro e caçador, Te-Am tinha recebido, do grande 'Chinu', o dom especial de ficar invisível. Era por causa desse poder, que nenhuma donzela da vila jamais o tinha visto, embora dissessem que ele era bonito e sua cabana estivesse sempre bem abastecida de comida e de peles macias.

O pai continuou a história: 'A mãe de Te-Am, o Invisível, anunciou que Te-Am deseja se casar. Ele fará sua esposa à primeira donzela que puder realmente vê-lo. Muitas donzelas já vieram a sua cabana, mas nenhuma foi capaz de vê-lo. Agora, vocês, minhas filhas, devem ter sua vez'.

As duas irmãs mais velhas ficaram muito entusiasmadas e passaram a noite acordadas conversando sobre o que deveriam usar. Na manhã seguinte, a irmã mais velha vestiu-se com sua melhor túnica e com um colar de conchas e caminhou em direção à vila, para a grande cabana de Te-Am, o Invisível.

A mãe de Te-Am estava esperando à porta para cumprimentá-la e disse: 'Meu filho, Te-Am o Invisível, está fora caçando. Se andarmos juntas às margens do lago, logo o encontraremos já que ele vem das colinas'.

Assim, a irmã mais velha começou a caminhar com a mãe de Te-Am que carregava um pequeno tambor com ela. Elas não tinham andado muito quando a mãe de Te-Am começou a cantar e a tocar o tambor:

*O caçador está chegando, por cima das colinas ele vem,
O grande caçador vem agora, você o vê, você o vê?*

A irmã mais velha olhou para frente e, embora não pudesse ver ninguém, ela fingiu que podia. 'Sim, sim, posso vê-lo', ela respondeu.

'Se você realmente pode vê-lo', disse a mãe de Te-Am, 'de que é feito seu grande arco de caça?'

'É feito da madeira do vidoeiro', disse a irmã mais velha, e pela resposta da garota, a mãe de Te-Am soube que ela não tinha visto seu filho.

Então, Te-Am aproximou-se e entregou a sacola de caça para sua mãe. A irmã mais velha podia ver a sacola de caça que estava nas mãos da mãe, mas não podia ver Te-Am, ela sabia que tinha falhado no teste. Ela virou-se triste e caminhou de volta para a vila.

Na manhã seguinte, a segunda irmã vestiu-se com sua melhor túnica e colares de conchas e caminhou através da vila até a grande cabana de Te-Am, o Invisível.

A mãe de Te-Am estava esperando à porta para cumprimentá-la e disse: 'Meu filho, Te-Am o Invisível, está fora caçando. Se andarmos juntas às margens do lago, logo o encontraremos já que ele vem das colinas.'

Assim, a segunda irmã começou a caminhar com a mãe de Te-Am que carregava um pequeno tambor com ela. Elas não tinham andado muito quando a mãe de Te-Am começou a cantar e a tocar o tambor:

*O caçador está chegando, por cima das colinas ele vem,
O grande caçador vem agora, você o vê, você o vê?*

A segunda irmã olhou para frente e, embora não pudesse ver ninguém, ela fingiu que podia. 'Sim, sim, posso vê-lo', ela respondeu.

'Se você realmente pode vê-lo', disse a mãe de Te-Am, 'de que é feito seu grande arco de caça?'

'É feito da madeira do freixo', disse a segunda irmã, e pela resposta da garota, a mãe de Te-Am soube que ela não tinha visto seu filho.

Então, Te-Am aproximou-se e entregou a sacola de caça para sua mãe. A irmã mais velha podia ver a sacola de caça que estava nas mãos da mãe, mas não podia ver Te-Am, ela sabia que tinha falhado no teste. Ela virou-se triste e caminhou de volta para a vila.

Na manhã seguinte, Pequeno Raio Nascente levantou-se cedo e enrolou-se nos restos de casca de bétula e colocou os velhos mocassins de seu pai nos pés. Suas irmãs caçoaram dela quando saiu, mas ela as ignorou, pensando consigo mesma: 'É claro que não serei capaz de ver Te-Am, mas apenas encontrar sua mãe e ver a cabana de caça já me farão feliz.'

Finalmente, ela chegou à grande cabana de caça de Te-Am, o Invisível.

A mãe de Te-Am estava esperando à porta para cumprimentá-la e disse: 'Meu filho, Te-Am o Invisível, está fora caçando. Se andarmos juntas às margens do lago, logo o encontraremos já que ele vem das colinas.'

Assim, Pequeno Raio Nascente começou a caminhar com a mãe de Te-Am que carregava um pequeno tambor com ela. Elas não tinham andado muito quando a mãe de Te-Am começou a cantar e a tocar o tambor:

*O caçador está chegando, por cima das colinas ele vem,
O grande caçador vem agora, você o vê, você o vê?*

Pequeno Raio Nascente olhou para frente e seus olhos se abriram de espanto. 'Sim, sim, posso vê-lo', ela sussurrou.

'Se você realmente pode vê-lo', disse a mãe de Te-Am, 'de que é feito seu grande arco de caça?'

'É feito do próprio arco-íris!' disse Pequeno Raio Nascente.

'Ah, então você realmente vê meu filho – venha, vamos nos apressar para voltar à cabana e preparar a chegada dele.'

Ao retornar para a cabana, a mãe de Te-Am encheu uma bacia com água quente e óleos doces aromatizantes. Ela banhou Pequeno Raio Nascente e lavou as cinzas de suas mãos e rosto até as bochechas brilharem. Então, ela vestiu-a com uma túnica fina de pele branca e macia de veado, decorada com conchas e contas. Finalmente, ela escovou e penteou os cabelos de Pequeno Raio Nascente até ficarem lisos e brilhantes, trançando-os com fitas e pequenas conchas.

Quando estava vestida e pronta, Pequeno Raio Nascente foi convidada para sentar-se no tapete perto do fogo. Ela mal acabara de sentar, quando Te-Am entrou na cabana e veio em sua direção. Ele sorriu e disse: 'Então, nos encontramos, não é?' Pequeno Raio Nascente sorriu em resposta. Te-Am pediu-lhe, pois, para ficar na cabana como sua esposa, e sua mãe começou a preparar a festa do casamento.

Enquanto isso, o pai de Pequeno Raio Nascente tinha retornado da caçada e estava preocupado, pois sua filha mais nova não estava em casa. Quando perguntou às irmãs onde ela poderia estar, elas lhe disseram que não sabiam. Portanto, ele partiu para procurá-la.

Por toda a vila ele andou e finalmente chegou à cabana de Te-Am onde ele pôde ouvir sons de risada e contentamento vindos de dentro. Ele olhou através da porta e, a princípio, ele não reconheceu a bela donzela como sua filha. Mas, quando Pequeno Raio Nascente viu seu pai, correu até ele e o abraçou, contando-lhe toda a história de seu dia maravilhoso. Ele foi convidado para ficar para a festa do casamento, e Pequeno Raio Nascente mandou buscar suas irmãs para participarem da celebração. Mais tarde, naquela noite, Pequeno Raio Nascente e Te-Am casaram-se e juntos vivem uma vida longa e feliz.

A História de Rhodopese

Um conto de fadas egípcio reescrito pela autora. Esta é uma das versões mais antigas do clássico 'Cinderela'. É uma excelente história de 'bullying/vítima' para as idades de seis a oito anos. A história pode ser enriquecida, envolvendo a classe com fantoches ou teatro.

Há muito, muito tempo, em uma terra onde as águas verdes do rio corriam para o grande mar azul, vivia uma jovem donzela de nome Rhodopese. Ela era uma humilde serva que tinha sido capturada quando era criança e levada embora de seu lar pelo rio. Seu dono era um homem velho que passava a maior parte do tempo dormindo à luz do dia, embaixo de uma árvore frondosa. Por causa de seus hábitos preguiçosos, ele nunca viu como as outras servas da casa provocavam e intimidavam Rhodopese.

Elas a provocavam porque ela era diferente. O cabelo delas era liso e preto enquanto o de Rhodopese era encaracolado e de um castanho dourado. Todas tinham olhos castanhos e ela, lindos olhos verdes. A pele delas era escura e áspera, mas Rhodopese tinha uma pele morena macia e lábios rosados, fazendo com que as garotas a chamassem de Rhodopese Rosada. As servas faziam-na trabalhar muito e gritavam com ela o dia inteiro:

*Lave, lave, lave as roupas;
Remende, remende, remende as túnicas;
Pegue os gansos e esfregue o chão;
Lustre as portas e asse o pão.*

Rhodopese não tinha amigos, a não ser os pássaros e os animais. Ela havia treinado os pássaros a comerem em sua mão e um macaquinho sentar em seu ombro. Um velho hipopótamo saía da lama para ficar perto dela enquanto ela estava lavando as roupas pela manhã.

Todo dia era a mesma coisa para Rhodopese. As outras garotas gritavam com ela de manhã à noite:

*Lave, lave, lave as roupas;
Remende, remende, remende as túnicas;
Pegue os gansos e esfregue o chão;
Lustre as portas e asse o pão.*

Ao final do dia, se Rhodopese não estivesse muito cansada, ela descia o rio para ficar com seus amigos animais. Se tivesse energia suficiente, ela cantaria e dançaria para eles. Uma noite, como se ela estivesse rodopiando mais leve que o ar, com seus pés mal tocando o chão, o homem velho acordou de seu sono e ficou assistindo enquanto ela dançava. Ele admirou muito sua beleza e habilidade e pensou que alguém tão talentosa não deveria estar sem sapatos.

Então, o velho homem encomendou um par de chinelos para Rhodopese – eles eram enfeitados com ouro vermelho-rosado e as solas eram feitas de couro macio. Agora, as servas realmente a detestavam, pois elas tinham inveja dos lindos chinelos de Rhodopese.

Certo dia, chegaram notícias de que o rei daquela terra estava promovendo uma grande festa e que todo o reino estava convidado. O rei estava procurando a mais linda mulher da terra para ser sua rainha. Ó, como Rhodopese queria ir com as outras servas, pois ela sabia que haveria dança, canto e muita comida maravilhosa. Enquanto as servas preparavam-se para partir em seus trajes finos, elas voltaram-se para Rhodopese e lhe deram mais tarefas para fazer antes que elas retornassem.

Então, subiram na balsa e navegaram rio abaixo em direção ao palácio do rei, deixando a triste Rhodopese na margem. Enquanto ela lavava as roupas no rio, cantarolava uma triste canção de trabalho. Depois de um tempo, o velho hipopótamo ficou cansado dessa triste cantiga e jogou-se dentro do rio. A água espirrou nos chinelos de Rhodopese. Rapidamente, ela os tirou, limpou e os colocou ao sol para secar. Enquanto continuava com suas tarefas, o céu escureceu. Olhando para cima, ela viu um falcão precipitar-se voando abaixo, roubar um de seus chinelos e fugir. Rhodopese ficou espantada, ela sabia que era um pássaro mágico que tinha levado seu sapato. O outro chinelo, ela o guardou em seu bolso.

Enquanto isso, o rei estava sentado no trono, olhando as pessoas e sentindo-se entediado. Ele preferia estar passeando em sua carruagem. De repente, o falcão entrou voando rápido e deixou cair o chinelo vermelho-rosa dourado no colo do rei. Surpreso, mas de algum modo sabendo que isso era um sinal, ele anunciou que todas as donzelas da terra deveriam experimentar o chinelo e que a dona dele seria sua rainha. Quando as servas chegaram à festa, o rei já tinha partido em busca da dona do chinelo rosa-dourado. Elas deram meia volta com sua balsa e seguiram o barco real rio abaixo.

Rhodopese ouviu o som de um gongo e trombetas clamando. Então, ela viu as velas de seda púrpuras do barco real. Correu e escondeu-se entre os juncos e viu quando o barco real aportou e as servas vieram correndo da balsa para experimentar o sapato. Quando elas viram o sapato, reconheceram o chinelo de Rhodopese. Não disseram nada e tentaram forçar os pés no sapato.

Então, o rei espiou e viu Rhodopese nos juncos e pediu-lhe para experimentar o chinelo. Ela deslizou seu pezinho no chinelo e tirou o outro do bolso e começou a dançar. O rei, encantado pela sua beleza e sua dança talentosa, perguntou-lhe se ela queria ser sua rainha.

As outras garotas gritaram que ela era uma serva como elas mesmas e não merecedora e bela o suficiente para ser a esposa do rei. O rei respondeu, 'Ela é a mais linda mulher de meu reino – seus olhos são verdes como o rio, seus cabelos finos como o papiro e seus lábios róseos, da cor da flor de lótus'.

Rhodopese e o rei se casaram em uma celebração que durou o dia todo, a noite inteira e o dia seguinte. Eles viveram felizes juntos por muito tempo.

Como o Besouro Ganhou Suas Cores

Um conto popular do Brasil, reescrito pela autora. Esta história é adequada para a idade de seis anos ou mais. Enfatiza o respeito, o não ser crítico e contrapõe-se ao bullying.

Muito tempo atrás, numa terra distante, o Besouro era simplesmente marrom. Besouro fazia o seu trajeto vagarosamente pela floresta tropical, cuidando de sua própria vida e não incomodando ninguém.

Nessa mesma floresta, vivia um Rato que costumava provocar os outros animais menores e os insetos que lá viviam. Rato achava-se superior aos outros animais porque podia mover-se rápido. Ainda mais, ele gostava de rir e de caçar do besouro. Rato tinha uma gangue de animais pequenos que o seguiam e participavam de suas brincadeiras maldosas.

Também nessa floresta, bem no alto, no topo das árvores, vivia um papagaio. Esse papagaio era colorido, belo e sábio. E esse papagaio tinha poderes mágicos!

Por muito tempo, Papagaio estivera observando o Rato ser maldoso e rude com o besouro. Papagaio pensava que já era hora de ensinar-lhe uma lição.

Papagaio foi até o Rato e contou-lhe que estivera observando seu comportamento do alto das árvores.

‘Você está sempre provocando e insultando o Besouro e os outros animais, agindo como se fosse melhor do que qualquer um. Nós devíamos fazer uma competição e resolver as coisas de uma vez por todas’, disse Papagaio. ‘Eu vou organizar uma corrida entre você e Besouro. Quem ganhar poderá escolher uma linda e nova pelagem ou casca, de qualquer modelo ou cor.’

Agora, Rato estava muito feliz. Seria uma chance para todos verem quão rápido ele era. E que corrida fácil seria! Ele tinha pernas grandes e fortes e podia mover-se rapidamente, enquanto o besouro podia apenas se arrastar com suas pernas magras e ‘coladas’.

No dia seguinte, os animais se encontraram na grande figueira e Papagaio apontou à frente, para um toco de árvore no final do caminho. ‘Quem chegar lá primeiro, ganhará sua nova pelagem ou casca’, disse Papagaio.

Papagaio deu o sinal e a corrida começou. Rato partiu, correndo como um raio. Enquanto corria, pensava sobre como ele ficaria com sua nova pelagem e que cor e modelo escolheria. Toda vez que olhava para trás, o Besouro não estava à vista, mas isso não preocupava Rato. Ele presumia que Besouro estava lá atrás, ainda na linha de partida. Porém, quando Rato chegou ao velho toco de árvore, lá estava o Besouro, sentado do outro lado da estrada. 'Por que demorou tanto, Rato? Estava esperando por você.'

Rato ficou atônito. 'Como você conseguiu chegar aqui tão rápido?', ele gritou.

'Ah, você não sabia que eu posso voar?' Besouro respondeu calmamente.

'Você voa? Eu não sabia que você podia voar', disse Rato, sentindo-se muito confuso.

Papagaio veio voando e pousou no toco da árvore. 'Há muita coisa que você não sabe, Rato. Se você usasse seu tempo para conhecer os outros animais, você aprenderia muito. Você sempre julga os outros pela aparência, portanto você nunca aprende como eles realmente são. Como dizem, 'Nunca julgue um livro por sua capa'.

Rato saiu resmungando pela floresta. Quanto ao Besouro, como prêmio ele escolheu uma casca azul e verde – o azul do céu e o verde das folhas frescas depois da chuva. E ele também escolheu asas que brilham douradas como o sol quando reflete no rio.

Até hoje, os besouros têm cascas coloridas e os ratos são simplesmente marrons ou cinzas.

Os Três Cabritos

Uma história norueguesa reescrita, com rimas e repetições, pela autora. Adequada para crianças pequenas (na idade de três a cinco anos), este conto clássico parece apropriado para provocações e bullying. Tem uma mensagem simples – a intimidação é punida e os pequenos podem confiar nos maiores e mais fortes da família e em amigos para sua proteção. Descobri um grande efeito terapêutico ao dramatizar esta história, especialmente se uma criança 'vítima' muito tímida puder interpretar o cabrito grande e a mandona puder interpretar o troll (e então trocar os papéis no dia seguinte).

Era uma vez três cabritos e o nome deles era Gruff. O primeiro cabrito tinha uma barbicha e chifres pequenos. O segundo cabrito tinha uma barbicha média e chifres do tamanho médio. O terceiro cabrito tinha uma grande barbicha e grandes chifres.

Os três cabritos queriam chegar às montanhas para comer a grama doce de lá. Mas para fazer isso, eles tinham que atravessar uma ponte e, embaixo da ponte, morava um troll. Esse troll tinha os olhos tão redondos como pratos de peltre* e um nariz tão longo quanto um cabo de ancinho; e esse troll não gostava que ninguém passasse pelo seu caminho!

O primeiro cabrito a atravessar a ponte foi o pequeno cabrito Gruff.

*Trip-trap trip-trap, por cima da minha ponte trip-trap
Eu ouço o som de pés depressa a pular,
Alguém atravessa a minha ponte, eu receio – E quem eu devo encontrar?
Quem vem pelo caminho clip-clap?
Quem ousa cruzar a minha ponte trip-trap?*

‘Sou eu, o pequeno cabrito Gruff, estou a caminho das montanhas para comer a grama docinha de lá.’

‘Eu vou subir e pegar você!’, bradou o troll, e enfiou seu grande nariz acima da beira da ponte.

‘Ó, por favor, não me coma – eu sou tão magro, meus ossos aparecem sob a pele. Espere por meu irmão que vem vindo, ele será uma refeição muito melhor para você.’

‘Bem, bem’, disse o ganancioso troll, e voltou para sua casa embaixo da ponte. E o cabritinho Gruff continuou seu caminho, trip-trap trip-trap, em direção às montanhas para comer a grama docinha de lá.

O próximo cabrito a cruzar a ponte foi o cabrito médio Gruff.

*Trot-trot trot-trot, por cima da minha ponte trot-trot
Eu ouço o som de pés depressa a pular,
Alguém atravessa a minha ponte, eu receio – E quem eu devo encontrar?
Quem vem pelo caminho bot-clot?
Quem ousa cruzar a minha ponte trot-trot?*

* N.T. — Liga metálica de estanho ou chumbo.

'Sou eu, o cabrito médio Gruff, estou a caminho das montanhas para comer a grama docinha de lá.'

'Eu vou subir e pegar você!', bradou o troll, e enfiou seu grande nariz acima da beira da ponte.

'Ó, por favor, não me coma – eu sou tão magro, meus ossos aparecem sob a pele. Espere por meu irmão que vem vindo, ele será uma refeição muito melhor para você.'

'Bem, bem', disse o ganancioso troll, e voltou para sua casa embaixo da ponte. E o cabrito médio Gruff continuou seu caminho, trot-trot trot-trot, em direção às montanhas para comer a grama docinha de lá.

O próximo cabrito a cruzar a ponte foi o grande cabrito Gruff.

Tramp-tramp tramp-tramp, por cima da minha ponte tramp-tramp

Eu ouço o som de pés depressa a pular,

Alguém atravessa a minha ponte, eu receio – E quem eu devo encontrar?

Quem vem pelo caminho bamp-clamp?

Quem ousa cruzar a minha ponte tramp-tramp?

'Sou eu, o grande cabrito Gruff, estou a caminho das montanhas para comer a grama docinha de lá.'

'Eu vou subir e pegar você!', bradou o troll, e enfiou seu grande nariz acima da beira da ponte.

'Muito bem, suba, estou esperando você', disse o grande cabrito Gruff.

Assim, o troll subiu na ponte. Então, com um BUTT de seus grandes chifres de cabrito, o grande cabrito empurrou o ganancioso troll para fora da ponte e ele caiu, caiu, caiu, caiu nas águas lá embaixo – lá onde os trolls deveriam morar e nunca mais serem vistos novamente. E o grande cabrito Gruff continuou seu caminho, tramp-tramp tramp-tramp, o caminho todo até a montanha para comer a doce graminha de lá.

E você sabe? Os três cabritos comeram tanto que cresceram e engordaram e mal podiam andar até sua casa. Até onde eu sei, eles ainda estão tão gordos como antes.

A História do Caminhão Vermelho

Este exemplo vem dos textos de uma garota de oito anos que era nova na escola e vítima de algum tipo de bullying em sala de aula. Ela foi encorajada pela professora a escrever sobre seu primeiro período letivo na escola. A professora relatou que a história parecia fazer muito diferença para a criança no período seguinte da escola, tanto na atitude consigo mesma, como com os outros. É um exemplo maravilhoso de uma criança mais velha que se envolve com a escrita para ajudar seu próprio problema. Os 'ossos' da história estão incluídos aqui.

A história é sobre um caminhão que tinha recentemente chegado ao pátio de carros e todos os outros carros estavam caçoando dele. Então, numa noite, embaixo da proteção da escuridão, o caminhão decidiu pintar-se de um vermelho vivo brilhante. No dia seguinte, quase não foi reconhecido pelos outros como aquele caminhão em mau estado, e agora era tratado com respeito. Depois de algum tempo, a tinta vermelha foi lavada pela chuva e os outros perceberam que era o velho caminhão. Porém, o bullying tinha parado e o caminhão nunca mais teve um período difícil.

19

Não-Cooperativo

A História da Toalha

A seguinte história foi escrita por uma mãe de um curso de Disciplina Criativa. Foi publicada com a permissão da autora, Emily Stubbs, e notas importantes estão no final da história. Foi uma experiência fortalecedora para essa

mãe descobrir que seu problema crucial (lidar com a hora do banho de sua filha de três anos), compartilhado na primeira noite do curso, poderia ser resolvido por meio de sua própria criatividade. A história foi apresentada para a criança como um simples show de fantoches, com a canção simplesmente entoada como rimas infantis.

Certa vez, em um roupeiro de uma casa muito amada, entre toalhas aconchegantes, bem usadas, vivia uma novata. Há não muito tempo, um par de mãos tinha aberto o armário de madeira, repleto de lençóis, cobertores e toalhas, e posto de repente uma toalha azul nova. Ela era uma jovem toalha entusiasmada, ávida por aventuras – e queria muito ser usada.

No dia seguinte, as portas do armário abriram-se e a mãe da casa levantou e retirou a velha Vovó toalha fofinha que estivera fazendo companhia para a jovem toalha nova.

Na manhã seguinte, a Vovó toalha foi colocada de volta no armário perto da toalha azul nova. A jovem toalha ansiosa perguntou à Vovó: ‘O que você fez?’

A Vovó respondeu, ‘Eu sequei um garotinho da cabeça aos pés quando ele saiu de seu banho gostoso. Eu sequei seu rosto, braços, dedos das mãos e dos pés, suas costas, embaixo do queixo... tantos lugares, até ele ficar todo seco e pronto para aninhar-se em suas roupas.’

A toalha azul espremeu-se com entusiasmo, ‘Parece maravilhoso, Vovó. Quanto uma toalha pode fazer! Você alguma vez se esquece do que uma toalha deve fazer?’

‘Oh, não’, disse a Vovó, ‘eu canto uma pequena cantiga que sempre me ajuda a lembrar. Eu poderia cantá-la para você. Você quer?’

‘Oh, sim, por favor’, disse a nova toalha azul. Então, a Vovó toalha começou:

*Vamos, vamos começar;
Enrolar e, então, secar; rosto primeiro e, então, cabelo,
Tapinhas pra secar devem ser em todo lugar:
Embaixo dos braços, na frente e atrás,
Tem outro lugar pra procurar?
Com certeza – pernas, pés e dedos do pé;
E o narizinho? O último é.*

A nova toalha estava encantada com a cantiga e pediu à Vovó toalha para ajudá-la a aprender.

No dia seguinte, as portas do armário abriram-se novamente e mais uma vez a Vovó toalha foi retirada de lá. A toalha nova assistia com um misto de entusiasmo e desapontamento. Ela queria ser usada!

Na manhã seguinte, Vovó toalha retornou. A toalha nova pulou para cumprimentá-la. 'Como foi?', ela perguntou.

'Delicioso', respondeu a Vovó.

'Eu quero a minha vez, eu quero a minha vez', implorou a toalha nova. 'Mas eu me preocupo com esquecer o que devo fazer!'

'Oh, não', disse a Vovó toalha. 'Vai ficar tudo bem. Você é uma esplêndida toalha, muito macia. Não esquecerá se cantar as rimas. Vamos praticar.' Juntas, Vovó toalha e a nova toalha azul cantaram:

*Vamos, vamos começar,
Enrolar e, então, secar; rosto primeiro e, então, cabelo,
Tapinhas pra secar devem ser em todo lugar:
Embaixo dos braços, na frente e atrás,
Tem outro lugar pra procurar?
Com certeza – pernas, pés e dedos do pé;
E o narizinho? O último é.*

O dia seguinte chegou e um garotinho estava perto da mãe quando ela abriu as portas do armário. 'Mamãe', ele disse, 'eu não vi esta toalha azul antes. Por favor, posso usá-la depois do meu banho?'

'Claro', a mãe dele disse, 'é uma nova toalha apenas esperando para ser usada'.

A nova toalha azul gritou de alegria quando foi retirada do armário! Então, ela esperou pacientemente no porta-toalhas enquanto o garoto aproveitava seu banho. Quando o garoto saiu, trouxeram a toalha para ele. A toalha começou a cantar:

*Vamos, vamos começar,
Enrolar e, então, secar; rosto primeiro e, então, cabelo,
Tapinhas pra secar devem ser em todo lugar:
Embaixo dos braços, na frente e atrás,
Tem outro lugar pra procurar?*

*Com certeza – pernas, pés e dedos do pé;
E o narizinho? O último é.*

Depois disso, a toalha azul não era mais novinha em folha e estava muito feliz de ser usada. Como ela era fofinha e aconchegante, o garotinho pediu para usá-la na noite seguinte. A toalha azul praticava sua cantiga cada vez mais e nunca se esqueceu do que uma toalha deve fazer!

Notas da autora:

A História da Toalha' foi escrita especificamente voltada para a aversão de minha filha quando era enxugada depois do banho. A aversão parecia estar ligada a um medo mais profundo. Minha filha chorava, e até mesmo gritava, quando a enxugavam já nas primeiras semanas de vida. Quanto mais velha e mais ágil ficava, mais sonora berrava como se a estivessem matando e corria, recusando-se a ser enxugada. Nenhum tipo de agrado ou de razão parecia resolver a situação – ela sempre tinha que ser forçada para ser enxugada.

Minha filha sabia que eu estava trabalhando em uma história. Na primeira vez que ela ouviu, ficou extremamente atenta. Ela pediu a história noite após noite por aproximadamente uma semana, e nos pedia para cantar a cantiga do 'enxugar' depois do banho. Ela ficava tão distraída com a letra, localizando as partes do corpo, que a resistência esvaiu-se.

Agora, minha filha e meu marido sabem bem a canção. Ela adora as rimas. A repetição das palavras rimadas tem um grande efeito nela. Descobri que conquanto cantasse ou falasse com rimas, conseguia fazê-la cooperar com quase tudo... comer a refeição, escovar os cabelos etc. A forma e a estrutura da língua tornaram-se parte integral de sua 'dieta'. Agora, que ela está com quatro anos, rima palavras tanto quanto possível e inventa outras cantigas e jogos enquanto é enxugada/enxuga-se sozinha/faz outras coisas.

Acredito que a história foi um grande auxílio para minha filha, criou um foco mais positivo para meu marido e para mim. Deu-nos algo por que trabalhar em vez de alimentarmos as frustrações um do outro e os medos dela.

Os Pombos e o Caçador

Um conto indiano tradicional com o tema cooperativo da 'força dos números'. Adequada para a idade de seis anos ou mais, esta história poderia ser usada nos anos do ensino fundamental como impulso para discussão.

Uma manhã um bando de pombos estava voando pela terra em busca de comida. De repente, o líder viu alguns grãos brancos de arroz espalhados no chão embaixo de uma árvore de baniano. Ele desceu em direção ao arroz, com o bando a segui-lo. Satisfeitos com a boa sorte, eles pousaram no chão.

Os pombos famintos começaram a pegar os grãos, mas em poucos minutos tiveram seus pés presos em uma armadilha colocada por um caçador. No momento seguinte, eles olharam para cima de sua armadilha e viram o caçador aproximar-se vindo em sua direção. Ele estava carregando um grande bastão na mão. Os pombos tinham certeza de que seus momentos estavam contados.

Porém, o líder dos pombos era muito sábio e muito corajoso. Ele falou para o bando. 'Ouçam-me, meus companheiros pombos. Temos, com certeza, um sério problema, mas precisamos não perder a esperança. Eu tenho uma ideia. Nós ainda podemos escapar ilesos se voarmos juntos para cima, carregando a rede conosco. Somos criaturas pequenas e, separadamente, pouco podemos fazer, mas juntos podemos facilmente levantar a rede e voar com ela.'

Os pombos não tinham certeza sobre essa ideia, mas não tinham escolha de qualquer forma. Então, cada um pegou uma parte da rede com o bico e todos bateram as asas e voaram juntos para cima, em direção ao céu. O caçador assistiu a tudo sem nada poder fazer enquanto os pombos escapavam.

Quando eles já tinham voado uma distância segura, o líder disse ao resto dos pombos, 'Metade de nossos problemas está resolvido, mas ainda não estamos fora de perigo. Não podemos soltar nossos pés da rede. Tenho um amigo, um pequeno rato, que mora em um buraco ao pé da próxima colina. Talvez ele possa roer a rede com seus pequeninos dentes afiados e nos libertar'.

Os pombos receberam bem a outra boa ideia do líder e partiram voando para o lugar onde o rato morava. Pousaram no chão em frente da casa do rato. 'Qual é o problema, meu amigo? Você parece preocupado', o pequeno rato perguntou ao líder. 'Posso ajudá-lo de alguma forma?'

'Como você pode ver, nós fomos pegos nesta rede', disse o líder. 'Conseguimos voar juntos e trazê-la até aqui. Você pode, por favor, ajudar a nos libertar?' 'Você é bem-vindo', disse o rato e logo desceu para fazer seu trabalho. Com seus dentes afiados, ele vagarosamente cortou as cordas da rede em pedaços. Um a um, os pombos foram libertados.

Os pombos agradeceram ao rato pela ajuda. Eles também agradeceram ao líder por salvá-los de uma morte quase certa. Tinham orgulho de um pombo tão sábio que tinha lhes ensinado como enfrentar problemas sendo unidos no esforço. Com a canção da alegria em seus corações, voaram juntos pelo espaço aberto no azul do céu.

Benjie e o Nabo

A ideia desta história foi retirada do conto 'Hugin e o Nabo' do livro 'A Maravilha dos Sete Anos' de Isabel Wyatt. Ele foi reescrito de maneira mais simplificada e resumida pela autora. Apresenta um tema maravilhoso de cooperação e é adequado para a idade de quatro anos ou mais.

Era uma vez um garotinho chamado Benjie que queria, mais do que qualquer coisa no mundo, ter uma lanterna de nabo para o festival do solstício de inverno. Assim, Benjie foi para o jardim e plantou uma semente de nabo e disse:

*Nabo, nabo, cresça para mim, cresça tanto quanto puder;
Para a festa de inverno eu fazer
A mais fina e brilhante lanterna –
E uma vela nela acender.*

O sol brilhou sobre a semente de nabo e a chuva lavou a semente de nabo e o nabo começou a crescer. Ele CRESCEU e CRESCEU e CRESCEU até ficar o maior, o mais redondo, o mais suculento nabo que alguém já vira. Finalmente, Benjie decidiu que era hora de colher seu nabo. Ele foi para o jardim e, segurando a parte de cima do nabo, começou a puxar... e puxou e puxou... mas o nabo não se moveu um milímetro!

Foi então que Mamãe chegou ao jardim. 'O que você está fazendo, Benjie?'

Eu estou tentando arrancar um nabo:

Mamãe, Mamãe, puxe pra mim, puxe tanto quando puder!

Então, a Mamãe segurou Benjie e Benjie segurou o nabo e eles puxaram e puxaram... mas o nabo não se moveu um milímetro!

Foi então que Vovô chegou ao jardim. 'O que você está fazendo, Benjie?'

Eu estou tentando arrancar um nabo:

Vovô, Vovô, puxe pra mim, puxe tanto quando puder!

Então, Vovô segurou a Mamãe e a Mamãe segurou Benjie e Benjie segurou o nabo e eles puxaram e puxaram... mas o nabo não se moveu um milímetro!

Foi então que o Coelho chegou ao jardim. 'O que você está fazendo, Benjie?'

Eu estou tentando arrancar um nabo:

Coelho, Coelho, puxe pra mim, puxe tanto quando puder!

Então, o Coelho segurou o Vovô e o Vovô segurou a Mamãe e a Mamãe segurou Benjie e Benjie segurou o nabo e eles puxaram e puxaram... mas o nabo não se moveu um milímetro!

Foi então que o Rato chegou ao jardim. 'O que você está fazendo, Benjie?'

Eu estou tentando arrancar um nabo:

Rato, Rato, puxe pra mim, puxe tanto quando puder!

Então, o Rato segurou o Coelho e o Coelho segurou o Vovô e o Vovô segurou a Mamãe e a Mamãe segurou Benjie e Benjie segurou o nabo e eles puxaram e puxaram... mas o nabo não se moveu um milímetro!

Foi então que a Lagarta chegou ao jardim. 'O que você está fazendo, Benjie?'

'Eu estou tentando arrancar um nabo.'

'Mas', disse a Lagarta, 'você não conhece o jeito certo de arrancar um nabo? Você primeiro perguntou ao Gnomo da Raiz se você pode arrancá-lo?'

Bem, Benjie não tinha pensado em perguntar ao Gnomo da Raiz. Portanto, ele se agachou no chão e chamou:

*Gnomo, Gnomo, meu bom Gnomo da Raiz,
Posso este nabo para casa levar
Para a festa de inverno eu fazer
A mais fina e brilhante lanterna –
E uma vela nela acender.*

De repente, de dentro do chão, perto do nabo, surgiu um pequenino homenzinho.

'Santo Deus, Benjie', disse o Gnomo da Raiz, 'por que você não disse isso antes? Todo esse tempo eu estive puxando e puxando e puxando para o outro lado, quando não há nada que um Gnomo da Raiz mais queira do que ter uma vela em sua lanterna de nabo. Agora que você me pediu, puxe novamente.' E ele enfiou sua cabecinha de volta na terra e desapareceu.

Assim, a Lagarta segurou o Rato e o Rato segurou o Coelho e o Coelho segurou o Vovô e o Vovô segurou a Mamãe e a Mamãe segurou Benjie e Benjie segurou o nabo e eles puxaram e puxaram e puxaram! De repente, o Rato sentou-se com um 'bang' em cima da Lagarta e o Coelho sentou-se com um 'bang' em cima do Rato e o Vovô sentou-se com um 'bang' em cima do Coelho e a Mamãe sentou-se com um 'bang' em cima do Vovô e Benjie sentou-se com um 'bang' em cima da Mamãe – e nas mãos de Benjie estava o maior, mais redondo, mais suculento nabo que alguém já vira!

Benjie, então, levantou e pediu 'Desculpas' para a Mamãe e Mamãe levantou e pediu 'Desculpas' para o Vovô e Vovô levantou e pediu 'Desculpas' para o Coelho e o Coelho levantou e pediu 'Desculpas' para o Rato e o Rato levantou e pediu 'Desculpas' para a Lagarta um tanto quanto esmagada! Realmente, ninguém se machucou muito e todos riram demais. Benjie levou o nabo para casa e 'colocou uma vela em sua lanterna'!

(E Benjie ajudou sua mãe a fazer uma sopa de nabo com o recheio)

20

Rebelde ou Inquieto

O Inquieto Pônei Vermelho

Esta história foi escrita para um menino de quatro anos que estava exibindo um comportamento rebelde no ambiente da creche. Ele corria e chutava e batia em outras crianças e era difícil manter-se quieto. O grupo de professores sentia que ele precisava de uma supervisão individual para a segurança do grupo.

O assunto preferido desse menino era cavalos e ele realmente mergulhava na história. A professora usava a história muitas vezes e sempre terminava com um jogo que incentivava as crianças, uma a uma, a pegar o seu lugar no centro do círculo para ser acariciada e escovada por todos – exatamente como o pônei!

A história tem um uso geral para pais e professores de crianças de quatro a seis anos que são rebeldes e inquietas.

Era uma vez um pequeno pônei vermelho,

*Galopa, galopa, galopa eia, Galopa, galopa, galopa ô,
Este pequeno pônei vermelho adorava correr livre pelos campos o dia todo
Galopa, galopa, galopa eia, Galopa, galopa, galopa ô.*

Toda manhã, em seu estábulo, ele pulava e resfolegava e escoiceava as patas no ar. Esse pequeno pônei vermelho não gostava de ficar preso. O fazendeiro trazia-lhe feno fresco para o café, mas mesmo quando estava comendo, ele não conseguia parar de pular e de dar coices. Finalmente, o fazendeiro abria a porta do estábulo e o deixava sair para correr ao ar livre.

Uma vez no pasto, ele podia correr livremente o dia todo,

Galopa, galopa, galopa eia, Galopa, galopa, galopa ô.

A maior parte do ano, o pequeno pônei vermelho gostava de ficar ao ar livre. Mas durante o verão, a grama nos campos ficava marrom e a poeira lhe dava coceira e o deixava desconfortável. Durante as noites quentes de verão, ele achava difícil dormir, pois seu pelo ficava muito quente e coçava. Ele rola-va e pulava e dava coices e fazia muito barulho. Os outros pôneis começaram a reclamar do incômodo que ele era. 'Se ele ao menos soubesse como ficar quieto, se ele ao menos soubesse como dormir!', eles diziam uns aos outros.

Finalmente, a ajuda veio de um amigo incomum – a escova de cavala-riço que morava na prateleira do estábulo. Essa era a escova que o fazendei-ro usava para escovar os seus pôneis no estábulo ao final de cada dia. A es-cova sabia que o fazendeiro realmente queria escovar e cuidar do pequeno pônei vermelho, exatamente como todos os outros pôneis. Mas o fazendeiro não queria chegar perto desse pequeno pônei, pois ele estava sempre dando coices e pulando muito rebelde.

Uma noite, a escova decidiu conversar com o pequeno pônei vermelho sobre isso. Ela se deitou na beira da prateleira do estábulo e sussurrou:

*Pequeno pônei vermelho, ouça bem, eu tenho um segredo especial a contar,
Se você, ao final do dia, quieto puder ficar;
De suas inquietações, o fazendeiro irá tratar.*

A princípio, o pequeno pônei vermelho fazia tanto barulho com seus coices e relinchos que ele não ouviu o segredo. Então, a escova falou mais alto:

*Pequeno pônei vermelho, ouça bem, eu tenho um segredo especial a contar,
Se você, ao final do dia, quieto puder ficar;
De suas inquietações, o fazendeiro irá tratar.*

Dessa vez, o pônei ouviu o segredo e ficou muito entusiasmado com a notícia. Ele também queria dormir à noite. Ao final do dia seguinte, ele che-gou cedo dos campos e tentou desesperadamente ficar quieto no estábulo. Era muito difícil impedir as quatro patas de se moverem. Elas amavam tanto pular e chutar e correr. Muitas vezes, ele tinha que dizer para suas patas – 'Por favor, fiquem quietas, por favor, fiquem quietas!'

Logo, ele pôde ouvir o fazendeiro se aproximar. Que surpresa para o fazendeiro encontrar o pequeno pônei vermelho quieto. O fazendeiro ime-

diatamente começou a trabalhar com a escova – escovando o dorso do pônei e o pescoço e as patas. Escovando aqui e escovando ali. Oh, era tão gostoso – o pequeno pônei vermelho estava adorando cada minuto.

Depois que a escovação terminou, toda a coceira tinha ido embora do pelo do pequeno pônei vermelho. Naquela noite, ele pôde ter a melhor noite de sono de sua vida. Os outros pôneis no estábulo também estavam satisfeitos que o pequeno pônei vermelho estivesse tão quieto durante a noite. Eles agradeceram à escova por compartilhar seu segredo.

Daquele dia em diante, o pequeno pônei vermelho sempre vinha cedo de seu galope nos campos. Ele esperava quieto até que o fazendeiro viesse e escovasse seu pelo, até que ficasse gostoso, gostoso. Ele era um pônei feliz agora, e toda noite ele podia dormir. Ainda podia correr livremente pelos campos a maior parte do dia –

Galopa, galopa, galopa eia, Galopa, galopa, galopa ô.

É claro que a escova estava satisfeita também, pois não há nada que uma escova goste mais do que escovar e cuidar de todos os pôneis no estábulo.

O Caracol e a Abóbora

Usando uma pequena concha como caracol e uma abóbora no meio da toalha da cor da terra, esta história fica mais bem interpretada com fantoches. Ela tem uma qualidade terapêutica porque é lenta e simples e pode criar um efeito calmante. Eu a contei para crianças de três e quatro anos e, frequentemente, tenho observado as crianças com movimentos cuidadosos com o caramujo durante a hora do brincar.

[Cantando] *Devagar, devagar, oh tão devagar,
É assim que o caracol deve andar!*

Havia um caracol,
Viajando pela relva,
Ele se movia, oh, tão lentamente,
Porque sua casa nas costas levava.

Ele encontrou uma abóbora
De tamanho tão grande,
Que pensou ser uma montanha,
Desta terra e de mais adiante!

Movendo-se, oh, tão lentamente,
Começou por um lado a tentar,
Seu trabalho árduo de escalar,
O esforço conseguiu não demonstrar.

Pois enquanto escalava, uma cantiga cantava,
E no longo tempo nem pensava.

[Cantando] *Devagar, devagar, oh tão devagar,
É assim que o caracol deve andar!*

Quando ele ao topo chegou, um pouco descansou,
Então, cantando, ele atravessou.

[Cantando] *Devagar, devagar, oh tão devagar,
É assim que o caracol deve andar!*

Ele começou a descer pelo outro lado,
Se estava cansado, ele escondeu
Continuou a cantar enquanto desceu
E chegou ao chão que já era seu.

[Cantando] *Devagar, devagar, oh tão devagar,
É assim que o caracol deve andar!*

De volta ao solo, seu caminho continuou –
Por entre o relvado, sua casa nas costas levava
Cantando uma cantiga, feliz viajava.

[Cantar a canção várias vezes no final]

O Homem Anis-Estrelado

Esta história é um conto leve sobre inquietude e transformação. Foi escrita para uma época, na Austrália, no começo do verão quando o anis-estrelado é soprado das dunas de areia para as praias, às vezes, aos milhares. A história, com sua repetição e estrutura rítmica, pode facilmente ser usada para as idades de três a cinco anos e também é apreciada por crianças de seis a oito anos.

Havia uma velha mulher que caminhava pelas dunas onde a grama crescia espessa e alta. Ela viu no meio de uma moita de grama algo que parecia uma bola redonda de grama. Quando ela abaixou-se para pegar, de repente, a bola explodiu e surgiu uma cabeça de grama, braços de grama e pernas de grama e um pequeno homem estrela rolou de suas mãos para a praia.

‘Pare, pequeno homem estrela, eu quero brincar com você’, gritou a mulher. Mas o homem estrela respondeu:

Brinque, brinque — não, não eu, estou no caminho de regresso ao céu, Não tenho tempo de me divertir, pois pertenço ao Sol lá em cima — Corra, corra, corra tão rápido quanto puder, Você não pode me alcançar — Eu sou ‘O Homem Anis-Estrelado!’

E ele continuou rolando na areia – rolando, bolando, rolando, bolando, com a velhinha correndo atrás dele.

Logo ele chegou onde um cachorro estava perseguindo gaivotas. Quando o cachorro viu o homem anis-estrelado, ele gritou:

‘Pare, pequeno homem estrela, eu quero brincar com você’. Mas o homem estrela respondeu:

Brinque, brinque — não, não eu, estou no caminho de regresso ao céu, Não tenho tempo de me divertir, pois pertenço ao Sol lá em cima — Corra, corra, corra tão rápido quanto puder, Você não pode me alcançar — Eu sou ‘O Homem Anis-Estrelado!’

E ele continuou rolando na areia – rolando, bolando, rolando, bolando, com a velhinha e o cachorro correndo atrás dele.

Logo ele chegou onde um caranguejo estava acabando de sair de sua toca na areia. Quando o caranguejo viu o homem anis-estrelado, ele gritou: 'Pare, pequeno homem estrela, eu quero brincar com você'. Mas o homem estrela respondeu:

Brinque, brinque — não, não eu, estou no caminho de regresso ao céu, Não tenho tempo de me divertir, pois pertenço ao Sol lá em cima — Corra, corra, corra tão rápido quanto puder, Você não pode me alcançar — Eu sou 'O Homem Anis-Estrelado!'

E ele continuou rolando na areia – rolando, bolando, rolando, bolando, com a velhinha, o cachorro e o caranguejo correndo atrás dele.

Logo ele chegou onde alguns pescadores estavam pescando perto da praia. Quando o pescador viu o homem anis-estrelado, ele gritou:

'Pare, pequeno homem estrela, nós queremos brincar com você'. Mas o homem estrela respondeu:

Brinque, brinque — não, não eu, estou no caminho de regresso ao céu, Não tenho tempo de me divertir, pois pertenço ao Sol lá em cima — Corra, corra, corra tão rápido quanto puder, Você não pode me alcançar — Eu sou 'O Homem Anis-Estrelado!'

E ele continuou rolando na areia – rolando, bolando, rolando, bolando, com a velhinha, o cachorro, o caranguejo e os pescadores correndo atrás dele.

Naquele exato momento, o Pai Sol mostrou sua cabeça dourada numa janela entre as nuvens e enviou seus raios dourados dançando pelo céu e ao longo da areia. Um raio de sol dourado dançou sobre a cabeça do pequeno homem anis-estrelado e espalhou um brilho dourado do sol em cima dele.

O homem anis-estrelado parou de rolar e sentou-se para admirar sua nova roupagem dourada. 'Por quê?', ele pensou com orgulho, 'eu devo ser tão importante que não tenho que visitar o Sol – o Sol vem me visitar!'

Enquanto sentava orgulhoso, admirando sua roupagem dourada, a velhinha o alcançou. 'Você gostaria de vir comigo?', disse a velhinha. 'Eu gostaria de pendurar você em minha casa como uma luz de Natal, na Noite de Natal.'

'Oh, sim', disse o homem anis-estrelado, 'eu gostaria de ir – com minha nova roupagem, eu brilharei tanto quanto o sol.'

A velhinha pegou um pedaço de barbante de seu bolso, amarrou uma ponta em seu dedo e a outra, em volta do homem anis-estrelado e o carregou para casa com ela. E porque ele agora brilha tão dourado, ela o pendurou em seu quarto como uma luz de Natal.

Quanto ao cachorro, ele voltou a caçar gaivotas. O caranguejo arrastou-se de volta a sua toca na areia, entrou e foi dormir. E os pescadores... bem, se você for até a praia, poderá encontrá-los pescando quietos, à beira da praia.

Jaden e os Ovos da Fada

Esta história nasceu do poema 'Árvore Toc-Toc-Toc' (veja Capítulo Três) que eu usava em meu primeiro ano lecionando para acalmar um grupo de crianças que amava gritar e correr em disparada pela floresta em nossas caminhadas escolares pela natureza. Logo tornou-se uma 'tradição' para as crianças juntarem-se em volta da 'Árvore Toc-Toc-Toc' no começo da trilha da floresta e bater gentilmente para entrar, e então andar nas pontas dos pés na floresta, com todos os sentidos acordados para o que pudessem ver ou ouvir. Ambos, o poema e a história, tiveram um impacto na mudança de humor das crianças em nossas caminhadas pela floresta, de rebelde e inquieto a calmo e quieto.

Jaden morava em uma pequena cidade no final de uma rua sinuosa. Perto da casa dele, havia um parque e, à beira do parque, uma floresta. A floresta era o seu lugar preferido para brincar. Ele a chamava de floresta da 'Árvore Toc-Toc-Toc' porque, bem à beira da trilha da floresta, havia uma 'Árvore Toc-Toc-Toc'. 'O zelador da floresta deve morar aqui', ele pensava, e sempre batia na porta, apenas para ser educado, antes de caminhar pela trilha.

Havia muitas outras portas em outras árvores na floresta, e é lá que todos os amigos de Jaden, o povo das fadas, vivem. Bem, ele nunca os tinha visto de fato, mas ele sabia que moravam lá, pois frequentemente ouvia-os brincar e rir. Algumas vezes, ele tinha certeza de que via de relance alguém dançando com os raios do sol que brilhavam através das folhas. E, às vezes, ele encontrava pequenos caminhos de fadas que tinham feito, e pequenos círculos de danças na grama embaixo das árvores. 'E por qual outro motivo todas essas árvores têm portas?', pensou Jaden.

Dessa vez, Jaden estava muito entusiasmado porque a Páscoa estava chegando. Ele lembrou-se de, no ano anterior, levantar no domingo de Páscoa e ir para fora procurar uma pequena cesta nos degraus da casa, cheia de ovos coloridos brilhantes.

‘Eu me pergunto o que as crianças do povo das fadas acham na manhã de Páscoa’, ele perguntou a sua mãe certo dia. Ela sorriu e disse, ‘Você somente saberá se você levantar mais cedo do que eles e for ver por si mesmo.’

‘Bem’, pensou Jaden, ‘é exatamente o que eu vou fazer.’ Então, ele começou a pensar em levantar cedo para visitar a floresta de ‘Árvore Toc-Toc-Toc’ no domingo de Páscoa. Na verdade, ele estava tão absorto com sua ideia que se esqueceu de procurar os seus próprios ovos de Páscoa.

A sexta-feira da Páscoa chegou e Jaden estava ocupado assando seus pãezinhos doces. Ele levou um prato deles para dividir com os vizinhos que moravam dos dois lados de sua casa. Cozinhar, compartilhar e comer os pãezinhos levou a maior parte do dia.

O sábado de Páscoa chegou, e que dia longo que foi. Então, já era sábado à noite de Páscoa, e Jaden foi para cama cedo. ‘Como eu vou saber a que horas o povo das fadas se levanta?’ perguntou a sua mãe. ‘Os raios de sol os acordam’, ela disse. ‘Você deve estar lá antes dos raios de sol, ao primeiro chamado dos Kookaburras.’

Na manhã seguinte, ao primeiro chamado dos kookaburras, Jaden acordou e olhou para fora da janela. Ainda estava escuro, mas ele calmamente vestiu-se e, quando estava cruzando o parque, uma luz pálida da manhã enchia o céu. A grama estava molhada com o orvalho e isso o ajudou a se aproximar da floresta sem fazer barulho. Ele certamente não queria arriscar acordar as crianças do povo da fada com seus pés barulhentos.

Quando ele chegou à ‘Árvore Toc-Toc-Toc’, ele parou, quieto e olhou. Além de algumas formigas ocupadas em seu trabalho na grama perto da porta, não havia nada mais. Não pôde evitar de se sentir desapontado. ‘Talvez as crianças do povo das fadas não ganhem nada na Páscoa. Talvez eu tenha vindo muito tarde. Ou... talvez o zelador da floresta não tenha filhos!’

Esse último pensamento o incentivou a olhar mais adiante. Então, ele agachou na trilha da floresta e engatinhou até a próxima pequena porta. Lá, para sua surpresa, estava a menor cesta que ele já tinha visto. Estava no

degrau da entrada da casa. Ele agachou e olhou dentro da cesta e viu minúsculos ovos. Eles eram ainda menores do que as sementes de cenoura que ele ajudara a plantar no jardim naquela semana.

Jaden continuou andando, indo de uma portinha a outra, por toda a trilha. Do lado de fora da próxima porta, havia três cestinhas, do lado de fora da próxima – duas, na próxima – nenhuma, na próxima – uma, e assim por diante até que ele chegou onde o caminho levava ao outro lado da floresta. Ele virou e voltou caminhando – como ele gostaria de ter recolhido uma das cestinhas para mostrar a sua mãe. Mas ele sabia que nunca poderia fazer isso! Imaginem quão desapontadas as crianças do povo das fadas ficariam se acordassem e não encontrassem nada à porta.

Então, ele lembrou-se de que, em sua pressa para visitar a floresta da 'Árvore Toc-Toc-Toc', ele tinha esquecido completamente de olhar nos degraus de sua própria casa. Ele correu pelo parque tão rápido quanto pôde e de volta ao seu portão. Os raios de sol estavam brilhando na grama e nos degraus, e lá, refulgindo na luz da manhã, estava a sua cesta de Páscoa cheia de ovos coloridos. Ele levou-a para dentro e para a mesa da cozinha, e começou a desempacotar os ovos.

Quando ele levantou o ovo do fundo da cesta, escondida na palha, estava uma pequenina cestinha de fada – exatamente como as que ele tinha visto na floresta da 'Árvore Toc-Toc-Toc'. Preso na cesta, em cima dos ovinhos, estava esta mensagem:

*Alguns ovos de fadas com a luz da Páscoa,
Para um garotinho tão gentil e iluminado.
Em seu jardim de outono, por favor, semeie
E venha a primavera, com flores a crescer nos presenteie.*

PARTE IV

Histórias para Situações Desafiadoras

Esta parte do livro toca em algumas experiências difíceis que crianças podem encontrar durante o crescimento. De situações mais simples como mudar de casa ou de escola àquelas mais complexas como lidar com o medo, doença, luto; os exemplos de histórias incluídos aqui podem ajudar a criança a lidar com um novo desafio. Não afirmo que só as histórias podem curar tais situações, mas elas podem certamente ajudar as crianças (pais e cuidadores) a enfrentar suas ansiedades e seus medos com coragem e com soluções imaginativas.

21

Mudança ou Transição

Nada Novo

Uma história sobre mudar para uma casa ou escola nova – pode ser ajustada para adaptar-se a diferentes tipos de 'mudança'. A história pode ser contada para crianças de quatro anos ou mais e um animal com 'bolsa' diferente com um nome diferente pode substituir um vombate (por exemplo, um gambá ou um canguru).

Se contada para crianças em idade escolar, elas poderiam envolver-se com a ilustração e/ou interpretação de diferentes cenas, com uma discussão de como se sentem com a mudança para a casa ou escola nova. Um exercício de escrita criativa sobre o tema poderia acompanhar.

Vomby era um pequeno vombate que não gostava de nada novo.

Sua casa era dentro da bolsa quente e peluda de sua mãe e era lá que ele queria ficar. Era tão confortável ali – por que ele deveria querer mudar-se para qualquer outro lugar?

Às vezes, Vomby saía da bolsa para beber água no poço ou morder um capim doce e musgoso, mas ele nunca ficava muito tempo no mundo de fora. Se o vento soprasse e levantasse seu pelo, de volta para a bolsa da mãe, ele pulava.

Vomby não gostava de nada novo!

Se a chuva comesse a cair em sua cabeça, de volta para a bolsa da mãe, ele pulava.

Vomby não gostava de nada novo!

Se outros vombates chegassem perto dele, de volta para a bolsa da mãe, ele pulava.

Vomby não gostava de nada novo!

A bolsa de sua mãe era seu lar, a única casa que ele jamais tivera. Mas Vomby estava crescendo e a bolsa de sua mãe ficava do mesmo tamanho.

Numa manhã cedinho, quando Vomby tinha terminado de beber uma quantidade incomum de água no poço e mordiscado uma quantidade incomum de capim doce e musgoso, ele tentou subir e entrar de volta para a bolsa, sua casa. Porém, dessa vez, apenas sua cabeça parecia caber na bolsa, seu corpo ficou de fora. Ele tentou novamente empurrar primeiro a barriga, mas ainda assim seu corpo ficava de fora. Ele tentou novamente empurrar primeiro os pés, mas ainda assim seu corpo ficava de fora.

O que Vomby poderia fazer? De repente, ele se viu do lado de fora, no grande e vasto mundo, onde tudo era novo. E Vomby não gostava de nada novo.

Olhando ao redor, Vomby viu um grande arbusto. Ele arrastou-se por baixo e fez um buraco na areia e enrolou-se dentro. Não era como a bolsa da mãe, mas era tudo o que tinha. Ele tentou dormir, mas tudo era novo.

De repente, de algum lugar no meio do arbusto, veio o som mais alto e estranho que Vomby jamais tinha ouvido.

'OO, OO, OO, OO, AH, AH, AH, AH, OO, OO, OO, OO, AH, AH, AH, AH'.

Vomby olhou para o galho logo acima de sua cabeça e lá estava um pássaro grande marrom e branco.

'Quem é você?' disse Vomby, 'e por que você está fazendo um barulho tão alto?'

'Eu sou o Kookaburra* e esta é a minha risada. Eu estou rindo de você, Vomby! OO, OO, OO, OO, AH, AH, AH, AH, OO, OO, OO, OO, AH, AH, AH, AH.'

'O que há de tão engraçado?' perguntou Vomby.

* N.T. — Kookaburra são aves da Austrália, Nova Guiné de até 45 cm, cabeça relativamente grande e bico robusto; a Kookaburra-risonha tem esse nome porque tem uma vocalização semelhante à uma gargalhada.

'OO, OO, OO, OO, AH, AH, AH, AH, você é tão engraçado, Vomby. É muito engraçado que você não goste de nada novo. Você não sabe que o 'novo' pode ser DIVERTIDO?'

Vomby ficou muito surpreso ao escutar isso. 'Não é engraçado estar deitado aqui num buraco de areia quente', ele disse.

'Então, siga-me', disse o Sr. Kookaburra, e voou para fora do arbusto e ao longo do caminho, rindo enquanto partia, 'OO, OO, OO, OO, AH, AH, AH, AH, OO, OO, OO, OO, AH, AH, AH, AH'.

Vomby levantou-se e seguiu-o cautelosamente. A lua tinha surgido no céu e estava brilhando reluzente por cima das colinas distantes. As flores silvestres ao longo do caminho balançavam a cabeça para ele, cumprimentando-o. Era como se dissessem 'Bem-vindo ao mundo'. Libélulas moviam-se rapidamente de arbusto para arbusto e os sapos coaxavam por todo lado. Vomby estava surpreso de descobrir como o mundo do lado de fora podia ser lindo.

O caminho levava ao poço, um poço novo, um poço a que sua mãe nunca o havia levado. Na beirada, tomando banho de pó e brincando na água rasa, havia mais vombates, exatamente de seu tamanho. Eles olharam para cima quando viram Vomby e o chamaram – 'Venha brincar conosco, Vomby'.

Então, Vomby juntou-se aos outros pequenos vombates e brincou a noite toda. Na manhã seguinte, os papais vombates chegaram ao poço para encontrar com seus pequeninos. Depois de, juntos, cavar buracos no chão fofo embaixo das árvores, eles dormiram o dia todo. Era uma sensação acolhedora e calorosa para Vomby estar rodeado por sua família novamente.

Quando ele acordou, mal podia esperar para brincar com seus amigos. Tinha sido tão DIVERTIDO! E toda noite, os amigos de Vomby ajudavam-no a fazer algo novo e a aprender algo novo. Para sua surpresa, Vomby começou a gostar de coisas novas.

Ele sempre ouvia o Sr. Kookaburra rindo ao entardecer e ao amanhecer de cima das árvores, 'OO, OO, OO, OO, AH, AH, AH, AH, OO, OO, OO, OO, AH, AH, AH, AH'.

Porém, Vomby sabia que ele não estava mais rindo dele. O Sr. Kookaburra estava apenas se DIVERTINDO!

Uma História de Camaleão

Uma mãe de um de meus cursos em Nairóbi pediu ao grupo para criar uma história para seu filho de seis anos que estava com problemas de mudança e de transição. O garoto estava achando incrivelmente difícil mudar de uma atividade para outra – tanto em casa como na escola – por exemplo, do brincar para a hora do chá, do brincar fora para a hora da história, da hora do banho para a hora de dormir etc.

Juntos, trabalhamos com algumas ideias, usando um camaleão como personagem principal. A mãe tinha notado a fascinação do filho por camaleões que ele encontrava de tempos em tempos em seu jardim. A história construiu uma conexão interessante com cartões coloridos para diferentes momentos de transição.

Os camaleões são figuras únicas por si mesmas. Conhecidos por sua habilidade em mudar de cor, eles podem ser vistos em vários tons, incluindo marrom, verde, azul, amarelo, vermelho, preto e branco. A história usava essas sete cores com sete cartões coloridos na forma de camaleões para sete atividades identificadas – hora do brincar, hora do arrumar, hora da refeição, hora do trabalho, hora do banho, hora da história e hora de dormir. A ideia de trabalhar com cartões depois de ouvir a história fez uma diferença significativa para a aceitação do garoto com relação à transição.

A história era um simples recontar do dia de um camaleão, usando o mesmo ritmo de um dia na vida do garoto. A história começava assim (eu deixei o final em aberto para mudanças individuais dependendo dos diferentes ritmos de cada família e de suas necessidades):

Era uma vez um pequeno camaleão que vivia com sua família num tronco oco no fundo de um jardim. Todo dia, ele acordava pela manhã, colocava seu casaco marrom e comia algumas minhocas marrons no café da manhã. Então, vestido com seu casaco verde, ele ia para fora brincar nas rochas verdes musgosas. Quando era a hora da arrumação, ele vestia o casaco... [etc. etc.] até que a noite chegava e era hora de vestir seu casaco preto como o céu noturno (com pequenas estrelas prateadas atrás).

Nota: Uma cantiga ou rima para cada mudança pode acrescentar valor a este pequeno conto –

*Eu mudo a minha cor para ajudar a encontrar meu caminho,
Eu mudo de cor várias vezes ao dia.*

O Fazendeiro Certinho

Esta história foi usada por famílias com crianças de quatro a sete anos para proporcionar um senso de estabilidade em momentos de transição. Na fazenda do Fazendeiro 'Certinho', tudo tinha seu lugar e função. Uma extensão da história foi usada por uma mãe como uma abordagem humorada para falar com seu filho de cinco anos sobre seu hábito de se esconder no armário e de sujar suas calças. Na fazenda do Fazendeiro 'Certinho', o lugar correto para essa atividade era, naturalmente, o banheiro. Também há uma deliciosa brincadeira com lama nesta história que poderia ajudar uma criança que não goste de se sujar a correr alguns riscos – a história incentiva o ficar enlameado, mas com a promessa de ser capaz de se limpar depois.

Havia uma patinha branca que não gostava de ficar com os outros patos brancos na lagoa. Em vez disso, a patinha branca adorava brincar nas poças enlameadas na margem da lagoa. Portanto, ao invés de uma aparência branca, muito frequentemente ela estava completamente enlameada. Todos os outros patos a chamavam de 'Pocinha-de-Lama' porque ela adorava brincar nas poças de lama. Durante o dia inteiro, ela brincava nas suas próprias poças. Então, quando estava faminta e cansada, ela tirava a lama na água da lagoa e nadava de volta para encontrar sua mãe. Ela adorava adormecer aconchegada nas penas macias de sua mãe. No dia seguinte, ela ia novamente mergulhar e brincar nas poças de lama.

A lagoa onde todos os patos moravam ficava numa fazenda que pertencia ao Fazendeiro 'Certinho'. O Fazendeiro 'Certinho' adorava que as coisas em sua fazenda estivessem exatamente certas – 'um lugar para tudo e tudo em seu lugar', ele cantava enquanto cumpria suas tarefas diárias. Deixava-o feliz olhar para fora da janela da casa e ver os patos brancos na lagoa, as vacas no pasto, as galinhas ciscando no galinheiro e os porcos rolando na lama em seu chiqueiro.

Certo dia, quando o Fazendeiro 'Certinho' estava andando ao lado da lagoa, ele olhou para baixo e viu alguma coisa redonda e enlameada, brincando nas poças de lama. 'Minha Nossa', disse o Fazendeiro 'Certinho', 'um dos porquinhos deve ter escapado do chiqueiro.' Sem hesitar, ele pegou a coisa redonda e enlameada e a carregou de volta ao chiqueiro. Quando chegou lá, cuidadosamente colocou-a dentro, cantando para si mesmo, 'Um lugar para tudo e tudo em seu lugar'. Sentindo-se feliz, pois pudera ajudar, ele continuou com suas tarefas.

Bem, a coisinha redonda e enlameada não era um porquinho de forma alguma. Era, na verdade, a patinha branca chamada 'Pocinha-de-Lama'. A princípio, ela ficou bem feliz por estar num chiqueiro, pois ali havia bastante lama. Ela rolou com os outros porquinhos que não pareciam notar que ela não era como eles, porque estava coberta de lama. Ela rolou e brincou a maior parte do dia. Entretanto, quando o sol se pôs, e começou a escurecer, ela não tinha tanta certeza de que lá era o lugar em que ela queria estar. Todos os porquinhos tinham se encolhido em volta da mamãe gorda e enlameada e já iam dormir. Pocinha-de-Lama sentia saudades das penas macias da mãe e não conseguia dormir como os outros.

Pocinha-de-Lama também estava sentindo fome, visto que as sobras de comida que o fazendeiro havia jogado no chiqueiro não eram tão saborosas quanto as lesmas e as minhocas que sua mãe costumava lhe dar para o chá. Portanto, Pocinha-de-Lama decidiu que era hora de achar um jeito de voltar para casa. Ela andou bamboleando-se, como fazem as patinhas, até a cerca do chiqueiro, mas quando tentou subir para sair, por estar muito escorregadia com a lama, ela caiu de volta. Então, ela tentou achar uma saída embaixo da cerca. Isso exigia muito esforço para cavar, o que ela era capaz de fazer com seu bico forte de pata.

Depois de muito tempo e de muito trabalho, ela finalmente conseguiu fazer um túnel pela lama, embaixo da cerca. Ela surgiu do outro lado, ainda mais enlameada. Agora, havia lama em seus ouvidos e olhos e boca e até em seu nariz. Até mesmo Pocinha-de-Lama não gostou de estar coberta com tanta lama!

Se o Fazendeiro 'Certinho' estivesse olhando da janela de sua casa naquela noite, teria visto uma coisinha redonda e enlameada andando a bambolear-se do chiqueiro até a lagoa. Mas o Fazendeiro 'Certinho' estava tão

cansado do dia de trabalho árduo para manter tudo exatamente certo em sua fazenda, que já tinha caído no sono. Pocinha-de-Lama seguiu lentamente seu caminho de volta à lagoa e mergulhou na água limpa e fresca. Levou muito tempo para ela retirar toda a lama – a lama do chiqueiro parecia muito mais grossa e grudenta que a da poça – mas finalmente ela estava limpa e branca e pronta para nadar até sua mãe.

Mamãe Pata ficou muito feliz ao ver sua patinha perdida nadando, à luz do luar, na lagoa. Ela tinha guardado algumas lesmas e minhocas; assim, Pocinha-de-Lama conseguiu o que comer. Sem nenhuma palavra, ela aconchegou-se nas penas macias da sua mãe e adormeceu profundamente. Mamãe Pata nunca descobriu onde sua patinha tinha estado, e o Fazendeiro Exatamente-Certo também nunca soube que não era um porquinho que ele devolvera ao chiqueiro.

Desde então, o Fazendeiro 'Certinho' nunca mais encontrou uma coisinha redonda e enlameada na beira da lagoa. Pocinha-de-Lama ainda gosta de brincar na lama, mas ela sempre se certifica de estar longe do caminho do Fazendeiro 'Certinho'. E quando o Fazendeiro 'Certinho' olha para fora de sua janela, ele sempre pode ver os patos brancos na lagoa, as vacas no pasto, as galinhas no galinheiro e os porcos rolando na lama em seu chiqueiro. 'Um lugar para tudo e tudo em seu lugar', ele canta alegremente enquanto realiza suas tarefas diárias.

Pequena Concha

Esta história foi escrita para crianças de três a quatro anos, e fica melhor se dramatizada com fantoches. Ela foi usada com grande sucesso em grupos de brincadeira para adaptar novas crianças. Além de fornecer um tema caloroso e 'caseiro', tem ajudado a envolver as crianças em brincadeiras criativas com materiais simples – por exemplo, uma cesta de conchas.

Uma pequena concha branca estava flutuando sozinha no mar azul, azul. Ela pensava 'Aonde posso ir, o que eu posso ser?'

De repente, uma onda pegou a conchinha e derrubou-a.

Rola-embola, gira-gira, mais uma vez...

E ela caiu de cabeça para baixo na água. Então, outra onda a derrubou.

Rola-embola, gira-gira, mais uma vez...

Antes que a conchinha tivesse tempo para se perguntar se estava de cabeça para baixo ou não, uma onda muito grande a derrubou.

Rola-embola, gira-gira, mais uma vez...

E a onda jogou a conchinha nas areias secas de uma longa praia dourada.

A conchinha deitou-se na areia, rosa e branca, brilhante, brilhando como a luz do sol da manhã. Ela se perguntava, 'Aonde eu posso ir, o que eu posso ser?'

Enquanto isso, uma velha mulher caminhava pela praia e viu uma conchinha, rosa e branca e brilhante. Ela pegou e olhou a concha. 'Eu conheço uma garotinha que gostaria de brincar com você', ela disse, e colocou a conchinha em seu bolso, voltando para casa.

Quando chegou em casa, entrou nas pontas dos pés até o quarto onde sua neta dormia. A velha senhora colocou a pequena concha rosa e branca e desenhada brilhante na mesinha perto da cama. Então, ela foi até a cozinha e fez um mingau para o café da manhã. A conchinha sentou-se à mesa e questionou-se: 'Aonde eu posso ir, o que eu posso ser?'

Quando a netinha acordou, ela viu a linda concha na mesinha, pegou-a e começou a brincar com ela. A conchinha serviu como um lindo prato para o chá das bonecas. Então, a conchinha foi transformada num pequeno telefone para o ursinho.

Logo, a vovó chamou a família para o café. A conchinha sentou-se à mesa enquanto a garotinha comia seu mingau. Depois do café, ela levou a conchinha do mar para a areia em frente da casa e brincou e brincou – cavando na areia, construindo castelos e fazendo desenhos.

A vovó sentou-se em sua cadeira na varanda assistindo a suas netas brincarem. A garotinha gritou 'Obrigada, Vovó – é um brinquedo lindo'.

A conchinha sabia que, finalmente, ela tinha encontrado uma amiga e uma casa. Ela sabia que era onde devia estar, e fazendo o que se deve fazer.

22

Hora da Arrumação

O Ursinho Teddy Ordeiro

Uma história para crianças (e pais) que ajudará a incentivar a arrumação dos brinquedos e dos quartos. Adequada para as idades de quatro a oito anos. Também apropriada para transformar-se em um livro de ilustrações com as crianças envolvidas em desenhar o quarto desarrumado (com os brinquedos misturados, em desordem, de cabeça para baixo e do avesso), O Ursinho Ordeiro, a Luminária Boneca e o quarto arrumado (com os brinquedos separados, empilhados em ordem e de pé).

Teddy morava numa caixa de brinquedos no canto do quarto. Muitos outros brinquedos também moravam lá e, embora a caixa fosse uma casa muito alta e larga, havia sempre brinquedos caindo no chão – misturados, em desordem, de cabeça para baixo e do avesso.

O quarto pertencia a uma garotinha chamada Amber. Amber não estava interessada em arrumar seus brinquedos. Era difícil chamá-la de preguiçosa – geralmente seus pais faziam o trabalho para ela, portanto ela nunca havia tido a oportunidade de descobrir que divertido podia ser guardar seus brinquedos. Os pais de Amber entravam no quarto quase todo dia e reclamavam dos brinquedos misturados, em desordem, de cabeça para baixo e do avesso. Então, eles começavam o trabalho de separá-los de forma que, por um tempo, os brinquedos ficavam todos organizados e arrumados novamente.

Teddy adorava quando tudo estava organizado e arrumado – ajudava-o a se acalmar e a sentir-se em paz internamente. Mas em poucas horas

com Amber brincando no quarto, as coisas voltavam para seu estado desarrumado – todas misturadas, em desordem, de cabeça para baixo e do avesso.

Certo dia, o quarto recebeu um presente importante que mudaria as coisas para sempre. Amber ganhou uma luminária linda de aniversário. Não era uma luminária comum com uma base – essa base era uma boneca dourada e a cúpula era uma sombrinha rosa decorada com flores. A luminária foi colocada em cima da cômoda de vestir e, de lá, a Luminária Boneca podia ver todo o quarto.

Todos os brinquedos do quarto podiam de seu lugar, do chão ou da caixa olhar para cima e ver a Luminária Boneca. Eles concordavam que ela era muito linda, mas Teddy não conseguia tirar seus olhos dela! Ele nunca tinha tido uma visão tão adorável, especialmente à noite quando a boneca estava toda acesa, dourada e brilhante.

Entretanto, depois de apenas algumas semanas de a Luminária chegar ao quarto, sua luz parou de acender. Não importava quantas vezes Amber tentasse ligar, apenas não funcionava. Os pais de Amber verificaram a lâmpada, eles até chamaram um vizinho que entendia de coisas elétricas, mas ninguém descobria qualquer motivo pelo qual a luminária não iluminava.

Teddy sentiu-se muito triste, mas não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. Além disso, ele era apenas um brinquedo. Ele olhou em volta para a bagunça generalizada no quarto e isso o fez sentir-se ainda pior. Os pais de Amber estavam tão ocupados em tentar solucionar o problema da luminária que eles tinham parado de se incomodar com o quarto.

Teddy percebeu que ele estava se sentindo incomodado também. 'Por que Amber não o arrumava? Ela não conseguia ver que um quarto arrumado poderia ajudar todos a se sentir melhor, mais calmos e felizes?' Então, ele teve uma ideia interessante – talvez essa fosse a razão pela qual a Luminária Boneca tivesse parado de funcionar. 'Por que uma boneca tão linda iria querer iluminar com sua luz um quarto desarrumado?'

Teddy decidiu fazer alguma coisa a respeito da bagunça. Ele podia ser apenas um brinquedo, mas ele podia tentar ser um brinquedo ordeiro! Ele começou a trabalhar separando e examinando minuciosamente – pegando as peças do quebra-cabeças, dispondo os livros de volta na prateleira acima da caixa de brinquedos, colocando as bonecas e os carrinhos em

suas casas e garagens – basicamente colocando as coisas de volta ao lugar a que pertenciam.

Finalmente, todos os brinquedos que tinham sido misturados, estavam em desordem, de cabeça para baixo e do avesso foram separados, empilhados em ordem e colocados de pé. Teddy afastou-se para admirar seu trabalho. Exatamente nesse momento, a Luminária Boneca acendeu-se e brilhou com sua luz dourada pelo quarto. Ao mesmo tempo em que a luz se acendeu, Teddy teve certeza de ouvir um pequeno sussurro vindo da cômoda de vestir – ‘Obrigada, Teddy Ordeiro!’ A boneca dourada estava falando com ele!

Teddy ficou muito feliz, ele quase explodiu de orgulho e de alegria. Ele voltou para a caixa de brinquedos, deitou-se lá por um bom tempo, observando a linda Luminária Boneca; então, finalmente caiu num sono profundo. Seus sonhos de ursinho daquela noite foram os melhores que ele jamais tivera.

Amber também estava feliz agora que sua luminária estava novamente funcionando, e os pais dela estavam ainda mais felizes por verem que o quarto da filha tinha sido arrumado sem a ajuda deles.

Desse dia em diante, Teddy assumiu a tarefa de arrumar os brinquedos. Ele não se importava com o trabalho extra se isso significasse que a linda Luminária Boneca brilharia com sua luz dourada pelo quarto, todo dia. Enquanto trabalhava, ele cantava para si mesmo:

*Sou um ursinho ordeiro, sempre o meu melhor fazendo,
Arrumando a bagunça e todos os brinquedos recolhendo.*

Logo Teddy notou que Amber estava tomando um pouco mais de cuidado com seus brinquedos – talvez ela ouvisse a canção? Assim, sem mesmo planejar, eles estavam dividindo as tarefas de arrumação.

Naturalmente, Teddy tinha que tomar cuidado com sua nova tarefa – às vezes Amber brincava que ela precisava tirar seus brinquedos da caixa e da prateleira. Nem sempre era hora da arrumação. Teddy tinha que ser paciente com isso e logo aprendeu a se contentar com uma arrumação por dia. Contanto que os brinquedos fossem todos separados, empilhados em ordem e colocados de pé toda noite, a Luminária Boneca continuava a brilhar com sua luz dourada em todo o quarto.

A Vassourinha de Palha

Esta história/poema foi escrita para entusiasmar 'pequenos ajudantes'. Tem sido usada para crianças e adultos de todas as idades – parece desafiar a categorização para apenas um grupo de idade. Geralmente é contada com fantoches, usando três bonecos com chapéus de feltro (azul, vermelho e amarelo) para simbolizar os três homens. Uma vassourinha de palha pode ser feita de pinhões, e uma casa pode ser construída a partir de troncos e/ou raízes de árvores. Também tem funcionado como uma peça de teatro com chapéus de feltro para atores e uma vassoura.

O Homenzinho de Chapéu Azul e o Homenzinho de Chapéu Vermelho viviam juntos sob as raízes de uma árvore de espinhos. Mas vocês sabem que a casa deles era a mais bagunçada que já se viu!

*Havia migalhas, migalhas, em todo lugar.
Havia migalhas embaixo da mesa,
Havia migalhas embaixo das cadeiras.
Havia migalhas por todo o tapete,
Havia migalhas embaixo das camas,
Havia migalhas até mesmo embaixo de travesseiros
Onde os homenzinhos descansavam a cabeça.*

Eles tinham uma vassourinha – ela vivia no canto do quarto. Mas Chapéu Azul e Chapéu Vermelho não sabiam usar a vassoura apropriadamente.

A vassourinha olhava o quarto e suspirava – ‘Se pelo menos alguém me usasse apropriadamente, eu poderia limpar essa bagunça num piscar de olhos’.

Bem, Chapéu Azul e Chapéu Vermelho deviam varrer o quarto. Mas toda vez que era a vez do Chapéu Azul, ele ficava com preguiça. Ele pegava a vassourinha de palha e vagarosamente arrastava-a pelo chão, cantando sua cantiga ‘Que preguiça’:

*Que preguiça, que preguiça,
Que preguiça de trabalhar;
O dia inteiro, eu queria brincar,
Varrer é algo que eu quero evitar.*

Assim, quando o Chapéu Azul terminava, as migalhas estavam exatamente como antes.

[Repetir o poema das 'migalhas']

Sempre que era a vez de Chapéu Vermelho, Chapéu Vermelho estava sempre com pressa. Ele pegava a pequenina vassoura e rapidamente limpava o quarto, cantando a cantiga:

*Zunindo daqui, zunindo dali
A vassourinha vai pra cá e pra lá
Zunindo daqui, zunindo dali
A vassourinha vai pra cá e pra lá.*

E quando Chapéu Vermelho terminava, as migalhas estavam ainda piores do que antes!

[Repetir o poema das 'migalhas']

Então, um dia, chegou o Homenzinho de Chapéu Dourado para ficar. Ele entrou e viu todas as migalhas no chão. 'Minha Nossa', disse o Chapéu Dourado, 'Onde está a vassoura, eu tenho que varrer este quarto'.

Chapéu Dourado foi direto para o canto do quarto, pegou a vassoura de palha e começou a varrer, cantando esta cantiga 'Varrer sem parar':

*Varrendo sem parar, varrendo sem parar;
Chapeuzinho Dourado varre sem parar,
Migalhas numa pilha, que alegria,
Chapeuzinho Dourado varre sem parar.*

Chapéu Dourado varria em todo lugar. Ele varria embaixo das mesas, ele varria embaixo das cadeiras. Ele varria todo o tapete, ele varria embaixo das camas. Ele até varria embaixo dos travesseiros em que os homens descansavam suas cabeças.

Quando Chapéu Dourado terminava, as migalhas estavam todas numa pilha no meio do quarto. Chapéu Dourado guardava a vassourinha de palha, e a vassourinha estava tão cansada que adormecia profundamente.

Chapéu Dourado, Chapéu Vermelho e Chapéu Azul sentavam-se à mesa e dividiam os pãezinhos de groselha e o chá.

*Três Homenzinhos tinham três chapeuzinhos
Três homenzinhos juntos –
Azul, Vermelho e Dourado também,
Vivendo juntos na mesma casa,
Cuidando juntos de sua casa.*

23

Medos ou Pesadelos

O Jardim de Deus

Eu costumava contar esta história para meus filhos nos momentos em que havia problemas para dormir ou pesadelos (idades de quatro a oito anos). Ajudava a acalmá-los e embalá-los de volta ao sono. Usa-se o tema clássico da cegonha que traz o bebê e proporciona imagens que ajudam a levar uma criança assustada de volta à 'doce terra dos sonhos'.

Você já se perguntou onde Deus mora? Tente imaginar a casa dele, não uma casa como a que você mora, mas em um lindo jardim que Deus chama de 'céu'. Aqui as plantas têm folhas de prata, prateadas como a luz do luar no escuro do mar, e suas pétalas de flor são de ouro, tão douradas como o sol. Há muitos jardins de flor no céu, cada um numa ilha diferente feita de nuvens brancas, com pontes de arco-íris estendendo suas cores brilhantes de uma ilha a outra. Há tantas coisas bonitas no jardim de Deus que seria impossível descrevê-las para você esta noite.

Porém, há uma coisa que eu quero contar para você. Entre os jardins de plantas douradas e prateadas corre um pequeno riacho vívido, um riacho não de gotas de água como os rios e riachos de nosso mundo. Este riacho é cheio de milhares de pequeninas luzes de estrelas, pulando e se empurrando e se revirando juntas. O riacho tece o seu caminho até o jardim de Deus, depois

de viajar pelos distantes cantos do céu noturno, coletando novas luzes de estrelas pelo caminho. Quando chega ao centro do jardim, o jardim do céu, esse riacho transforma-se em uma grande cachoeira. Todas as pequenas luzes de estrelas terminam por cair num lago cheio de luz das estrelas faiscantes e que brilha como o sol – quase se fica cego com seu brilho radiante!

Bem, como você pode imaginar, todas as pequenas luzes de estrelas que se reviram na cachoeira sentem-se muito entusiasmadas e privilegiadas por ser parte desse maravilhoso lago de luz. Elas se lembram das histórias que suas mães estrelas contam muitas vezes, sobre a grande jornada que elas tiveram que fazer para chegar a esse lugar muito importante, e sobre os grandes anjos brancos que circundam o lago com seu abraço amoroso. As pequenas luzes de estrelas podem vê-los agora – em todo lugar, à beira do lago de luz, com suas asas brancas brilhantes estendidas tocando umas nas outras, dispostas em magnífico esplendor. Você consegue imaginar essa bela visão?

As luzes de estrelas não estão entusiasmadas apenas por estar aqui, mas com a nova jornada e tarefa que se apresentam a cada uma delas. Elas sabem que os pássaros, anjos brancos, são mensageiros especiais de Deus. Perto da beira do lago, os pássaros-anjos esperam pela notícia da terra distante de que um novo bebê, menino ou menina, está para nascer no mundo. Ao ouvir tais notícias, um dos pássaros-anjos voa até o lago de luz e escolhe uma pequena luz de estrela. Segurando-a em um berço de seda, ele então parte para além do jardim de Deus e através do céu noturno – voando numa longa viagem para descer à terra.

Essa luz de estrela é um presente do céu que Deus dá a cada criança nascida na terra. O pássaro-anjo, ao chegar ao mundo depois de sua longa viagem, vindo do jardim do céu, dá esse presente maravilhoso ao novo bebê. Ele coloca a luz de estrela dentro do coração do bebê e lá ela fica para sempre, quente e brilhante.

Aqui está uma pequena prece para a luz de estrela dada a cada criança nascida:

*Estrelinha, que de longe vem,
Guie meu caminho, seja minha companheira.
Estrelinha, quente e brilhante como a chama da vela
Na escuridão, seja luz que por mim zela.*

Pergunto-me que pequena luz de estrela foi escolhida para você quando você nasceu.

Talvez Deus tenha dado a cada um de nós uma pequena luz de estrela de seu lago de luz no céu porque Ele quer compartilhar seu próprio jardim, sua própria casa com todos nós. Portanto, se você se pergunta onde Deus mora, sua casa nunca é muito longe: todos nós temos uma pequena parte dessa casa bem aqui dentro de nós, bem aqui na terra.

O Antílope, a Borboleta e o Camaleão

Uma história Kikuyu da África Oriental foi incluída com a permissão da autora, Lucy Njuguna. Este é um exemplo maravilhoso de uma história africana tradicional que se conta para crianças para ajudá-las a enfrentar seus medos do escuro e do desconhecido. Adequada para a idade de cinco anos ou mais.

Era uma vez um antílope que estava sempre vagando pela floresta. Todos os outros animais o perseguiam o tempo todo. Certo dia, ele decidiu que seria bom para ele construir uma casa grande, maior que todas as árvores da floresta. Quando ele terminou de construí-la, dividiu a casa em muitos quartos pequenos, de forma que quando qualquer outro animal aparecesse, ele seria capaz de se esconder.

Durante o dia, o antílope costumava sair para procurar comida e água. Ele também gostava de visitar seus amigos e contar-lhes sobre sua casa. Porém, um dia quando ele saiu de casa, esqueceu-se de fechar a porta. Pouco tempo depois, uma borboleta que estava batendo suas asas por entre as flores encontrou a porta não fechada; então, voou para dentro e procurou o canto mais escuro para descansar.

Quando o antílope voltou e encontrou a porta escancarada, sentiu medo de entrar. Perguntou em voz alta, 'Quem está na casa do antílope?' e a borboleta respondeu:

Ninii Kibutabuti na Iguru, ninii Kiminja muinge
(Sou aquela que bate as asas para cima e para baixo)

Quando o antílope ouviu isso, correu para a floresta para buscar ajuda. No caminho, encontrou o elefante. O elefante perguntou-lhe, 'O que o senhor viu? Por que está correndo tanto?' O antílope respondeu, 'Há alguém em minha casa e estou com medo de entrar'.

'Vamos', disse o elefante, 'eu ajudo a retirá-lo'.

Quando eles chegaram à casa do antílope, o elefante perguntou em voz alta, 'Quem está na casa do antílope?' A borboleta respondeu novamente:

Ninii Kibutabuti na Iguru, ninii Kiminja muinge

Quando o elefante ouviu isso, correu de volta à floresta.

Então, o antílope rapidamente foi procurar ajuda de outros animais. Um a um, eles vieram até sua casa, mas, como o elefante, todos estavam com medo de entrar e retirar a borboleta.

Sentado perto da porta, pensando no que fazer, o antílope lembrou-se de que havia mais um animal para quem ele não havia perguntado. Era o camaleão. Assim, ele correu para encontrar o camaleão na floresta.

O camaleão perguntou-lhe, 'O que você viu, Sr. Antílope? Por que está correndo tão rápido?' O antílope respondeu, 'Há alguém na minha casa e eu estou com medo de entrar'.

'Vamos', falou o camaleão, 'vou ajudá-lo'.

Quando eles chegaram à casa do antílope, o camaleão perguntou em voz alta, 'Quem está na casa do antílope?' A borboleta novamente respondeu.

Ninii Kibutabuti na Iguru, ninii Kiminja muinge

Quando o camaleão ouviu essas palavras, começou a entrar. Todos os outros animais juntaram-se perto da porta para ver isso e ficaram com medo. Porém, esperaram e observaram para ver o que iria acontecer.

À medida que o camaleão entrava em cada quarto, ele continuava fazendo a mesma pergunta, 'Quem está na casa do antílope?'

Ninii Kibutabuti na Iguru, ninii Kiminja muinge, respondeu a borboleta milhares de vezes.

Finalmente, o camaleão alcançou o canto escuro onde a borboleta estava se escondendo. Ele rapidamente a pegou e levou-a para fora para mostrar aos outros animais. Quando eles viram como ela era pequenina, voltaram para a floresta muito envergonhados de si mesmos.

Daquele dia em diante, o antílope e o camaleão ficaram amigos íntimos.

Os Elfos e o Sapateiro

Um conto de fadas muito amado, reescrito pela autora. Esta é a história para alimentar a esperança no 'impossível' e a confiança na ajuda das fontes inimagináveis. Uma adorável história para hora de dormir para a idade de cinco anos ou mais.

Havia um sapateiro que morava com sua esposa numa pequena cabana nos arredores da cidade. Aconteceu que esse sapateiro, não por qualquer culpa sua, ficou tão pobre que só lhe restava dinheiro suficiente para comprar o couro para fazer mais um par de sapatos.

Naquela noite, ele foi a sua oficina, esticou o couro em sua bancada e cortou os pedaços – deixando pronto para o trabalho da manhã seguinte. Então, ele e sua esposa foram para a cama.

Enquanto dormiam, algo aconteceu!

*Puxe a linha e dê um ponto perfeito,
Puxe forte e estará feito.
Dedos de fada, com leveza e ligeireza,
Primeiro à esquerda e depois à direita, com destreza.*

Na manhã seguinte, quando acordou, o sapateiro foi para a oficina, pronto para começar o trabalho. Para sua surpresa, em sua bancada, estava um par de sapatos maravilhosamente feito. Ele pegou-os e olhou por dentro e por fora – que pontos lindos, que trabalho fino – ele nunca tinha visto sapatos tão perfeitos! Ele os colocou na vitrine e, logo depois, um freguês entrou, pagou mais do que o usual pelos sapatos e levou-os.

Agora o sapateiro tinha dinheiro suficiente para comprar couro para fazer mais dois pares de sapatos. Naquela noite, ele foi para sua oficina, esticou o couro em sua bancada e cortou os pedaços – deixando pronto para o trabalho da manhã seguinte. Então, ele e sua esposa foram para a cama.

Enquanto dormiam, algo aconteceu!

*Puxe a linha e dê um ponto perfeito,
Puxe forte e estará feito.
Dedos de fada, com leveza e ligeireza,
Primeiro à esquerda e depois à direita, com destreza.*

Na manhã seguinte, quando acordou, o sapateiro foi para a oficina, pronto para começar o trabalho. Para sua surpresa, em sua bancada, estavam dois pares de sapatos maravilhosamente feitos. Ele pegou-os e olhou por dentro e por fora – que pontos lindos, que trabalho fino – ele nunca tinha visto sapatos tão perfeitos! Ele os colocou na vitrine e, logo depois, dois fregueses entraram, pagaram mais do que o usual pelos sapatos e levaram-nos.

Agora o sapateiro tinha dinheiro suficiente para comprar couro para fazer mais quatro pares de sapatos.

E assim continuou – toda noite o sapateiro esticava o couro em sua bancada, cortava os pedaços, deixando-os prontos para trabalhar no dia seguinte. E toda manhã os sapatos estavam maravilhosamente terminados, esperando por ele na oficina.

Uma noite, quando o sapateiro estava ocupado em sua oficina, sua esposa veio até ele e disse: 'Há muito tempo alguém nos visita à noite e faz este trabalho especial – por que nós não ficamos acordados hoje à noite e nos escondemos atrás das cortinas para ver quem poderia ser?'

O sapateiro achou uma boa ideia. Deixando a lamparina acesa, o sapateiro e a esposa se esconderam atrás das cortinas. Eles observaram e esperaram, e esperaram e observaram, e observaram e esperaram, e esperaram e observaram... então, ao bater meia-noite, eles viram dois homenzinhos entrarem dançando na oficina. Usavam tão pouca roupa. Eles pularam na bancada e, com seus pequenos martelos de fadas e agulhas de fadas, começaram a trabalhar – martelando e costurando, costurando e martelando – o tempo todo cantando sua cantiga de trabalho.

*Puxe a linha e dê um ponto perfeito,
Puxe forte e estará feito.
Dedos de fada, com leveza e ligeireza,
Primeiro à esquerda e depois à direita, com destreza.*

Durante toda a noite, os homenzinhos trabalharam, até os sapatos estarem maravilhosamente terminados na bancada. Então, os homenzinhos pularam da bancada e dançando saíram da oficina.

A esposa do sapateiro disse ao marido – 'eu acho que devíamos dar alguns presentes para essa gente pequena que tem sido tão boa conosco – por que não fazemos algumas roupas para eles?'

O sapateiro achou uma boa ideia. Ele esticou dois pedacinhos de couro na bancada, cortou os pedaços e começou a trabalhar, martelando e costurando, costurando e martelando até terminar dois pequeninos pares de sapatos.

Enquanto isso, a esposa do sapateiro pegou sua cesta de costura e, com agulha e tecido, ela costurou duas pequenas camisas e dois pequenos pares de calças. Então, com lã e agulhas de tricô, tricotou dois pequenos gorros. Quando terminou, ela colocou as roupas com os sapatos na bancada. Deixando a lamparina acesa, eles se esconderam atrás das cortinas. Eles observaram e esperaram, e esperaram e observaram, e observaram e esperaram, e esperaram e observaram... então, ao bater meia-noite, eles viram os dois homenzinhos entrarem dançando na oficina. Eles pularam na bancada prontos para começar o trabalho. Mas não havia couro esperando por eles. O que poderiam ser aquelas coisas, eles se questionaram.

Eles experimentaram as camisas e elas serviram perfeitamente. Eles experimentaram as calças e elas serviram perfeitamente. Eles experimentaram os sapatos e eles serviram perfeitamente. Eles experimentaram os gorros e eles serviram perfeitamente.

*Pequeninos e felizes nós somos,
Vestidos com elegância como se vê,
Sapateiros, não mais seremos!*

Com suas roupas novas, os homenzinhos cantaram e dançaram pela oficina. Então, saíram pela porta dançando e nunca mais foram vistos novamente. O sapateiro e sua esposa, que tinham sido bons para quem tinha sido bom para eles, viveram felizes pelo resto da vida.

O Manto Azul do Céu

Dada como um presente de aniversário de seis anos (escrita à mão no verso de uma linda tela com o céu azul), esta história foi escrita para um de meus filhos para ajudá-lo em seu medo de escuro. Ela foi reimpressa aqui com a permissão da autora, Susan Haris. Embora baseada num tema Cristão, a história tem uma linda mensagem que transcende todas as religiões.

Há muito tempo, no meio de uma noite fria, o bebê Jesus nasceu numa terra distante chamada Belém. A Mãe Maria estava vestida com uma linda túnica vermelha e, sob sua cabeça e seus ombros, ela usava um manto azul profundo. Ela enrolou o bebê no manto e o manteve seguro e aquecido em seus braços. Era uma noite clara, com muitas estrelas prateadas brilhando. Acima do lugar onde Cristo nasceu, o céu estava aceso com uma estrela dourada e prateada brilhante. Daquela noite em diante, toda vez que o bebê estava assustado ou incomodado, Mãe Maria o pegava em seus braços, enrolava-o no manto azul e o carregava para ver as lindas estrelas no céu escuro da noite.

Semanas e meses se passaram e um dia, quando o pequeno Cristo Menino estava no jardim brincando com um amigo, de repente, uma tempestade forte estourou no céu. Havia trovões e relâmpagos, e os dois garotos estavam horrorizados. Tremendo de medo, eles correram para dentro para encontrar a Mãe Maria que gentilmente os cobriu com o manto azul-escuro. Os garotos pararam de tremer e sentiram-se mais uma vez seguros e satisfeitos.

Os anos se passaram e um dia o Cristo Menino brincava longe de casa. Ele tinha ido para a floresta com muitos outros meninos e meninas. Eles estavam se divertindo, cantando e rindo e pulando e dançando. De repente, ouviram um terrível uivo. Veio se aproximando e ficando cada vez mais alto. 'O que era?' Eles se perguntavam. 'Um lobo? Ou talvez um leão?' Eles não sabiam, mas estavam tremendo de medo. Um dos garotos pegou uma vareta, outro subiu na árvore mais próxima. Outra criança tremia de medo e tentava se esconder atrás de um arbusto. Mas o Cristo Menino disse: 'vamos todos vocês, vamos correr tão rápido quanto pudermos para encontrarmos Mãe Maria. Ela estenderá seu manto azul sobre nós e não temeremos nada neste vasto mundo'.

'Mas como o manto de Mãe Maria vai servir para todos nós?' perguntou uma das garotas.

'Não se preocupe com isso', disse o Cristo Menino, 'o manto azul de Mãe Maria pode se estender e estender e estender por todo o mundo para manter cada criança pequena aconchegada em seu azul'.

Assim, as crianças correram para fora da floresta para encontrar Mãe Maria e, como na primeira noite quando o Cristo Menino nasceu, Mãe Maria estendeu seu manto azul em volta de todos os garotos e garotas, mantendo-os aconchegados, aquecidos e seguros.

Mamãe Coelha e o Fogo Rasteiro

Esta história é um exemplo do efeito de uma explicação racional versus uma imaginativa para uma criança de quatro anos ou mais que ficou amedrontada com uma experiência com fogo. Veja Capítulo Três a respeito dos antecedentes desta história.

Era uma vez uma Mamãe Coelha que vivia numa toca no chão no meio de um campo de grama verdinha. Essa mamãe tinha muitos filhinhos e, todo dia, os coelhinhos gostavam de brincar, correr e pular para dentro e para fora da grama alta na beira de sua casa.

Um dia, Mamãe Coelha teve que fazer uma viagem curta. Ela deixou os coelhinhos dormindo, seguros e aconchegados em sua toca de coelha, e partiu através do campo, pela trilha poeirenta. Enquanto ela estava fora, começou um fogo rasteiro perto de uma ravina, alimentado pelo vento quente do verão e espalhando-se pelos campos de relva verde.

Um pouco mais tarde naquele dia, quando a Mamãe Coelha estava voltando para casa, ela viu horrorizada que um fogo rasteiro tinha passado por ali antes. O campo verde agora estava enegrecido e o chão muito quente para Mamãe Coelha passar. 'Os meus filhinhos ainda estarão dormindo seguros em casa?' ela se perguntava.

Mamãe Coelha teve que esperar até o frio da noite para poder pisar no chão. Sob a luz das estrelas brilhantes, ela seguiu seu caminho até a beira da sua toca e espiou lá dentro. Que alívio encontrar os seus filhinhos ainda adormecidos, seguros e aconchegados em casa. Mamãe Coelha ficou muito feliz. Ela se juntou aos seus filhinhos na toca e dormiu até o dia seguinte.

Todo dia, os coelhinhos observavam o seu gramado verde lentamente voltar a crescer. Começou primeiro com pequenos pontinhos verdes aparecendo no chão enegrecido. Os brotos cresciam cada vez mais, até que o campo se cobriu de grama verdinha novamente. E mais uma vez, como antes, os coelhinhos podiam brincar, correr e pular para dentro e para fora da casa.

Nascido para ser Rei

Uma história escrita para um menino africano de seis anos de idade (que foi abusado sexualmente aos três anos) para ajudar a curar seu medo de ir ao banheiro. Veja Capítulo Um para maiores detalhes sobre os antecedentes desta história.

Era uma vez um menino que nasceu para ser Rei. Quando ele era um garotinho, todos o chamavam de 'Pequeno Príncipe' e ele ganhou uma coroa dourada para usar na cabeça.

Como todos os meninos, o Pequeno Príncipe sempre gostava de explorar e escalar, correr, pular e aventurar-se. O dia inteiro ele brincava nos jardins e na floresta do palácio com seus amigos. Sua coroa brilhava na luz do sol e seus amigos adoravam brincar perto dessa luz dourada.

Entretanto, um dia, quando ele estava brincando com seus amigos perto do muro do palácio, um menino mais velho começou a ser violento na brincadeira. De repente, ele empurrou o Pequeno Príncipe tão forte que ele caiu da beirada e foi parar embaixo nas pedras. Ele quebrou muitos ossos – as duas pernas e braços.

O Pequeno Príncipe foi salvo pelos empregados do palácio e carregado para o seu quarto dentro do palácio. Os médicos enfaixaram suas pernas e braços com fortes bandagens e, por um longo tempo, ele teve que ficar deitado na cama esperando seus ossos colarem. Na verdade, o Pequeno Príncipe ficou deitado na cama por tanto tempo que quando seus ossos colaram, ele tinha esquecido como andar. Ele só queria ficar deitado na cama e, apesar de sua mãe e seu pai pedirem para ele levantar-se, ele nem mesmo queria tentar se mover.

Certo dia, sua avó teve uma ideia. Ela levou seu espelho grande de mão para o quarto do Pequeno Príncipe e sentou-o na cama. Então, ela segurou o espelho na frente dele. 'Você nasceu para ser Rei', ela disse, 'e você tem uma coroa dourada na sua cabeça que gosta de brilhar na luz do sol. Mas olhe para ela agora!'

O Pequeno Príncipe olhou no espelho e ficou chocado ao ver que sua coroa dourada, na luz escura de seu quarto, parecia embaçada e cinza. 'Eu tenho que ser levado lá fora', ele falou, 'para que minha coroa brilhe na luz do sol novamente'.

‘Não, você não precisa ser carregado’, respondeu a Avó, ‘você deve andar sozinho até lá fora... mas se você me der sua mão, eu o ajudarei a caminhar’.

O Pequeno Príncipe estendeu a mão e sua Avó o ajudou a lentamente mexer suas pernas da cama para o chão. Juntos eles saíram do quarto escuro, passaram pelos corredores e chegaram ao lado de fora, no jardim à luz do sol.

Levou muitas semanas antes que o Pequeno Príncipe pudesse correr e pular e escalar e aventurar-se como antes, mas todo dia seus amigos vinham segurar suas mãos e ajudá-lo a andar. Quanto mais ele passeava no jardim, mais dourada sua coroa brilhava na luz do sol. Logo, ele estava brincando todo dia como antes. Sua Avó sentava-se num canto do palácio e observava ele com seus amigos. Ela estava muito orgulhosa de seu neto, o Pequeno Príncipe, que sabia que tinha nascido para ser Rei!

E-mail da mãe do menino: ‘Meu filho vibra com essa história, especialmente porque ele é um príncipe! (Por sugestão minha, a mãe tricou para o filho uma coroa com linha dourada – veja notas a respeito do uso de acessórios na Parte II – Escrevendo Histórias Terapêuticas.) Ele ouve a história na hora de dormir, pois é o único horário que tenho depois das aulas noturnas da faculdade. Agora, ele já vai ao banheiro sem a minha ajuda. Tudo o que eu ouço, de vez em quando, é a água da descarga. Estou muito emocionada com a superação gradativa de sua fobia. Minha preocupação com suas ações no banheiro já passou. Espero e rezo para que sua transição da creche para a escola seja harmoniosa. A história tem sido uma grande ajuda em meu trabalho, especialmente por conhecer o efeito, na criança, das ideias imaginativas que promovem um desenvolvimento emocional.

24

Doença, Sofrimento ou Morte

A História de Sedoso

Uma história para crianças pequenas para explicar doenças terminais ou a morte de um membro da família ou amigo íntimo, de uma forma imaginativa. Publicada com a permissão da autora, Susan Haris.

Era uma vez uma vila entre colinas. Nessa vila, havia uma casa branca. Na casa branca, vivia uma menina que adorava procurar bichos-da-seda. Ela os mantinha numa caixa grande aberta que chamava de Palácio do Bicho-da-Seda.

De manhã bem cedo, quando o sol surgia detrás das colinas, a garotinha corria até o riacho onde uma Árvore de Amora crescia.

‘Querida Amoreira, posso pegar algumas de suas folhas verdes para meus Bichos-da-Seda?’

‘Claro’, a velha Amoreira respondia, ‘eu fico muito feliz em ajudar seus Bichos-da-Seda a crescerem fortes e gordinhos’.

Todo dia, a garotinha agradecia à árvore, pegava algumas folhas e colocava-as na caixa. Os pequenos bichos-da-seda engoliam as folhas grandes, uma depois da outra, e cresciam cada vez mais e engordavam cada vez mais. Eles se retorciam e rastejavam e arrastavam-se felizes pelo Palácio, e cresciam cada vez mais e engordavam cada vez mais. A garotinha ria quando olhava para eles – ela adorava observá-los comer e crescer e enrolar-se dia após dia.

A garotinha tinha um bicho-da-seda preferido. Ela o chamava de Sedoso. Ela o tirava da caixa todo dia e deixava-o arrastar-se em suas mãos e braços, conversava e ria com ele alegremente.

Certo dia, quando a garotinha olhou dentro da caixa, percebeu que o Sedoso tinha parado de se retorcer! 'O que tinha acontecido?' a garotinha se perguntava, 'Sedoso morreu?'

Mas o bicho-da-seda não tinha morrido, ele tinha começado a se envolver com um longo fio dourado para fazer um pequeno casulo dourado. Os outros bichos-da-seda também estavam começando a fazer o mesmo. O dia todo eles giravam e giravam e, lentamente, todos os bichos-da-seda transformaram-se em casulos dourados silenciosos, permanecendo muito quietos e imóveis no fundo da caixa.

A garotinha ficou triste. Ela sentia falta de Sedoso e de todos os bichos-da-seda. Tinha sido tão divertido observá-los rastejar, arrastar-se, retorcer-se e crescer. Agora estava tudo muito quieto.

Um dia, a garotinha estava olhando dentro da caixa e falou alto: 'Sedoso, estou com saudades de você e de seus amigos. Era tão divertido ver vocês rastejarem, arrastarem-se, retorcerem-se e crescerem, mas agora está muito quieto e calmo. Isso me deixa tão triste.'

Assim que ela disse isso, o casulo dourado em que Sedoso tinha se enrolado, de repente, explodiu e se abriu, e uma mariposa voou e pousou na beirada da caixa. A garotinha não podia acreditar em seus olhos. As asas da mariposa eram tão delicadas e reluziam com muitas cores e desenhos.

A mariposa voou em volta da garotinha três vezes e então pousou na mão dela e falou com voz clara: 'Sabe, eu comecei a me sentir tão desconfortável no casulo. Estava ficando muito apertado, eu me sentia presa. Agora, que eu me libertei, sinto-me feliz e livre. Posso voar alto no céu, alto em direção ao sol dourado. É muito mais divertido do que retorcer-se e rastejar e arrastar-se, algo de que eu gostava quando era um bicho-da-seda. Adeus, garotinha, e obrigado por me alimentar com aquelas folhas de amoreira deliciosas. Agora, eu não preciso mais delas. Agora, eu sou livre!'

E a linda mariposa voou através da janela aberta, alto para o céu, em direção ao sol dourado.

Nota: Quando contar histórias como essa sobre morte, o conto ganhará força se o contador realmente tiver uma relação com a morte não como um fim,

mas como uma transformação radical. De outra forma, as crianças, sendo muito intuitivas, podem sentir a dúvida na mente do contador e absorver isso com a história.

Voe, Águia, Voe

Quando eu estava trabalhando na África do Sul, no final dos anos 90, ouvi uma entrevista no rádio com o Bispo de Baía da Mesa (Cidade do Cabo). Ele descreveu a seguinte história que contou para sua filha de oito anos que estava morrendo de câncer. Foi tirada de um conto popular de Gana com um 'tema de ressurreição', e o Bispo sentiu que realmente tinha ajudado a filha e toda a família a lidar com a realidade da morte próxima.

Era uma vez um filhote de águia que nasceu em um ninho de galinhas. Um fazendeiro estava andando pelas montanhas e achou um ovo no chão, pegou e o levou para casa para sua galinha chocar.

O filhote de águia cresceu com as outras galinhas, mas sempre tinha um sentimento de que podia voar alto, embora não houvesse ninguém que pudesse mostrar-lhe o que fazer...

O filho do fazendeiro tentou ajudá-lo – levou-o primeiro ao topo da escada, depois ao telhado da casa. Mas esses dois lugares não eram altos o suficiente para a águia realmente sentir suas asas.

Então, o garoto e o fazendeiro levaram a águia de volta para as montanhas de onde ela tinha vindo e a colocaram na beira de um alto penhasco. Dessa vez, a águia decolou da beira do penhasco e sentiu o ar embaixo de suas asas e o sol em suas penas e subiu cada vez mais alto.

A águia estava de volta às alturas, ao céu a que pertencia, e voou em direção ao sol.

Regato, Deserto, Vento

Uma linda história sobre mudança e transformação. Este pequeno conto é anônimo e foi reescrito pela autora. Pode ser usado para a idade de oito anos ou mais (e adultos), acompanhado por pintura ou desenho de cenas da viagem do regato.

Como 'Voe, Águia, Voe' e 'Sedoso', esta é outra história de morte e transformação. Alguma coisa morre e então renasce de forma diferente.

Um regato nasceu no alto da montanha. Ele corria entre as pedras, por cima das cachoeiras, através dos campos e pelas florestas e vales. Finalmente, ele chegou a um grande deserto e empurrou suas águas contra a areia. Então, a água desapareceu. O regato, que estava se sentindo tão confiante com sua vida até o momento, não podia acreditar no que estava acontecendo. 'Minha água está desaparecendo – como posso cruzar o deserto?'

Então, o regato ouviu um sussurro. Parecia vir da própria areia, 'Pergunte ao vento – ele sabe uma maneira de cruzar o deserto'.

'O vento pode voar', pensou o regato. 'Tudo o que eu posso fazer é desaparecer na areia. Eu não posso cruzar o deserto'.

'Deixe o vento carregar você', a voz sussurrava. 'Mas, então, eu terei que mudar. Eu não quero mudar, eu quero ficar como eu sou.'

'Se você continuar a fluir no deserto, você vai mudar – ou vai desaparecer de uma vez ou se transformará num pântano.'

'Mas eu quero ficar como sou', disse o regato. 'Como eu posso chegar ao outro lado e ainda ser eu mesmo?'

'Se você lembrar seu verdadeiro eu, você saberá que isso nunca pode mudar', sussurrou a voz.

O regato, então, lembrou-se de um sonho, há muito esquecido, sobre ser carregado nos braços do vento. Ele deixou a terra abaixo e deixou-se subir como vapor. O vento soprou através do deserto, em direção às montanhas do outro lado. Finalmente, foi liberado como chuva suave em cima das montanhas.

Com esse regato, nasceu um novo. Ele corria entre as pedras, por cima das cachoeiras, através dos campos e pelas florestas e vales. E, à medida que corria, ele tinha memórias de água, de seu verdadeiro eu, de sua essência.

O Sapo e o Balde de Creme

Um conto russo, recontado pela autora, para estimular força e determinação. Adequado para crianças e adultos.

Era uma vez um sapo que pulou dentro de um balde de creme. Ele nadou dando uma porção de voltas, esperneando e mergulhando, tentando encontrar uma forma de sair. De vez em quando, ele parava para descansar. Ele se perguntava se jamais encontraria uma maneira de sair de seu sofrimento.

Então, ele começou a cantar enquanto nadava. Ele achou que o canto deixou-o mais forte.

*Sou um pequeno sapo e se eu continuar forte,
vou encontrar uma saída logo, logo!*

O sapo recusava-se a desistir.

Ele nadou e nadou, e cantou e cantou, até que, sem perceber, seus pequenos pés tinham transformado o creme em manteiga.

Finalmente, ele conseguiu subir na manteiga e pular para fora – pouco antes do retireiro voltar para seu balde!

A Menininha de Argila

Um conto de fadas da Tanzânia sobre morte e transformação – reescrito pela autora. Adequado para a idade de seis anos ou mais.

Havia um homem e uma mulher que moravam juntos numa pequena casa perto do rio à beira da floresta. O homem passava seus dias fazendo lindas coisas de argila que retirava da barranca do rio – panelas e pratos e xícaras e tigelas. Sua esposa trabalhava a semana toda cultivando legumes em seu jardim – milho e repolho e abóbora e feijão. Aos sábados, eles carregavam sua cesta com peças de argila e legumes e carregavam para o mercado onde vendiam seus produtos.

O casal estava muito feliz com sua vida, a não ser por uma coisa. Eles queriam muito ter uma criança, a casa deles era vazia de risadas e de dança.

Um dia, o homem estava trabalhando com a argila e cantava enquanto trabalhava:

Trabalhar e brincar, brincar e trabalhar; fazer coisas de argila eu vou adorar.

O sol estava brilhando e os pássaros estavam cantando enquanto ele trabalhava, e ele estava se sentindo tão feliz que teve um pensamento especial:

Vou fazer uma criança pequena de argila hoje!

Suas mãos hábeis começaram a trabalhar e, em pouco tempo, ele tinha feito uma linda menininha de argila, com um rosto moreno brilhante e cabelos castanhos encaracolados. Quando ele terminou, ele embrulhou a menininha em um pano e a levou para o jardim para mostrar a sua esposa. Quando ele chegou ao jardim, onde sua esposa estava trabalhando, de repente a menina pulou de seu colo e começou a dançar.

Sua esposa ouviu o barulho alegre e veio correndo. Quando ela viu a menina de argila, ela agachou-se e abraçou-a carinhosamente – ‘Finalmente, nós temos uma criança para trazer o riso e a dança para nossa casa’, ela falou.

Daquele dia em diante, a pequena menina de argila morou com o homem e sua esposa e ajudava-os no trabalho – às vezes, com o homem fazendo panelas e pratos e xícaras e tigelas; às vezes, com a mulher no jardim, cultivando milho e repolho e abóbora e feijão. O homem e sua esposa estavam felizes por ter uma criança em casa finalmente.

Aos sábados, quando eles iam para o mercado vender seus produtos, eles deixavam a menininha de barro em casa para ela tomar conta. Eles receavam que se chovesse no caminho, a chuva poderia transformar a menina numa bola de argila.

‘Fique perto da casa, menininha de argila’, eles diziam quando saíam para o mercado, ‘e se começar a chover, fique dentro de casa até nós voltarmos’.

A menininha de argila sempre fazia como eles diziam, e toda vez o homem e a mulher voltavam do mercado e a encontravam esperando dentro de casa em segurança.

Um sábado, entretanto, enquanto a menina estava em casa sozinha, ela ouviu uma risada de um grupo de crianças que passava pela casa. As crianças estavam indo para a floresta para pegar frutinhas silvestres e a menininha não conseguiu evitar e seguiu as risadas e a música. Para a floresta ela foi, juntando-se à dança e pegando frutinhas. Quando as cestas das crianças estavam cheias até a boca com frutinhas suculentas maduras, elas começaram a voltar para casa, com a menininha de argila dançando ao lado delas. Um pouco antes de chegar em casa, no entanto, umas nuvens de tempestade passaram e a chuva começou a cair do céu como se o próprio Deus estivesse jogando baldes das nuvens.

Quando o homem e sua esposa voltaram do mercado, a casa estava vazia e eles não podiam encontrar a menininha em nenhum lugar. A chuva tinha parado, mas havia poças em todo lugar. Eles olharam em direção à floresta e lá eles viram uma bola de argila na grama, à beira das árvores. Imediatamente eles souberam o que aconteceu com a menininha de argila!

O homem cuidadosamente pegou a bola de argila e levou para casa, para sua oficina e colocou-a em seu vaso mais especial de argila.

Sua esposa colocou o vaso perto da porta da frente e todo dia eles despejavam umas gotas d'água e lembravam-se da menininha que eles sentiam tanta falta.

Então, um dia eles notaram que um pequeno broto verde estava empurrando a argila e, dia a dia, eles observaram-no crescer. Cresceu e cresceu, soltando algumas folhas e depois um botão vermelho, e um dia floresceu a mais linda rosa vermelha.

Desse dia em diante, a roseira continuou a brotar, uma rosa por dia, e o homem voltou a fazer panelas e pratos e xícaras e tigelas e cantando enquanto trabalhava:

*Trabalhar e brincar, brincar e trabalhar;
fazer coisas de argila eu vou adorar.*

E a sua esposa voltou a cultivar milho e repolho e abóbora e feijão e cantar enquanto cavava o jardim:

*Trabalhar e brincar, brincar e trabalhar;
fazer coisas de argila eu vou adorar.*

E desse dia em diante, todo sábado, eles carregavam sua cesta com as peças de argila e os legumes e um maço de lindas rosas, e levava-os para o mercado onde eles vendiam seus produtos.

Uma Boneca para Sylvia

Sylvia ficou órfã aos cinco anos depois que toda sua família foi morta em um ataque a sua vila – ela foi adotada pelo SOS Vila das Crianças em Nairóbi onde ela viverá até a idade de dezoito anos. A história de Sylvia foi contada para ela pela sua professora de classe, seguida pela descoberta de Sylvia de uma boneca especial, vestida com roupas bordadas com linhas prateadas e douradas, esperando na cama na manhã seguinte. Em sua casa nova, a família da 'mãe' notou uma grande mudança em seu brincar e na interação geral com os outros depois desta história. Veja o Capítulo Cinco para mais antecedentes da história.

A mãe e o pai de Sylvia estavam seguros no céu com todos os seus filhos, a não ser a pequena Sylvia que tinha ficado na terra.

À noite, na luz das estrelas brilhantes, eles podiam ver sua pequena filha dormindo na cama. Eles ficaram muito felizes porque a filha tinha uma casa nova segura e uma mãe para cuidar dela. Mas eles podiam ver que sua filha ficava triste e solitária às vezes e eles queriam mandar-lhe um presente do céu – uma amiga de presente com quem Sylvia brincaria e dormiria à noite.

Com a ajuda dos anjos do céu, eles juntaram fios dourados do sol e fios prateados da lua e, no tear de lá do céu, eles teceram um pano especial para fazer uma pequena boneca.

Quando a boneca estava pronta, um dos anjos pegou-a em seus braços e viajou com ela pelo céu de estrelas faiscantes até a terra. Quando ele chegou à casa nova de Sylvia, entrou pela janela e colocou a boneca na cama, perto da cabeça de Sylvia que dormia.

Na manhã seguinte, quando Sylvia acordou, seu novo brinquedo estava esperando para cumprimentá-la. O vestido da boneca brilhava em dourado e prateado na luz da manhã e Sylvia ficou muito feliz ao vê-la. Sabia que era um presente do céu. Ela lhe deu o nome de ... e a boneca tornou-se sua melhor amiga.

Asa Luminosa de Sandra Frain

Asa Luminosa é uma história que foi escrita para ser contada na cerimônia de uma jovem garota, Shalem, que tinha morrido alguns meses antes de seu quarto aniversário depois de ser mordida por uma cobra.

Para maiores detalhes sobre este conto, veja o Capítulo 32, página 312.

Primeiro o cenário (como descrito por Sandra): Reunimo-nos às 4 da tarde no domingo, 18 de fevereiro de 2007, à beira de uma enseada onde Shalem amava brincar e nadar:

Quando a maré se afastou, no primeiro ponto da areia no meio da enseada que mostrava a linha da água, um totem de madeira foi colocado pelo pai, pela mãe e amigos da família de Shalem. O totem foi esculpido com asas de anjo, uma coruja, alguns golfinhos, uma baleia, uma tartaruga e uma serpente, adornando todo o comprimento. No centro, havia uma foto de Shalem encravada num coração esculpido.

Perto da base, havia um altar sobre o qual havia um vaso onde estavam as cinzas de Shalem. As pessoas colocavam presentes para Shalem. Em volta do totem, na areia, havia uma espiral em curva onde as pessoas depositavam botões coloridos, pedras e conchas. Um fogo foi aceso no braseiro, queimando ervas sagradas e resina.

As crianças brincavam na praia, moldando castelos de areia. A família agradecia às pessoas por virem celebrar a maravilhosa vida de Shalem. Eu fui apresentada como a professora e era responsável por contar a história.

Depois da história, as pessoas dividiram suas memórias de Shalem, cantaram e tocaram inspiradas e dedicaram sua música à Shalem. As pessoas colocavam preces individuais no fogo. Os pais de Shalem ofereceram as cinzas para a maré do Oceano Pacífico. O totem foi carregado como uma cruz para fora da enseada. Os botões coloridos e as pedras na espiral foram arremessados quando a maré veio e encheu a enseada. Velas votivas flutuavam no mar.

Para as famílias foram doadas trepadeiras para levar para casa e plantar em seus próprios jardins (na história, a flor amarela da trepadeira é a melhor amiga da Asa Luminosa).

Era uma vez, numa floresta tropical úmida, amigos que lá viviam em grande número. Esses amigos conversavam uns com os outros e brincavam e trabalhavam juntos e até mesmo brigavam como bons amigos fazem!

Um desses amigos era uma borboleta azul brilhante, chamada 'Asa Luminosa'. A borboleta Asa Luminosa adorava brincar de esconde-esconde. Você podia vê-la voar tão azul como azul podia ser e, depois, branca, desaparecer. Mas se você olhasse bem, você veria que ela tinha escondido o lado azul das asas e agora ela parecia uma folha marrom num tronco de árvore. Ela era cheia de truques. Esta era a cantiga dela:

Eu sou um flash azul. Como vai você?

Você pode me ver? Peguei! Eu vejo você!

(Sandra acenava com uma echarpe azul e depois a escondia atrás dela)

A melhor amiga de Asa Luminosa era Brinco-de-Princesa. Asa Luminosa sabia que ela estava num acordo saboroso com sua amiga flor por causa de seu néctar. Ela fazia cócegas em Brinco-de-Princesa com seus pezinhos quando pousava em suas pétalas. Yum yum mmm, ela bebia o néctar de Brinco-de-Princesa com sua longa língua de borboleta (e seus pequeninos ovos de borboleta cresciam um pouco mais dentro dela).

Na floresta tropical úmida, Brinco-de-Princesa vivia perto de um arbusto. Embaixo desse arbusto vivia o Pássaro-Cetim. No ninho dele, havia muitas coisas azuis – um alfinete azul, um pedaço de corrente azul, uma embalagem azul brilhante de pirulito e até mesmo algumas penas azuis próprias. Ter muitas coisas azuis em sua casa é uma forma de fazer amigos. Asa Luminosa gostava de provocá-lo voando perto dele com suas asas azuis brilhantes enquanto ele olhava para sua coleção.

Que lugar perfeito para ela botar seus ovos de borboleta, acima do ninho de tesouros do Pássaro-Cetim. Muitas folhas para seus bebês-larvas gulosos comerem! Tão perto de sua melhor amiga, Brinco-de-Princesa (a quem seus bebês podiam visitar quando tivessem asas).

Uma noite, Asa Luminosa viu uma luz no céu que era diferente de suas amigas estrelas. Essa luz era como uma bola estrelada com uma cauda magnífica. Tinha uma cauda maior que daquele seu vizinho, Ave-do-Paraíso, que sempre imitava este pássaro e aquele animal.

Asa Luminosa voou até o Vovô Koala que estava sentado no tronco alto da Árvore de Goma. 'O que é aquela luz lá em cima no céu, Vovô Koala?'

Vovô Koala mastigava suas folhas goma e não respondia. Ele limpava sua garganta como os vovôs fazem.

'É como uma vassoura gigante varrendo o céu e coletando coisas. Chove presentes para a Mãe Terra também', ele disse.

'Que tipo de presentes?' perguntou Asa Luminosa.

Vovô Koala respondeu, 'Presentes como cores, brilho e bondade'. Vovô Koala limpou a garganta novamente – 'Nós comemos os presentes e subimos neles e respiramos eles e andamos neles. E a vassoura coleta presentes da Mãe Terra também.'

'Oh', disse Asa Luminosa. Então, ela desceu voando, botou seus ovos embaixo de uma folha grande dentro do arbusto que é a casa do Pássaro-Cetim. Quando ela terminou, ela ouviu um 'neighghgh'. Era seu amigo Unicórnio Frangipana.

'Unicórnio Frangipana, você me leva para visitar a luz?' Asa Luminosa cochichou nos ouvidos de Frangipana. Unicórnio Frangipana podia pular por cima dos arco-íris quando queria. Frangipana era gentil, era doce e muito forte.

Unicórnio Frangipana fechou seus olhos e imaginou-se pulando para cima, para cima, para cima, no céu, em direção à luz brilhante.

'Posso tentar', ela respondeu meiga. Frangipana Unicórnio trotou e galopou rápido quando subiu para o céu com Asa Luminosa escondendo-se dentro de sua orelha. Para cima, para cima, para cima, eles voaram para onde as nuvens fofas brincavam de esconde-esconde com a luz magnífica da cauda do cometa.

'Eu te amo', Asa Luminosa agitou-se, batendo as asas para Unicórnio Frangipana. Unicórnio Frangipana galopou pelo céu estrelado e nublado de volta a sua casa na Mãe Terra.

Pela manhã, a floresta era calma. As Palmeiras acenavam suas folhas graciosamente. As fadas do orvalho brilhavam nas rochas e árvores. A luz do Sol Poderoso e as fadas faziam arco-íris coloridos por todo lugar. Unicórnio Frangipana estava treinando passar por cima, por baixo, ou mesmo entre o arco-íris.

Vovô Koala sentia-se mais sábio quando se sentou ao pé da Árvore de Goma mascarando suas folhas e ponderando sobre a luminosidade do cometa e sua cauda de luz.

Pássaro-Cetim achou lindas asas azuis em frente ao seu ninho. As pétalas de Brinco-de-Princesa brilhavam e pareciam muito mais bonitas do que antes.

Todos os amigos de Asa Luminosa estavam mais brilhantes e mais bonitos do que antes; todos estavam mais cheios de luz do que jamais foram.

25

Novo Bebê na Casa

A Varinha Mágica

Uma história para uma menina de cinco anos que em breve teria um novo irmãozinho. Seus pais estavam preocupados que sua única filha pudesse ficar com ciúmes do novo bebê e não o aceitasse. A história ajudou muito a motivar sua aceitação e envolvimento. Foi reforçada pela mãe ajudando a filha a fazer uma varinha mágica com pedaços coloridos de lã, penas e conchas.

Era uma vez uma garotinha que estava sentindo-se entediada com seus brinquedos. Ela estava sentada embaixo de uma árvore frondosa no fundo de seu jardim, quando, de repente, um pequeno galhinho quebrou e caiu da árvore para o chão. Caiu bem do lado dela e estranhamente começou a cantar para ela.

*Enrole-me em cores vivas; dia e noite, mantenha-me seguro –
E quando houver mágica no ar, eu te levarei a um tesouro.*

A garota ficou entusiasmada ao ouvir o galho cantando. 'Esta deve ser uma varinha mágica', ela pensou, pegou-a e levou-a para casa. Quando che-

gou em casa, foi direto para a cesta de costura onde sua mãe guardava novelos coloridos de lã. Um por um, ela começou a enrolar a varinha com cores brilhantes. Então, ela levou-a para o quarto e encontrou um lugar seguro para ela ficar na mesinha ao lado da cama.

Quando ela acordou na manhã seguinte, ela podia ouvir a varinha mágica cantando para ela.

Hoje há mágica no ar – Eu te levarei para um tesouro encontrar!

Ao pegar a varinha, ela sentiu-a começar a balançar e parecia dizer, 'Siga-me'. Ela deixou que a varinha lhe mostrasse aonde ir e foi parar no jardim, onde algumas lindas penas de pássaros foram deixadas na grama. 'Isso deve ser o tesouro', pensou a garota e decidiu amarrar as penas na sua varinha mágica, deixando-a ainda mais bonita.

Na manhã seguinte, quando ela acordou, a varinha mágica estava cantando para ela novamente.

Hoje há mágica no ar – Eu te levarei para um tesouro encontrar!

Ela seguiu a varinha mágica pela casa e pela praia e lá na areia dourada estavam algumas lindas conchas brilhantes. 'Isso deve ser o tesouro', pensou a garota e decidiu amarrar as conchas na sua varinha mágica, deixando-a ainda mais bonita.

Na manhã seguinte, quando ela acordou a varinha mágica estava cantando para ela novamente.

Hoje há mágica no ar – Eu te levarei para um tesouro encontrar!

Mas, dessa vez, a varinha mágica não a levou para fora da casa. Ao contrário, cantando pelo caminho, levou-a até o quarto da mãe e do pai. Lá estavam, na cama, seus pais com um bebê deitado entre eles. O bebê estava embrulhado num cobertor quentinho. 'Isso realmente deve ser o tesouro', pensou a garota e segurou sua varinha mágica com cores brilhantes e lindas penas e conchas para o bebê ver. O bebê sorriu e a garotinha ficou tão feliz que pensou que ia explodir!

Daquele dia em diante, a varinha mágica ajudou a garotinha em muitas aventuras e a encontrar tesouros. Porém, seu tesouro favorito era o novo bebê embrulhado no cobertor na cama de seus pais.

A Criança da Água

Uma história para um menino de quatro anos para ajudar a apresentar uma irmãzinha que se junta à família. O tema sobre água foi escolhido para ligar-se ao parto na água que a mãe tinha planejado ter em casa.

Era uma vez um garotinho que tinha uma amiga muito especial. Essa amiga não era como todos os outros amigos. Essa amiga morava muito longe, lá em cima na Nuvem do Céu.

O garotinho podia, às vezes, ouvir sua amiga sussurrando-lhe quando estava no jardim. Algumas vezes, em seu sonho, o garotinho visitava a Nuvem e os dois brincavam juntos felizes, rolando e revirando na brancura macia e pulando de nuvem para nuvem.

Um dia essa amiga especial decidiu que era hora de partir de sua casa nas nuvens e descer para viver aqui na terra com a família do garotinho.

A amiga especial despediu-se de todos da Nuvem do Céu. Então, a Senhora da Chuva enrolou-a em uma túnica violeta e a trouxe para a terra nos pingos de chuva. Ela foi colocada suavemente no mundo de baixo, numa grande piscina de água fresca.

A mãe e o pai do garotinho estavam esperando por ela. Eles a tiraram e levantaram da água da piscina e a mostraram para o garotinho. 'Esta é sua nova irmãzinha', eles disseram, 'e ela se chama Laila. Ela veio morar conosco. Ela precisa de um tempinho para crescer e acostumar-se a estar no mundo, mas logo ela vai estar pronta para brincar com você.'

Foi um dia lindo e a família do garotinho estava muito feliz por ter um bebê que veio morar na casa deles. O garotinho fez alguns desenhos para as paredes do quarto do bebê e coletou folhas coloridas e flores para um móvel pendurado no berço. Às vezes, ele segurava sua irmãzinha nos braços e a abraçava, cantando cantigas de ninar para ela.

Logo Laila cresceu o suficiente para engatinhar e depois andar e correr.

Em pouco tempo, já era o aniversário de um ano e o garotinho estava ajudando sua irmãzinha a abrir o presente.

Era uma linda bola dourada!

O garotinho rolou a bola pelo chão e sua irmã rolou de volta para ele. Os dois irmãos riram. Juntos eles brincaram com a bola dourada, divertindo-se, como já tinham brincado antes no céu.

26

Ansiedade da Separação

A Árvore dos Macacos

A Árvore dos Macacos' foi escrita por uma babá de família, Jilly Norris, para uma garota de quatro anos cujos pais tinham se separado. A criança estava tendo dificuldade para se adaptar aos acordos da guarda compartilhada. Ela tinha três irmãos adolescentes e sua vida em casa era geralmente muito barulhenta e um pouco 'caótica' (é por isso que Jilly escolheu o tema do macaco). Esta história poderia ser adaptada para adequar-se a várias idades e situações ligadas à separação e ansiedade. (Veja Capítulo 32 para mais detalhes sobre o efeito da história)

Era uma vez, no meio da floresta, uma família de macacos atrevidos que viviam todos juntos numa árvore de macacos.

*Ocupados, atrevidos e barulhentos, até onde se podia ser,
Em sua árvore de macaco, conversas e risos, até onde se podia ter.
Balançavam com seus rabos e coçavam suas pulgas, até onde se podia ver.
E brincavam juntos felizes, como só podiam ser.*

Uma macaquinha cujo nome era Mali estava aprendendo com seus irmãos maiores como fazer um abrigo para dormir na árvore de macaco, dobrando e prendendo alguns galhos e folhas para fazer uma cama confortável. Não era fácil e, às vezes, Mali caía do abrigo. Mas depois de muita prática, ela podia dormir muito confortável.

*Mali dormia em sua caminha tão confortável como se podia ser,
rodeada pelos outros abrigos da família que só podia ter.*

Uma manhã, Mali estava brincando com seus primos quando um barulho ressoou no céu. Mali não deu atenção, mas seus irmãos mais velhos começaram a conversar mais alto e subiram para os galhos mais altos para ver o que se podia.

Nuvens escuras de chuva juntavam-se no céu, o trovão ribombava e o raio riscava o céu. Começou a chover e o vento começou a soprar. Os macacos juntaram-se no meio da árvore para esperar a tempestade passar. Eles ficaram quietos... De repente, houve um estalar e um grande galho quebrou caindo no chão.

Finalmente, a chuva parou e o vento levou as nuvens escuras embora; então, os macacos podiam ser ou sentir-se.

Como um galho grande foi derrubado, alguns macacos tiveram que mudar seus abrigos para outra árvore. Agora os macacos estavam ocupados.

Mali pensou que seria excitante visitar alguns parentes.

Agora a família de macacos vivia nas duas árvores de macaco e mais uma vez...

*Ocupados, atrevidos e barulhentos, até onde se podia ser,
Em sua árvore de macaco, conversas e risos, até onde se podia ter.
Balançavam com seus rabos e coçavam suas pulgas, até onde se podia ver.
E brincavam juntos felizes, como só podiam ser.*

E Mali agora tinha abrigos em duas árvores de macacos, assim...

*Mali dormia em sua caminha tão confortável como se podia ser;
Rodeada pelos outros abrigos da família que só podia ter.*

Mamãe Lua

Esta história foi escrita para um menino de cinco anos cuja mãe de repente saiu de casa, deixando o garotinho com parentes (a mãe retornou cinco meses depois). A história não apenas ajudou o garotinho a sentir-se mais forte, mas também aos parentes. Foi incluída aqui com a permissão da autora, Alison Brooking.

Era uma vez uma Criança Estrela que era feliz brincando no céu com outras estrelas. Ela estava sempre brilhando e, à noite, quando sua Mãe Lua estava lá, todas as crianças da terra podiam vê-la mesmo no escuro. Durante o dia ela ainda brilhava, mas ninguém podia vê-la porque o Pai Sol era tão grande e brilhante que encobria as estrelas.

Quando o Pai Sol ia dormir, a Lua surgia e vinha lembrar suas crianças estrelas para brilhar na terra a noite toda, para ajudar as crianças de lá. Ela dava brilho e cuidava de seus filhos e juntos brilhavam com raios prateados que mandavam para a terra, de forma que os pequenos animais noturnos podiam ver sua comida e as plantas podiam crescer. A Criança Estrela gostava de ficar perto da Mãe Lua e ela podia sentir os suaves raios de luar tocando-a.

Uma noite, quando os últimos raios do sol estavam brilhando na terra, a Criança Estrela estava esperando a Mãe Lua chegar para fazer sua visita noturna a todas as estrelas. Ela esperou muito tempo com seus amigos no céu, mas a Mãe Lua não apareceu. Todas as estrelas esperavam e ficou muito escuro e frio e a Criança Estrela começou a ficar triste. Então ela pensou – vai ficar muito escuro lá na terra para os gambás e corujas e crianças, se a Mãe Lua não está brilhando e mandando seus raios de luar. Ela decidiu que a Mãe Lua iria gostar se ela desse brilho nela mesma e se fizesse muito brilhante para que não ficasse tão escuro na terra. Então, ela foi corajosa e esfregou-se e fez um polimento até que brilhasse, e falou para seus irmãos e irmãs estrelas fazerem o mesmo.

Na terra, uma garotinha estava olhando pela janela de seu quarto no escuro, esperando pela lua surgir. Ela sentia frio, mas queria ver as estrelas brilharem e sentir os raios do luar no rosto. Era seu momento favorito da

noite – depois que sua mãe tinha cantado sua canção de ninar, ela saía da cama nas pontas dos pés e sentava-se na janela olhando o céu. Mas naquela noite, ela começou a bocejar e a bocejar e esfregar os olhos porque estava muito escuro lá fora. No momento em que ela já ia dormir, ela viu uma estrelinha brilhar por si mesma. A estrela brilhava cada vez mais como se fosse para ela. Era a Criança Estrela! Então, outra e mais outra estrela começaram a brilhar até que finalmente o céu estava cheio de estrelas brilhantes que pareciam estar felizes, como se falassem com ela. Isso deixou a garotinha muito feliz e logo ela foi dormir.

Na manhã seguinte, o Pai Sol espalhou os seus raios através do mar e das colinas, a Criança Estrela estava profundamente adormecida, cansada depois de uma longa noite de trabalho. Ela nunca tivera que brilhar tanto antes. Ela sonhou que sua Mãe Lua estava conversando com ela e dizendo 'Estou muito orgulhosa de quanto você se tornou corajosa e brilhante no céu. Logo eu vou voltar e brilhar no céu novamente, mas até lá você terá que brincar com seus amigos e brilhar à noite, enviando sua luz para a terra. Para ajudá-la, você pode pegar alguns raios quentes do Pai Sol quando ele se põe e, se você for cuidadosa, ele a ajudará a usá-los apropriadamente. Eu amo você, Criança Estrela, e penso em você o tempo todo. Boa Noite, Criança Estrela.'

Naquela noite, a Criança Estrela acordou e ouviu as palavras de sua mãe dentro dela e soube que ela não estava sozinha e que não tinha que se sentir triste. Ela lembrou-se do que a Mãe Lua disse. Na noite seguinte, em vez de brilhar sozinha, ela pediu ao Pai Sol se podia pegar alguns raios dourados para guardar e, dessa forma, ela tornou-se a estrela mais brilhante do céu.

O Ursinho Koala

Uma história terapêutica para 'ansiedade da separação', escrita para um garoto de quatro anos que estava tendo dificuldade de se separar de sua mãe na escola. Veja Capítulo Quatro para as consequências imprevisíveis desta história.

Mamãe Ursa Koala e seu filhinho viviam na mais alta árvore. O dia todo Mamãe Ursa subia de um galho para outro, pegando folhas suculentas para alimentar seu bebê faminto. Quando todas as melhores folhas de um galho

terminavam, subia para o próximo galho, com o Bebê Koala segurando firme em suas costas.

*Mamãe Koala sentada numa árvore
Bebê Koala chorando 'Estou com fome'!
Pegando folhas suculentas para o café e o almoço,
Comendo folhas suculentas, Nham, nham, nham.
Pegando folhas suculentas para o chá e o almoço,
Comendo folhas suculentas, Nham, nham, nham.*

Quando todas as melhores folhas de um galho terminavam, subia para o próximo galho, com o Bebê Koala segurando firme em suas costas.

*Mamãe Koala sentada numa árvore
Bebê Koala chorando 'Estou com fome'!
Pegando folhas suculentas para o café e o almoço,
Comendo folhas suculentas, Nham, nham, nham.
Pegando folhas suculentas para o chá e o almoço,
Comendo folhas suculentas, Nham, nham, nham.*

Havia tantos galhos na árvore que, todo dia, Mamãe Koala mudava para um novo galho para encontrar folhas suculentas para seu bebê. Todo dia, para cima ou para baixo, ela subia ou descia com seu Bebê Koala nas costas. Ele estava sempre tão faminto!

E a cada dia o Bebê Koala crescia cada vez mais, comendo folhas suculentas no café da manhã, no almoço e no chá – crescendo cada vez mais! Quanto mais ele crescia, mais pesado ele ficava, até que ficou tão pesado que era difícil para Mamãe Koala carregá-lo nas costas – e ainda mais difícil subir e descer da árvore com ele.

Mamãe Koala estava ficando cansada desse trabalho duro. Um dia, enquanto estava sentada num galho e o Bebê estava chorando – Estou com Fome! –, Mamãe Koala estava tão cansada que caiu no sono. E dormiu tão pesado que o Bebê Koala não conseguia acordá-la, não importa o quanto gritasse.

Finalmente, o Bebê Koala desceu das costas da mãe e sentou-se num galho perto da mãe adormecida. Em cima ele podia ver folhas gostosas para comer – ele estava com tanta fome! Como ele gostaria de pegar aquelas folhas suculentas para seu almoço!

Bebê Koala pensou – talvez eu seja grande o suficiente para subir sozinho e pegar as folhas suculentas para mim. Ele sentou-se por um tempo – as folhas estavam tão suculentas.

Então, ele começou a subir no tronco – ele tinha um pouco de medo, mas foi mais fácil do que ele imaginava. Suas patas de bebê tinham crescido e eram grandes e fortes. Elas impediam que ele caísse.

Para cima e para cima, cada vez mais alto, ele subia, finalmente alcançou o próximo galho. Arrastou-se com cuidado. Olhando para baixo, ele via sua mãe dormindo no galho abaixo. Ele estava tão alto que se sentia corajoso. Bem a sua frente, estavam folhas suculentas, ele pegou algumas para seu almoço e sentou-se sozinho na árvore, comendo.

Mais tarde Mamãe Koala acordou e olhou em volta. Onde estava seu bebê? Ela olhou para baixo, ele teria caído? Bebê Koala não estava em nenhum lugar. Então ela ouviu um barulho e olhou para cima. Lá estava seu bebê num galho mais alto, ele não era mais um bebê, mas um Koala sozinho, almoçando.

Mamãe Koala sorriu. Então, subiu na árvore e sentou-se com seu Urso Koala. Juntos pegaram as folhas suculentas para o almoço e o chá e comeram, Nham, nham, nham. Nham.

PARTE V

A Arte de Contar Histórias

Histórias precisam ser contadas para realmente se tornarem vivas! Até aqui, neste livro, foi dada ênfase ao conteúdo da história — com pouca importância para quem se destina a história.

Nesta parte, será dada mais atenção a técnicas de contação de histórias e uma variedade de ideias de apresentação. Por favor, aceitem isso apenas como um 'incentivo', não como um guia abrangente. O assunto da contação de histórias, uma das mais antigas formas de arte, é muito extenso e culturalmente rico. A unidade de contação de histórias que desenvolvi para a Southern Cross University é um curso de 150 horas, mas mesmo assim não é longo o suficiente para explorar completamente o tópico.

Dois livros que fornecem orientação excelente e detalhada para contadores de história afiados são *Storytelling and the Art of Imagination* e *Storytelling with Children**, ambos de Nancy Mellon. Essas e muitas outras referências, inclusive websites sobre contação de histórias, estão listadas na parte final do livro.

* N.T. — possível tradução — *A Contação de Histórias e a Arte da Imaginação* e *A Contação de Histórias com Crianças*, respectivamente.

27

Contação e Leitura de Histórias

Contando histórias

Qual é a diferença entre contar e ler uma história? Uma vez eu estava trabalhando num feriado num centro de creches, e aproveitando ao máximo a oportunidade para incluir um momento de contação de histórias a cada dia da semana. Um garoto de sete anos, que obviamente estava gostando da experiência, me disse, 'Sabe Susan, eu acho que histórias 'de pessoas' são muito melhores do que histórias 'de livros.'

Também fui perguntada, 'Você vem de um país diferente?' por uma criança na plateia, que havia ouvido histórias 'contadas' pela primeira vez em sua vida. As crianças notam a diferença entre o contar e o ler, mesmo quando ainda não são maduras o suficiente para articular ou mesmo entender plenamente do que se trata. Contar histórias é bem diferente do que ler histórias. Na contação de histórias, compartilha-se a história de forma mais pessoal — o contador de histórias conecta-se mais diretamente com a plateia pelos olhos, gestos, voz e proximidade. O contador, não estando preso pelas palavras do livro, está também livre para usar suas próprias palavras dentro da estrutura da história. Essa liberdade de linguagem e movimento é adicionada à natureza pessoal da contação de histórias.

A contação de histórias permite que haja muito mais espaço para a imaginação da criança. Em vez de imagens num livro ilustrado, as palavras do contador de histórias estimulam o ouvinte a criar imagens mentais da história. O rosto do contador de histórias, sua voz, corpo e personalidade também ajudam a transmitir humor e significado. Uma das observações mais comuns de minhas aulas de contação de histórias é que o que há de melhor

em escutar uma história 'contada' é que não há nenhum livro se intrometendo na experiência da história.

Maureen Watson, uma contadora de histórias australiana, diz que histórias contadas 'tocam' o público. Eu vivenciei isso muitas vezes — o contador, pelos olhos, voz e gestos, tece fios invisíveis que partem de seu corpo e 'tocam' os ouvintes, e podem assim 'mantê-los' sob seu poder do começo ao fim. Na realidade, esse é frequentemente o modo de o contador de histórias acalmar uma criança inquieta. Com um rápido contato de olho, ou uma mudança de voz ou um gesto de mão, a criança recebe uma mensagem direta sem que o contador de histórias precise mover-se de seu lugar ou se desvie da história. Normalmente mensagens 'homeopáticas' são apropriadas para os pequenos, aumentando em doses mais fortes para crianças mais velhas!

O poder de 'segurar' o público na contação de histórias pode ajudar e fortalecer a concentração. Falta essa habilidade em muitas crianças 'televisivas' de hoje em dia, que estão acostumadas a sentar-se passivamente em frente de uma tela para serem entretidas. Durante um ano de um programa de contação de histórias em meu jardim de infância, eu muitas vezes observei mudanças marcantes na concentração das crianças. Crianças de cinco anos que mal conseguiam se sentar quietas por dois minutos no início do curso, passaram a concentrar-se profundamente por pelo menos quinze a vinte minutos na hora da história no final do ano. Essa concentração é levada a outras atividades, e é uma das mais importantes preparações e habilidades necessárias ao aprendizado formal.

Pelas razões educacionais acima, a contação de histórias é muito útil na escola. Para as idades pré-escolares e do jardim de infância, a repetição da mesma história é uma parte importante do programa para crianças pequenas (como discutido em capítulos anteriores, elas se encantam com a repetição); para as idades do Ensino Fundamental, conforme as histórias aumentam em extensão, o professor pode experimentar contar uma parte da história a cada dia, fazendo com que as crianças recontem no dia seguinte e então continuando com a parte ou capítulo seguinte da história. Esse exercício também fortalece a concentração e a memória.

Lendo histórias

Embora a experiência 'contada' é, sem dúvida, uma forma mais viva e pessoal de compartilhar uma história, tanto o contar como o ler são modos importantes de entregar ou apresentar histórias. Há um lugar para ambos em nosso papel de educadores de crianças pequenas. Especialmente com o domínio da mídia 'televisiva' nas vidas das crianças de hoje, ter histórias contadas ou lidas por adultos é uma bênção maravilhosa. Algumas vezes, especialmente em situações individuais, o 'livro' pode ser uma ponte que traz proximidade no sentar lado a lado, ou, para uma criança menor, no sentar-se ao colo.

Durante a leitura de histórias com livros ilustrados, a criança ou crianças usam as ilustrações para ajudar a entender e apreciar a história. Há, frequentemente, um ocasional contato de olho entre leitor e ouvintes, e isso ajuda a construir uma conexão entre eles. Se o leitor conhece a história bem, ele pode improvisar com as palavras em algumas partes e usar a sequência de imagens como um 'apoio' para a contação. Se ele faz a leitura das palavras exatas, então o leitor deveria certificar-se de que os ouvintes tenham uma visão clara das imagens, ou levantando a imagem no fim de cada página de palavras, ou mantendo o livro permanentemente à vista para que as imagens sejam acessíveis a todas as crianças ouvintes. Para o professor, ajuda estar bem preparado tendo lido a história antes.

Há muitos belos livros ilustrados no mercado que são um deleite, tanto para adultos quanto para crianças. Para ajudar a escolhê-los, as indicações de idades adequadas, dadas no início do livro, são aplicáveis. Uma regra de ouro é evitar que tenha imagens fortes e assustadoras para os mais jovens. Isso segue a mesma lógica da importância de alimentar a criança em desenvolvimento com 'fins felizes e cheios de esperança'.

Para as crianças mais velhas, que já ultrapassaram a maioria dos livros ilustrados, e que podem normalmente ler sozinhas, é maravilhoso que os professores e pais continuem o ritual da leitura compartilhada, tanto de coleções de poemas clássicos quanto de romances favoritos. Essas experiências serão lembradas pela vida inteira. Eu ainda aprecio que meu marido leia para mim às vezes, antes de cair num sono profundo e relaxante.

A contação de histórias nasceu da tradição oral.

A história lida depende do texto escrito.

Ambas são modos importantes de compartilhar histórias.

O mais importante é que você tenha a sua própria experiência sobre a diferença entre o contar e o ler. Se há um grupo de contação de histórias, ou um professor/contador perto de você, vá à escola local ou biblioteca e ouça. Ou experimente com seus amigos — veja se eles estão dispostos a ler para você e depois contar uma história para você. Eles poderiam mesmo usar as notícias do dia ou a 'fofoca' como histórias — tanto lidas quanto contadas. Afinal, nós contamos histórias um ao outro de maneira informal o tempo todo.

Técnicas de contação de histórias e rituais

A melhor forma de tornar-se um contador de histórias é contar histórias! Pela prática de contar histórias você aprenderá lições surpreendentes. A arte de contar histórias é pessoal e individual. Cada contador de histórias e todos os públicos são diferentes. Cada vez que uma história é contada é uma experiência nova e diferente.

Porém, apesar da natureza pessoal da arte de contar histórias, há algumas dicas úteis e técnicas que valem a pena serem lidas e praticadas. Eu tentei resumí-las nas páginas seguintes.

Contação de histórias — um 'compartilhar'

O melhor conselho que posso oferecer a você que começa a contar histórias é de lembrar-se continuamente que a experiência de contar histórias é um 'compartilhar' em vez de uma 'performance'. Esse sentido pode minimizar a tensão que você possa sentir sobre compartilhar uma história pela primeira vez... a experiência deveria ser agradável a ambos — você e seus leitores. Na verdade, eles apreciarão mais se você apreciar!

Outra dica é imaginar-se como parte da 'rede mundial de histórias', mantendo vivas as histórias especiais que você encontra ao contá-las aos outros. Essa visão imaginativa pode ajudar a lembrá-lo de que você não está sozinho em seu contar, mas você é um entre os milhões de pessoas em todo o mundo que estão compartilhando histórias com os outros.

Se você estiver bem preparado, isso lhe ajudará a sentir-se relaxado. A menos que você tenha a rara qualidade de ser um contador de histórias natural, essa preparação pode ser um trabalho duro e laborioso. Mas a partir do momento em que você realmente 'conhece' bem uma história, ela permanecerá para sempre em seu kit de recursos.

A preparação para o contar

Essas são formas diferentes de se preparar e aprender histórias:

- Memorizar palavra por palavra.
- Memorizar por meio do sequenciamento e estrutura das imagens — isto é, visualizar em sua imaginação as cenas do enredo da história numa sequência correta. Se ajudar, você pode resumir ou esboçar isso no papel.
- Improvisar — ter a sequência básica, possivelmente com o começo e o fim da história bem ensaiados, e então improvisar o resto.

Seja lá qual for o modo que você considere ser mais fácil, é importante realmente fazer uso de sua voz em seus momentos de prática, e não apenas 'pensar' na sequência da história. O processo de trazer a história 'para baixo' (da sua cabeça para sua voz) é importante para sua preparação do contar.

Criando rituais de histórias

Criar rituais simples para a contação de histórias ajuda a construir o humor e a estimular os ouvintes a ouvirem desde o primeiro momento. Um ritual de histórias ajuda o contador e o público a atravessar a ponte entre o mundo atarefado do dia a dia para o reino da história. Isso pode ser tão

simples como tocar alguma música antes da história. Em muitas culturas o principal ritual ou tradição para as histórias era que elas eram contadas à noite diante da fogueira, fazendo uma conexão entre o tempo e o espaço.

No ambiente de casa, o ritual pode ser tão simples quanto acender uma vela no horário de ir para a cama e cantar uma cantiga de ninar no final da história. Ou contar uma pequena história ou uma engraçada no final do jantar. Ou estabelecer uma tradição de compartilhar histórias nos longos passeios ou viagens de carro.

No ambiente profissional, um terapeuta ou conselheiro poderia ter em sua bolsa ou caixa de histórias (contendo acessórios e fantoches), ou uma bandeja de areia com animais e personagens. As histórias poderiam surgir disso cada vez que a criança vem para uma consulta.

Em meu trabalho de ensino, meus rituais têm variado dependendo do local e do público, mas ficaram conhecidos por incluir alguns ou todos os seguintes itens:

- Tocar música (antes e depois da história).
- Acender uma vela ou lanterna.
- Sentar-se num cadeira ou banco especial para 'histórias'.
- Arrumar um canto ou mesa de histórias para acessórios e fantoches.
- Ter uma hora determinada no ritmo do dia para 'história'.
- Ajudar a trazer as crianças para um 'humor de ouvinte' usando alguns jogos de dedos antes da história.
- Levar as crianças para a sala com uma canção de 'história'.

Exemplo de uma canção de história

(usada na África Oriental para levar as crianças do jardim de infância para dentro na hora da história — em português e Kiswahili)

Venham comigo para a terra dos contos de fadas
para uma terra onde as histórias desabrocham,
Sigam o arco-íris no fim da ponte
para o jardim de ouro.

Fungua mlango kwa hadithi za kale

Hapo mahala kwenye shamba la hadithi

Fuata mwenge kwenye shamba la dhahabu.

Para crianças mais velhas do Ensino Fundamental, a situação é normalmente mais direta e menos ritualística. O professor/contador de histórias normalmente precisa ficar de pé, não se sentar, em frente à classe para contar a história.

Ao contar histórias para crianças mais velhas, a posição de ficar de pé pode ser necessária para permitir um estilo de contar mais dramático — a faixa etária e os conteúdos de mitos, lendas e outros gêneros de histórias irão provavelmente demandar isso. Porém, haverá também ocasiões em que, para acalmar uma classe agitada, ou para adequar-se ao humor particular da história, o professor poderá escolher sentar-se para contá-la, adotando o estilo mais simples, menos dramático, que é mais adequado para crianças menores (veja o capítulo 31).

Não importa, porém, qual seja a idade do público, tocar um instrumento (guitarra, pequena harpa, tambor) funciona bem para marcar o início da história e 'atrair' os ouvintes.

Em feiras e festivais eu dancei numa multidão que tocava um gravador com algo como um 'Flautista Mágico' para atrair os ouvintes. Uma vez eu montei um cenário para contar histórias com uma passarela mágica de pedras que conduzia à entrada — o que demonstrou ser um lugar maravilhoso para

a contação de histórias. Eu também me sentei sob uma árvore soprando enormes bolhas de sabão para atrair a atenção das crianças, e então comecei com uma história sobre bolhas.

28

Pensamentos Multiculturais

Sensibilidade cultural

Ser sensível a outras culturas é algo que se precisa considerar ao contar histórias e escrevê-las. Eu aprendi isso pela primeira vez quando trabalhava com professores Xhosa na Cidade do Cabo. Eu estava sugerindo ideias para uma história curativa que incluía um macaco. O grupo ficou quieto e então uma professora anunciou. 'Considera-se má sorte ter um macaco numa história', ela disse. Ela não quis explicar mais detalhes, então eu não forcei. O macaco foi retirado da história e, após obter sugestões e aprovação, um coelho foi colocado em seu lugar!

Essa experiência ensinou-me a fazer uma pesquisa mais rigorosa ao trabalhar em outros países e com outras culturas. Às vezes isso pode ser tão simples como ter uma conversa com um de meus colegas nativos no intervalo, ou buscar na internet ou numa biblioteca. Para um professor de um grupo multicultural, os pais de uma criança podem ser uma boa fonte de informação.

A natureza curativa de histórias multiculturais

Contos populares e contos de fadas contêm algo de qualidade única da cultura de onde são retirados. Ao contar contos populares de diversas culturas podemos ajudar a fortalecer a consciência global de nossas crianças em

vez de unicamente nacional. Uma contadora de histórias indígena-americana uma vez contou-me que ela acreditava que o 'timbre' das histórias populares transmitiam suas qualidades de coração.

Qualquer sala de aula dedicada a promover o multiculturalismo deveria ter uma abundância disponível de contos populares. Essas histórias são um bálsamo curativo para nossos tempos modernos. Além de enriquecer todas as crianças, a experiência nos mostra que as crianças de minorias, em particular, 'iluminam-se' quando ouvem uma história retirada de sua própria cultura. Esse reconhecimento das origens culturais de uma criança pode ser tanto afirmativo quanto fortalecedor.

Ao contar histórias indígenas, é respeitoso pesquisar a história e o significado por trás das histórias (veja referências de websites no final do livro). Antes de contar essas histórias, é também respeitoso questionar quão apropriado é para uma pessoa não indígena fazer isso. Eu descobri que a maioria das comunidades culturais são bem abertas e entusiastas — nosso interesse comum no contar histórias parece construir pontes. Também, pedir permissão para contar uma história é bem diferente do que solicitar para imprimi-la.

No livro de Groome, *Ensinando Estudos Aborígenes Efetivamente*, o capítulo sobre 'Histórias do Sonho' é uma ajuda aos contadores de histórias que desejam compartilhar histórias da cultura indígena-australiana. Groome sugere que qualquer contador das Histórias de Sonhos precisa entender a história e o alcance dos propósitos de tais histórias — desde ensinar realidades espirituais até ensinar comportamentos e valores. São histórias dos 'primórdios', e, de acordo com Maureen Watson, uma contadora de histórias indígena-australiana bem conhecida, elas são tão relevantes hoje quanto o eram no passado. Embora eu tenha respeitosamente contado histórias de Sonhos Aborígenes, eu não incluí nenhuma na forma impressa neste livro. Elas pertencem a grupos de indígenas mais velhos, não apenas a uma pessoa, e é considerado apropriado que uma pessoa não indígena peça permissão para seu uso em forma escrita.

Rituais de histórias diferentes para culturas diferentes

Conforme você investiga formas de contar histórias em diferentes culturas, você encontrará muitos diferentes rituais para começar e terminar histórias. Há muito mais modos de começar uma história do que *Era uma vez...*

Inícios de Histórias

- *Um dia como hoje, num lugar não muito distante...*
- *Uma história, uma história, deixe-a vir, deixe-a ir! ... (Oeste Africano)*
- *Contador de histórias: Hadithi Hadithi — Uma história, uma história; público: Hadithi njoo! — Venha história! (Leste Africano)*
- *Yool-burroo boura — essas coisas aconteceram há muito tempo... (indígena-australiano — usado com algumas Histórias de Sonhos)*
- *Mamãe tem um tesouro, um tesouro para seus filhos — o que você acha que é o tesouro? O tesouro é uma história! (Sul Africano)*
- *Houve uma vez, e uma vez não houve...*
- *Era uma vez, poderia ter acontecido aqui, poderia ter acontecido lá, poderia ter acontecido em qualquer parte...*

Finais de Histórias

- *Uma história, deixe-a vir, deixe-a ir!... (Oeste Africano)*
- *Hadithi Hadithi, Maziwa ya watoto wote! — Uma história, uma história, leite para todas as crianças! (Leste Africano)*
- *Mamãe tinha um tesouro, um tesouro para seus filhos — o que você pensa que era o tesouro? O tesouro era uma história!... (Sul Africano)*
- *Phela, phela ntsomi — ritual Xhosa que significa 'fim da história'*
- *E agora vocês podem jantar, fazer suas orações e ir para a cama... A manhã é mais sábia que a noite. (Russo)*

Eu o aconselho a experimentar algo do acima descrito, ou mesmo inventar algo seu. Isso se aplica particularmente a qualquer coisa que se relacione com sua própria cultura e/ou à cultura da história que você estiver contando e das crianças de sua classe ou público (após verificar com os pais de uma criança da cultura em questão, naturalmente). Porém, tenha cuidado e seja delicado — algumas dessas ideias podem não se adequar ao que você é, à sua formação pessoal, e onde você vive. Elas podem simplesmente não parecer certas para você.

29

Contação de Histórias para Diferentes Públicos e Ocasões

Polaridades na contação de histórias

Ao planejar a sua contação de histórias para diferentes públicos e ocasiões, é útil conscientizar-se dos diferentes tipos de histórias que existem. A maioria das histórias ocupa uma posição em alguma parte de vários dos seguintes intervalos:

- Da curta à longa
- Da engraçada à séria
- Da local à global/universal
- Da simples à complexa
- Da geral à específica
- Da real à imaginária

A lista poderia ir além — de histórias que são fortes e dramáticas a histórias que são leves e frívolas; histórias com ou sem participação do público; histórias que são cheias de rima e/ou canção...

O conto de fadas ambiental, 'Jardim da Luz' (veja página 157), é imaginário, de médio a longo, sério, bem complexo e de relevância universal. 'O Antílope, A Borboleta e O Camaleão' (veja página 260) é um conto popular que é imaginário, mas com elementos reais. Ele é também engraçado, mas com uma lição séria a ser aprendida sobre encarar os medos.

Se você estiver ficando confuso, não se assuste. É provavelmente porque a própria natureza das histórias não permite que elas sejam adequadamente encaixadas e classificadas. Porém, uma boa razão para conscientizar-se dos intervalos é planejar uma mistura apropriada em seu programa semanal e anual (se você for um professor); em seus horários (se você for um contador de histórias); e em sua vida familiar se você for um pai/responsável.

Se você se encontrar sempre contando e lendo o mesmo tipo de história (por exemplo: sempre de humor, ou sempre real, ou sempre triste), então eu sugiro que você tente esticar seus gostos um pouco e olhar além para algumas novas e diferentes 'polaridades', pois a sua personalidade deve estar dominando sua seleção. Com o meu amor pela África e as histórias africanas, eu preciso sempre me lembrar de pesquisar e contar histórias de outras culturas!

Público e lugar

Como um contador de histórias você descobrirá estar lidando com muitas histórias até encontrar as que agradam — felizmente o poço de histórias não tem fundo! Eu recomendo fortemente que você ame ou pelo menos goste, ou se sinta conectado às histórias que escolher contar. Porém, é igualmente importante levar em consideração o público ao escolher uma história ou histórias. O público é monocultural ou multicultural, só de meninos ou meninas, ou misto? O público já esteve envolvido por horas em atividade que exigia concentração, ou acabou de chegar à escola? O seu público já experimentou previamente histórias 'contadas' (em vez de lidas)?

Se você estiver lendo uma história numa feira ou festival, quanto de barulho de fundo ou de outras atividades pode distrair seus ouvintes? Para um lugar barulhento, seria melhor planejar histórias com a participação do público e muitas mudanças e atividades, em vez de histórias longas e sérias que requerem um alto grau de concentração.

A idade das crianças, como já foi discutido na parte anterior, é um fator significativo, e suas decisões aqui podem ser guiadas pelo senso comum. Uma vez eu li sobre um famoso ator compartilhando passagens de 'Hamlet' com crianças pequenas, que ficou surpreso que a classe rapidamente ficou entediada. Talvez se ele quisesse compartilhar Shakespeare, algumas passagens de Puck no 'Sonho de Uma Noite de Verão' poderia ser uma escolha melhor para os menores, e mesmo então seria difícil manter sua concentração por muito tempo. Igualmente seria inapropriado contar 'O Homem Pão de Gengibre' para crianças de onze anos, a menos que você estivesse preparando-os para apresentarem uma pantomima para crianças menores.

Público de idades variadas

Às vezes um contador de histórias que não esteja vinculado como professor a uma classe particular deve contar histórias a um grupo misto, digamos com idades de 4 a 9 anos, na biblioteca, ou numa pequena escola onde todo o grupo de alunos se reúne para ouvir.

A melhor forma de preparar-se para isso é escolher algumas histórias universais que sejam apropriadas a várias idades — uma história realmente boa, muito frequentemente, é uma boa história para todo mundo. Essas histórias precisam de um 'final feliz' para assegurar que as necessidades dos menores sejam atendidas, mas poderiam também ser mais longas ou mais complexas, ou conter humor, para agradar aos mais velhos. Eu descobri que as crianças menores parecem ser capazes de concentrar-se por mais tempo se os mais velhos ao seu redor estão absorvidos pela história. Os menores parecem imitar o nível de 'concentração'.

Uma dica para as vezes em que você tenha somente alguns poucos mais velhos, sendo a maioria de pequenos, é contar histórias para os menores, mas dizer aos mais velhos antes de começar: 'Aqui está uma chance de vocês aprenderem uma história para ser usada quando vocês estiverem cuidando de crianças pequenas'. Isso reduzirá a tensão de as crianças mais velhas sentirem-se como 'bebês'. Se possível envolva os mais velhos como ajudantes — segurando a tábua de feltro ou tocando o tambor etc.

Contação de histórias improvisada

Contar histórias não é sempre uma experiência planejada. Você descobrirá que quanto mais gostar de compartilhar histórias, tanto mais ocasiões surgirão para que você o faça, desde cuidar do bebê de uma amiga até estar num restaurante local com um grupo de amigos.

Como professor, você pode precisar preencher dez minutos numa excursão enquanto sua classe espera o ônibus; ou alguém pode ter solicitado a você conduzir uma classe dos pequenos enquanto a professora faz um telefonema — a única forma de estar preparado para esses eventos de improviso é ter uma série variada de histórias para escolher.

Como pais, há possibilidades ilimitadas para contar histórias de improviso. No carro, na hora de dormir, em longos passeios, à mesa enquanto fazem um desenho ou rabiscam, na cozinha enquanto enrolam pastéis ou fazem uma massa (talvez o Homem Pão de Gengibre pode ser substituído por um homem de pastel ou de bolas de massa?). Há também ricas possibilidades em brincadeiras com histórias compartilhadas, incorporando ideias das crianças no meio do caminho. As famílias, em tantas formas, têm um chão fértil para plantar e cultivar sementes de contação de histórias.

No ambiente profissional, com um terapeuta ou conselheiro, aparecerão oportunidades para histórias improvisadas com cada criança nova. As histórias ou as ideias sobre elas podem ser semipreparadas com base nos itens de um saco ou uma caixa para histórias (com acessórios e fantoches dentro), ou itens numa bandeja de areia com animais e personagens. Porém, você pode achar necessário contar histórias que levem em consideração as necessidades de cada criança. Aqui será necessário improviso.

30

Acessórios e Ideias de Apresentação

Por que usar acessórios?

Especialmente para crianças menores, as horas de contação de histórias podem ser enriquecidas e estendidas pelo uso de acessórios ou cenários que ajudem na apresentação. As possibilidades são infinitas, mas é bom manter seu planejamento simples, por duas razões:

1. Quanto mais simples os acessórios, tanto mais a imaginação das crianças será deixada livre para fazer o 'trabalho'.
2. Quanto mais simples os acessórios, menos preparação para o contador (uma consideração importante para um professor, terapeuta ou pai muito ocupados).

A imaginação das crianças pode facilmente aceitar uma vagem aberta como um barco no 'Peixe Mágico'; três bolotas de goma ou castanhas como os três porcos, e um cone de pinho como um lobo ou hiena nos 'Três Porquinhos'; uma pedra grande e lisa para o *hippo* na história do 'Hippo Quente'; ou alguns bonecos de lenço com nós para um príncipe ou uma princesa.

Eu recomendo que você experimente ideias simples — você ficará surpreso com o quanto elas podem ser fáceis e efetivas. Investigar a contação de histórias em outras culturas lhe trará inspiração aqui, por exemplo:

- O uso de 'imagens em tecidos' na Índia.
- O uso de 'rolos de imagens' em partes da Europa.
- O uso de tábuas de histórias em Papua, Nova Guiné.
- O uso de dobraduras no Japão.
- Trabalhando com figuras em fios em partes da Ásia, África e Pacífico.

- Desenhos na areia usados em contação de histórias por povos indígena-australianos.
- Trabalhando com canções, dança ou instrumentos (muitas culturas).

Muitos anos atrás no grupo de brincadeiras local, quando pela primeira vez eu pus o livro de lado e tentei contar 'Cachinhos Dourados e os Três Ursos', eu estava uma pilha de nervos! Ter acessórios foi essencial para que eu pudesse passar pelo desafio. Eu havia arrumado uma pequena mesa com três bacias, três cadeiras (feitas de blocos), e três camas (feitas de caixas pequenas). Na minha mão, eu agarrava, em diferentes momentos durante a história, uma boneca e três ursos de diferentes tamanhos, todos encontrados na caixa de brinquedos do grupo. Os acessórios foram colocados na minha frente para que quando estivesse passando pelas cenas eu pudesse continuar a história numa sequência correta. Finalmente, eu cheguei ao fim. As crianças em minha frente, alheias ao meu estado nervoso, estavam sentadas de olhos arregalados e pedindo por outra história!

Agora, muitos anos depois, eu não preciso mais de objetos de ajuda para apresentações para aumentar minha confiança, mas eu ainda os uso às vezes (numa ocasião rara mesmo ao contar histórias para adolescentes ou adultos) pelas seguintes razões. Os acessórios podem ajudar...

- A despertar a curiosidade.
- A fazer com que as crianças ouçam e se concentrem.
- O contador a lembrar-se da sequência da história.
- A desenvolver a confiança num contador de histórias novo.
- A adicionar uma dimensão artística à história.
- A fornecer uma variedade de apresentações de histórias.

Usar ou não usar acessórios

Algumas histórias demandam o uso de acessórios — especialmente muitas das pequenas histórias sequenciais e repetitivas para crianças pequenas, por exemplo, 'O Nabo Gigante e o Peixe Mágico'. Outras histórias tornam-se mais maravilhosas e mágicas com apenas um acessório simples, por

exemplo, cortar uma maçã pela metade e revelar a estrela que está lá dentro adiciona uma dimensão vital à história da 'Maçã Estrela' (veja página 133). Tocar um pequeno tambor por todo o 'Caçador Invisível' (veja página 215), um conto de fadas indígena-americano, ajuda a trazer força à canção repetitiva. Também, pelo fato de ser uma história bem longa, o 'apoio' da canção combinado com o tambor pode ajudar a manter o público concentrado.

Embora os acessórios sejam mais adequados ao uso com a contação de histórias para os grupos de faixa etária menor, não descarte o seu valor para públicos de qualquer faixa etária. Eu recentemente usei uma vassoura do canto do palco como um acessório numa noite de contação de histórias para adultos — ela ajudou a acrescentar um pouco de humor necessário à ocasião!

Funcionalidade dos acessórios

Histórias mais longas, com mais envolvimento na trama, são normalmente mais complicadas para acessórios. Aqui seria necessária uma produção maior, e isso passa pelos âmbitos do fantoche e do teatro. É normalmente mais simples deixar que essas histórias se desdobrem na imaginação do ouvinte. Acessórios poderiam atrapalhar isso, e interromper a concentração que se desenvolve durante o processo de contar histórias.

Você precisa também pensar quanto tempo você está disposto a gastar com isso. Sejam lá quais forem os acessórios que você escolha para fazer ou usar, eles precisam 'funcionar', isto é, não podem ser de menos ou de mais de forma que você não possa movê-los com as duas mãos. Você precisa também praticar com eles várias vezes antes da 'performance'. É necessária aqui certa quantidade de 'coreografia' e 'senso de palco' — por exemplo, não ter o fantoche ou boneco de costas para o público, como movê-lo para fora da casa e pela cena, como fazê-lo caminhar como um ser humano (se a figura representar uma pessoa) e não fazê-lo pular como um canguru (e vice-versa).

Com o tempo você vai desenvolver um senso, por tentativa e erro, de quando uma história precisa de acessórios e quando ela funciona bem, ou é mais forte, sem nenhuma ajuda. Você também saberá quando precisa de acessórios como um contador, e quando você pode dispensá-los.

Minha sugestão, especialmente se lhe faltar confiança, é começar com acessórios.

Formas diferentes de 'apoiar' a mesma história

Algumas histórias não são só apenas bem adequadas ao uso de cenários, mas também de objetos (naturalmente não ao mesmo tempo). Ao apresentar o conto norueguês 'Os Três Cabritos', eu me sentei numa cadeira com uma madeira em meu colo (para a ponte) e um pano azul descendo até o chão (para a água). Para os cabritos eu usei animais de malha com enchimento ou, mais simplesmente, um pouco de lã branca ou folhas dobradas. O duende pode ser representado por um punhado de lã marrom-escura em nó, ou um cone de pinho.

Alternativamente, uma apresentação de fantoches pode ser montada sobre uma mesa ou numa bandeja de areia, com alguns materiais naturais para criar a cena, e alguns animais de tricô ou de barro para os personagens. A história pode também ser contada usando uma tábua de feltro, com peças de feltro como acessórios, ou com fantoches de dedo numa mão, e a outra mão como a ponte.

Algumas vezes eu vesti as crianças para representarem os personagens, usando fitas na cabeça com penas de diferentes tamanhos para os chifres do cabrito, e um casaco com capuz grande para o 'troll' (que normalmente se sentam numa cesta próxima de mim, e saem em certos momentos da história). Os 'cabritos' atravessam a ponte feita de um banco longo ou uma grande tora de madeira.

Outra opção foi 'apoiar' a história com instrumentos musicais. Para isso eu dou a todas as crianças na plateia uma série de instrumentos diferentes para os personagens — por exemplo, triângulos e sinos para o cabritinho; tamborins para o cabrito médio; tambores para o cabrito grande. Naturalmente, elas precisam aprender a seguir o contador de histórias/conductor, observando quando minha mão se levanta (para tocar) e quando se abaixa (para parar).

Todas as sugestões acima, e mais (as possibilidades são infinitas), podem ser experimentadas e aplicadas em muitas histórias. O uso de acessórios pode ser criativo, agradável e divertido tanto para o contador de histórias quanto para as crianças!

31

Diretrizes para Avaliação da Contação de Histórias

O quadro a seguir tem sido usado em cursos de contação de histórias formais para avaliar as habilidades do contador. Você poderá achar útil imprimi-lo e usá-lo como um modo de avaliar a si ou outros. Por favor, não se sobrecarregue com isso. A contação de histórias é pessoal e individual. Muitos contadores naturais nunca se submeteram a esse exercício.

O quadro (veja páginas 310-311) está incluído para ajudar a identificar e esclarecer vários 'elementos de competência' na contação de histórias. Provavelmente ele é mais útil para os professores do que para os pais.

Porém, uma precaução para todos os contadores de histórias: ao contar histórias para crianças menores, tome cuidado em não exagerar na descrição dos personagens nem usar um estilo excessivamente dramático de contar, especialmente para contos populares e contos de fadas. Esse é um erro comum. Nosso propósito não deveria ser o de assustar ou excitar demais nossos jovens ouvintes, mas sim de nutri-los e fortalecê-los por meio do conteúdo da história. Confie no poder das imagens para transmitir a história. Nosso principal papel como contadores para crianças pequenas é simplesmente o de transmitir a história para elas. Suas vívidas imaginações farão um trabalho bem melhor se nossa personalidade não sobrecarregá-las.

Linhas Gerais para a Avaliação da Contação de uma Sessão de Contação de Histórias

Elementos de competência	Critérios de performance	Comentários
1. Preparar a situação	• Organize os ouvintes para que fiquem ao alcance da vista e da voz do contador. • Prepare o lugar/cadeira do 'contar'. • Prepare e monte quaisquer acessórios de apresentação (não essencial) e os mantenha ao fácil alcance do contador de histórias.	
2. Começar a história	• Use técnica(s) para conquistar a atenção dos ouvintes (exemplo: cantar, tocar música). • Crie um clima de interesse no começo.	
3. Contar a história	• Use linguagem adequada e gestos. • Fale claramente. • Fale de forma 'fluida'. • Use um estilo de contar que seja adequado à história e à faixa etária do grupo de crianças (não muito forte para os pequenos). • Use estimulação e espaçamento (ou seja, não muito rápido, nem muito devagar).	

	• Se usar vozes diferentes para os personagens (não essencial), certifique-se de que as vozes são apropriadas e não os deixam confusos. • Tome cuidado para não exagerar nos personagens, especialmente para crianças muito pequenas. • Tome cuidado para não sobrecarregá-los com linguagem descritiva.	
4. Conclua a história	• Use técnica(s) para terminar a sessão de contação (exemplo: cantar, tocar música ou um jogo).	
5. Abordagem holística	• Use técnica(s) para terminar a sessão de contação (exemplo: cantar, tocar música ou um jogo). • Esteja adequadamente preparado. • Sinta-se em casa com a história. • Objetive um sentimento de satisfação com a história, como uma unidade, isto é, tamanho adequado — não muito longa, nem deixando os ouvintes querendo mais detalhes. • 'Prenda' o público — isto é, teça o encantamento da contação de histórias!	
Avaliação: Competente... Ainda não competente... Comentários:		

32

Conclusão: Uma História por Dia

Uma história por dia mantém o médico longe

Se este livro tiver atingido seu objetivo então você já deverá ter experimentado as qualidades medicinais de 'uma história por dia'. Após três décadas de experiências com histórias, eu ainda fico surpresa por seus poderes curativos. Histórias antigas continuamente tornam-se vivas de diferentes modos, enquanto novas histórias trazem uma nova luz à minha vida e ao meu trabalho.

Eu fiz recentemente numa viagem de carro com meu filho mais velho e seu filho pequeno. O menino estava extremamente chateado pois sua mãe havia ido para o trabalho e ele queria ir com ela. Ele estava chorando e gritando em seu assento no carro, aparentemente inconsolável. Meu filho estava chateado, porque seu filho estava chateado e eu estava sentada no banco da frente pensando no que eu poderia dizer ou fazer para ajudar. Então nós viramos uma esquina e a pilha de pranchas de surfe na parte traseira do carro de Kieren começou a escorregar e fez vários barulhos estridentes. Isso me lembrou da história 'A Cama Rangedora'; então, eu decidi contá-la (veja página 131). Minha decisão foi uma aposta, pois o pequeno Tosh era bem pequeno (ele acabara de fazer três anos naquela semana) e ele estava fazendo tanto barulho que as minhas palavras quase não eram ouvidas. Então de repente, e magicamente, houve completo silêncio. Cinco minutos depois, eu terminei a história e a pequena voz disse, 'Podemos ouvir outra história?' Quando chegamos ao destino, nós três estávamos cantando e rindo e o humor havia completamente mudado.

Uma situação difícil havia, da forma mais simples e não planejada, sido curada pelo poder da 'história'.

*

Uma nova história que tocou a minha vida recentemente foi de uma colega canadense, Sandra, que mora e trabalha hoje na Austrália. Algumas semanas após frequentar um de meus workshops, ela me contatou para discutir sua repentina e humilde tarefa de ajudar a planejar uma cerimônia para uma pequena criança, uma garota de seu jardim da infância que — poucos meses antes de seu quarto aniversário — havia morrido em virtude de uma picada de cobra enquanto acampava na floresta com sua família (veja a história na página 277).

Tirando ideias dos pais, imagens da floresta e outras coisas favoritas da criança, e imagens de fenômenos naturais correntes (um cometa passou pelo local no dia em que a criança morreu), Sandra combinou isso com seu conhecimento pessoal da garotinha, Shalem, e criou um ritual comovente e uma história que compartilhou na cerimônia.

Shalem foi descrita por muitos que a conheciam como 'a mais etérica das garotinhas — uma borboleta que esvoaçava aqui e ali, uma criança com uma imaginação vivaz e uma natureza exuberante'. Shalem era muito próxima de seu avô, que ela pensava ser como um grande urso Koala. Algumas das coisas favoritas de Shalem era brincar de esconde-esconde, estar na natureza, a cor azul, borboletas, insetos e pássaros-cetim (pássaros australianos que constroem suas casas na floresta e adoram decorá-las com coisas 'azuis'). Na manhã após a morte de Shalem, um desses pássaros deixou cair um par de asas azuis de plástico fora da barraca da família de Shalem.

Sandra, por sugestão da mãe, escolheu a borboleta azul *Ulysses* como uma metáfora em sua história para representar a criança e sua jornada. Chamada de 'Asa Luminosa', é sobre a natureza e os ciclos da vida e constrói uma conexão da terra com os céus. Na cerimônia, Sandra convidou todas as crianças e adultos que se juntaram ao seu redor para ajudar a fazer os sons da floresta em momentos especiais durante a história dando ao ritual da história uma qualidade mais leve. No final, foram dadas às famílias videiras para serem levadas para suas casas e serem plantadas em seus próprios jardins — na história a flor sino-amarelo da videira 'asa de pássaro' é a melhor amiga de Asa Luminosa.

A história de Sandra é um belo exemplo de como a elaboração da história e a contação de história trabalharam juntas para ajudar a celebrar o fim trágico da vida de uma garotinha. Após a morte de Shalem, seus pais disseram que seu irmão mais velho pareceu ser preenchido com uma força de caráter, uma bravura que não havia tido antes, como se o espírito corajoso de sua irmã tivesse entrado nele. A melhor amiga de Shalem, Bethanni, era particularmente apegada a um unicórnio de brinquedo após sua morte. A mãe de Bethanni comentou quão insistentemente sua filha havia ouvido a história na cerimônia.

Houve outras histórias de crescimento individual em seguida à morte de Shalem e à cerimônia. Os pais de Shalem ficaram muito gratos pela contribuição de Sandra e comentaram que não é de se admirar que Shalem pensava em Sandra como sua 'fada-madrinha' e amava vir para seu jardim da infância. Aparentemente Shalem não se firmava em nenhuma outra creche e sua mãe tinha que continuar procurando até Shalem e Sandra finalmente se encontrarem.

*

Um dos resultados mais satisfatórios de meu trabalho com histórias curativas tem sido a crescente rede de participantes de oficinas que mandam seus pensamentos, questões e ideias de histórias para mim. A maioria vem por e-mail, mas alguns, particularmente de muitos colegas africanos, vêm através do oceano em mensagens de texto de seus telefones celulares.

Susan, preciso de sua ajuda com uma história para um menino de seis anos, que está sempre empurrando — muito duro com os outros do grupo — alguma ideia?

Mensagens de texto apresentam um problema interessante para mim se eu quiser escrever vários 'parágrafos' na resposta:

Que tal uma história com um javali que precisa aprender a usar suas presas para fazer coisas construtivas — como cavar por comida, cavar buracos para morar — talvez comece com o javali perdendo amigos por estar sempre os

ferindo com suas presas — então o javali se depara com alguém/alguma coisa com necessidade — talvez preso na lama — o javali o ajuda a sair e ganha um amigo — o que você acha?

Felizmente eu recentemente aprendi a arte de usar 'texto de previsão'. Notícias ainda melhores é que alguns de meus colegas africanos agora possuem computadores e podemos trocar longos e-mails. Às vezes, eu entro em contato para conversar sobre alguma passagem mais instigante.

Outra noite eu abri minha caixa de entrada e encontrei o seguinte e-mail de uma trabalhadora em educação infantil da Austrália:

Eu frequentei alguns de seus workshops, o mais recente em abril desse ano. Você mencionou que poderíamos escrever para você. Eu dirijo um serviço de cuidados infantis com inspiração em Steiner e cuido de crianças de 3 a 5 anos de idade.

Anexa uma história – 'A árvore dos Macacos'. Eu a escrevi para uma criança de quatro anos que está aos meus cuidados cujos pais se separaram no ano passado. A criança tinha dificuldades de adaptar-se à nova situação de custódia partilhada. Ela tem três irmãos e sua vida é normalmente barulhenta e um tanto 'caótica', razão pela qual eu escolhi o tema macaco.

Eu gostaria muito de receber seus comentários e feedback. Espero estar no caminho certo. Eu ganhei muito com seus workshops e passei a escrever histórias curativas para mim mesma!

Então, eu abri o anexo e tive o privilégio de ler uma história lindamente escrita — simples, com grande repetição e rima adequada para uma criança de quatro anos, e excelente uso de estrutura de 'metáfora, enredo e resolução' para enfrentar a situação desafiadora.

Em minha resposta eu despejei feedback positivo, e então fiz as seguintes perguntas, que são vitais para avaliar qualquer história terapêutica:

Desde que você contou a história, você observou alguma mudança no comportamento da criança e da família?

Quantas vezes você a contou na sua instituição?

Você deu a história aos pais/avós/outros responsáveis para compartilhar com a criança? Se sim, você obteve algum feedback disso?

Um dia depois, respondeu de forma abrangente às questões anteriores:

'Z' tem estado sob meus cuidados desde fevereiro de 2006. 'Z' estava claramente bastante chateada e lhe faltava confiança durante a separação inicial de seus pais no ano passado, mas depois ela se estabilizou, embora eu pudesse ver que sua confiança ainda era baixa com as outras crianças. Quando os novos acordos de custódia foram feitos esse ano, ela começou a regredir e tornar-se ansiosa, chorava e ficava chateada quando os pais saíam, e às vezes tornava-se bem angustiada.

Foi aí que decidi escrever a história. Eu dei a história para sua mãe para que lesse em casa e notei uma melhora quase imediata na escola. Eu entendo que ela frequentemente vai para a casa da mãe quando está com o pai, mas ela se adaptou novamente conosco aqui na escola e está mais confiante e mais feliz do que em qualquer outro período do último ano e meio. Eu falei com sua mãe, que diz que ela lê a história algumas vezes e que 'Z' às vezes menciona a 'Árvore dos Macacos', assim parece lembrar-se dela. A mãe também nota que ela tornou-se bem menos grudenta e exigente e, de fato, é a menos exigente das quatro crianças, emocionalmente falando. Recentemente enviei uma foto à mãe, pois o seu sorriso era mais natural e real do que os que eu tenho visto.

Com a permissão de Jilly, fiquei honrada em incluir 'A Árvore dos Macacos' neste livro (veja página 283).

Mais recentemente, minha rede de e-mails parece estar magicamente crescendo para incluir pessoas que nunca encontrei, de países que ainda não visitei. Esta manhã, eu abri uma 'gema' de Whitehorse, próximo à fronteira com o Alasca:

Eu comprei algumas de suas coleções de histórias curativas que me foram apresentadas por um professor de jardim da infância da Nova Zelândia. Eu agora conto algumas de suas histórias regularmente em meus programas matinais sobre a primeira infância aqui em Yukon, no Canadá, próximo ao Alasca. Para mim elas são minhas histórias mais valiosas e as crianças estão sempre tocadas por elas de forma bem especial.

Eu adoraria frequentar os seus workshops e gostaria de saber quando e onde você fará workshops na América do Norte.

A partir daí, planos estão sendo desenvolvidos para visitar o Yukon no ano que vem, com um convite aberto para meu marido e eu de ficar com essa nova amiga 'on-line'. O acordo é trocar histórias e workshops por acomodações e refeições. Desde então tenho sido informada que o negócio de seu marido é uma padaria orgânica. 'Uma história por dia' poderia significar que provavelmente comeremos muito e precisaremos de 'uma longa caminhada por dia'!

E uma longa caminhada por dia pode ajudar a trazer novas ideias para histórias. Enquanto caminho por vales e ouço os ventos soprarem pelas montanhas do Yukon, quem sabe que história poderei ouvir.

*

Conforme este livro chega ao ciclo completo, quero terminá-lo com uma história. Ela tem o título 'A canção de Lindelwe'. Trata-se de algo que escrevi muitos anos atrás sobre a 'Abóbora Mágica'. Eu a apresentei às mulheres que frequentavam meus cursos de treinamento na África do Sul em 1997. Suas metáforas, enredo e resolução foram inspirados pelo seguinte comentário feito uma vez a mim por uma amiga africana, Nomangesi Mzamo.

Sem o nosso cantar, nós nunca teríamos encontrado nosso caminho de travessia pelos espinhos do apartheid.

Desde então a história passou por muitos centros educacionais e escolas das favelas da Cidade do Cabo. Uma amiga, Nombulelo Majesi, uma vez a descreveu como uma história curativa para a Nova África do Sul.

Eu sempre pensei que esta história tinha seu lugar principal e propósito na África. Quando eu visitei a Cidade do Cabo e o Quênia, as crianças e adultos que encontrei e com quem trabalhei pediram-na repetidas vezes — algumas das crianças me deram um apelido: 'A Senhora Abóbora'.

Porém, eu deveria ter avaliado melhor antes de dizer que uma história poderia ser restrita a um 'lugar' ou 'propósito'. Este ano, para minha surpresa, ela foi apresentada como um show de fantoche no recente 'Anos Vitais', uma conferência nacional bienal australiana sobre a infância. Uma amiga me ligou para falar a respeito e então disse-me que estava planejando voltar para casa (para a costa subtropical do nordeste da Austrália) e apresentar um show de fantoches similar para sua escola diária aberta. Esses foram seus comentários enviados por e-mail após o evento:

Oi Susan,

Apenas para que saiba como gostaram de 'Lindelwe' em muitos níveis, de avós a crianças pequenas. A atmosfera era encantadora e mágica. As metáforas que você usou eram importantes para todos, independente do país de origem. Faremos uma repetição da apresentação nesta quinta para os alunos do 12º ano e outra para os professores. Mais uma vez, obrigada. Saudações, Carol G – 4.8.07.

A Canção de Lindelwe

Era uma vez, no meio de um campo próximo a uma cidade, uma pequenina semente de abóbora que começou a crescer. Ela cresceu e cresceu e cresceu — até que suas folhas verdes cobrissem o chão, e no meio da plantação de abóboras havia a mais bela abóbora dourada que a cidade jamais havia visto.

Mas essa não era uma abóbora comum, e esse não era um campo comum. Conforme a abóbora foi crescendo, uma faixa circular de arbustos de espinhos cresceu em torno da plantação de abóbora. Esses arbustos estavam tão próximos e cheios de espinhos que quando a abóbora estava madura e pronta para ser retirada, ninguém conseguia atravessar a cerca para pegá-la.

Os moradores fizeram uma reunião para decidir o que seria feito. No encontro, um velho avô disse: 'Eu tenho um machado afiado — eu tentarei derrubar a cerca de espinhos'. Ele pegou seu machado afiado e começou a cortar a cerca, mas toda vez que ele cortava um ramo, outro crescia rápido em seu lugar, e no final do dia ele já havia desistido.

Uma das mães da aldeia disse: 'Eu tenho uma pá bem forte — eu tentarei cavar sob a cerca de espinhos'. Ela pegou a pá e começou a cavar, mas as raízes dos arbustos de espinhos eram tão fortes e próximas umas das outras que até o final do dia ela também havia desistido.

Um dos pequenos garotos da aldeia disse: 'Eu sou um ótimo escalador de árvore — eu tentarei subir no topo da cerca de espinhos'. E ele começou a escalar pelos ramos, mas os espinhos eram compridos e afiados como agulhas e eles perfuraram suas roupas e espetaram sua pele, e até o final do dia ele também havia desistido.

No dia seguinte Lindelwe, uma garotinha conhecida por ter a voz mais linda de toda a região, caminhou pela aldeia. Quando ela ouviu sobre o problema e passou pelos moradores, sentou-se numa pedra próximo à cerca de espinhos e começou a cantar:

Ithanga, elikulu, Ithanga elikulu; lishleli ebobeni, lishleli ebobeni

O cantar de Lindelwe era tão bonito que todos os animais nos campos vizinhos se aproximaram para ouvi-la. (Repete a canção).

O cantar de Lindelwe era tão lindo que os pássaros do céu desceram para sentar-se nas árvores para ouvir. (A canção se repete).

O cantar de Lindelwe era tão lindo que as minhocas e lagartas se arrastaram para fora da terra para sentar-se aos seus pés para ouvi-la. (A canção se repete).

O cantar de Lindelwe era tão lindo que mesmo as nuvens do céu desceram para ouvi-la. (A canção se repete).

Uma pequena nuvem desceu tão baixo que parou bem em frente dela. Lindelwe parou de cantar e sorriu para os moradores que assistiam quando ela deu um passo para o meio da nuvem. E a nuvem a levantou acima da cerca de espinhos e bem no meio da plantação de abóboras.

E lá, Lindelwe foi capaz de pegar a bela abóbora e levá-la de volta para a pequena nuvem. E a pequena nuvem então a levantou acima da cerca de espinhos e de volta para o centro da aldeia.

Os moradores cozinham a abóbora para uma enorme festa naquela noite. Na festa, eles celebraram o dia de Lindelwe que, com o seu belo canto, foi capaz de encontrar um modo de atravessar a cerca mágica de espinhos para pegar a mais maravilhosa e mais dourada abóbora daquela região.

Histórias transcritas/reescritas por Susan Perrow

A Maçã Estrela
A Velha e as Formigas
O Peixe Mágico
O Caçador Invisível
A História de Rhodopese
Como o Besouro Ganhou Suas Cores
Os Três Cabritos
A Unha Enorme
Um Saco de Pregos
Os Elfos e o Sapateiro
Regato, Deserto, Vento
As Pombas e a Hiena
Benjie e o Nabo
Anansi e a Estátua
Akimba e a Vaca Mágica
Anansi e Sua Sombra
Ser Ganancioso Sufoca Anansi
Anansi e os Pássaros
Os Pombos e o Caçador
A Cama Rangedora
A Menininha de Argila
O Sapo e o Balde de Creme